

JJ BENÍTEZ

ESTOU BEM

Mais de
90 casos de
contatos com
mortos

O "ALÉM" NUNCA ESTEVE TÃO PRÓXIMO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ESTOU BEM

JJ BENÍTEZ

ESTOU BEM

Tradução
Clene Salles

Copyright © J. J. Benítez, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015
Título original: *Estoy bien*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Francisco José M. Couto
Revisão: Alessandra Miranda de Sá e Nina Rizzo
Projeto gráfico e diagramação: Marcos Gubiotti
Capa: Adaptada do projeto gráfico original
Adaptação para eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B415e

Benítez, J. J.

Estou bem /J. J. Benítez; tradução Clene Salles. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2015. Tradução de: *Estoy bien*
ISBN 978-85-422-0560-2

1. Espiritismo. 2. Reencarnação. 3. Vida eterna. I. Título.

15-
23518

CDD:
133.9
CDU:
133.7

2015
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

*A Rafael Vite, Blanca, Lara, Fernando Sierra,
Virgilio Sánchez-Ocejo, Rosa Paraíso e ao Dr. Molina,
que aliviaram a pesada carga da investigação.*

“O sobrenatural, se ocorre duas vezes, deixa de ser aterrorizante.”

JORGE LUIS BORGES

“As coisas não precisam ser explicadas. O que é preciso, tão somente, é que sejam verdadeiras.”

ISAAC NEWTON

“O nascimento é o que constitui o sonho e o esquecimento, pois a alma, ao nascer em um corpo, passa de um estado de grande consciência a outro muito menos consciente e esquece as verdades que sabia em seu estado anterior... Portanto, a morte é o despertar e a lembrança.”

PLATÃO

“A realidade total não pode terminar onde termina a realidade que experimentamos. O alcance do mundo real deve ultrapassar, em proporções inimagináveis, tanto quantitativa como qualitativamente, o horizonte do conhecimento do que agora dispomos em nosso atual nível de desenvolvimento.”

HOIMAR VON DITFURTH

“Quando chegar a tua hora, meus anjos ressuscitadores te despertarão em um mundo que nem sequer podes intuir...”

CAVALO DE TROIA 3, SAIDAN

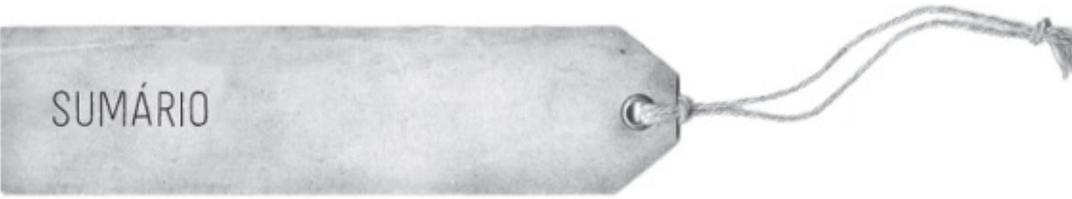
“Palavras de Jesus de Nazaré a Lázaro: ‘Filho meu, o que te aconteceu ocorrerá igualmente a todos os seres humanos, mas despertarão sob uma forma mais gloriosa’.”

“Após a morte, uma longa jornada nos espera.”

CAVALO DE TROIA 6, HERMÓN

“Tu te levantarás da morte como se a vida tivesse sido um sonho. Despertarás de um sonho para regressares à realidade... A vida, a verdadeira, começa antes da vida e continua depois da vida.”

CAVALO DE TROIA 9, CANÁ



SUMÁRIO

[Uma forma de aviso](#)

[Claro! Venha por aqui!](#)

[O elevador de Valme](#)

[Outra vez a loira do elevador](#)

[A antiga casa do orfanato de Cádiz](#)

[“Chachito!”](#)

[O homem do quadro](#)

[66 degraus](#)

[O mudo](#)

[Os “vestidos de branco”, de novo](#)

[O que tem que acontecer, acontece](#)

[Você já sabe](#)

[Suicidas](#)

[A Conchona](#)

[Carícias, abraços e beijos](#)

[A nuvem](#)

[“Suso, não sei o que está acontecendo”](#)

[Brahms, Handel e tantos outros](#)

[“Esse hotel é meu”](#)

[“Ahí está mi salvaora”](#)

[O padre de fogos de artifício](#)

[“Vovô, o que está fazendo aqui?”](#)

[A visita](#)

[O engraxate](#)

[“Leo, você viu a luz?”](#)

[“Não era o meu trem”](#)

[“Ao morrer nós ficamos aqui, mas em outra dimensão”](#)

[O homem do cachorro preto](#)

[Saiu pela janela](#)

[O gato de Moreno](#)

[Cinco mil e tantas visitas](#)

[“Diga a minha filha que não chore mais”](#)

[A anunciação](#)

[Outra vez a magia dos sonhos](#)

[“Eu conheço esse senhor”](#)

[Deus é azul](#)

[“Não me toque”](#)

[“Caramba!... Que bofetada!”](#)

[Tomou uma bofetada do morto](#)

[O tio Benito](#)

[Nana](#)

[“Não sei o que você está fazendo com esse imbecil”](#)

[O outro Juanjo](#)

[“RA: você tem visita”](#)

[O Joven Alonso](#)

[O tule](#)

[Tridimensional e transparente](#)

[“Tenho que ir”](#)

[Esperava a mãe e quem apareceu foi o sogro](#)

[O vestido rosa](#)

[“Não toque em ninguém”](#)

[“Pavi!... Pavi!”](#)

[O transparentão](#)

[O homem do sorriso espetacular](#)

[Nilda](#)

[Com os cadarços desamarrados](#)

[Sombras, nada más](#)

[Um cardeal ossudo](#)

[A visão de um ilustre republicano](#)

[Eles](#)

[A falecida ligou a televisão](#)

[O rei e o sabino](#)

[“Olha que quarto mais lindo...”](#)

[O caso Pan](#)

[Tenha muito cuidado ao regressar](#)

[A escada de Jacó](#)

[O homem do bote](#)

[“Você é Deus?”](#)

[A volta do Guerrero del Antifaz](#)

[Carona](#)

[Um morto na contramão](#)

[O Cadillac](#)

[A freira da curva](#)

[A roupa de viagem](#)

[O homem da mala](#)

[“Estou vivo”](#)

[Na sacada e de cueca](#)

[Bananas maduras fritas](#)

[A roupa emitia luz](#)

[Uma cruz no peito](#)

[Antoñito](#)

[Suspensórios de cor vinho](#)

[Alô?](#)

[A chamada telefônica que nunca existiu](#)

[Ñica Roque](#)

[“Diga a seu pai que atenda, rápido!”](#)

[A Capitã](#)

[“Sou eu, o vovô!”](#)

[Alguém do outro lado está mentindo](#)

[Sr. Manuel](#)

[María Cid](#)

[O cartuxo](#)

[O morto falava com sotaque da Andaluzia](#)

[Os intocáveis](#)

[“Por que você me enterrou aqui?”](#)

[“Como o senhor vai pa Graná...”](#)

[O testamento](#)

[“Ninguém acreditou em mim”](#)

[Orange!](#)

[Alguns comentários inevitáveis](#)

[Frases ditas pelos “ressuscitados”](#)

[Alguns títulos publicados por J. J. Benítez pela Editora Planeta no Brasil](#)



UMA FORMA DE AVISO

Iniciei as pesquisas para o presente livro no distante ano de 1968, aparentemente por acaso. Inclusive, essas investigações foram feitas antes daquelas sobre o fenômeno dos óvnis. Eu não consegui compreender por que as fazia. Suponho que o assunto tenha me chamado a atenção. Agora sei por que as fiz e por que tenho trabalhado nelas durante 46 anos, em silêncio. Nada é por acaso. Nada é o que parece ser...

Não pretendo demonstrar nada. Os casos aqui expostos falam por si mesmos.

O que eu entendo, sim, é que a presente informação pode diminuir o medo da morte e aumentar a esperança.

Cada acontecimento é uma aproximação da verdade. Não há palavras para descrever o indescritível. Nós nos movemos em quatro dimensões, e os fatos aqui narrados pertencem a planos desconhecidos, mais além do espaço e do tempo.

Fui católico na época da minha juventude. Hoje apenas pratico a religião da arte. Renunciei à igreja católica em 2005. Este não é um livro religioso.

Sou formado academicamente, licenciado em jornalismo pela prestigiosa Universidade de Navarra, na Espanha. Publiquei 56 livros. Este é, sem dúvida, um dos mais delicados e transcendentais.

Agradeço a confiança que me foi depositada pelas minhas testemunhas. Por respeito à privacidade e por razões de segurança, alguns nomes, datas e locais foram alterados.

As experiências selecionadas para *Estou bem* foram vividas por mulheres e homens de diferentes classes sociais, idades, crenças religiosas e níveis culturais. Todos possuem algo em comum: eles não mentem.

Abba, 1º de janeiro de 2013.

CLARO! VENHA POR AQUI!

Conheci Miguel París em 1968 em Zaragoza, Espanha, quando comecei a fazer parte da redação do jornal *El Heraldo de Aragón*. Miguel era jornalista – um excelente profissional – e um ser humano ainda melhor. Falava somente quando era necessário. Eu me lembro de que ele infundia em mim um grande respeito. Em seu olhar, era possível adivinhar muito sofrimento.

Em certa ocasião, em uma das longas esperas características de quem trabalha com jornalismo, Miguel me confidenciou algo que, sem dúvida, mudou minha forma de conceber a vida. Não sei por que ele fez isso. Fiquei desconcertado. Acreditei nele desde o primeiro instante. Miguel não era um homem fantasioso. Depois, com o passar dos anos, tive o prazer de desfrutar de sua amizade. Ele me contou muitas vezes o que lhe havia acontecido na Rússia. E jamais mudou a versão original.

Miguel París participou como voluntário na Divisão Azul e lutou bravamente contra o comunismo de Stálin.

Foi condecorado com a Medalha Individual Especial de Destruição de Tanques (condecoração alemã).

Pois bem, em síntese, isto foi o narrado pelo jornalista:

– Saímos da Espanha em julho de 1941. Eu tinha vinte anos. Permanecemos por dois meses e tanto em Grah Enver, numa escola de instrução alemã. Ali aprendemos a usar as armas. Por fim, nos transferiram para a frente de batalha em Nóvgorod, a leste de Luga, próximo do rio Vólkhov. Fui designado para a Terceira Companhia de Sapadores de Assalto.

Não era fácil para Miguel recordar aqueles momentos.



Cidade de Zaragoza (12 de novembro de 1943). Miguel París foi condecorado pelo general Cremades. (Cortesia da família de M. París.)

– Nos engajamos em combate no dia 12 de outubro desse mesmo ano [1941], no dia de Pilar^[1].

Então o jornalista foi direto ao ponto sobre o misterioso evento:

– Eu me lembro muito bem da data. Era dia 18 de janeiro de 1942, véspera do meu aniversário. Nós nos encontrávamos numa região que chamávamos de *blocaos* de El Alcázar^[2]. Eram fortificações no meio do nada. Naquele momento, o lugar onde se encontravam os *blocaos* era apenas uma superfície coberta de neve e gelo. E me foi dada uma missão: eu tinha que transportar vários pacotes de espoletas do posto de comando em Nóvgorod até a fortificação de troncos do tenente Garrido, da segunda seção.

A memória de Miguel era prodigiosa. Ele se lembrava de tudo.

– E, sozinho, saí. Contudo, um pouco depois, enquanto eu caminhava, irrompeu uma forte nevasca.

– E as espoletas, para que eram?

– Para os pacotes de trinitrotolueno, TNT. Eram os explosivos com os quais se guarneciam as trincheiras.

Miguel prosseguiu:

– Comecei a enfrentar problemas. A nevasca se tornou cada vez mais violenta... Nisso, os russos começaram a bombardear a área.

“Foi tudo muito rápido.

“Uma granada explodiu perto de mim e feriu meu rosto. Os estilhaços e o gelo me deixaram quase sem visão.



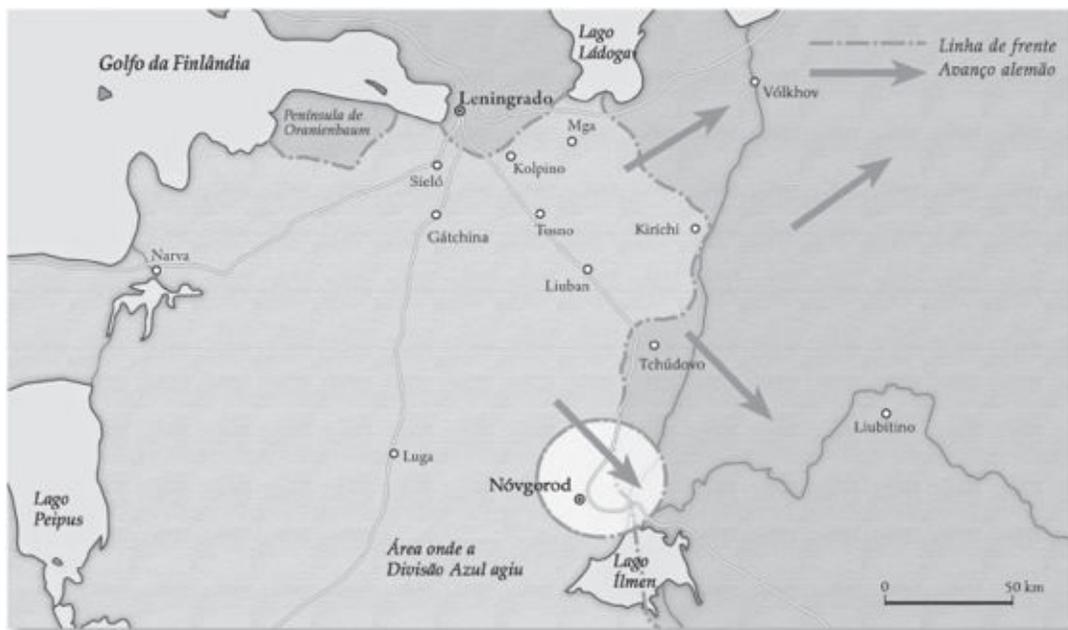
Francisco Bacaicoa de Marcos.

Francisco Bacaicoa de Marcos: ¡Presente!

El camarada Francisco Bacaicoa de Marcos, de treinta y un años de edad, agente de Información e Investigación de F. E. T. y de las J. O. N. S., de Zaragoza, ha caído en Rusia. Antes de la iniciación del Alzamiento en Fuenmayor (Logroño), su pueblo natal, se distingue por su actuación contraria al Frente Popular. En las elecciones de febrero del 36 es interventor representante de las candidaturas antimarxistas y colabora intencionalmente con gran entusiasmo con F. E. T. y de las J. O. N. S. El día 18 de julio del mismo año se encuadra en las milicias y en septiembre marcha con su unidad a la línea de fuego del Alto de los Leones, donde, en unión de un pequeño grupo de camaradas, resiste durante ocho días un terrible asedio del enemigo hasta alcanzar la victoria. Por orden superior es destinado al Servicio de Información e Investigación de Zaragoza, donde permanece en el desempeño de su cargo durante algún tiempo. Nuevamente va al frente para combatir en los sectores de Levante y Cataluña hasta la terminación de la campaña, en cuya fecha reingresa en su antiguo puesto como agente efectivo. Más tarde es ascendido a jefe de grupo y recibe varias felicitaciones por su competencia e importantes servicios realizados. Su profunda religiosidad le señala el recto camino de su vida, que sigue sin titubeos en ofrenda permanente a la Patria de su brazo y de su aliento. Soldado voluntario de la División Azul, rinde hoy, en última batalla ganada para la gloria de España, el duro tributo de su cuerpo.

Camarada Francisco Bacaicoa de Marcos:
¡Presente!

Diário ABC (página 11) (4 de fevereiro de 1942).



“Continúei caminhando pela neve, mas sem rumbo. Tropeçava e caía. Os russos continuavam atacando. A nevasca me impedia de avançar. Eu me arrastava como podia. Comecei a sentir medo. Estava desorientado. Podia morrer. Tinha que sair dali...

“Não sei por quanto tempo aquela situação se prolongou. Para mim, parecia uma eternidade...

“Caminhei e caminhei, e de repente, quando me achava perdido, escutei uma voz. Alguém me chamava pelo meu nome: ‘Miguel! Miguel!’

“Então, eu o vi. Era Paco Bacaicoa, um companheiro da Segunda Companhia de Sapadores.

“Em seguida se desenrolou o seguinte diálogo:

“– Para onde você está indo? – perguntou Bacaicoa.

“– Para o *blocao* – respondeu Miguel.

MINISTERIO DEL EJÉRCITO
SUBSECRETARÍA
REPRESENTACIÓN DE LA DIVISIÓN ESPAÑOLA DE VOLUNTARIOS
ESPAÑOLEL 13
INTERVENCIÓN

Comunico a V. que en las relaciones de justificante de revista, remitidas desde Alemania correspondiente al mes de *Noviembre* de 19 *44* causan baja en la División Española de Voluntarios, el personal procedente de ese Cuerpo, de su digno mando, al dorso relacionados por los motivos que se indican. Dios guarde a V. muchos años.
Madrid, *3* de *Marzo* de 19 *45*
EL CORONEL DE E. M.
P. A.
EL TTE. CORONEL DE INTENDENCIA.
Villegas
PO

Sr. *Jefe Provincial de Intendencia de F. E. I. y de las P. S. S. Zaragoza*

División Española de Voluntarios
Batallón de Zapadores de Asalto

Voluntario Bacaicoa FRANCISCO Espl. Soldado
 DE MARIOS

Asendido a _____ el _____ de _____ de _____
Destinado a la _____ de 1909 Oficio *ente investigación*
Nació el *4* de *Octubre* de _____ de 1909 Oficio *ente investigación*
Natural de *Puen Mayor* Parroquia de _____
Ayuntamiento de _____ provincia de *Logroño*
Residencia en _____ provincia de _____
Estado *Soltero* número de hijos _____ Nombre y apellidos de la esposa _____ y de _____
Ocupación _____ residentes en *Puen Mayor* provincia de _____
Logroño. - _____

Señas particulares
Estatura _____ pelo _____ Cejas _____ Ojos _____ Nariz _____ Boca _____
Barba _____
Señal especial que presenta *Una de chapas 04.-*

Incorporación
Incorporado a la División de Voluntarios en _____ el _____ de _____
de _____
Se le leyeron las Leyes Penales y queda enterado del objeto para que se le presentado voluntario, así como la Unidad a que pertenece y Jefe. Oficiales y Suboficiales de que dependa.
de _____ de _____
Firma del interesado _____

Cobra sus haberes en *supeda* su madre, residente en *Cuarentena principal* n.º. 2 *Zaragoza* -

A EMPLA... DE VOLUNTARIOS
GOBIERNO MILITAR
LOGROÑO
Núm. _____
Sección L.E.V.

@

VE/.

En cumplimiento a sus instrucciones de fecha 20 de Enero último, tengo el honor de comunicar a V.S. que en el día de hoy ha sido entregado el paquete mín. 4.099 perteneciente al Soldado FRANCISCO BACAICOA DEMARCO, que me fue remitido con su oficio mín. 6996 del Reg. 32, de fecha 1 del ppdo Septiembre para entregar a Dña Cesarea Marcos .

Dios guarde a V. S. muchos años
Logroño 11 de Octubre de 1944
EL DELEGADO

[Handwritten signature]

ESTADO MAYOR
13 OCT. 1944
ENTRADA
Nº 1638

Sr. Coronel Jefe de la Representacion de La Legion Española de Voluntarios
M A D R I D

O pacote com os pertences de Bacaicoa demorou três anos para chegar às mãos da família, em Fuenmayor, Espanha. Sem comentários.

B

En campana a 15 de Noviembre 1.941

Dña. Cesarea de Marcos.
Contaminas n. 2 ZARAGOZA

Muy Sra mía-
Como Capitán de la Compañia, a que pertenecía su hijo Soldado Francisco Bacaicoa de Marcos, tengo el sentimiento de comunicarle que el día 10 del corriente mes y a consecuencia de metralla enemiga dejó este de existir.

Para resignación del dolor que le producirá tan fatal noticia, le comunico que se le dió cristiana sepultura. Habiéndose tomado detallada nota del lugar donde fué inhumado, para los efectos que en su día proceda. Se le suplica acuse de recibo, para una vez confirmada la dirección envíarle los efectos que en su poder se hallaron.
Se reitera de Vd. su affmo. S.S.



Comunicado do falecimento de Bacaicoa enviado à família do soldado.

“– Claro! Venha por aqui!

“E continuamos – prosseguiu Miguel –, e eu segui atrás dele.

“Depois de algum tempo ele se deteve, indicou o *blocao* ao qual eu me dirigia e se despediu:

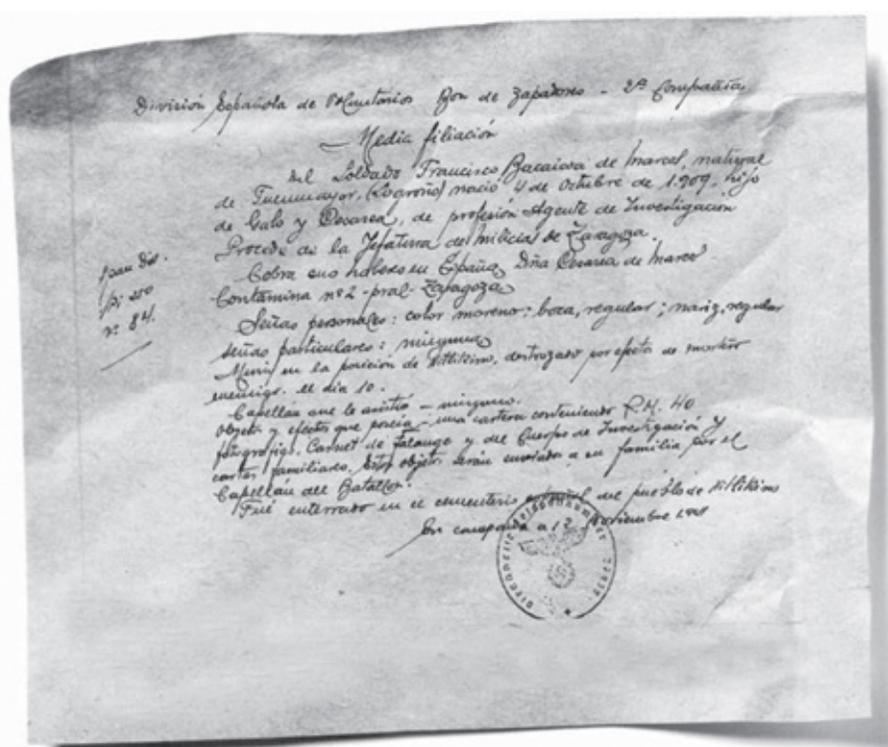
“– Eu continuo...

“Foi dessa forma que consegui chegar ao *blocao* do tenente Garrido. Passei a senha e me receberam.”

– E para onde foi Bacaicoa?

– Não sei. Como eu disse a você, ele se despediu, e eu o perdi de vista.

Para dizer a verdade, nessa altura dos acontecimentos, Miguel París não deu muita importância ao assunto. Bacaicoa tinha salvado a sua vida; entretanto, como estava envolvido na guerra, o jovem Miguel não se preocupou com o ocorrido. Foi somente dois meses mais tarde, em março de 1942, que ele teve realmente consciência do que tinha acontecido.



Comunicado da morte de Bacaicoa, dois dias depois do seu falecimento.

– Fui ferido de novo – explicou Paris – e me transferiram para o hospital de Grigorov. Foi um ferimento “leve”. Era dessa forma que a gente chamava os ferimentos sem muita gravidade... Pois bem, conversando com os companheiros, recebi a notícia da morte de Bacaicoa. Eu gelei, fiquei duro como pedra: ele tinha falecido no dia 10 de novembro de 1941. Um morteiro o atingiu quando se encontrava num ninho de metralhadoras em Nilitkino, perto dos quartéis de Dubrovka. Era uma cabeça de ponte sobre o rio Voljov.

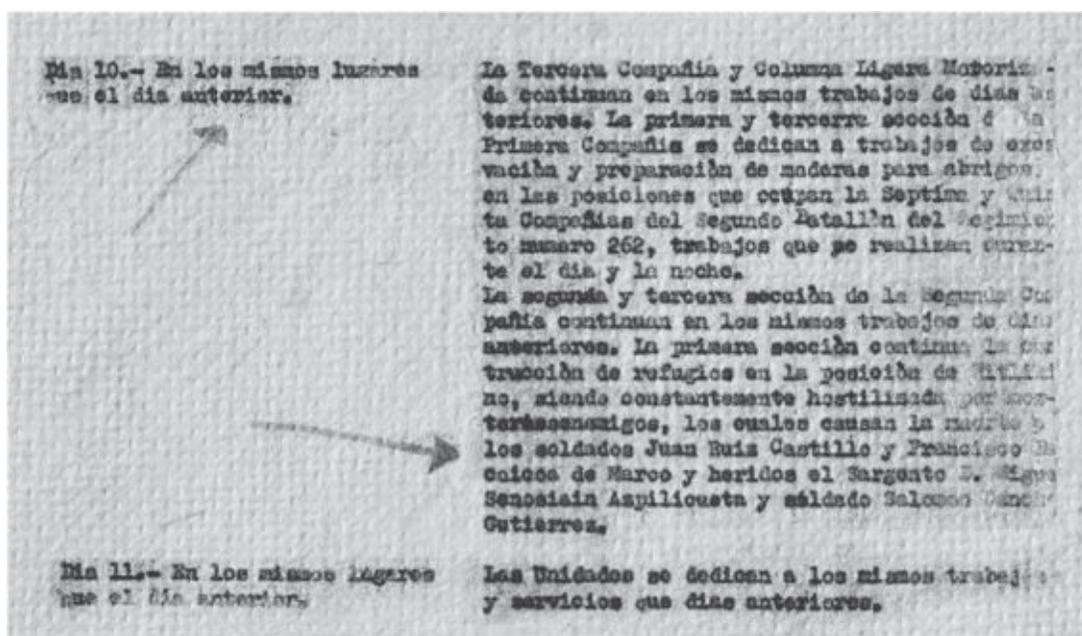
Fiz as contas.

Entre o dia 10 de novembro e o dia 18 de janeiro tinham se passado 69 dias...

– Você tem certeza de que Francisco Bacaicoa morreu?

– Absoluta! Posteriormente visitei o cemitério onde ele foi sepultado. Com ele faleceu outro companheiro, Durán, também destruído pelo morteiro. O lugar se chamava “A Casa do Senhor”.

Segundo a explicação de Paris, Bacaicoa e ele fizeram toda a campanha juntos. Eles se conheciam bem. Bacaicoa nasceu em Fuenmayor (La Rioja), embora morasse em Zaragoza. Estiveram juntos na escola de treinamento, na Alemanha. Não havia dúvida. E Miguel descreveu, uma vez mais, o uniforme que Bacaicoa usava na tarde de 18 de janeiro de 1942: botas, polainas, sobretudo, capacete e uma metralhadora.



“Relação de acontecimentos (importantes)”, segundo o Diário de Operações. No dia 10 de novembro de 1941 é relatada a morte de Francisco Bacaicoa. (Cedido gentilmente pelo Arquivo Histórico Militar.)

- Habitualmente, em que lugar Bacaicoa costumava ficar?
- Longe, cerca de 8 quilômetros da minha posição.
- Ele estava alocado no *blocao* ao qual você chegou?
- Não.

Em outras palavras: se Bacaicoa estivesse vivo, não deveria encontrar-se nessa posição.

- Você o tocou?
- Não, em nenhum momento. Ele se limitou a guiar-me.
- O que teria acontecido se Bacaicoa não tivesse aparecido?
- O mais provável é que eu tivesse morrido congelado [as temperaturas chegavam a ser de $-50\text{ }^{\circ}\text{C}$] ou que os russos tivessem me liquidado.

Insisti:

- Você não poderia ter se enganado?

DORSO QUE SE CITA		
EMPLEO	NOMBRES	MOTIVO DE LA BAJA
x	Soldado Francisco Bacaicoa de Marcos	Muerto acción de guerra
x	Cabo Luis Duran Martinez	Muerto acción de guerra
	Soldado Mariano Sanchez Rodriguez	" " " "
x	" - Marcelino Ramirez Perez	" " " "
x	" - José Perez Diarte	Muerto acción de guerra
x	" - Marcelino Plo Hargya	" " " "
x	" - Emilio Alambra Sanchez	Muerto en el Hospital
x	" - Manuel Rodriguez Lina	Desaparecido
	Cabo Manuel Lina al Huan	Muerto acción guerra
x	Soldado José Luciano Bet	Muerto acción de guerra
x	" - Tomas Sebastian Cosqued	" " " "
x	" - Luciano Horacio Mendosa	" " " "
x	" - Martin Barasain Maso	" " " "
x	" - Esteban Montesin Lopez	" " " "

– Não. Eu sei que era Paco Bacaicoa. Nós nos visitávamos com frequência. A voz era dele. Era ele...

– Mas ele estava morto há mais de dois meses...

– Sei disso, e aí está o mistério. Como eu disse a você, visitei sua tumba no cemitério de Grigorov.

Quando ele apareceu na minha posição, estava bem perto. Vinha na mesma direção. Não houve nenhum engano.

– Você comentou que ele caminhava na sua frente...

– Sim, isso mesmo.

– E deixava pegadas na neve?

– Sim, bem profundas. Exatamente como as minhas.

Segundo os documentos existentes no Serviço Histórico Militar (Divisão Azul: súmula 34, arquivo 1, armário 28), Francisco Bacaicoa de Marcos morreu no dia 10 de novembro de 1941. Junto com ele faleceu Juan Ruiz Castillo e foram feridos o sargento Miguel Senosiain Azpilicueta e o soldado Salomón Sánchez Gutiérrez. Bacaicoa estava com 32 anos de idade.

Em 1943, Miguel París regressou a Zaragoza. Ali se dedicou à fotografia e ao jornalismo.



O ELEVADOR DE VALME

Naquela segunda-feira, 22 de dezembro de 2003, por volta das 13h, algo me impulsionou para mudar de planos. Segui a intuição.



O veículo em que o Dr. Rafael López de la Manzanara viajava, no momento em que foi resgatado das águas no rio Guadalquivir. (Foto: Ángel Doblado.)

Eu saía de Cádiz e me dirigia a Sevilha (Espanha), com a finalidade de dar continuidade a algumas investigações habituais. Pois bem, como eu disse, “algo” me obrigou a sair da estrada. Pouco tempo depois eu me encontrava em frente ao Hospital de Valme, no sul da mencionada cidade de Sevilha.

Nesse momento eu trazia nas mãos um caso tão espetacular quanto trabalhoso^[1], e decidi arriscar a sorte. Os médicos e enfermeiras daquele hospital tinham que saber algo a respeito daquilo.

E continuo lendo o caderno de campo: “... Procuo no terceiro andar do hospital (Setor da Maternidade)... Pergunto e pergunto. Médicos, enfermeiras e supervisores conheciam o Dr. De la Manzanara, mas não sabem nada sobre o assunto do parto... Que falta de sorte...

Alguém me sugere conversar com Isabel Pavón, a supervisora.

Eu a localizo e lhe explico... Ela me deixa falar... Nega com a cabeça... Tampouco sabe algo sobre essa história, contudo sabe de outra, não menos intrigante. Ela me conta, narrando os mínimos detalhes...”

Foi assim que eu iniciei a investigação do caso do “Elevador de Valme”.

Alguns dias depois regresssei ao hospital e, por intermédio de Gemma Núñez e da citada Isabel Pavón, finalmente tive acesso ao protagonista do acontecido: um supervisor ao qual eu chamarei de FM.

Os fatos se registraram da seguinte maneira:

No outono de 1988, FM se ausentou do hospital para participar de um curso na cidade de Granada (Espanha). Ficou ali até julho de 1989. Depois retornou a Valme e retomou suas atividades como supervisor do andar.

E então chegou o inverno de 1990. FM não se lembrava da data exata.

– Nesse dia, o meu turno era no período da noite... Por volta das 11h desceu uma das auxiliares da Maternidade e me pediu um remédio. Conversamos por alguns instantes. Não lembro o nome...

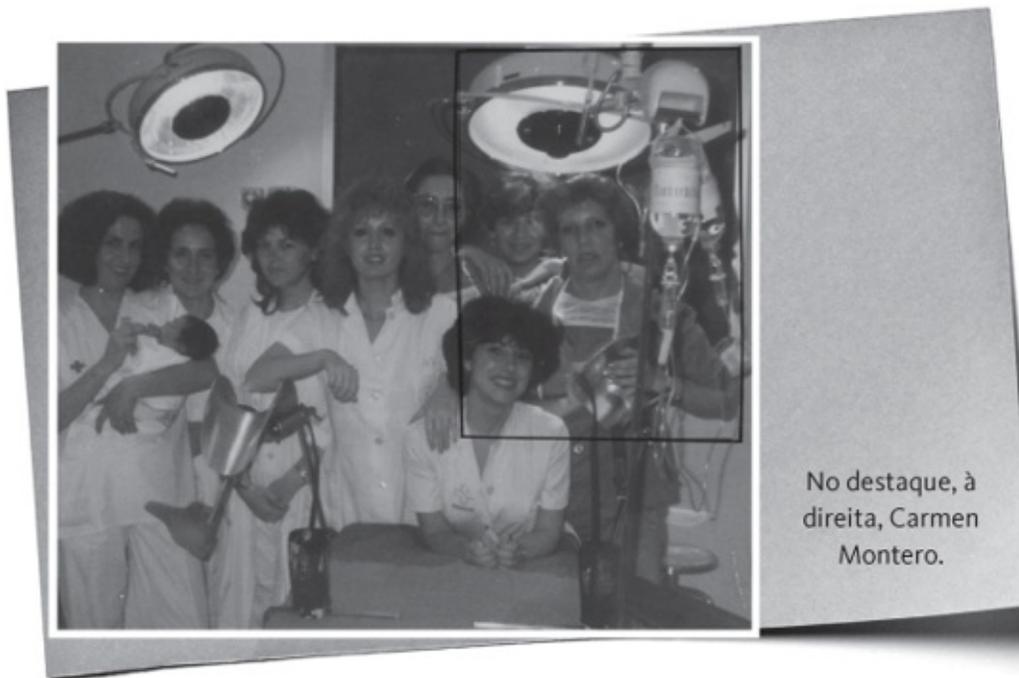
“Cerca de 1h da madrugada decidi fazer uma pausa no trabalho e subir até o sexto andar. Precisava fumar...”

FM se encontrava no primeiro andar.

– Caminhei até o elevador, verifiquei se estava funcionando ou não, e apertei o botão. “Alguém chamou o elevador”, pensei. Mas não...

“Chegou vindo de algum andar de baixo. Não sei se do 0 ou do -1...”

“As portas se abriram, e me encontrei com Carmen Montero, auxiliar de enfermagem... Eu a conhecia há anos...”





Botões do elevador que FM tomou. (Foto: J. J. Benítez.)

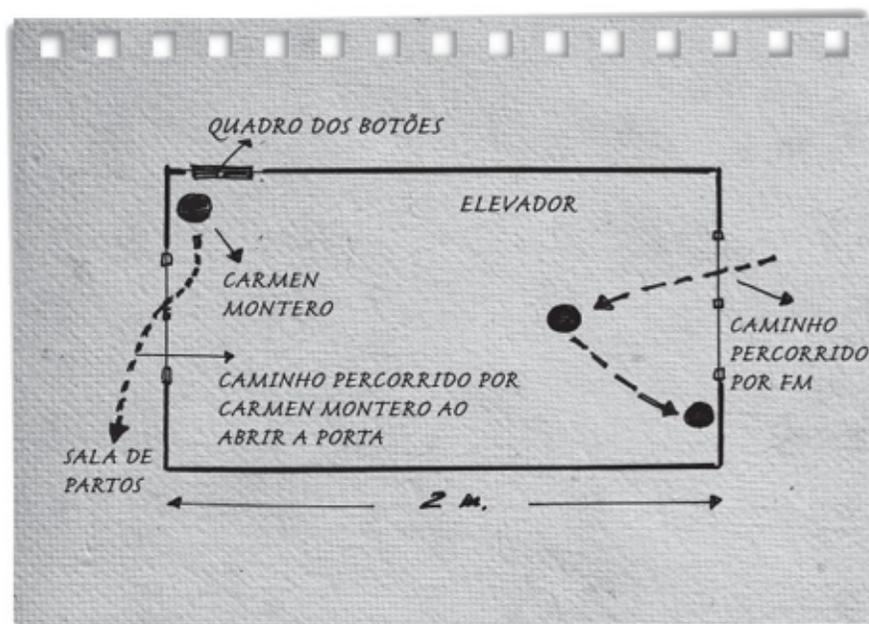


Diagrama traçado do encontro com Carmen Montero, extraído do caderno de campo de J. J. Benítez.

“Ela apareceu recostada perto dos botões do elevador...”

“Eu a cumprimentei. Dei-lhe boa-noite, mas não obtive resposta... Ela não disse nada. Encostei-me no canto oposto e a observei... Parecia cansada. Tinha o olhar fixo na parede. Estava ausente... Estava vestida de branco, mas sem a credencial.

“Não dei importância à aparente falta de consideração. Era tarde. A essas horas, cada um já está envolvido em seus próprios pensamentos...”

“Segundos depois, as portas se abriram e Carmen caminhou lentamente... Saiu do elevador e virou à esquerda em direção à Sala de Partos... Normal... Ela trabalhava ali...”

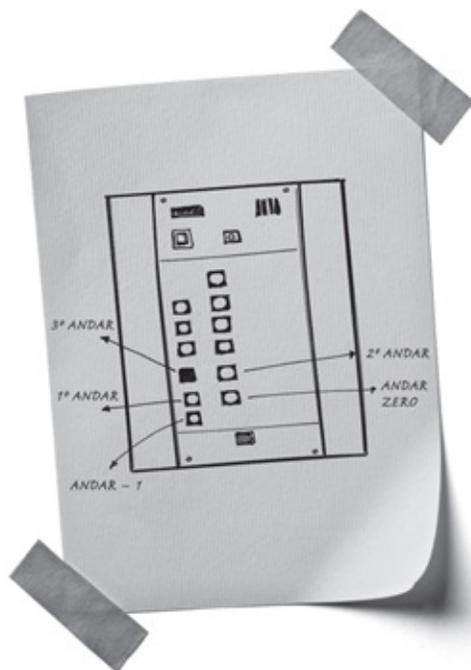
FM retificou:

– Normal, não... Ao sair tampouco se despediu...

O elevador havia parado no terceiro andar (Maternidade).

FM regressou à sua sala e acabou comentando o seu encontro com Carmen. Seus companheiros ficaram desconcertados. Isso não podia ser. Carmen Montero del Pozo tinha morrido em março de 1989 no Hospital García Morato, em Sevilha, em decorrência de um aneurisma de aorta. E isso fazia mais de um

ano.



FM compartilhou o elevador com a falecida durante pelo menos doze segundos. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Contudo, FM não estava enganado. A “pessoa” que se encontrou com ele no elevador era Carmen. A descrição coincidia com o que ele e os companheiros sabiam: loira, alta, pele clara, olhos azuis, forte, lábios pintados (inclusive quando trabalhava)...

– Carmen tinha muita vitalidade e era extrovertida. Ela adorava brincadeiras. Sempre estava de bom humor... Por isso achei estranho que ela não tivesse me cumprimentado...

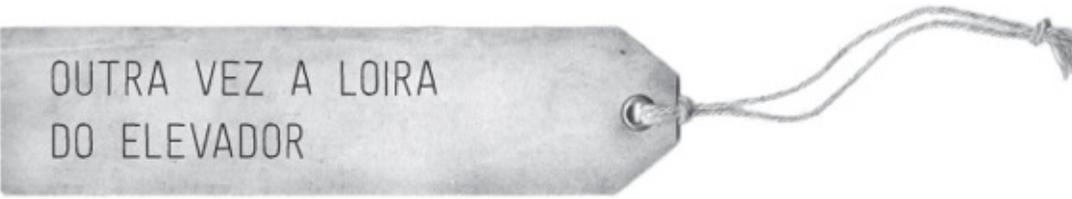
Indaguei no hospital, e os dados estavam corretos.

FM não soube da morte de Carmen Montero porque, como disse, quando ocorreu o falecimento dela, ele se encontrava na cidade de Granada, portanto ausente do hospital. Quando retornou a Valme, ninguém lhe falou nada sobre o assunto. Para FM, portanto, Carmen estava viva quando se encontrou com ela no elevador.

Na opinião de FM, o elevador poderia estar vindo do andar -1. Ficam ali os vestiários e o laboratório. O supervisor achou que Carmen tivesse descido ao andar -1 porque esquecera algo no armário ou porque levava uma amostra ao laboratório. Depois, obviamente, teve que pressionar o botão do terceiro andar. Como se pode recordar, o elevador se deteve no dito andar, mas não tinha ninguém esperando ali. O mecanismo, portanto, teve que ser ativado do interior do elevador. Em outras palavras, tinha que ser a falecida quem o fizera.

Segundo meus cálculos, o elevador precisava de cerca de seis segundos para deslocar-se de um andar ao outro. Se a “mulher” (?) acionou o botão para o andar -1 e a máquina se deteve no terceiro andar, isso quer dizer que Carmen permaneceu no interior do elevador durante o espaço de 24 segundos, aproximadamente. FM, de sua parte, compartilhou a cabine com a “falecida” durante doze segundos mais ou menos.

Outras pessoas do Hospital de Valme asseguram ter visto a “loira” em vários lugares daquela instalação; especialmente no local das empilhadeiras. Mas essa é outra história...



OUTRA VEZ A LOIRA
DO ELEVADOR

É possível morrer de medo, a esta altura da vida?

Ainda que possa parecer mentira, é...

E isso foi o que aconteceu quando conversei com Espe.

Dez anos haviam se passado desde as primeiras investigações no Hospital de Valme, em Sevilha.

E o Destino moveu seus fios...

Naquele 16 de fevereiro de 2013 eu me sentei com Esperanza Crespo para falar de outro assunto.

Acaso? Duvido...^[1]

Logo em seguida, Espe comentou sobre a desagradável experiência vivida (ou sofrida) em um dos elevadores do Hospital Virgen de Valme.

Não podia acreditar no que estava ouvindo.

De novo a loira do elevador?

Espe relatou o ocorrido com detalhes:

Aconteceu em fevereiro de 1991. Eu era vigia do hospital...

E me lembro de que eram 3h da madrugada...

Eu estava na porta da Emergência...

Era a única mulher vigia naquele tempo...

Nisso, chegou uma mulher grávida...

Os companheiros pediram que eu a levasse para a Maternidade e assim o fiz...

Subi com ela, se bem me lembro, a Maternidade era no quarto andar, e eu a deixei nas mãos do pessoal de lá...

E caminhei de novo em direção ao elevador...

Apertei o botão e esperei. Estava sozinha. Ali, àquela hora, não havia ninguém...

O elevador chegou, as portas se abriram e eu entrei...

Não havia ninguém no elevador...

Eu me inclinei para os botões e apertei para descer no andar da Emergência...

E, nisso, entrou alguém...

Era uma enfermeira...

Eu me afastei e me encostei à parede oposta aos botões...

Nesse instante, senti aquele frio...

A enfermeira se posicionou na outra parede, de frente para mim...

Era alta e loira...

E o frio era intenso e muito estranho. A calefação estava no máximo. Para você ver, estávamos vestindo roupas de manga curta...

Não gostei.

A enfermeira me olhou, cruzou os braços sobre o peito e esfregou as mãos contra a jaqueta ao mesmo

tempo em que exclamava:

– Que frio, não?

Eu respondi:

– Sim...

Foi um “sim” seco e de má vontade. Algo me dizia que a situação não era normal...

Espe esclareceu:

Era a primeira vez que eu via aquela enfermeira. Não a conhecia de nenhum lugar...

Finalmente chegamos ao andar –1 (Emergência) e as portas se abriram...

Saí como uma bala...

A loira saiu atrás. Escutei seus passos...

E me dirigi para a Emergência...

Então, uma voz na minha cabeça me dizia: “Vire-se!”

E me virei...

A loira não estava mais ali! Era impossível. Não podia ter desaparecido. Voltei-me em questão de segundos...

Estava morta de medo.



Espe Crespo. (Cortesia da família.)

Fui para o meu lugar e ali permaneci, pálida e em silêncio.

Não me pergunte como, mas eu sabia que aquela pessoa não estava viva.

Concluída a exposição, Espe se ofereceu, com muito prazer, para aprofundar os detalhes.

Começou pela vestimenta da enfermeira:

– Ela vestia o uniforme do hospital: jaleco curto, calças e sapatos brancos.

– Estava com alguma credencial?

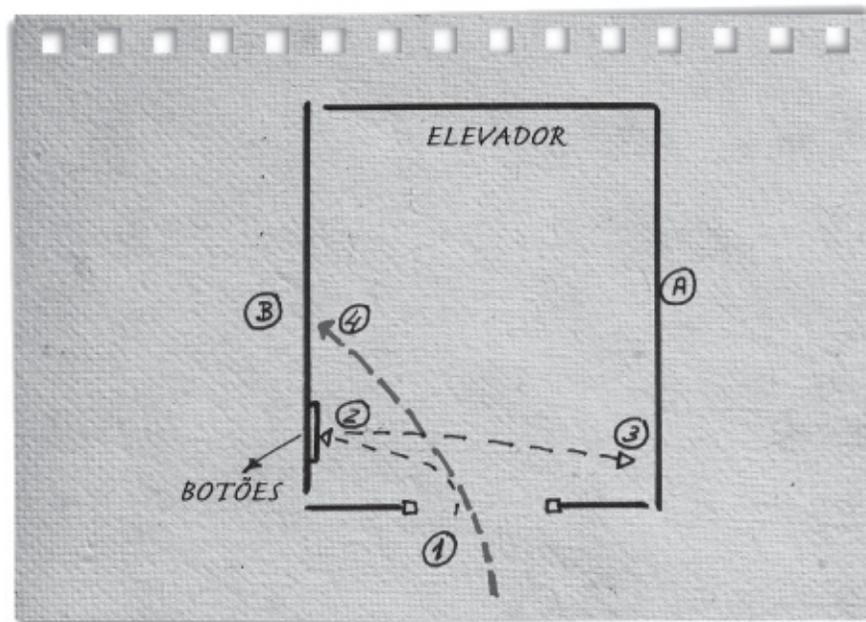
– Não.

– Descreva-a...

– Era alta. Chegava a ter 1,80 metro ou um pouco mais. Pele branca, como os nórdicos. O cabelo era fino e loiro. Olhos claros. Compleição forte. Perfil atlético. O cabelo chegava aos ombros. Tinha

franja...

– Que idade ela aparentava ter?



1. Espe entra no elevador. 2. Vai em direção ao painel e aperta o botão da Emergência. Nesse momento, aparece a loira e surge o frio. 3. Espe se encosta na parede "A". 4. A loira se posiciona em frente a Espe, na parede "B". Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Por volta de trinta anos.

Eu tinha quase certeza. Era a descrição feita por FM, supervisor do Valme, que viu Carmen Montero no inverno de 1990 e também no elevador. Entre uma aparição e outra, transcorreram vários meses. Carmen, como você poderá se lembrar, faleceu em março de 1989 no García Morato, outro hospital de Sevilha.

Então, passei para o tema do frio.

– Era fevereiro de 1991...

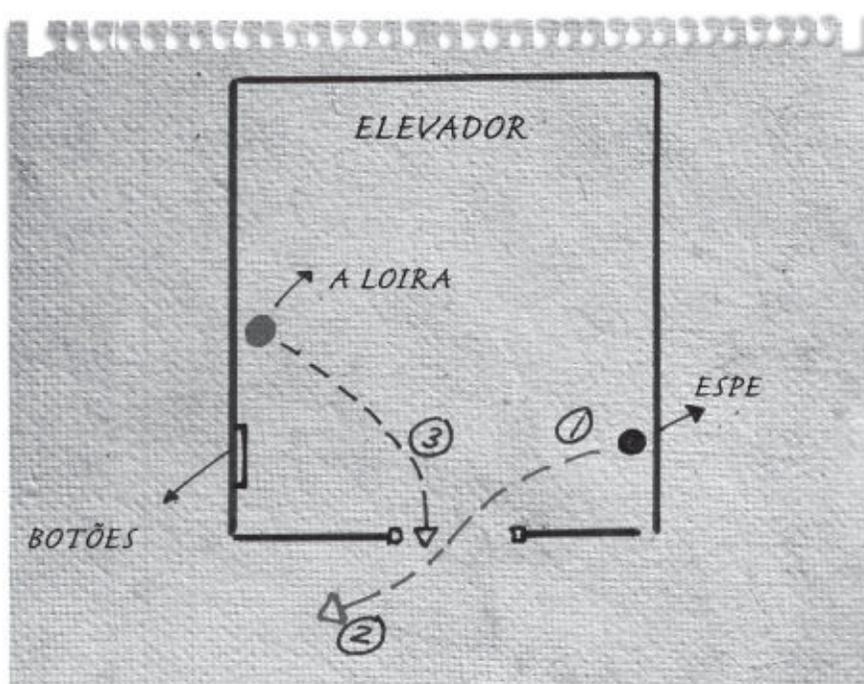
– Sim.

– Você havia utilizado o elevador um pouco antes...

– Sim.

– Você sentiu frio ao subir para a Maternidade?

– Não. Como eu disse, a calefação no hospital estava alta. Fazia calor. Usávamos roupa de manga curta.



1. Ao chegar à Emergência, as portas se abrem, e Espe sai do elevador apressadamente. 2. A vigia se dirige para a Emergência. 3. A loira sai (?) do elevador. Caderno de campo J. J. Benítez.

– Vamos reconstituir o evento, passo a passo...

Espe assentiu.

– As portas do elevador se abrem... Você entra...

A moça assentiu em silêncio.

– ... e, ao entrar no elevador, você sente frio?

– Não – replicou Espe com segurança. – Ao entrar estava tudo normal. Apertei o botão e, nesse momento, ela apareceu...

Espe pensou por alguns segundos e prosseguiu:

– Assim que a enfermeira entrou é que o frio começou...

– Você tem certeza?

– Absoluta!

– Em outras palavras: o frio “chegou” com a loira?

– Isso mesmo.

– Poderia descrever?

– Era um frio intenso, daqueles que penetram nos ossos...

– Parecido com o quê?

– Talvez com o frio de uma câmara frigorífica...

– Temperatura?

– Acima de zero, porque as paredes do elevador não estavam embaçadas nem soltávamos vapor ao falar ou ao respirar.

– Quanto tempo durou o frio?

– O tempo que permanecemos no elevador.

Fiz as contas.

Espe esteve no elevador com a loira durante trinta segundos, aproximadamente. Depois, ao sair, a temperatura era normal no hospital.

– Fale-me sobre a enfermeira...

– Não gostei da situação, como disse.

– Ela olhava para você?

– Sim, o tempo todo.

- Como era o olhar?
- Fixo... Como de alguém perdido. Eu estava angustiada.
- Para falar, ela moveu os lábios?
- Sim.

Insisti:

- Por que está me dizendo que não gostou da situação? Você nem conhecia a enfermeira...
- Não sei como explicar, mas não gostei. Eu sabia que aquela pessoa estava morta...
- Não entendo...

Espe encolheu os ombros e resumiu:

- Intuição.
- Você se despediu dela ao deixar o elevador?
- Nem pensar. Saí correndo...
- Por que está me dizendo que a mulher desapareceu?
- Porque não há outra explicação. Voltei a cabeça em menos de três segundos e ela já não estava mais lá. Ela não tinha como ir para nenhuma outra parte, exceto para a Emergência. Àquela hora, tudo estava fechado...

Para meu assombro, Espe nunca soube da experiência de FM. Foi somente agora que ela tomou conhecimento da identidade e do destino da loira do elevador. É claro que FM também não sabia da dramática experiência de Esperanza.

A ANTIGA CASA
DO ORFANATO DE CÁDIZ

Não será o caso do elevador de Valme o único em que surge o misterioso e interessante fenômeno do frio, acompanhando alguém que está morto.

Recentemente me relataram uma experiência na qual o frio ocupa tanto um lugar de destaque quanto é inexplicável.

Vou contá-la de forma bem resumida.

O evento foi protagonizado por um casal da cidade de Cádiz (Espanha).

Corria a madrugada do dia 19 para o dia 20 de agosto de 2001.

Carmen e Antonio viviam na Rua Rosario Cepeda.

Por volta das 4h, Antonio se levantou para ir ao banheiro. A mulher dormia ao seu lado.

Ao sair do quarto, sentiu algo estranho.

Não conseguiu sequer dar um passo.

Estava aterrorizado.

Alguém o observava do seu lado direito.

Antonio não se atreveu a olhar.

Tudo estava no escuro e em silêncio.

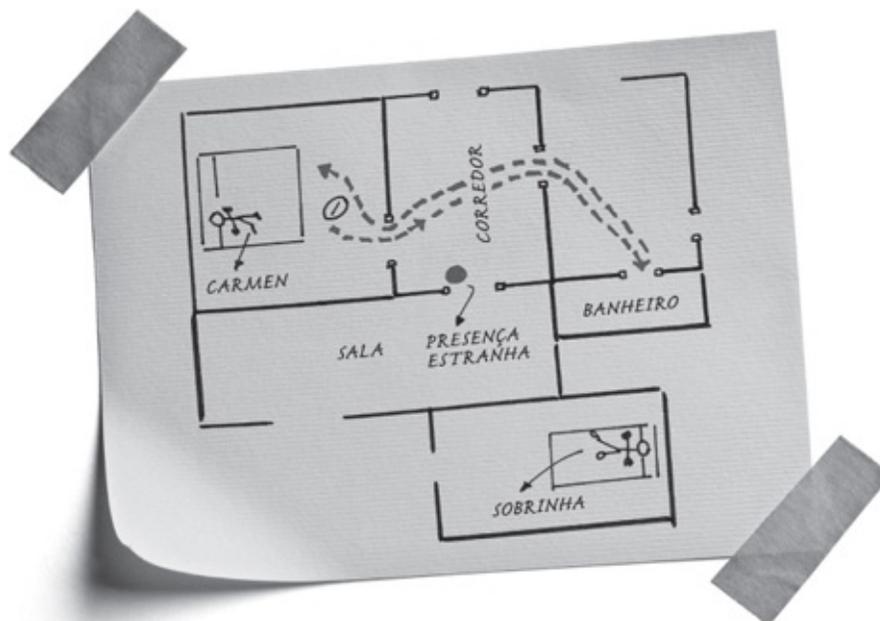
Finalmente, fazendo um grande esforço, o homem correu até o banheiro.

Ao regressar para o quarto, a situação foi idêntica.

Antonio percebeu de novo aquela presença, só que agora do seu lado esquerdo.

Tampouco se atreveu a olhar.

Antonio entrou no quarto e foi então que sentiu um frio intenso e especial.



1. Antonio decide ir ao banheiro. Ao sair do quarto, nota uma presença à sua direita, perto da porta da sala. Ao regressar, a presença continua

Ao deitar-se na cama, a mulher comentou que sentia muito frio.

Contudo, Antonio prudentemente guardou silêncio.

Foi somente no dia seguinte que o marido relatou o ocorrido na noite anterior.

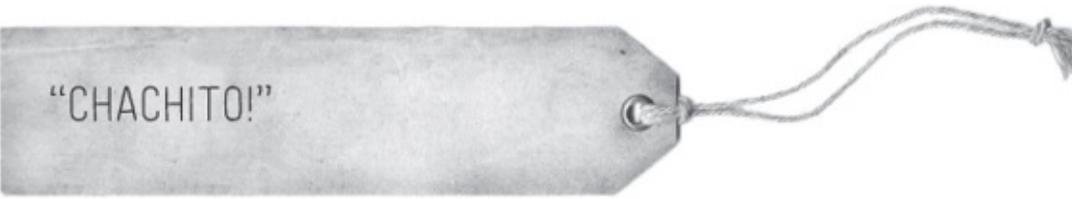
E Carmen confessou que, de repente, os bicos dos seus seios ficaram duros e experimentou uma sensação de dor.

Uma sobrinha do casal, que dormia na mesma moradia, também sentiu um frio intenso.

Foi um frio estranho e impróprio para a época do ano. As temperaturas mínima e máxima desse 20 de agosto, em Cádiz, foram dos 21 °C aos 28 °C, respectivamente. Nada a ver com o narrado.

Ao entrar no quarto, Antonio percebeu o vapor de sua própria respiração.

O edifício em que teve lugar esse acontecimento foi construído em 1960, em um solar em que se registraram numerosos fuzilamentos e onde, anteriormente, havia o Orfanato de Santa María, ou Casa Cuna^[1] de Cádiz^[2], derrubado nos primeiros anos do século XX.



“CHACHITO!”

O caso de Renato Martin me fez pensar, e muito. Conheci esse jovem empresário na cidade de Lima, no Peru. Ele teve uma experiência singular com “ressuscitados” em 2003. Eis aqui uma síntese da nossa conversa:

Meu pai se chamava Juan Manuel Martin Chávez...

Era médico-cirurgião...

Tinha uma fazenda na serra de Trujillo, ao norte, que se chamava e se chama San Felipe, a 3.200 metros de altitude...

Ali ele passava muitas e longas temporadas. Trabalhou em Lima como médico, mas seu grande amor era a terra...

Sempre que tinha alguma oportunidade, ia para San Felipe e permanecia meses por ali...

No dia 23 de setembro de 2003, meu pai faleceu subitamente. Sofreu uma parada cardíaca. Morreu nos braços do meu irmão. Eu não estava. Cheguei a casa logo depois...

Ele tinha 78 anos de idade...

Eu tinha uma forte ligação com ele...

Seu corpo foi cremado no dia 25...

No mês seguinte, levamos as cinzas para a fazenda, na serra de Trujillo...

Chegamos a San Felipe no dia 22 de outubro...

No dia 23 foi realizada a missa...

No dia 24, minha mãe e meu irmão regressaram a Lima. Eu fiquei para depositar as cinzas na fazenda...



Renato Martin com seu pai. (Cortesia da família.)

Nessa noite do dia 24 de outubro de 2003, depois de jantar, fiquei algum tempo com o homem que

cuida do lugar. Falamos sobre meu pai...

O papo se esticou até às 21h30 ou 22h...

Já estando escuro, eu me retirei e fui para o meu quarto...

E arrumei todo o dormitório para descansar...

Fechei a porta à chave e acendi três velas e duas lamparinas, a querosene...

Renato esclareceu:

Na fazenda não havia luz. Nós iluminávamos o ambiente com lamparinas...

Eu as coloquei sobre um móvel, ao pé da janela, e me deitei...

A janela possui grades e persianas...

Os muros de adobe ajudam a combater as baixas temperaturas da serra...

Nessa época do ano, cerca das 22h, a temperatura pode oscilar ao redor de 10 °C...

De repente, quando já me encontrava na cama, comecei a sentir aquele frio...

Era muito intenso. Entrava nos ossos...

Não entendi. Eu tinha ido dormir vestido...

Tinha calçado meias de lã, calça, camiseta, suéter, abrigo e um poncho...

Tudo o que estava à mão, acabei vestindo...

Mas não resolvia. Ao contrário...

Comecei a esfregar as pernas, mas o frio não desaparecia...

O frio era mais intenso do que o de uma câmara frigorífica. Nos meus cálculos, uns 10° C abaixo de zero...

Nunca tinha sentido um frio como aquele...

Eu estava acordado e perfeitamente consciente...

Era um frio muito esquisito, isso sim; mas eu só o sentia nas pernas...

Não tive medo. Por que deveria ter? Tudo estava fechado...

Lembro-me de que eu olhava em direção à janela...

As velas e as lamparinas continuavam acesas...

Então, escutei passos...

Senti o roçar de chinelos sobre a madeira do piso...

Era o caminhar típico do meu pai!

Reconheci na hora...

Mas meu pai tinha morrido havia um mês!...

E pensei rapidamente: a porta estava fechada por dentro, a chave. Ninguém podia entrar pela janela...

Eu não ouvia o rangido da madeira, mas o roçar do calcanhar do chinelo...

Como eu disse a você, meu pai caminhava dessa forma...

Eu quis virar o pescoço, mas não conseguia. Estava paralisado...

Tentei várias vezes. Impossível. Algo me impedia...

Eu sabia que meu pai se aproximava em direção à cama...

E senti como se o colchão estivesse afundando...

Meu pai tinha uma forma muito peculiar de apoiar-se na cama. Colocava os joelhos sobre o colchão e permanecia de pé, ao lado da cama...

Continuei escutando os passos – oito ou dez – e tive a percepção de que o colchão afundava...

Estava muito perto, talvez a uns 20 centímetros do meu corpo...

Tentei me virar, mas não conseguia...

E o frio continuava, contudo não dei importância...

Tudo foi muito rápido...

De repente, ouvi a sua voz: “Chachito!”...

Em casa, me chamavam dessa maneira...

Foi uma exclamação de surpresa, como se ele tivesse se surpreendido ao me ver ali...

E eu respondi:

– Ai, paizinho, você não sabe o quanto sinto sua falta!...

Nisso, notei que ele se distanciava da cama...

E escutei novamente os passos, afastando-se...

Então, sim, pude me voltar, e o vi de costas...

Da cintura para cima era um corpo normal (?). Estava com uma camisa gasta, de flanela xadrez azul. A calça era de veludo cotelê, com listras...

As pernas eram transparentes...

Não vi os pés...

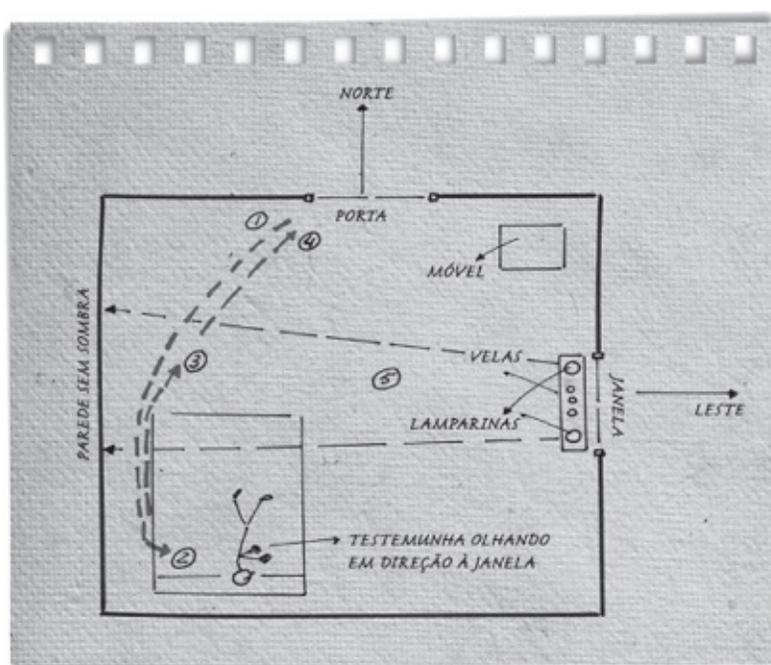
O cabelo era o dele, castanho...

E, ao chegar à porta, começou a dissipar-se. Desapareceu...

Eu me levantei, saí e chequei tudo. Nada. Ali não havia ninguém.



Fazenda em San Felipe. A seta assinala o quarto em que se registrou a presença de Juan Manuel Martín, que falecera um mês antes.
(Cortesia da família.)



Fazenda em San Felipe. 1. Renato escuta os passos. 2. O pai se apoia na cama com os joelhos. A testemunha não consegue se virar. 3. Renato escuta os passos, que se afastam em direção à porta. 4. A testemunha consegue se mexer e vê o pai, de costas. Este desaparece junto à porta. 5. O “ressuscitado” não faz sombra. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– E o frio?

– Desapareceu também.

– Que temperatura se registrava lá fora?

– Como eu disse: uns 10 °C.

– E o que você fez?

– Voltei para o quarto e tentei pensar. Talvez meu pai tivesse vindo se despedir. Em vida ele não pôde fazer isso...

– Como sabe que era o seu pai?

– Pela forma de caminhar. Era inconfundível. Bem como pela voz. Era a voz dele, mas quando estava saudável. E pela maneira de se apoiar na cama... Era ele! Foi esse o meu sentimento.

– Fazia sombra na parede?

Renato tentou lembrar.

– Agora que você está perguntando, não. E deveria fazer. Ali estavam acesas as velas e as lamparinas.

A sombra, inclusive, deveria ser enorme...

– As chamas das velas se agitaram?

– Não lembro.

– Quando você conseguiu se virar, a que distância se encontrava a figura da cama?

– Tinha acabado de se afastar. Podia estar a uns quatro ou cinco passos da lateral da cama, do lado onde se apoiou de joelhos.

– Sentiu medo?

– Não, em nenhum momento.

– Fale-me do frio...

– Não sei explicá-lo. Assim que meu pai se foi, o frio desapareceu também. Era muito intenso, e eu só sentia da virilha para baixo, até os pés.^[1]

– Você me disse que escutou o roçar dos chinelos contra o chão, mas não o rangido da madeira...

– Sim, e achei isso estranho.

– Por quê?

– Meu pai, em vida, pesava uns oitenta quilos. A madeira do piso era velha. Sempre range sob o

caminhar de alguém. A casa foi construída em 1920. Todas as madeiras rangem.

– Você comentou que seu pai tinha muito carinho por essa fazenda.

– Sim, ele nasceu ali. Ia a San Felipe sempre que podia.

O HOMEM DO QUADRO

Em novembro do ano 2000, quando trabalhava na ilha de Porto Rico em diversas investigações, tive conhecimento de um caso duplo de “ressuscitados” (se me permite a expressão), dos mais desconcertantes e no qual o elevador se apresentava de novo como cenário dos acontecimentos.

A informação chegou pelas mãos de Eduardo Lamadrid, assistente do gerente geral, do *El Mundo*, em San Juan, Porto Rico. Ele me levou ao lugar e permitiu que eu tirasse fotografias.

A primeira experiência foi vivida pela mãe de Débora Martorell, uma jornalista de prestígio que trabalhava na Fundação Ángel Ramos, na citada cidade de San Juan.

Naquela manhã, a mãe de Débora compareceu à Fundação. Levava comida para sua filha. Ela subiu para a suíte 302 e, após conversar com Débora, se dirigiu para o elevador. Foi então que escutou os passos de alguém. Ela se virou e viu um homem maduro, muito elegante, com um terno cinza-pérola e uma gravata branca com “lágrimas” azuis. Não se falaram. Ele lhe deu um sorriso e com a mão fez um gesto dando a vez para que ela passasse.

A mulher pressionou o botão para o piso térreo e o elevador desceu.

Ao chegar ao hall, antes que a porta abrisse, a mulher ficou espantada: o homem do terno cinza-pérola estava mais ou menos a uns 30 centímetros do solo. Ele levitava! E a olhava sorridente! Era um olhar maroto...

A senhora escapou dali, correndo, aos gritos.



Quadro de Ángel Ramos, que serviu para reconhecer o homem do terno cinza-pérola. (Foto de J. J. Benítez.)

Quando o segurança entrou no elevador, não havia ninguém ali.

A testemunha reconheceu o homem do traje cinza em um dos quadros que estavam pendurados na

Fundação: era Ángel Ramos, dono e criador do império “Telemundo”. Tinha falecido em setembro de 1960; quer dizer, trinta anos antes do acontecimento que acabo de relatar...

O segundo incidente foi protagonizado por um segurança da referida Fundação. Eu o chamarei de Aguilar.

Aconteceu um pouco depois do “encontro” da mãe de Débora com o homem elegante.

Esse era o primeiro dia de trabalho do guarda no edifício da El Mundo Broadcasting Corp.

O homem subiu até o terceiro andar com a finalidade de deixar alguns pacotes no estoque e percebeu um ruído. O lugar estava escuro.



Eduardo Lamadrid (à esquerda), J. J. Benítez e Eugenio Roca, da Editora Planeta. (Foto: Blanca.)

Aguilar perguntou se havia alguém ali na sala. Não obteve resposta. Aparentemente, não havia ninguém.

Mas os ruídos continuaram.

O segurança perguntou pela segunda vez, mas tampouco recebeu resposta.

Aguilar saiu do estoque e caminhou pelo corredor até o elevador.

Então escutou passos. Alguém o seguia.

Entrou no elevador e apertou o botão que o levaria para o hall. A porta, entretanto, não se fechou.

Aguilar tentou várias vezes. O elevador não funcionava.

Então viu chegar uma figura. Era um homem. Deteve-se perto da porta do elevador e olhou para o segurança. Ele sorria. Vestia um terno cinza-pérola, gravata branca com “lágrimas” azuis e um lenço branco bem-arrumado no bolsinho do paletó.

O segurança, espantado, saiu do elevador e correu escadaria abaixo.

Aguilar tinha reconhecido o homem sorridente: era Ángel Ramos, o mesmo do quadro.



O pesquisador Jorge Martín (à esquerda), Eugenio Roca e Blanca, no elevador em que se manifestaram as ocorrências. (Foto: J. J. Benítez.)

Quando o pessoal da segurança foi até o elevador, ele funcionava normalmente. No estoque do terceiro andar não havia ninguém.

Quatro anos depois dessas investigações em Porto Rico, o destacado cirurgião Pedro Sarduy, que residia em Miami, me colocou na trilha de outro interessante caso de um “ressuscitado”, igualmente relacionado com um quadro.

O evento registrou-se em dezembro de 2004, na mencionada cidade da Flórida: Miami.

Uma cidadã norte-americana – a qual chamarei de Martha – vivia no centro da metrópole. Sua vida era agradável. Tinha vários filhos, todos adultos e independentes.

Mas, em 1991, um dos filhos homens sofreu um problema cardíaco e teve que ser hospitalizado. A permanência no hospital se prolongou por um período de quatro meses. Durante esse tempo, a mãe, solícita, não se distanciou dele.

Mas o rapaz faleceu.

Pouco tempo depois, o esposo de Martha também morreu, vítima de câncer.

E a mulher se refugiou em sua casa, em meio às lembranças.

Sua dor não tinha limites... Vivia só.

Entre suas coisas, havia uma especialmente querida de Martha: uma fotografia do filho morto. Ela a contemplava diariamente. E falava com ela e rezava.

Em outubro de 2004, quando estava com 92 anos de idade, a mulher sofreu um acidente cardiovascular. Ficou muito enferma, cheia de restrições. Necessitava de ajuda para tudo. E os filhos decidiram contratar uma pessoa que permanecesse com ela 24 horas por dia. Essa senhora – a qual chamarei de Teresa – se dedicou a Martha de corpo e alma. Tudo caminhava bem, mas, em dezembro desse ano de 2004, uma das filhas recebeu uma chamada telefônica da enfermeira cuidadora.

– Teresa – informou a filha – estava muito alterada. Exigiu que eu fosse imediatamente para a casa de minha mãe. Tentei tranquilizá-la, mas era impossível. Não sabia o que estava acontecendo. A única coisa que ela falava é que queria ir embora... “Não posso ficar neste lugar”, repetia. “Tenho que ir embora.”

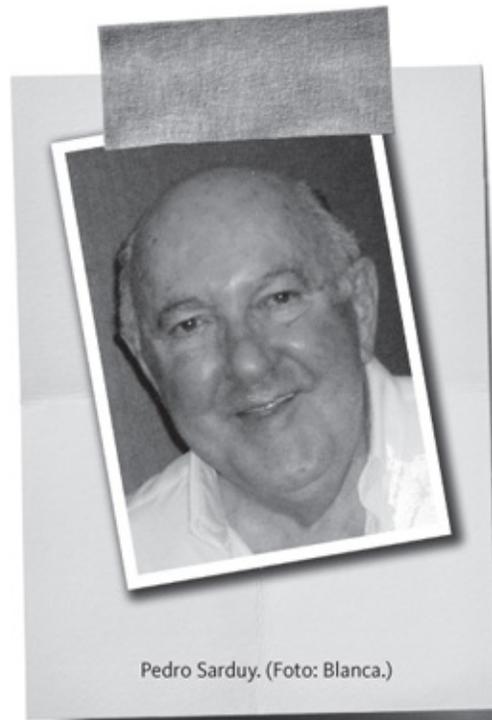
“Não consegui tirá-la daquele estado. E optei por ir até a casa de minha mãe.”

Martha e Teresa estavam sozinhas. A enfermeira tremia. Mal podia articular as palavras. Estava preparada para sair da casa.

– Mas... o que houve? – perguntou a filha. – Por que você tem que ir embora?

– Sinto muito – bradou a mulher. – Não posso ficar aqui nesta casa nem mais um minuto sequer... Não

posso.



A filha, assustada, exigiu uma explicação:

– O que aconteceu?

Então Teresa, apontando a fotografia do filho morto, dizendo:

– O senhor da foto...

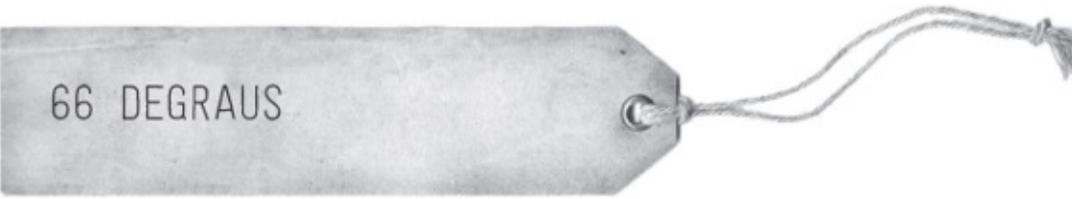
– O que tem o meu irmão?

– Quando entrei esta manhã no quarto da senhora, o senhor da foto estava aí, sentado ao lado dela...

O senhor da fotografia, como eu disse, era o filho de Martha, falecido há treze anos.

Teresa, naturalmente, pegou suas coisas e desapareceu.

Jamais voltou a ficar ao lado de Martha.



66 DEGRAUS

No dia 6 de junho de 1986, eu me apresentei na Ciudad Sanitaria Virgen de las Nieves, em Granada, Espanha. Segundo as notícias que recebi, meses atrás naquele hospital havia sido registrado um acontecimento impossível.

Tudo começou numa sexta-feira, 21 de junho de 1985, quando Almudena Moreno Montero, de 43 anos, foi internada para fazer uma cirurgia de histerectomia (procedimento para retirada do útero).

No dia seguinte, por volta das 17h, quando Almudena se encontrava na Sala de Recuperação, apresentou-se na recepção, no piso térreo do hospital, um homem e uma mulher jovem. Foram atendidos por Elena de Teresa Galván, a recepcionista.

– A garota deveria ter uns dezoito anos – explicou-me Elena. – Foi estranho... Primeiro a mulher perguntava, e, logo em seguida, o homem formulava a mesma pergunta... Estavam interessados no estado de saúde de Almudena. Eles não sabiam onde ela se encontrava. Queriam visitá-la.

A recepcionista consultou os cadastros e confirmou que Almudena Moreno estava na Sala de Recuperação.

– Eles deram o nome da paciente?

– Ambos. Primeiro a jovem e depois o homem. Supus que fossem familiares de Almudena. Talvez esposo e filha. O senhor parecia uma pessoa do campo. Estava vestido de preto.

– A quem você se dirigia?

– Indistintamente, tanto para um como para outro. Estranhei o comportamento, como já lhe disse. Ignoravam-se mutuamente. Aquilo não era uma coisa normal.

Elena lhes informou que somente uma pessoa de cada vez podia entrar na Sala de Recuperação. Primeiro a garota e depois o suposto pai.

– Estendi um papel para a mulher e o homem me olhou, com ar de estranheza. Então o pai exclamou: “Vou subir!”. Eu lhes mostrei o caminho onde se encontravam os elevadores e as escadas, e os dois foram embora. A Sala de Recuperação ficava no terceiro andar.

Uma hora depois, aproximadamente, a recepcionista viu a garota regressar. Chegou sozinha.

– Ela me disse que queria falar com o médico. Queria saber o que estava acontecendo com sua mãe. Chamei Alicia, que estava de plantão, e logo depois ela se apresentou no local.

– O que aconteceu com o pai?

– Não sei, não voltei a vê-lo.

– A mulher contou se tinha entrado na Sala de Recuperação?

– Disse que as portas estavam fechadas e que não pôde falar com o médico.

“Quando a doutora chegou, nós três conversamos. Esclareci o que a senhorita queria, e a médica de plantão se encarregou da jovem.”

– Ela trazia o passe na mão?

– Não me lembro...

Quando conversei com Alicia, a anestesista se encontrava muito impressionada com o ocorrido.

– Recordo-me de que a acompanhei até o local dos elevadores e das escadarias. Era uma garota

jovem, magra, de cabelo cacheado e castanho. Usava jeans e uma camisa azul, de manga longa, com bordados. Tinha acne.

“Optei pelas escadas.

“Subimos até o terceiro andar e cheguei, inclusive, a tocá-la no ombro, com o propósito de consolá-la. Parecia preocupada com a mãe. Eu lhe disse e repeti que a mãe estava em perfeito estado de saúde. A cirurgia havia corrido bem.

“A jovem tranquilizou-se um pouco.

“E, ao chegar à porta da Sala de Recuperação, soou o ‘chamado de procura’ de novo. Estavam me solicitando na Sala de Partos.

“Eu disse a ela que esperasse. Não demoraria em regressar.

“E ali ficou a garota.”

Quando Alicia retornou, a garota não estava mais esperando na porta. A anestesista entrou na Sala de Recuperação e encontrou a jovem em um dos boxes, em frente ao vidro que separava a cama número três.



Elena de Teresa Galván. (Cortesia da família.)

– Eu a vi em pé, contemplando a mãe. Ao me ver no quarto dos monitores, a garota sorriu.

– A jovem estava conversando com a mãe?

– Não. Permaneceu em silêncio.

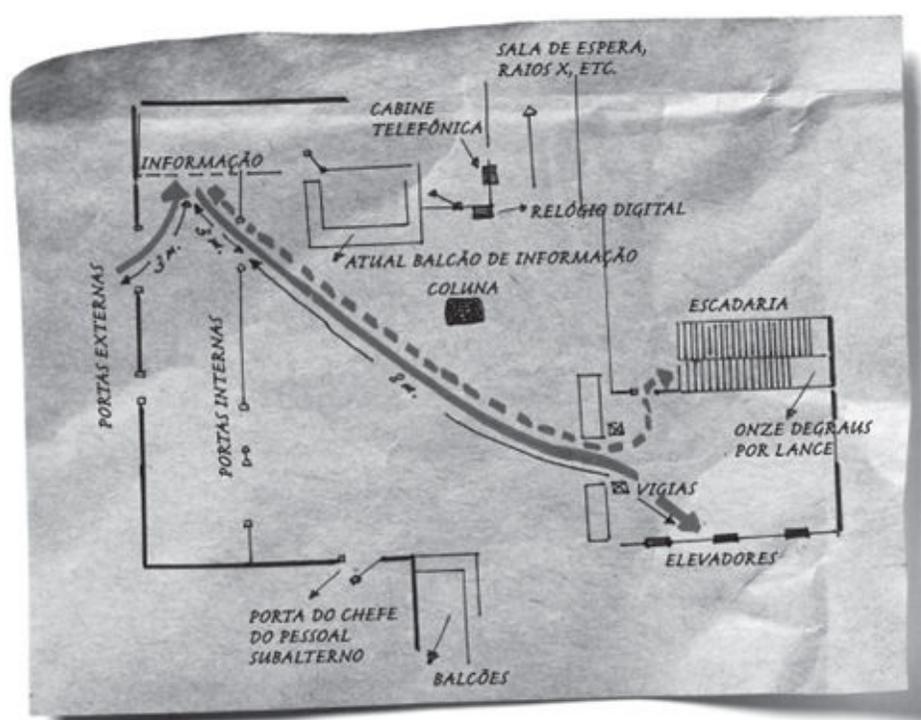
– E você, estava perto?

– Muito perto. Eu a via perfeitamente.

– Havia mais pessoas da equipe de auxiliares nos boxes?

– Penso que... Eu me lembro de ter visto várias enfermeiras. Uma delas era Toñi López Moreno.

Creio que se passaram alguns minutos – não muitos –, quando tocou o telefone no quarto dos monitores.



Planta do hospital. Marcado com linha contínua, o caminho que pai e filha fizeram. Na linha pontilhada, o caminho feito pela médica e pela garota. No total, subiram 66 degraus. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Era Elena, do Setor de Informação. Percebi uma confusão lá embaixo. Alguém gritava. Era possível ouvir muito bem pelo telefone... Elena me comunicou que a garota com quem eu havia conversado e acompanhado pelas escadas estava novamente no Setor de Informação e muito irritada. Exigia ver o médico. Queria saber sobre o estado de sua mãe. Fiquei petrificada...

“– Isso não pode ser – respondi.

“– Por quê? – perguntou Elena.

“– Isso é impossível – insisti. – Porque estou vendo a jovem... agora mesmo. Ela está aqui, na Sala de Recuperação. Está em frente à cama da mãe...

“Elena começou a ficar impaciente. Então exclamou:

“– E eu estou lhe dizendo que ela está aqui!”

Alicia reconheceu que estava aturdida. Ela escutava a voz da garota. A jovem gritava com Elena.

– Dava para perceber que ela estava furiosa – manifestou a anestesista. – Exigia ver um médico... Mas como era possível aquela garota estar em dois lugares ao mesmo tempo? Elena a tinha diante dela no piso térreo, e eu a via no terceiro andar...

Ambas – Alicia e Elena – chegaram a pensar que se tratasse de uma brincadeira ou de um caso de irmãs gêmeas.

Eram 18h45.

Elena perguntou à enfurecida jovem se tinha vindo ao hospital com sua irmã gêmea. A garota respondeu que não; que tinha vindo em companhia do pai. Isso ela dissera à recepcionista.

– A garota só se interessava pela mãe – acrescentou Elena. – Parecia um disco riscado. Era monotemática.

“Por fim, lhe disseram que subisse de novo à Sala de Recuperação. A médica a esperaria ali. E eu a perdi de vista.”

Nesse mesmo instante – segundo Alicia – a garota desapareceu dos boxes.

Naturalmente, a juvenzinha não regressou ao terceiro andar. Ninguém voltou a vê-la.

A descrição da jovem, que foi feita por parte de Elena e de Toñi, foi idêntica à da anestesista. Toñi também a viu pelos corredores. “Caminhava rapidamente.”

Mas a história não termina aí.

Passados dois dias, quando a mãe da garota já tinha saído da Sala de Recuperação e estava no quarto, Alicia, a médica que estivera de plantão, se interessou por Almudena.

– Ao entrar no quarto, vi uma fotografia ao lado da cama da senhora. Era a jovem que eu havia acompanhado pelas escadas. Não tive dúvida. E fiz um comentário relacionado com a visita da garota ao hospital... Provavelmente agi de maneira desajeitada, mas eu não tinha como saber...

– O que aconteceu?

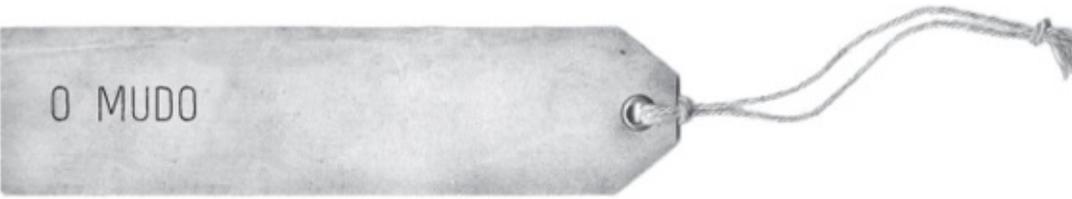
– Almudena rompeu em lágrimas, e repetia: “Minha filha, minha filha!”...

“No quarto se encontrava um filho da paciente. Começou a se comportar de maneira violenta comigo. Obrigou-me a sair para o corredor e pediu explicações. Eu lhe contei o que tinha acontecido dias atrás e ele declarou, muito irritado, ‘que isso eram fantasias minhas’. Sua irmã havia morrido em um acidente de moto há três anos...”

Alicia ficou muito chocada.

– Mas eu a toquei! Aquilo não era um fantasma! Era de carne e osso! Subimos pelas escadas juntas! Conversamos! Ela estava em dois lugares ao mesmo tempo! Outras pessoas também a viram! Elena providenciara para ela uma credencial para permitir seu ingresso no hospital!

Quando tentei consultar o histórico clínico de Almudena Moreno Montero, com o propósito de localizá-la e interrogá-la, foi impossível. Apesar dos esforços dos empregados do hospital, que colaboraram comigo a todo instante, o informe não apareceu. Almudena tinha que ter passado pelo controle pós-cirúrgico dia 28 de maio de 1986, mas não compareceu.



O MUDO

Dezessete anos depois da “presença” da jovem morta no hospital de Granada, Espanha, a milhares de quilômetros dali se registrou um acontecimento relativamente parecido.

Era o mês de fevereiro de 2002. Cidade: Miami, Estados Unidos.

Local: clínica CAC, na 10431 SW 40th St.

Os fatos me foram narrados por Irene Díaz, que foi uma testemunha privilegiada.

– Era uma quinta-feira, cerca das 10h. Eu trabalhava até então como assistente do Dr. Sánchez López, ortopedista. Nesse momento, o médico atendia uma senhora de mais idade, Anaís Meier [nome fictício]. Tratava-se de uma infiltração no joelho. Assim que terminou, o doutor lhe disse: “Quero vê-la novamente dentro de um mês...”

– A que horas mais ou menos poderia ser?

– Por volta das 10h30.

O médico então se dirigiu a Irene e solicitou que ela fosse à recepção, com a finalidade de agendar a consulta para o mês de março.

– E foi o que eu fiz – prosseguiu Irene. – Fui até a jovem que atendia na recepção. Anaís caminhou ao meu lado.

– Onde estava localizada a recepção?

– No piso térreo, o mesmo em que nós estávamos. Dirigi-me à garota, chamada María Cabrera, e lhe expliquei o que o Dr. Sánchez López havia solicitado. A jovem consultou o computador e respondeu: “Não... o esposo já marcou a consulta”.

“– Meu esposo? – perguntou a anciã, com estranheza.



Irene Díaz, testemunha do caso do mudo. (Foto: Blanca.)

“– Sim – respondeu María –, ele acabou de sair daqui...”

“– Agora?”

“– Não faz nem quinze minutos...”

“– Isso não pode ser...”

“Anaís não estava acreditando. E novamente perguntou a María Cabrera:

“– Como era esse senhor?”

“A recepcionista o descreveu:

“– Uns setenta anos, de estatura média, cabelo branco, olhos azuis muito chamativos e uma camisa avermelhada... Solicitou uma consulta para a senhora...”

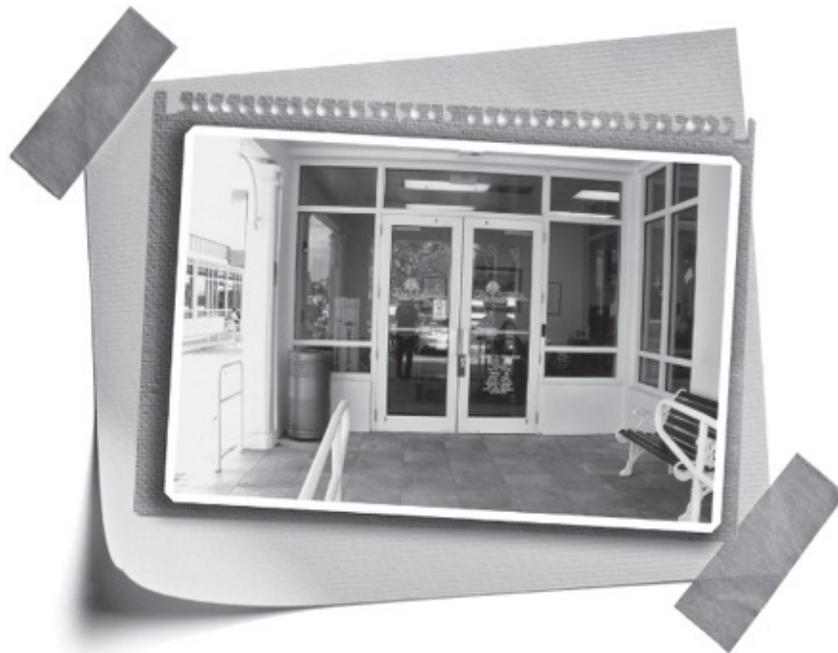
“– Mas...”

“– Ele assegurou que era o esposo de Anaís Meier – acrescentou María com segurança. – Queria marcar uma consulta para a senhora...”

“Anaís ficou pálida.

“– Não é possível... Meu esposo faleceu faz um ano...”

“A recepcionista voltou a consultar o computador e insistiu:



O esposo de Anaís Meier (falecido) teve que empurrar a pesada porta de entrada da clínica e percorrer alguns metros até o balcão da recepção. (Foto: Virgílio Sánchez-Ocejo.)

“– Não, senhora... Por aqui passou um senhor, como descrevi, com o cabelo penteado para trás...”

“Anaís não permitiu que ela continuasse.

“– Meu esposo está enterrado em Miami... Morreu faz um ano... Eu tenho somente um filho, e neste momento ele está trabalhando em Miami Beach... Deve ter acontecido algum erro...”

María Cabrera girou o computador e mostrou a tela a Anaís e a Irene Díaz.

Ali estava marcada a consulta, perfeitamente detalhada: nome, dia, mês, hora e médico. E foi registrada uns vinte minutos antes que Irene e Anaís saíssem da consulta com o ortopedista! Como María Cabrera poderia saber que o Dr. Sánchez López solicitaria uma consulta para Anaís, e para o mês de março? Obviamente que não teria como saber.

E a recepcionista acrescentou:

– Senhora, não há nenhum erro aqui... Esse senhor era mudo. Ele pegou uma pequena lousa que trazia consigo e escreveu com um giz: “Quero uma consulta para a Sra. Anaís Meier, e para daqui um mês. Sou seu esposo”.

– Mudo?

– Isso mesmo – respondeu a recepcionista. – Quando li o que estava escrito, o senhor apagou o escrito com um celofane...

Anaís ficou muito nervosa. Teve uma crise de ansiedade e tivemos que acudi-la.

Irene continuou a explicação para mim:

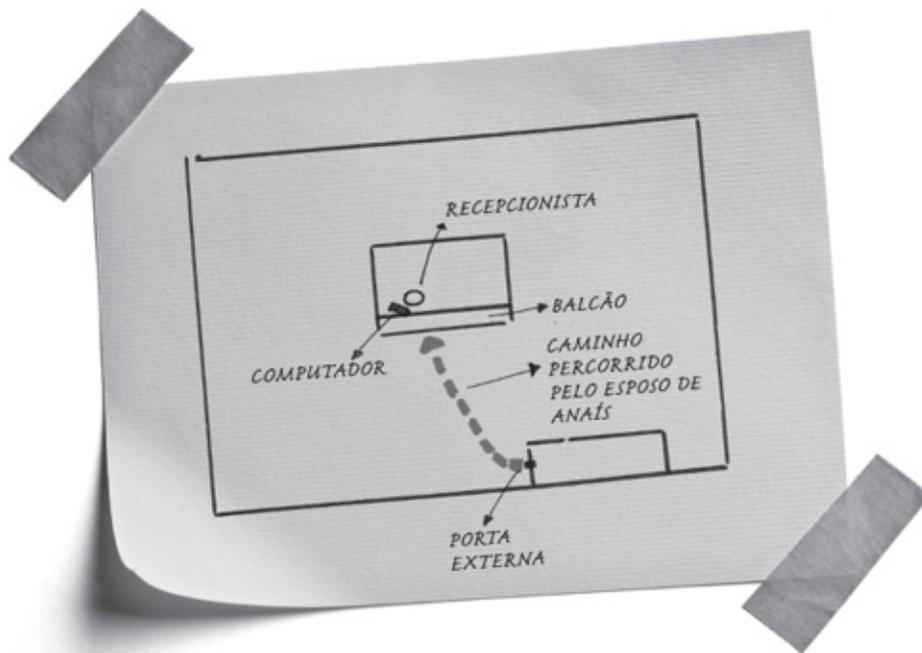
– O esposo, de fato, era praticamente mudo. Sofreu de um câncer na garganta e tinha que usar uma pequena lousa para comunicar-se. Ele escrevia com um giz e depois apagava.

Ángel (assim se chamava o esposo) fora paciente daquela mesma clínica. Todos o conheciam. Irene também o conhecia.



Balcão ao qual chegou Ángel, o esposo falecido de Anaís. María Cabrera estava sentada e, portanto, viu o ancião somente da cintura para cima. Diante da recepcionista estava parte do computador. (Foto: Virgilio Sánchez-Ocejo.)

Quando tentei localizar a recepcionista e a Sra. Meier, ambas tinham saído da cidade. A primeira regressou para o seu país (Nicarágua), a segunda se mudou para a Geórgia. Eu ainda as estou procurando...



Planta da clínica CAC. Na recepção – segundo Irene Díaz – sempre havia fila. O esposo de Anaís deveria ter sido visto por mais pessoas. O balcão tinha 1,10 metro de altura. Caderno de campo de J. J. Benítez.



OS "VESTIDOS DE BRANCO",
DE NOVO

Acredito que chegou o momento de abordar o fascinante e desconhecido universo dos sonhos; algo muito mais real e tangível do que supomos...

Compartilho a opinião que aparece em *Cavalo de Troia*: "Os sonhos são o pátio por trás da Divindade". O Mestre dizia com frequência: "Busque a pérola nos sonhos".

O presente caso foi protagonizado por um avô e sua neta, ao mesmo tempo, e em circunstâncias singulares.

Não estou autorizado a revelar suas identidades, e bem que lamento isso. Deixarei que seja um dos filhos do dito avô quem narre o sucedido. Nós nos conhecemos desde 1974. Eu o considero como meu irmão mais velho. É uma pessoa brilhante e honesta.

O duplo acontecimento teve seu lugar no País Basco, Espanha. Meu amigo me contou tanto verbalmente como por escrito. A carta dizia:

Querido Juanjo:

Respondo à sua carta de 1-9-1978. A partida do meu pai deste mundo material aconteceu em 22-11-1978, tendo ele 78 anos de idade na época (sua idade andava junto com o século). A outra protagonista do episódio do qual você me pergunta não foi, portanto, minha neta, que agora tem cinco aninhos, mas sim minha filha mais velha, que nasceu em 1970 e estava na ocasião com oito anos de idade.

Eu me lembro do episódio com exatidão, porque essas coisas a gente não esquece. Meu pai tinha sofrido de bronquite crônica durante longo tempo, e que já havia complicado para um enfisema pulmonar secundário. Ele levava uma vida bastante limitada pela dificuldade respiratória e passou por duas ou três internações hospitalares pelos severos episódios de crise aguda. Mas tinha cumprido, também, um dos seus- grandes sonhos: comemorar um mês antes, em 24-10-78, suas bodas de ouro (cinquenta anos de casamento) com minha mãe, mandando celebrar uma missa no salão da sua casa, com um banquete e a presença de todos os seus filhos e netos. Estivemos todos ali.

Eu tinha o costume de, antes de ir para a minha casa à tarde, depois do trabalho, passar pela casa dos meus pais (vivíamos perto, dobrando a esquina) para ver como estavam e ficar conversando um pouco com eles.

Em uma dessas tardes, meu pai disse: "Filho, veja só, quero dizer que estou bem e em pleno uso das minhas faculdades mentais. Pode ser que eu não dure muito mais tempo, mas isso não importa. Vivi uma vida de plenitude, comemorei minhas bodas de ouro e estou preparado para ir embora quando Deus quiser. Desejo morrer na minha casa e na minha cama. Não quero mais internações hospitalares. No dia em que eu piorar, você cuida de mim e o que você fizer estará bem-feito, e, se eu falecer, será o normal, porque esta situação já não dá mais".

Depois de poucos dias dessa declaração, meu pai voltou a piorar. Eu continuei tratando dele, com altos e baixos na evolução do quadro, e, um dia, minha filha mais velha (repito, de oito anos de idade na época) me disse: "Aita, ontem à noite sonhei com o aítite" (como você sabe, aita e aítite significam

“pai” e “avô” em basco). Não dei importância, e a coisa ficou assim, por isso mesmo.

Porém, no dia seguinte, voltei a estar, como de costume, com meu pai. Eu o encontrei na cama, entretanto bastante estável. Ele queria me perguntar algo: “Escute, filho, já sabe que, quando envelhecemos, cada vez dormimos menos a cada noite e eu gostaria de acender a luminária da cabeceira e ler; contudo, para não incomodar a sua mãe, que dorme ao lado, fico com a luz apagada, deitado, apoiado em alguns travesseiros para poder respirar melhor (já tinha começado a congestão cardíaca) e fico com os olhos abertos olhando a escuridão, bem confortável e tranquilo. E aqui é onde eu vi algo que me surpreendeu, e queria perguntar se há relação com algum medicamento que você me dá e que pudesse dar algum tipo de efeito secundário. O que ocorre é que eu estou vendo pessoas vestidas de branco que se aproximam da minha cama, me olham e vão embora. Na verdade, não sinto nenhum medo, ao contrário, nesses momentos eu me sinto muito bem”.

Esclareci a ele que isso não era efeito colateral de nenhum dos medicamentos e lhe perguntei: “Você conhece alguma dessas pessoas?”.

“Não. Não sei quem são. Mas ontem à noite, sim, reconheci uma delas. Era a sua filha María! E eu lhe disse: ‘Olá, María!’ Ela ficou me olhando por alguns instantes, não respondeu nada e depois desapareceu. Me deixou com uma sensação de estranheza.”

Quem ficou cheio de estranheza e boquiaberto fui eu. E, assim que cheguei a casa, falei com a minha filha:

– María, você se lembra do sonho que teve com o aítite alguns dias atrás?

– Lembro, sim. Eu estava na minha cama, saí e fui para a casa do aítite.

– Um momentinho! Quer dizer que você se levantou, se vestiu, saiu de casa, desceu pelo elevador, foi andando pela calçada até a casa do aítite...

Ela me olhou como alguém que vê uma pessoa irremediavelmente tola.

– Aita! Não é assim que se faz. É assim: a gente sai flutuando pela rua e passa pela parede e entra no dormitório do aítite.

– Ah! E o que você viu?

– Vi a cama do aítite, e na cama tinha dois aítites. Um era um aítite muito velho que estava recostado em uns travesseiros. O outro era um aítite jovem, branco, que ficou me olhando e me disse: “Olá, María!”.

– E você, o que fez?

– Nada, fiquei olhando e depois voltei para a cama.

Dois ou três dias depois desse encontro astral, no dia 22 de novembro de 1978, na primeira hora da manhã, meu pai precisou ir ao banheiro e pediu ajuda a minha mãe, para acompanhá-lo. Quando tentou levantar-se, não conseguiu. Ficou sentado à beira da cama e se despediu da minha mãe. “Adeus! Vou partir. Foi uma alegria viver tantos anos com você.” E caiu morto. Cruzou a fronteira...

Não tive como evitar.

O relato de meu amigo me fez recordar outra experiência, vivida por meu pai quando estava a ponto de morrer. Ele também viu pessoas vestidas de branco ao redor da cama do hospital^[1]:

– ... Apareceram à noite. Eu não os conhecia – assegurou meu pai. – Eles me olhavam e falavam entre si... Pareciam enfermeiros, médicos... Então aconteceu algo estranho. Aquelas pessoas – “os enfermeiros” – tocaram minha testa, e eu me senti em paz. Foi uma sensação incrível e desconhecida. Desapareceu a dor, e a angústia também. Senti-me feliz... Naquela madrugada eu falei com você e tentei contar-lhe isso.

– Não me lembro – respondi.

– Eu estava acordado. Você se aproximou da cama, pegou minha mão e a tomou entre as suas. Senti seu calor e sua força. E então você me disse: “Papai, fique tranquilo”. Eu, então, envolvido por esse imenso amor que me preenchia, respondi: “Não... quem tem que ficar tranquilo é você”. Mas acho que você não

me compreendeu. Depois, docemente, tudo escureceu. Deixei de ouvir e de sentir. Parecia um sonho.

– Um sonho?

– Isso mesmo, um doce e benéfico sonho.

– E a morte?

– Assim é a morte, querido filho. Você dorme, nada mais...

– Parece simples.

– E é o que é... Seu Chefe (creio que é dessa forma que você chama o bom Deus) é muito discreto...

Deus nos treina todos os dias para morrer... A morte é um mecanismo simples, necessário para prosseguir. Cada noite, ao deitar-se, a gente ensaia essa última cena. E o faz com tranquilidade e credulidade. Pois bem, a única diferença é que, ao morrer, você desperta em outro lugar... E sem pijama.

O pai do meu amigo faleceu em 1978. *Enfim livre!* foi publicado no ano 2000. Obviamente, o pai do meu amigo não pôde ler o livro no qual se fala das pessoas “vestidas de branco”...

Como dizia o Mestre: “Quem tiver ouvidos que ouça”.

Por causa da publicação de *Enfim Livre!* venho recebendo muitas cartas e e-mails. Uma dessas comunicações me deixou perplexo. Vinha de Konstanz, Alemanha. Quem a assinou foram dois professores da universidade, aos quais chamarei de Eva e Franc.

O evento aconteceu em 1998.

A carta dizia assim:

Querido amigo: permita-me que eu lhe trate de “você” em vez de lhe tratar como “senhor”. Acabo de ler o livro Enfim Livre! que você dedicou a Eva. Após ler as primeiras páginas, nas quais você fala da morte do seu pai, me veio à memória um fato que ocorreu faz dois anos e lhe relatarei em seguida.

Uma amiga da minha mãe, uma pessoa muito boa e carinhosa, começou a sentir-se muito mal. Depois de se consultar com vários médicos, foi diagnosticado que sofria de câncer. O estado da doença estava muito avançado; assim sendo, não havia muito a fazer...

As dores, no final, eram terríveis. Entretanto, um dia, essas dores passaram. Isso foi pouco antes de sua morte.

A seguir, o que o marido conta que aconteceu:

“Eu estava no quarto e de repente a vi olhar para o vazio e sorrir. Nós dois estávamos sozinhos. Eu lhe perguntei por que sorria, e ela me disse que alguns enfermeiros muito bonitos, vestidos de branco, tinham estado ali e a haviam tocado; fizeram uma punção em sua língua e ela já não sentia dor. O problema é que eu não vi ninguém”.

Essa história é a que o marido contou para minha mãe quando ela foi visitar sua amiga, pouco antes do final. Minha mãe, não sei por quê, me contou imediatamente.

Não pude ir vê-la. Não tinha coragem suficiente.

Espero que, se os “homens de branco” que essa senhora viu são os mesmos que visitaram seu pai, minha amiga também se encontre ao lado do bom Deus.

Um abraço...

Algum tempo depois, através da minha página oficial na web^[2], recebi uma notícia muito semelhante à anterior. Devo esclarecer que até o dia de hoje nenhuma dessas duas experiências veio à luz. Nem os professores alemães sabiam de Anita, nem Anita, por sua vez, sabia da experiência dos amigos de Konstanz.

Mas vamos ao que interessa.

A informação, como eu dizia, chegou à minha página da internet em 2008. Quem assinava era Carlos López Sánchez, técnico em arquitetura. Mais tarde, viajei a Alicante, Espanha, e tive o prazer de conhecer Carlos e María de la Gracia, sua esposa.

Conversamos muito. Realmente, foi muito interessante...

Em síntese, essa foi a experiência vivida por Anita, a mãe de María de la Gracia.

– Minha mãe – explicou a filha – era muito especial. Tinha a mente aberta, era sensível e possuía uma cabeça avançada para seu tempo. Dizia que a vida era um sonho. Somente isso. Falava e falava do além. Repetia que tinha estado lá em diferentes ocasiões...

Mas, em maio de 1997, num checkup de rotina, detectaram câncer no abdome de Anita. Ela estava com 76 anos.



Anita. (Cortesia da família.)

A situação mudou a vida da família.

E María de la Gracia se dedicou por completo ao cuidado da mãe.

Pouco depois, começaram as dores. Eram espantosas e diárias. Como rajadas de vento furioso. Anita acabou prostrada na cama. Não podia mais caminhar.

Pois bem, um mês antes do seu falecimento, ocorreu algo pouco comum...

– Eu estava em casa – expôs María de la Gracia –, ocupada com os afazeres habituais. Talvez fosse 17h. Minha mãe estava em seu quarto, na cama. Ela me chamou...

“– Mari!... Mari!...

“Fui ver imediatamente o que estava acontecendo. Pensei que ela estivesse precisando de algo.

“– O que houve, mamãe?

“– Sente-se, filha, sente-se... Veja só... Vou lhe contar uma coisa... Você sabe que eu não minto, não é verdade?

“– Claro, mamãe... Mas... por que está me dizendo isso?



Carlos e María de la Gracia. (Cortesia da família.)

“– Você vai ver... espere... É que...”

“Minha mãe, com as mãos entrelaçadas sobre o peito, hesitava. Não se atrevia a contar o que tinha acontecido. Em seu rosto podia se adivinhar a preocupação. Era a cara de uma criança que está disposta a confessar uma travessura...”

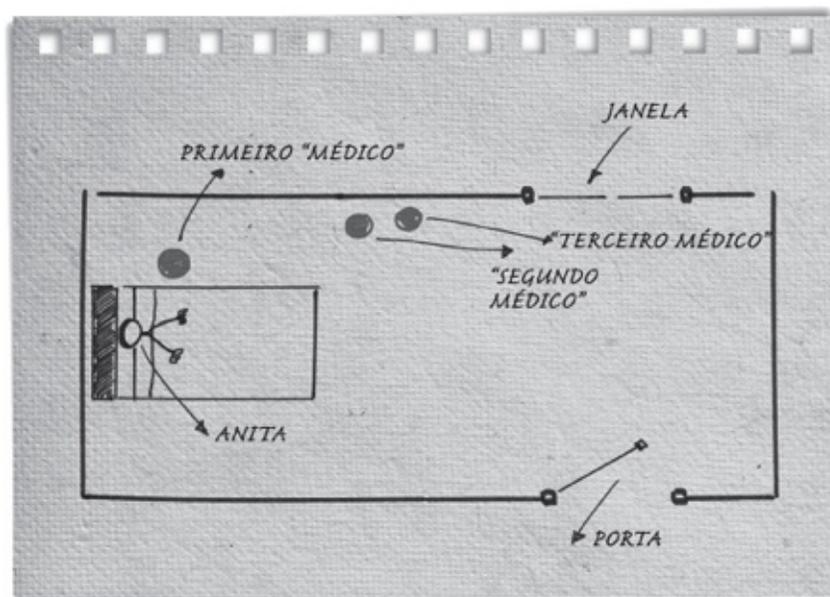
“– Vamos, mamãe!... Conte!”

“– Veja só, filha... Vieram três senhores... Vestiam jalecos brancos... Eram bem altos e magros... Para mim, eram médicos...”

“– Como?... Três médicos? Por onde entraram? Não ouvi a porta abrir...”

“– Sim – replicou a mãe –, acabaram de ir embora.”

“Sinceramente, eu me senti confusa. Minha mãe não mentia. Nunca fez isso. Tinha a cabeça no lugar. Contudo, como expliquei, eu não tinha aberto a porta para ninguém.”



Quarto de Anita e a posição dos três misteriosos “médicos” que a visitaram um mês antes do seu falecimento. Caderno de campo de J. J. Benítez.

“Busquei reencontrar a serenidade e a deixei falar.”

“– Um deles se aproximou da cama... Os outros ficaram um pouco mais para trás, ao lado da janela...”

O que estava ao meu lado me fez massagens no ventre e nas pernas... Depois, todos desapareceram.

“– Eles vieram para curá-la?”

“– Não, filha, vieram para preparar-me. Resta-me pouco tempo. Eles vieram para que eu não sofra mais.

“– Mas eles falaram? Te disseram algo?”

“– Não, eles apenas olhavam... Eu acho que são os médicos do céu.

“Não consegui que ela me dissesse mais nada – prosseguiu Gracia. – Não se lembrava dos rostos dos ‘médicos’. Perguntei se ela tinha sentido medo. Negou com a cabeça.

“As dores desapareceram.”

– Não precisou de morfina?

– Ninguém conseguiu compreender como aquela mulher, com um câncer em estado terminal, não precisava de sedativos.

Um mês depois, no dia 18 de janeiro de 2000, Anita faleceu.

Faltavam treze dias para que eu concluísse o texto do livro *Enfim Livre!*

– Como ela morreu?

– Feliz. Eu lhe perguntei se ela sentia medo. Disse que não. Disse que sabia que não ia desaparecer e que conhecia o lugar para o qual estava indo. “Eu vou para o meu lugar”, manifestou. Sorriu. Fechou os olhos e se foi...

– Como era esse “além” que ela dizia ter visitado?

– Mamãe assegurava que era um mundo paralelo, um lugar a que não temos acesso (ainda). Outra dimensão... Dizia que, ali, as pessoas trabalham e estudam. E afirmava que os “cientistas do céu” transmitem ideias aos da Terra... Falava de edifícios de cristal e de flores cujas cores não conhecemos. E fazia cara de brincalhona quando mencionava o “dinheiro do céu”.

– Por quê?

– Porque no céu as coisas não funcionam com dinheiro. Isso era o que ela dizia. Ela queria voltar ao que chamava seu lar, sua verdadeira pátria...

Assim era Anita, a mulher que viu os “médicos do céu”.

O QUE TEM QUE
ACONTECER, ACONTECE

Até o momento, a experiência de María Santos Troyano é a que mais me impactou. Algo parecido aconteceu com Blanca, minha esposa, quando escutou o relato dos lábios da própria María.

Nessa ocasião, foi um sonho. Melhor dizendo, foram dois sonhos.

O primeiro ocorreu na noite de 30 de janeiro de 1978. María se encontrava na localidade de Tarifa, na província de Cádiz, Espanha.

Ela conta assim:



María Santos Troyano. (Cortesia da família.)

– Eu me vi em uma rua larga, sem prédios, mas com paredes muito brancas... Não havia pessoas... Não sei que lugar era aquele... Então eu vi minha avó, Juana Muñoz Gallardo, falecida, em companhia de Adelaida García, uma amiga de minha avó. Eu a conhecia. Era irmã da sogra de Juana. Também havia morrido...



Juana Muñoz, avó de María. (Cortesia da família.)

“Foram se aproximando e, de repente, minha avó desapareceu.

“Adelaida foi até onde eu estava e eu lhe perguntei:

“– E a minha avó?

“Ela respondeu:

“– Foi falar com alguém importante...

“O sonho terminou aí.”

– Qual era o aspecto delas?

– De pessoas mais velhas.

– Adelaida esclareceu quem a sua avó foi ver e por quê?

– Não, ela não disse nada.

A avó de María faleceu em maio de 1977, aos 77 anos de idade, e Adelaida morreu um pouco antes de Juana.

A questão é que no dia seguinte, 31 de janeiro, María teve um segundo sonho:

– Eu estava na mesma rua... E a cena se repetiu. Vi de longe minha avó e sua amiga. Ambas caminhavam em direção a mim.

– Você acha que poderia identificar a rua?

– Não. Nesse momento, minha avó chegou até onde eu estava. E eu a censurei pela conduta do dia anterior:

“– Onde você se enfiou ontem?”.

A avó confirmou o que Adelaida havia dito antes:

– Falei com alguém importante, e sobre algo que a afeta. Tentei evitar, mas foi impossível... Ele me disse que o assunto não tinha remédio... O que tem que acontecer – assegurou –, acontece.

O sonho terminou aí.

Nessa manhã de 1º de fevereiro de 1978, María foi despertada por seu filho José Diego Corrales, de catorze meses.

– Ele vomitava e chorava – disse María. – Ao meio-dia, ele morreu... Meningite... Não houve como socorrê-lo... Não tinha mais remédio...

Alguns sonhos, de fato, são mais que sonhos...



José Diego Corrales, falecido em 1º de fevereiro de 1978. (Cortesia da família.)

VOCÊ JÁ SABE...

Willy Smith era físico nuclear e professor de universidade.

Foi um norte-americano honesto, pelo qual eu tenho o mais sincero apreço.

Como bom racionalista, ele não acreditava nos “sonhos informativos”... Até que aconteceu “aquilo”...

Ele nos contou no dia 23 de fevereiro de 2004, em sua residência, em um lugar na costa leste da Flórida, Estados Unidos. Testemunha: Virgílio Sánchez-Ocejo, um dos veteranos pesquisadores dos Estados Unidos.

Willy relatou o seguinte:

Há alguns anos tive um sonho...

Sonhei que me encontrava em um refeitório muito amplo. Parecia um barco...

E entre as pessoas vi um amigo; um velho amigo do Uruguai...

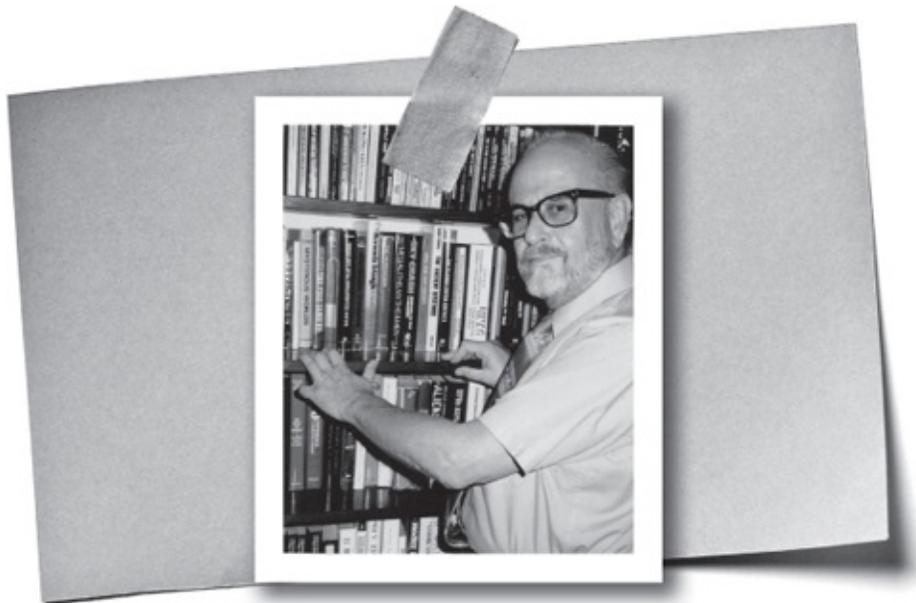
Fiquei surpreso, porque sabia que ele estava morto. Havia falecido anos atrás...

Ele estava em uma cadeira de rodas...

Então nos cumprimentamos, e esse meu amigo me disse que precisava de um favor...

– Pode falar...

– Quero que você pergunte à minha mulher por que ela vendeu os livros...



Professor Willy Smith. (Foto: Virgílio Sánchez-Ocejo.)

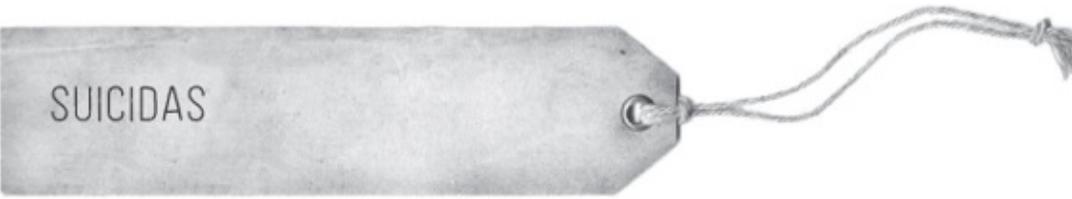
Aquele amigo – em vida – prometeu me dar de presente seus livros quando morresse... Eram livros valiosos... Havia inclusive alguns incunábulos...^[1] Mas eles nunca chegaram às minhas mãos.

E o sonho terminou aí.

Telefonei para a viúva e perguntei pelos livros... A mulher, a princípio, negou que tivesse vendido...

Depois, acabou admitindo... Fez isso por dinheiro... Por isso eu nunca os recebi...

Então, a viúva perguntou quem havia me contado.
Eu respondi: “Você já sabe...”



SUICIDAS

Em janeiro de 1983, um jovem ao qual chamarei de I.J., de 23 anos, suicidou-se em uma pequena cidade da Colômbia.

Beatriz Merly, sobrinha de I.J., tinha nessa época oito anos.

A menina se perguntou muitas vezes: “Por que ele fez isso? Era um garoto lindo, com todo o futuro pela frente... Era brilhante... Tinha uma bebezinha... Por quê?”

Não obteve resposta à sua pergunta até maio de 1993.

– Desde que meu tio se suicidou – disse Beatriz –, eu sentia que o via pela casa. Ele entrava e saía dos quartos. Mas eu só via as pernas.

E um belo dia, na casa de uma amiga, em Cali, na Colômbia, enquanto estudavam, alguém – meio de brincadeira – sugeriu que jogassem o tabuleiro Ouija.^[1] Eram cinco garotas.

– Dito e feito. Improvisamos um tabuleiro, colocamos uma base de papel e escrevemos as letras e os números... Eu lembro que pintamos também um sol e uma lua... Debaixo da mesa colocamos um copo com água... Quando nos sentamos ao redor do Ouija, eu tinha as mesmas perguntas na cabeça: “Por que ele fez isso? Por que se suicidou?”

“Minhas amigas perguntaram bobagens. Eu permaneci em silêncio. A moeda que nós utilizamos se movia sem parar. Ninguém a tocava.

“Finalmente perguntei sobre meu tio.”

Beatriz nesse momento tinha dezoito anos.



Beatriz Merly nos dias atuais. A queimadura que apareceu no seu braço esquerdo fazia recordar os dedos de uma pequena mão. A marca permaneceu no braço até a manhã do dia seguinte. (Foto: Blanca.)

E voltou para sua casa com uma ideia: o Ouija podia ser um instrumento para averiguar a verdade.

– Na família corriam rumores sobre o motivo do suicídio de I.J.... Diziam que a esposa tinha um amante... Jogaram a culpa da morte de meu tio sobre ela.

Nessa mesma manhã, Beatriz comentou com a sua mãe sobre o Ouija.

– Eu lhe pedi que assistisse a uma sessão e verificasse as respostas. Minha mãe conhecia I.J. melhor do que eu e dispunha de informações às quais eu não tinha acesso.

A mãe aceitou, e uma tarde, por volta das 14h, elas se sentaram em torno de um improvisado “tabuleiro” de papel.

– Nós éramos três pessoas: minha mãe, um amigo e eu... Invocamos um espírito, e se apresentou uma senhora... Deu seu nome. Minha mãe disse que a conhecia... Era uma vizinha que – segundo minha mãe – a protegia quando sua mãe (minha avó) tentava lhe dar uma surra... Eu não sabia quem era... A mulher morreu quando eu ainda era bebê...

Então aconteceu algo desconcertante.

– A moeda deixou de se mover e se apresentou um espírito brincalhão... Colocou a mão em meu braço esquerdo e me queimou, deixando a marca dos seus dedos... Paramos por alguns instantes... A queimadura doía... Depois continuamos e invocamos o espírito de I.J.... E ele se apresentou!... Falava do mesmo jeito que em vida, usando uma gíria própria. Minha mãe se lembrava disso perfeitamente... E se assustou...

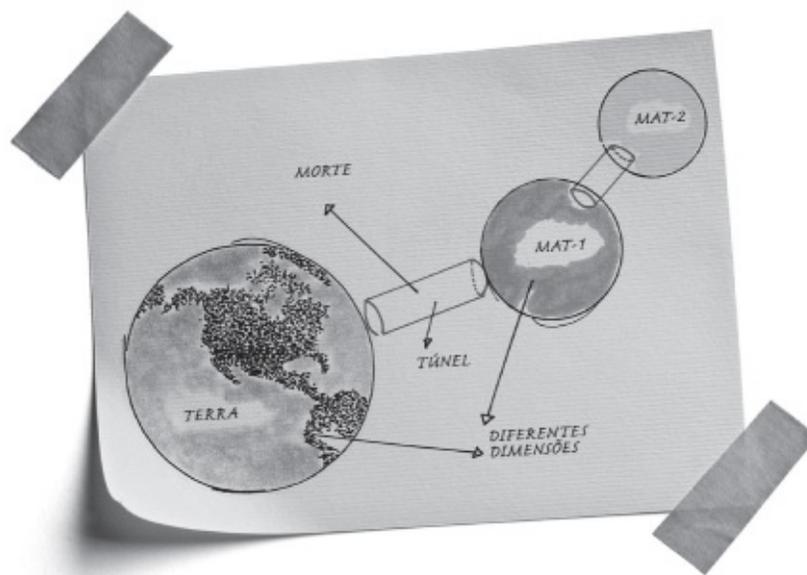
Beatriz, então, começou a formular perguntas.

– Era eu quem anotava as respostas – pormenorizou a garota. – E perguntei por que ele havia se suicidado.

A resposta foi imediata: “O papai (já morto) aparecia e pedia que eu fosse me encontrar com ele”.

Fiquei perplexo, mas continuei escutando Beatriz.

– Minha mãe sabia dessa circunstância. Eu não estava inteirada disso...



Interpretação da passagem para outra dimensão, mediante o mecanismo da morte. Caderno de campo de J. J. Benítez.

“Também perguntei sobre o suposto amante. A resposta nos deixou gelados: disse que sim, era verdade, e deu nome e sobrenomes... A esposa, como já lhe contei, foi responsabilizada pelo suicídio e afastada da família... Ela pegou sua filha e desapareceu... I.J. também nos deu outra informação: que tinha ido até a loja de ferragens, onde comprou o que precisava para enforcar-se, mas, no último instante, se arrependeu... Tentou se agarrar à corda e quebrou o pescoço.”

Beatriz perguntou para I.J. sobre sua avó, falecida em 1992.

“A velha está bem”, respondeu o suposto espírito.

– Era sua forma de falar – acrescentou Beatriz. – Minha mãe, a essa altura da sessão, estava convencida. Era ele.

Depois disso, Beatriz centrou as perguntas no “além”.

– Eu queria saber de tudo...

– E o que ele respondeu?

– A primeira coisa que disse é que não repetisse mais a sessão do Ouija.

– Por quê?

– Afirmou que o Ouija é uma espécie de “portal” que se comunica com outra dimensão e que o ser humano não está preparado para isso. Disse textualmente que “Deus não nos havia dado o conhecimento para abrir esse canal”. Fez-me jurar que não repetiria isso... Prometi que sim, não faria de novo. Depois me falou da morte... Assegurou que a morte é somente um passo (mecânico) para o outro mundo... Tomei muitas notas.

– Um passo mecânico?

– Ele falou de um mundo físico, porém diferente do nosso. Ali há edifícios. Ele disse que é como se fosse uma enorme universidade...

– Mas como se passa de um mundo para outro?

– Há um túnel... Por ali se conectam os dois planos. Nós não descobrimos... Ainda.

“Nesse novo mundo^[2] tudo é perfeito. Tudo está bem. Tudo está superlimpo. Não há doenças. Não há morte... E insistiu: ‘Temos que estudar muito...’”

– Falou de estudar?

– Suas palavras foram: “Você se levanta estudando e vai dormir estudando”.

– Existe noite e dia?

– Deduzi isso.

Ao perguntar sobre a questão do estudo, Beatriz se interessou pela avó, que era analfabeta, e perguntou:

– Ela também estuda?

“A resposta foi afirmativa, mas não explicou o que a avó estudava.

“Perguntei se I.J. estava perto de Deus, e ele disse que sim.

– Somente isso? Sem mais delongas?

– Sim, só isso.

“Ele tinha uma casa. Disse que vivia numa cidade em que havia grandes edifícios. E insistiu: todo mundo está bem, tudo é perfeito e limpo...”

– Ele foi castigado por ter se suicidado?

– Disse que não. Ali ninguém julga ninguém...

A sessão do Ouija se estendeu por cinco horas.

A mãe de Beatriz perguntou dados concretos sobre a vida de I.J. As respostas foram corretas.

Anos depois, Beatriz se encontrou com a mulher que fora esposa de seu tio. Conversaram, e a mulher confessou que havia se casado de novo.

– Ela me revelou o nome e os sobrenomes do esposo. Fiquei gelada.

– Por quê?

– Era o homem que I.J. mencionou no Ouija...

– Portanto, ele estava certo: a esposa tinha um amante.

– Isso mesmo...

Em 22 de novembro do ano 2000, ao meio-dia, fui até uma emissora de televisão, no Distrito Federal mexicano. Era um programa de entrevistas. O programa se chamava *Eco*, e quem o apresentava era um prestigioso jornalista: Ricardo García Sandes.

Falei sobre a morte e o além.

Ricardo, muito impressionado, esperou que o programa terminasse para me contar uma experiência vivida por ele mesmo.

– Aconteceu na minha casa, não faz muito tempo... Uma amiga havia se suicidado... Eu estava triste... E tive um sonho... Vi essa amiga... Estava cabisbaixa... Eu lhe perguntei se ela tinha visto Deus... Ela negou com a cabeça... O sonho terminou aí.

Nesse instante, a mãe de Ricardo, que dormia num quarto perto dali, escutou passos e o rangido da madeira no corredor.

Ela acreditou que era seu filho, que tinha se levantado para ir ao banheiro ou à cozinha.

Na manhã seguinte, meio que esclareceram as coisas: Ricardo não se moveu da cama. De quem eram os passos? Na casa, estavam somente mãe e filho...



Nesse mesmo período, o cardiologista Victor López García-Aranda, um grande estudioso desses temas, me contou o seguinte:

Conheci o caso de uma senhora, cuja identidade não estou autorizado a revelar, que viveu também uma singular experiência relacionada com outro suicídio...

O marido pegou uma escopeta e disparou dois tiros. Um lhe arrancou uma mão. O outro lhe desfigurou o rosto...



Dr. López García-Aranda, veterano estudioso de experiências de quase morte. (Cortesia da família.)

Em seguida, o marido se suicidou com a mesma escopeta...

A mulher, então, viveu uma experiência de quase morte (EQM).

Viu o túnel, a grande luz, os parentes mortos que saíam para recebê-la...

E, de repente, apareceu o marido. Que estava atrás de uma grade... Ele lhe pediu perdão, e ela o perdoou no mesmo instante.

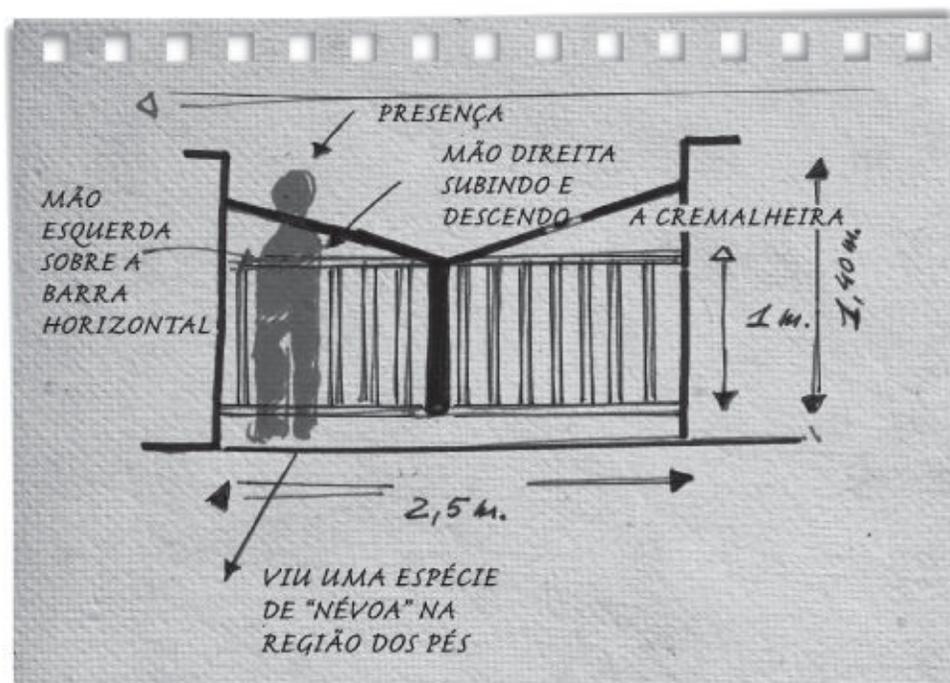
Então, a mulher retornou ao seu corpo físico.

Nesses momentos, enquanto permanecia inconsciente, a mulher não soube que o marido havia tirado a

própria vida. A notícia chegou depois.



A Semana Santa de 1987 não será facilmente esquecida por María José, uma enfermeira espanhola de muita experiência profissional. Mas, antes de narrar o que foi vivido por essa mulher, será melhor que eu faça um pequeno preâmbulo.



Caderno de campo de J. J. Benítez.



O jovem apareceu à esquerda do portão de ferro. Nos seus pés, flutuava algo que parecia névoa. (Foto: Blanca.)

María tem uma irmã (a qual eu chamarei de Garfio). Naquela época, Garfio estava casada com um ilustre médico (ao qual chamarei de Campanilla).

Pois bem, meses antes dessa Semana Santa de 1987, o casal Garfio-Campanilla conheceu um jovem, vizinho da cidade sevillhana em que residiam. Tornaram-se amigos. O jovem se apaixonou por uma garota, mas o pai a rejeitou, ameaçando o filho de deserdá-lo. Os problemas se multiplicaram. O jovem se envolveu com drogas e a mãe – a única que o protegia – acabou falecendo. Garfio e Campanilla o ajudaram até onde foi possível.

Um dia, após a visita do pai ao centro de desintoxicação no qual se encontrava, o jovem atirou em si mesmo e perdeu a vida. Era o outono de 1986.

Em dezembro desse ano (1986), María, a enfermeira, mudou de casa, saiu de Huelva e foi para Sevilha, Espanha.

María nunca conheceu o jovem que acabou se suicidando.

Cinco meses depois do suicídio – na referida Semana Santa de 1987 –, María se encontrava em sua nova casa. Eram 10h, aproximadamente...

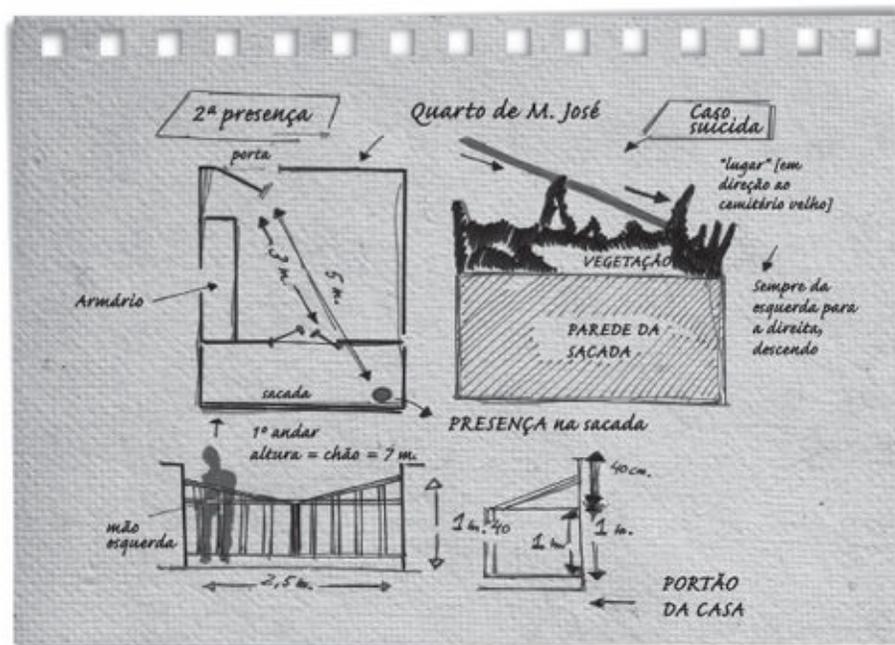
– Estava sozinha, com a companhia apenas de um cachorro. Eu vivia a uns 100 metros do cemitério... E, de repente, o cachorro começou a latir... Foi até a porta de casa e ali se manteve, latindo... Deduzi que havia alguém no jardim ou perto do portão de ferro... Tive uma sensação estranha... Não gostei... O cachorro latia e gemia...

Nesse momento – e para assombro de María –, a torneira do banheiro, próximo da entrada principal, abriu-se misteriosamente.

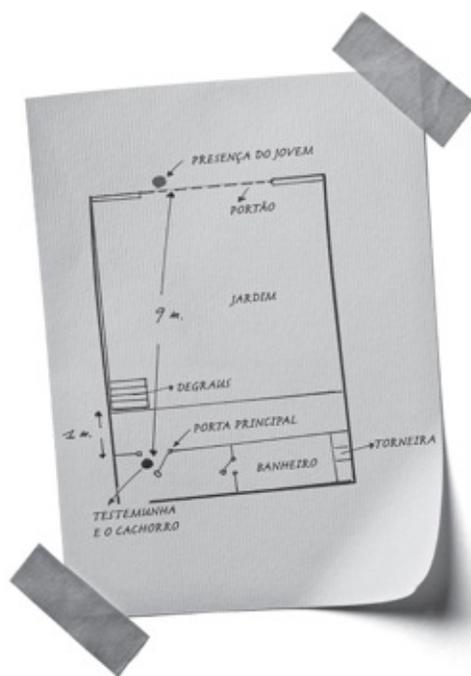
– Ninguém mexeu nela... Fui até o banheiro, fechei a torneira e me dirigi à porta... O cachorro latia sem parar, com o olhar fixo na madeira da porta...

– Quanto tempo se passou desde que o cachorro começou a latir até que você abrisse a porta?

– Uns dez minutos...



Anotações sobre o terreno. Caderno de campo de J. J. Benítez.



Caderno de campo de J. J. Benítez.

María finalmente abriu a porta.

– Então eu o vi... Era um homem... Encontrava-se do outro lado do portão... Tinha a mão esquerda apoiada nos ferros...

Ao fazer as devidas medições, comprovei que o “homem” se encontrava a 9 metros da porta de entrada.

– Como ele estava vestido?

– Usava uma jaqueta marrom, talvez de camurça, e calças jeans... Com a mão direita subia e baixava a trava do portão... E fazia isso sem parar... E eu gritei: “O que você quer?”... Então, olhando-me, ele respondeu: “Campanilla, Garfio... Ajuda!”... Repetiu três vezes: “Campanilla, Garfio... Ajuda!”

– Viu os pés dele?

– Essa parte estava coberta por uma espécie de névoa... Depois, após repetir os nomes da minha irmã e do meu cunhado, ele desapareceu...

– Foi se distanciando?

– Não, simplesmente deixei de vê-lo.

– Você o conhecia?

– Não, nunca o tinha visto antes na minha vida...

– Quanto tempo você acha que durou a conversa?

– Cerca de um ou dois minutos...

– Como era o tom da voz dele?

– Parecia de angústia...

– Era jovem?

– Calculei trinta anos... Cabelo preto, até o pescoço.

– Qual foi o comportamento do cachorro quando a porta foi aberta?



Segunda presença do suicida. Nessa ocasião, no pequeno terraço do primeiro andar. A janela, no momento da aparição, estava fechada. (Foto: Blanca.)

– Ele se manteve ao meu lado o tempo todo. Quando o “homem” desapareceu, o cão parou de latir e regressou comigo para o interior da casa.

Nessa tarde, María foi visitar sua irmã e comentou o que aconteceu. Garfio tinha certeza. A descrição coincidia com a do jovem que havia se suicidado meses antes. O rapaz tinha um tique: subia e descia a trava do portão constantemente.

Uma semana depois, voltou a acontecer...

María viu de novo o suicida na casa.

– Subi para o primeiro andar... Ao entrar em um dos quartos, eu o vi... Fiquei na porta paralisada pelo medo... Ele estava do outro lado do vidro de uma sacada, num pequeno terraço... E me olhava... Acho que estava vestido da mesma forma... Foi apenas por um segundo... Girei o corpo e corri escada abaixo, aterrorizada...

Segundo a testemunha, a segunda visão aconteceu também pela manhã. O jovem se encontrava a 2 metros dos vidros, no canto esquerdo do terraço. María não sabe se ele tocava o chão ou se flutuava. Naturalmente, ninguém bateu à porta da residência nem subiu pelo exterior da casa.

María telefonou imediatamente para sua irmã.

E foi nesses dias que se registrou outro singular fenômeno. María foi a única testemunha, que eu saiba.

– Com frequência – relatou a enfermeira –, de dia ou pela noite, comecei a ver uma luz de cor branca, um tipo de laser, que descia do céu e caía no cemitério... Fazia sempre a mesma trajetória: da esquerda para a direita e descia...

O cemitério, como disse María, se encontrava a 100 metros da casa. Era perfeitamente visível da moradia.

Um belo dia, intrigados, María, Garfio e Campanilla entraram no dito cemitério, à procura de não se sabe o quê.

– Foi impactante – resumiu María. – Campanilla logo nos avisou: tinha encontrado o túmulo do jovem que se suicidou... Era o lugar em que a luz desaparecia!... Foi uma espécie de confirmação.



Trajetória da misteriosa luz branca que incidia no cemitério, sobre o túmulo do jovem suicida. (Foto: Blanca.)



Em maio de 2013, recebi a seguinte carta:

Antes de qualquer coisa, deixe que eu me apresente. Eu me chamo Charo e sou de Barcelona. Tenho quarenta anos...

O motivo pelo qual envio esta carta é para contar-lhe algo que aconteceu comigo há muito tempo. Em realidade, são duas histórias diferentes.



Charo. (Foto: Blanca.)

Primeira história:

Eu devia ter uns dez anos de idade e, quase como em todas as tardes, depois de fazer meus deveres da escola, fui brincar com minha irmã, de cinco anos. Pulávamos de cama em cama e deixávamos tudo de pernas para o ar. Minha mãe reclamava um pouco, mas nos deixava brincar.

Minha irmã se chama Montse, e naquela época passava mal durante a noite. Fez todos os exames médicos, mas estava tudo bem.

O caso é que ela não queria dormir daquele lado da casa.

Naquela noite, ela não chegou a ir para a sua cama. Foi para a cama de minha mãe, do outro lado da casa.

Ela fazia isso com frequência, mas não dávamos importância.

Naquela noite eu entendi por quê...

Minha mãe e minha irmã foram dormir juntas, levando em consideração que meu pai estava trabalhando fora. Minha outra irmã estava em seu quarto.

Fui dormir e caí no mais profundo sono.

Não posso precisar a hora em que despertei, mas era tarde; talvez já passasse da meia-noite. Sei disso porque o bar que existe na frente da minha casa já estava fechado.

A cama da minha irmã, no meu quarto, não tinha sido arrumada. Eu não a havia arrumado, como sempre, embora promettesse a minha mãe que faria isso.

Despertei, sem saber o motivo. Não era normal que eu despertasse de madrugada.

Vi uma luz branca, bem longa.

Não conseguia ver o rosto, mas soube que era alguém...

Você pode imaginar o meu medo?

O mais estranho é que esse “alguém” começou a arrumar a cama da minha irmã.

Eu me cobri com o lençol e a colcha por cima da cabeça.

E repetia para mim mesma: “É um sonho, é um sonho...”.

Cheguei a me beliscar e doeu.

Não estava dormindo...

E pensei: “Se você não se mover, certamente ele pensará que está dormindo”. Contudo, o mais curioso é que esse “alguém” me cobriu.

Demorei para colocar a cabeça para fora. Estava paralisada pelo medo, embora o que eu mais queria era sair correndo para a cama da minha mãe.

Por fim, o sono me venceu.

Pela manhã, quando me levantei, a cama da minha irmã estava arrumada.

Eu não entendi nada...

Perguntei para minha mãe se ela tinha arrumado a cama.

Disse que não. Ela pensou que tinha sido eu (uma coisa bem incomum da minha parte).

Desde esse momento entendi por que minha irmã sentia tanto medo...

Contei para minha mãe, mas ela disse que era coisa da minha imaginação.

Eu sei o que vi...

É curioso: pouco a pouco minha irmã começou a dormir melhor e o assunto virou piada.

Segunda história:

Tem a ver com sonhos. Acredito que o sonho é uma ponte para um lugar no qual nos conectamos com outros mundos paralelos.

O que eu me disponho a lhe contar é mais recente. Aconteceu na noite do dia 10 de abril de 2008.

Como já lhe disse, não tenho problemas para dormir. Pego no sono com facilidade e durmo profundamente.

Nessa noite dormi rapidamente.

E tive um sonho muito estranho...

No sonho eu me encontrava em Pliego, Múrcia, Espanha, na cidade onde minha mãe nasceu. Ali nós passamos muitos verões. Ali também conheci Manuel, meu primeiro e grande amor. A coisa não deu

certo. Ele se meteu no mundo das drogas. Eu tentei ajudá-lo, mas foi impossível. E a relação terminou. Deixamos de ser um casal de namorados, embora eu reconheça que continuava gostando dele. A última vez que eu o vi, estava acabado. Foi muito doloroso para mim.

Mas voltando ao sonho...

Eu caminhava pela Plaza Mayor em direção à casa de minha avó.

Tudo estava em obras. Achei aquilo esquisito...

Então, ao entrar em uma das ruas, dei de frente com ele. Era Manuel! Caminhava com uma garota que eu não conhecia.

Assim que ele me viu, parou e me disse: “Olhe, que bom... Eu não esperava ver você, mas aproveito para despedir-me porque vou partir.”

Pensei que ele fosse para a América do Sul. E lhe respondi: “Por que vai embora?... Lá não tem nada”.

E ele respondeu, no sonho: “É que também não tenho nada por aqui”.



Manuel. (Cortesia da família.)

De repente, senti como se ele se lançasse sobre mim... Não foi o seu corpo, foi a sua energia. E ele me disse: “Diga que me ama”.

Acordei num pulo. Estava muito assustada.

Pela manhã, achei que deveria telefonar para a irmã de Manuel e perguntar se estava tudo bem...

Fui trabalhar e, por volta das 11 horas, uma amiga da cidade me telefonou. E me deu a notícia: Manuel tinha se enforcado na noite anterior.

Eu não podia acreditar...

Havia me despedido dele no sonho. E justamente naquela noite...

Fui para Barcelona assim que tive uma oportunidade.

E no dia 13 de outubro tive uma longa conversa com a amabilíssima Charo.

Resumindo, assim transcorreu a entrevista:

- Vamos falar sobre a primeira história. Você identificou a “pessoa” que fez a cama da sua irmã?
- Não, embora eu sempre tenha achado que era uma energia feminina.
- Talvez algum parente já falecido?
- É possível.
- Segunda história. A que horas Manuel se suicidou?
- Eu entendo que tenha sido entre às 22h e às 23h30 de 10 de abril.

- Como aconteceu?
- Ele subiu até o sótão para fumar um cigarro, e se enforcou lá.
- A que horas você adormeceu essa noite?
- Aproximadamente às 23h.
- Ele estava em Múrcia...
- Sim, em Pliego, e eu em Barcelona.

– A que horas você despertou?

– Às 2h da madrugada. Eu me lembro bem porque bati a cabeça no beliche. Como disse a você, me sobressaltei. Os bares já estavam fechados. E eu soube, não me pergunte como, que tinha acontecido algo.

– Quer dizer que, quando você despertou, por volta das 2h da madrugada, Manuel já estava morto...

– Sim. Podia ter falecido mais ou menos duas ou três horas antes.

– Falemos do sonho. Você me disse que a praça estava em obras...

– Sim, de fato. O curioso é que, um mês depois, em 4 de maio, quando fui a Pliego, a praça estava de pernas para o ar, em obras. No sonho cheguei a ver as lâmpadas para iluminar os trabalhos...^[3]

– Onde ocorreu o encontro com Manuel?

– Na Rua Posada, bem perto da praça. Supus que ele vinha da Rua Aduana. Ali está a casa da minha avó. Eu caminhava naquela direção...

– A Rua Posada estava iluminada?

– Não me lembro. Creio que a iluminação vinha das lâmpadas da obra.

– Que aspecto Manuel tinha no sonho?

– O mesmo de um ano antes, quando o vi pela última vez.

– A que distância ele se manteve?

– Bem perto; coisa de um metro...



Plaza Mayor de Pliego, Múrcia, Espanha. Assinalado com a flecha, o lugar do encontro no primeiro sonho. (Foto: Charo Alcaraz.)

– Fale-me da pessoa que o acompanhava...

– Não a conhecia. Era uma garota jovem, de pele branca. Parecia peruana ou algo assim. Era mais baixa que Manuel. Ele media 1,80 metro.

– O que ela disse?

– Nada. Apenas olhava.

– Em que posição estava?

– À direita de Manuel, muito perto dele.

- Algo chamou sua atenção?
- Pensei que fosse a namorada dele. Devia ter uns vinte anos e cabelo liso e escuro.
- Como estava vestida?
- Não me lembro.
- Consegue reconstituir o diálogo entre vocês?
- “Que bom encontrar você”, disse-me Manuel, “porque assim posso me despedir...” Para onde você vai?...” “Vou embora, daqui porque aqui não tenho nada.”
- Por que você pensou na América do Sul?
- Pelos traços dela.

Eu a animei, para que ela continuasse.

- Mas, em geral, as pessoas de lá vêm pra cá... - Você chegou a pensar, no sonho, que ele estava morto?

- De jeito nenhum.

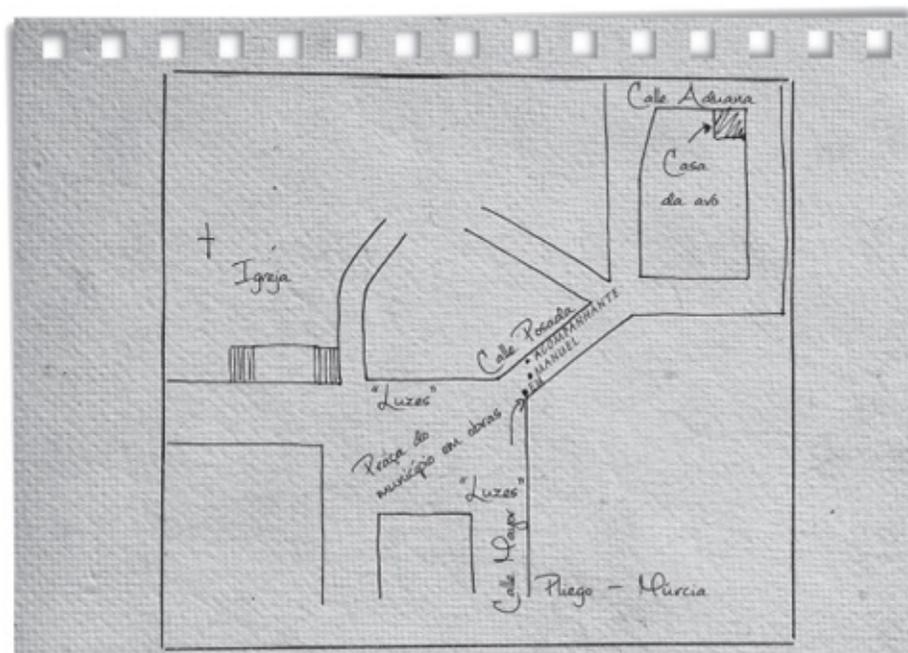
- E o que aconteceu?

- Vi aquela luz branca que o preenchia... E se lançou para cima de mim... Era ele, sei disso... E me disse: “Diga-me que me ama”.

Então eu acordei sobressaltada e bati a cabeça no beliche.

Três anos depois, um pouco antes da Semana Santa, Charo teve outro sonho...

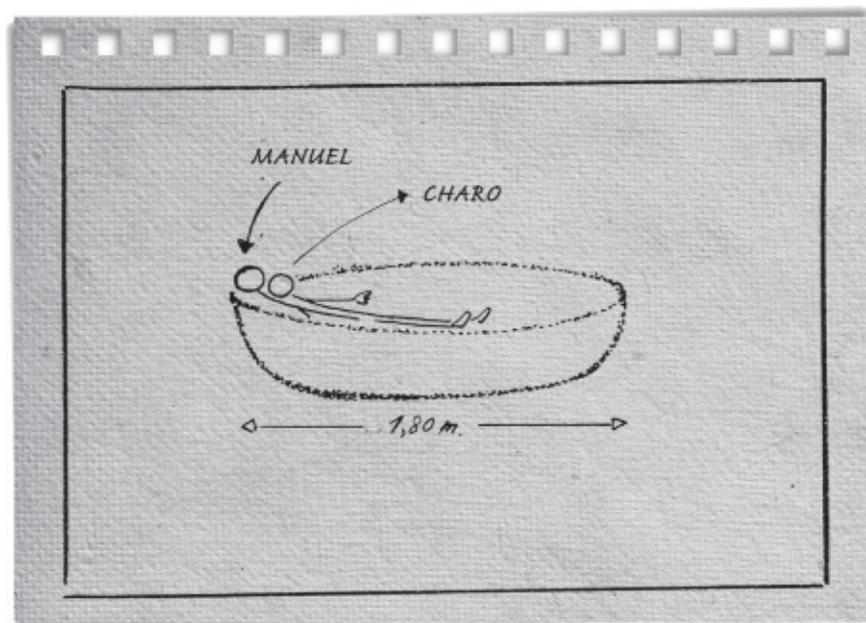
Eu estava com Manuel em uma espécie de grande banheira... Não sei explicar... Era meio ovalada, muito macia e polida... Toquei nela várias vezes... Estávamos deitados... Minha cabeça descansava sobre seu peito... Manuel parecia mais jovem... Aparentava ter uns 25 anos... E me disse: “Estou bem. Sou muito feliz. Só sinto falta dos seus beijos. Deixaram-me vir para lhe dizer que estou bem”... E eu perguntei: “De onde você vem?”... Mas Manuel não respondeu. Limitou-se a sorrir... E eu insisti: “Quem foi que deixou você vir?”... Silêncio... Apenas sorria... “Vamos sair daqui”, eu disse a ele. E ele respondeu: “Não posso sair. Não posso me mover daqui”... Depois despertei, e uma grande paz me inundou... Fiquei vários dias flutuando.



Desenho de Charo Alcaraz.

- De que cor era a “banheira”?

- De um branco puríssimo. Era como se saísse luz das paredes.
- Que idade Manuel tinha quando morreu?
- Tinha 42 anos. No sonho, no entanto, apresentava um aspecto mais jovem.
- Descreva...
- Uns 25 anos. Magro. Cabelo longo e cacheado. Voz tranquila. Estava feliz...
- Estava de barba feita?
- Sim.



Representação do objeto oval que apareceu no segundo sonho. Caderno de campo de J. J. Benítez.

- Ele tinha alguma cicatriz em vida?
 - Sim, no rosto. Foi num acidente de carro.
- Charo ficou pensativa. Finalmente declarou:
- Mas na “banheira”, como você a chama, não tinha nenhuma cicatriz.
 - Tem certeza disso?
 - Sim, e também não vi umas manchinhas que ele tinha no olho esquerdo...
 - Pestanejava?
 - Não me lembro, mas creio que não.
 - Você me disse que estava com a cabeça apoiada em seu peito.

Charo assentiu.

- E diga-me, lembra-se se ouvia o palpitar do seu coração?
- O coração não batia...
- Vamos voltar ao tema da “banheira”. Fez você recordar algum material?
- Eu me apoiei e escorreguei. Parecia pedra.
- Era fria?
- Não.
- Vibrava ou se movia?

Charo negou com a cabeça. E acrescentou:

- Somente posso lhe dizer que foi uma sensação estranha e desconhecida, muito agradável.
- Por que você escreveu para mim?
- Ao ler *Cavalo de Troia*, “algo” me disse que deveria fazer isso...

E Charo e eu continuamos conversando. Para ela – e para mim – Manuel continua vivo...

O segundo sonho de Charo me recordou o vivido por Verónica V. García.

Eis aqui o seu testemunho:

Espero que possa ler esta carta... Queria comentar o seguinte: trata-se de umas experiências que tenho tido... São experiências que têm me proporcionado uma paz e uma tranquilidade indescritíveis...

Vi algumas entrevistas nas quais você falava sobre um livro que vai publicar, em que narra experiências de pessoas que viram, falaram e tocaram familiares mortos e enterrados... Pois bem, eu tive a oportunidade de experimentar isso em sonhos... Entretanto, eram tão reais... Não pareciam sonhos, embora, como o senhor disse, os sonhos são a antessala do céu...

Vou lhe contar algumas:

Uma delas com meus avós... Objetivamente, uma vez sonhei com meu queridíssimo avô... Eu o adorava... Cada vez que vou ao cemitério (ultimamente bem pouco) sempre lhe peço o mesmo: que me visite em sonhos... E, como o senhor disse, é preciso ter cuidado com o que uma pessoa deseja, porque isso se realiza... Pois bem, uma vez sonhei com ele... Era tão real... Podia tocá-lo... Não sei como explicar... Ele me disse que estava muito bem... E recorde de algo que eu lhe perguntei: “Por que não volta comigo?”... Ele respondeu textualmente: “Não podemos”... Insisti, e ele replicou: “Isso é proibido”...

Longe de me irritar ou me chatear, as respostas do meu avô produziram em mim uma intensa sensação de paz... Ele está em outro lugar, em outro plano, que não posso descrever...

Vou lhe contar uma segunda experiência.

Em abril de 2011 um tio meu faleceu... Era como um pai para mim... Eu o adorava... Senti muito a sua morte... E uma noite ele “veio me visitar” em sonhos... Para mim, ele estava excelente... Tinha um aspecto impecável... Disse-me que se encontrava muito bem... E eu lhe fiz a mesma pergunta que fiz para meu avô: “Por que você não volta?”... Ele me respondeu: “Não podemos”... Chamou-me a atenção que ele estava com um braço enfaixado desde a mão até o cotovelo... Acho que consigo lembrar, era o braço direito... O assunto do braço enfaixado não parecia ter importância, até que comentei com um primo meu sobre o sonho... E esse primo ficou petrificado... Meu tio faleceu por causa de uma pancreatite... Esteve dezessete dias na UTI... Eu não entrei para vê-lo... Faleceu ali... Pois bem, como lhe dizia, quando eu contei para o meu primo sobre o braço enfaixado que vi no sonho, ele me disse que tiveram que enfaixar por causa dos tubos cirúrgicos... Ao que parece, lhe provocaram feridas... Como eu iria saber disso? Ninguém havia me contado...

Enfim, sei que os que morrem estão aí, vivos... Estão em outra dimensão, não sei como chamar, mas estou certa de que a vida não termina aqui...



A CONCHONA

Em março de 1953, Conchita Antúnez recebeu a maior surpresa de sua vida. Eu, após saber dessa experiência pelos lábios da própria Conchita, também não consegui me recuperar do susto... E duvido que consiga.

O acontecimento me foi narrado pela primeira vez em setembro de 2012.

Eis aqui uma síntese da conversa:

– Eu tinha doze anos – explicou Conchita. – Vivíamos em Cuba, na Habana Vieja, no número 10 do Reparto Martín Pérez. Não lembro em que dia foi. Seriam 2h ou 3h. Todos nós estávamos dormindo. De repente, uma conversa me acordou. Alguém falava com alguém. Então vi a luz. Era de cor amarela e parecia sair do quarto em que descansava meu avô Enrique.

– Ouviu uma conversa?

– E muito audível... Acreditei ter reconhecido a voz do meu avô. A outra voz era de uma mulher... Como me assustei, corri para o quarto dos meus pais. Eu os acordei, e eles também viram a luz e escutaram a conversa. Então fomos para o quarto do meu avô.

“Eu fiquei na porta, desconcertada...”

“Meu pai, ao ver aquilo, deu meia-volta e saiu correndo. Não voltamos a vê-lo até o anoitecer desse dia. Estava apavorado.

“Minha mãe, mais valente, entrou no quarto e foi sentar-se em uma poltrona que estava à esquerda, ao lado da cabeceira da cama.

“A luz amarela preenchia tudo...”

“Meu avô estava deitado e coberto até a cintura.



“Sentada na beira da cama, à direita do meu avô, se via Concha, morta há onze anos. Meu avô a chamava de Conchona. Era a sua esposa.”

– Morta?

– Concha faleceu em 1942. Eu tinha um ano de idade.

– Mas...

– Não me pergunte como foi isso. Ela estava ali. Nós quatro a vimos. Ao que parece, já estavam há um bom tempo conversando. A Conchona, tinha a mão direita do meu avô entre as suas. Assim se manteve todo o tempo.



Conchita Antúnez e sua mãe. (Cortesia da família.)

– Qual era a sua aparência?

– A vovó reluzia com uma cor perolada. Usava um vestido branco de linho. Apresentava um aspecto normal, parecido com o que eu conhecia pelas fotografias.

– E o que aconteceu?

– Ao ver a minha mãe, a vovó disse:

“– Não se assuste. Estou bem... Não se preocupe com a enfermidade que a está afetando. Você morrerá de velhice...”



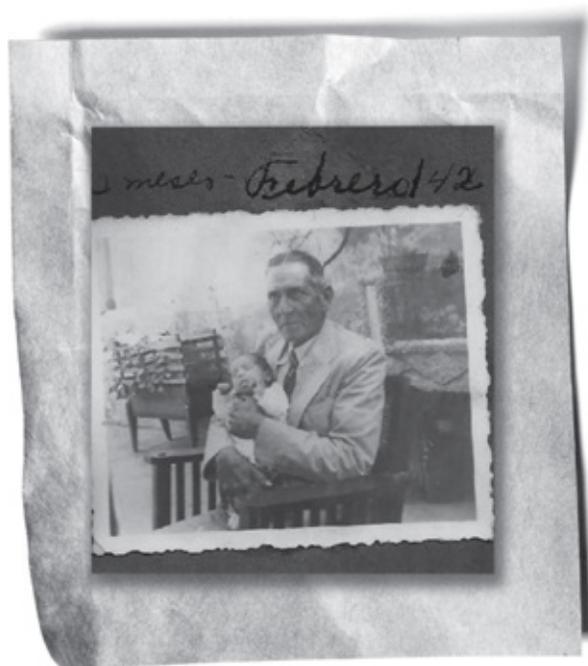
Manuel Antúnez, pai de Conchita, que também viu Conchona. (Cortesia da família.)

“Minha mãe sofria da doença de Addison^[1]. E, efetivamente, faleceu aos 83 anos.

– Que alegria em vê-la, mamãe! – disse minha mãe à minha avó.”

– Você disse que Conchona estava sentada na beira da cama?

– Exatamente. E era possível notar que o colchão afundava. A avó era grande e pesada. Media quase 2 metros e pesava 99 quilos. O vovô também era alto.



Enrique Portell Díaz, marido de Conchona, penteado com uma risca dividindo o cabelo no meio. Nos braços ele segura Conchita Antúnez. (Cortesia da família.)

– Ela olhou para você?

– Sim, e sorriu. Estava com um semblante de alguém que estivesse muito feliz. O vovô, então, perguntou para Conchona: “Quando você vem me buscar?” E ela respondeu: “Dentro de um ano ou um ano e meio”.

“E minha mãe, de repente, teve uma reação e disse: “Bem, mamãe, já está bom...” E acionou o interruptor de luz. Ao fazê-lo, a vovó desapareceu. E a luz amarelada também...”

Como digo, eu não conseguia acreditar no que ouvia, mas Conchita Antúnez não mentia.

– Quanto tempo durou a conversa?

– Talvez uns quarenta minutos. Talvez tenha sido mais. Ninguém soube por quanto tempo meu avô e Conchona conversaram no quarto.

– Ele revelou o que havia falado com sua mulher?

– Nunca. E, veja, isso foi perguntado para ele muitas vezes. Ele se limitava a sorrir.

O avô Enrique era inspetor de estradas de ferro em Cuba. Sua mulher se dedicava ao setor educacional (Educação Especial). Ela também era professora de música.

– Como era a luz?

– Muito tênue, mas preenchia o quarto.

– Ela olhava para vocês três?

– Sim, e o fazia com uma paz incrível. O vovô sorria. Estava feliz.

O tempo passou e, em novembro de 1955, quando o avô de Conchita estava com 88 anos de idade, teve que ser hospitalizado por causa de uma crise de asma. O hospital se chamava Quinta Dependiente, em Havana. Ali ocorreu algo não menos surpreendente.

– Meu avô tinha cinco filhos que faziam turno para acompanhá-lo no hospital. A situação era grave. Uma daquelas noites foi a vez da minha mãe. Tudo caminhou dentro da normalidade. Por volta das seis da manhã, minha mãe decidiu ir para a cafeteria do hospital. Queria que o vovô tomasse no seu desjejum um pouco de café e comesse torradas. Ela o deixou dormindo e com o oxigênio colocado. Segundo o que contou, regressou em vinte minutos, talvez meia hora, no máximo. E teve uma surpresa: o vovô estava sentado no quarto, aseado, com o pijama limpo, perfeitamente barbeado e muito bem penteado, com o cabelo de risca no meio, como Conchona costumava penteá-lo quando estava viva. A vovó tinha o costume de deixar o cabelo dele cair para a testa (tipo “meia-lua”).

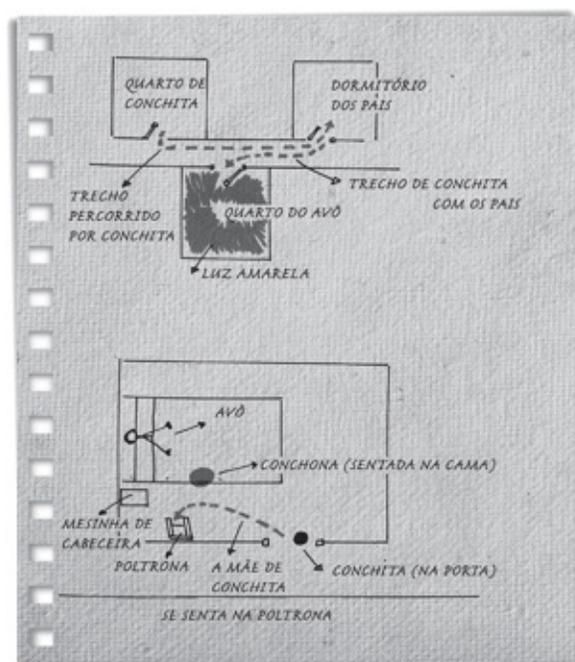
“E minha mãe perguntou: ‘Quem lhe deu banho tão cedo?’

“Ele respondeu: ‘Conchona.’

“‘Conchona?’

“‘Sim’, acrescentou o vovô Enrique. ‘E às seis da tarde virá me buscar.’”

– A que horas as enfermeiras passavam para dar banho nele?



Caso “Conchona”. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Pela manhã, por volta das 8h. Mas ninguém no hospital sabia que a vovó o penteava daquela forma.

– E o outro pijama, onde foi parar?

– Segundo minha mãe, apareceu no chão, num canto.

– Ele podia banhar-se sozinho?

– Não. Ele estava com a máscara de oxigênio. Não era capaz de mover-se da cama. Precisava de ajuda para tudo.

– O quarto tinha banheiro?

– Naquela época, não. As duchas e os sanitários ficavam no corredor, a uma certa distância. Ele não podia ter ido sozinho banhar-se, fazer a barba, se pentear e regressar ao quarto. Minha mãe perguntou, mas ninguém no hospital tinha feito isso.

– E o que aconteceu depois?

– Meu avô piorou. Minha mãe avisou o resto da família. Nós nos reunimos todos ali e nos despedimos dele mais tarde.

– Você presenciou isso?

– Sim, eu tinha quase catorze anos. E, por volta das 6h da tarde, escutamos um ruído muito forte, como se as vigas do teto tivessem se quebrado. Nós nos assustamos.

“O vovô morreu nesse momento.

“Um tio meu (Raúl Portell) disse que, nesse instante, viu ‘luzes’ pequenas como confetes que saíam do peito dele. Os médicos confirmaram a morte do vovô Enrique às 6h da tarde: ataque cardíaco. Foi enterrado no município de Cárdenas.”

Como eu disse, Conchita Antúnez jamais se esquecerá dessa experiência. Nem eu...



CARÍCIAS, ABRAÇOS E BEIJOS

No dia 27 de abril de 2011, chegou à minha página na web uma extensa carta. Quem a assinou foi Paqui Sánchez Roque. Acreditei que devia publicá-la na íntegra. Eis aqui o seu conteúdo:

Título da mensagem: A carta que nunca enviei

Quantas e quantas vezes me dispus a digitar o início deste escrito...

Olá! Meu nome é Paqui e cheguei à conclusão de que, para contar o que eu tento contar, é melhor transcrever a carta que um dia, há onze anos, decidi mandar ao Sr. Benítez e que depois guardei entre as páginas de seu livro *Enfim livre!*

Por que tantos anos sem relatar minha história? Creio que por medo de que me considerassem louca, maluca etc. Já sabe: essa série de impropérios que são usados de forma tão divertida quando se fala sobre esses temas.

Depois de onze anos, aqui está, em minhas mãos, a carta sem enviar...

Hoje – que corajosa eu sou! – decido compartilhá-la neste fórum. Não sei se o Sr. Benítez lerá, ou se farão chegar a ele. Eu gostaria que sim... Inclusive, eu poderia enviar-lhe pelo correio, para sua caixa postal... Mas não sei. Não consigo entender por que não faço isso. Entretanto, hoje eu me atrevo a colocar aqui... Faz quatro anos que me registrei para postar, mas não me atrevi. Não sei o que vai parecer para o senhor o que venho contar. Somente espero respeito. Então, passo a transcrever a carta, escrita a caneta em 11 de agosto de 2000:

Meu querido e estimado Juan José:

Não sei como começar esta carta. Acabo de terminar de ler seu livro Enfim Livre!. E só tenho uma coisa a dizer: “OBRIGADA”.

Precisava falar com alguém que me entendesse...

Entretanto, me assusta esta folha em branco diante de mim...

Venho de uma família normal, de classe média. Somos cinco irmãos (eu sou a quarta filha, tenho 34 anos). Meus pais, fantásticos, como todos os pais, me educaram, cuidaram de mim e têm me dado todo o amor que os pais podem dar.

Estou casada com um homem maravilhoso e tenho uma filha pequena, de cinco aninhos.

Meu marido fala que sou uma pessoa justa, boa, um pouco obstinada, e que o que me deixa perdida é que fico revirando as coisas em minha linda cabecinha... Embora ele também me agradeça porque, graças a isso, muitas vezes ele chegou a ver e a compreender o que não via em sua teimosia.

Vou direto ao ponto.

Faz três meses (3 de junho de 2000) que uma prima-irmã chamada Lola faleceu.

Eu gostava dela, aliás, gostava muito dela, como se fora uma irmã.

Lola conviveu comigo por alguns anos na casa dos meus pais quando eu ainda era solteira, enquanto estudava na Academia de Arte Dramática. Compartilhamos muitas coisas naqueles anos.

Ela morreu depois de sofrer seis meses angustiosos, lutando contra o câncer. Tinha 38 anos.

Em bate-papos na madrugada, quando vivíamos na casa dos meus pais, uma vez saiu o assunto da morte. Ela era muito medrosa, como eu. Mas quando seu pai morreu, cinco anos antes, ela me confessou que perdera um pouco o medo, devido a alguns acontecimentos que tinham ocorrido com ela e que não relatarei, por respeito a ela.

Ainda assim, o tema dos fenômenos paranormais associados aos espíritos a assustavam. Da mesma forma que a mim, embora no meu caso e na minha casa, desde que a minha filha nasceu, se registrassem eventos de difícil explicação e que o psiquiatra com quem me consultei se encarregou de desmascarar desacertadamente à base de remédios... Naturalmente, aquele tratamento acabou, mas não os acontecimentos estranhos...

Jamais contei ao psiquiatra que meu marido também “padecia” dos acontecimentos que ocorriam na minha casa. Ele teria diagnosticado isso como “histeria coletiva”, e meu marido não estava disposto a tomar nenhuma medicação, nem estava de acordo com que eu a tomasse. Mas eu pensava que aquelas coisas tinham que ter alguma explicação e achei que estivesse doente.

Ainda me lembro do sorriso do psiquiatra, zombando de mim. Que ignorante!

Volto ao tema.

A morte da minha prima mergulhou toda a família em uma grande tristeza. Ela era tão jovem... Tão cheia de vitalidade... Era a alegria em todas as festas da família... E, quando nos juntávamos (somos 25 primos), ela era a predileta.

Estranhamente depois de sua morte, quando tentei me comunicar com seus irmãos, foi impossível. Suponho que eu quisesse respeitar o luto deles e, ao mesmo tempo, era como se algo tivesse se interposto entre nós. Uma separação ilógica.

Três semanas depois de sua morte, minha irmã comentou comigo que tinha sonhado com ela, com Lola. Tive inveja de sua sorte. Oxalá eu pudesse vê-la, ouvi-la... Embora não fosse crédula, nem dada a súplicas desse tipo, lancei esse pedido ao céu.

Não foi preciso rezar. Pouco tempo depois sonhei com ela. Foi um sonho normal. Bem, não tão normal assim. Quanto ao seu aspecto físico, ela estava bem, como se mostrava antes da quimioterapia. Havia mais pessoas no sonho. Curiosamente, estávamos todos montando um presépio de Natal. E saliento a questão do presépio porque, tanto eu como ela, tínhamos grandes dúvidas a respeito do tema religioso. É curioso que estivéssemos montando um presépio!

Quando acabei de colocar a estrela, ao voltar-me e olhá-la, vi que sua aparência já não era a mesma. A quimioterapia tinha feito o seu trabalho, e Lola estava com um lenço na cabeça e um olhar de ternura. Tinha um sorriso no rosto.

Despertei muito angustiada. Chorei muito. Meu marido tentava me consolar. Tive uma necessidade urgente de falar com minha prima, a irmã de Lola. Desde que ela havia morrido, eu nunca mais tinha falado com ela. Assim, telefonei. Do outro lado do telefone, seu amigo me dizia que minha prima não podia atender nesse momento; não estava bem. A ligação telefônica vinha num mau momento, ele dizia. “Ela está chorando... É que hoje faz um mês que faleceu a irmã.”

Eu não tinha me dado conta!

Olhei para o calendário e, de fato, fazia um mês que Lola falecera.

Acaso?

Em um mês eu não tinha falado com eles, e me dá vontade de telefonar justo nesse dia, bem no dia do sonho...

Mas esse não é o motivo da minha carta.

A vida continua. E voltou a acontecer.

Foi em agosto de 2000.

Um dia, como outro qualquer, chegou a noite. Deitei e dormi.

E, de repente, algo me despertou. Era uma voz suave que me chamava: “Paqui... Paqui... Paqui,

sou eu... Paqui, sou eu!”

Para minha surpresa, não me assustei com essa voz me chamando. Comecei com esforço a abrir os olhos.

“Sou eu, Paqui... Não vai me dizer que não me conhece...”

Conseguí abrir os olhos. Estava amanhecendo. A luz começava a entrar no quarto. Meu marido dormia ao meu lado. A sensação foi de calma, muita calma. Nem um ruído. E comento isso porque vivo perto de uma avenida com muito trânsito. O tráfego dos carros e dos caminhões costuma me despertar todos os dias, bem como o piar dos pássaros que se atrevem a viver nas árvores à beira da via. Repito: silêncio total e aquela LUZ...

“Meu Deus! Lola...!”

Isso foi o que pensei. E repetia em minha mente: “Lola, Lola...”

Eu a vi! Estava ali!

Foi inexplicável.

O que mais se aproxima de sua descrição é LUZ! Tudo era luz no quarto e, no meio, o seu rosto, flutuando na luz. O cabelo era preto, longo e cacheado. Estava com a aparência que tinha antes de ficar doente. Era toda felicidade e amor. Sei que vinha acompanhada de outra mulher, mas não soube quem era. Essa “mulher” era uma luz maior e ainda mais linda.

Tentei despertar meu marido, mas não consegui. Meus movimentos eram lentos, muito lentos... Parecia como se eu estivesse anestesiada.

Então, Lola falou comigo. Não mexia os lábios. Sorria sem cessar. E me disse: “Vim somente para dizer-lhe que gosto muito de você... Para que fique tranquila... Fiquem tranquilos, estou bem... Muito bem... Divinamente”.

Eu me remexi na cama. Olhei para o meu marido, que continuava dormindo. Quis avisá-lo de novo, mas tudo era muito pesado, como em câmara lenta... Eu quase a toquei.

Então senti uma grande carícia. E escutei ela dizer: “Pssss, durma! Durma tranquila!”

E caí num profundo sono. Tão profundo que nem sequer senti meu marido sair quando foi trabalhar.

Meu despertar foi brusco, como alguém que inspira forte depois de ter estado sem respiração ou que está se afogando no mar. Tudo na minha cabeça ficou amontoado. Tapei o rosto com as mãos e comecei a chorar. Uma angústia tremenda começou a se apoderar de mim. Não foi um sonho, sei disso.



Paqui Sánchez. (Foto: Blanca.)

Telefonei para meu marido no trabalho e, de uma forma meio atropelada, contei o que acontecera. Ele tentou me acalmar. Estava no trabalho, não podia fazer nada. Disse-me que eu telefonasse para minha irmã. Fiz isso. Ela me aconselhou a me tranquilizar. Eu tinha a sensação de que eles não

entendiam o que eu tentava dizer-lhes. Foi uma quebra de paradigmas! Todos os meus sistemas preestabelecidos foram por água abaixo!

Uma pergunta começou a martelar na minha cabeça: Para quem eu poderia contar isso? Quem poderia me ajudar? Eu sempre me havia perguntado o que há por trás da morte. E de repente era como ter descoberto a resposta: AMOR!

Passei o dia relativamente tranquila, pensando...

Eu precisava falar com alguém que me “entendesse”.

Um padre?

Nãoooo!

Descartei a possibilidade. Faz muitos anos que não piso numa igreja.

Voltar ao psiquiatra?

Não estava disposta. Eu não estava doente!

Dormi tranquila essa noite. E na manhã seguinte recordei de um livro de Juanjo Benítez, do qual tinha ouvido falar... Mas não me lembrava do título. Assim, fui a algumas grandes livrarias num impulso irrefreável. Procurei pelo nome do autor. Nada. Não o encontrava.

De repente, na estante da parte de ficção científica (!), ali estava: Enfim Livre!

Às cinco da tarde terminei de lê-lo. Ou de devorá-lo. Eu o lerei de novo, com mais calma... Agora só quero AGRADECER-LHE. Chorei lendo o livro. Você sim me entendeu sem ter me escutado...

OBRIGADA NOVAMENTE. Estou feliz e quero “VIVER”. E gostaria de compartilhar isso que aconteceu comigo, mas... Com quem partilhar essa experiência? Creio que, no momento, fica entre mim e você.

Com muito carinho: Paqui.

Essa carta é a que não foi enviada e que agora me atrevo a relatar-lhe... O que antes me deixava angustiada agora confirma a maneira como penso. Saudações a todos.

P.S.: Agora só me resta um passo... Enviar-lhe.

Em 19 de agosto de 2011 tive a oportunidade de conversar pessoalmente com Paqui e seu marido. Foi assim que eu a conheci, e, de viva voz, escutei essas e outras experiências. Algum dia eu me animo a narrá-las. Neste momento, preferi tornar públicas as interessantes e significativas aparições de Lola.



“Estou bem”, manifestou-se Lola para sua prima-irmã Paqui. (Cortesia da família.)

O caso de Paqui me fez lembrar outro evento...

Quem o protagonizou foi Ana María Alonso de la Sota, uma egiptóloga com a qual mantive uma longa e proveitosa amizade.

Ana María partiu deste mundo no dia 30 de dezembro de 2011, aos 84 anos de idade.

Uma das filhas me deu a notícia. E, ao interessar-me pelas circunstâncias de sua morte, Marina respondeu o seguinte:

Prezado Sr. Benítez,

Sou Marina, a filha que vivia com ela. Esta carta é bem difícil de escrever, mas vou tentar responder às suas perguntas.

Durante dois meses minha mãe estava num estado que não era ela. Não tinha vontade de viver. Estava sempre dormindo. Parece que o oxigênio não chegava ao sangue, mesmo tendo o aparelho ligado 24 horas. Enfim, estava cansada de viver. Às vezes me dizia: “Como é difícil morrer!”.

Quando recebeu seu último livro, mamãe ficou muito contente, enfiou dentro dele vários recortes que tinha de revistas, recortou o envelope – é o que ela fazia sempre, mas não teve tempo... Deu somente para folheá-lo. Não teve forças para lê-lo.



Ana María Alonso com seu esposo. Ela dizia: “A vida se transforma, não se perde”. (Cortesia da família.)

No dia 24 de dezembro, nós a internamos no Hospital Beata María Ana. Parecia que melhorava. Estava mais animada. Mas, na madrugada do dia 30, teve uma parada cardíaca e descansou.

Como sei que o senhor também pensa que a morte não é o final, vou contar o que aconteceu dia 29 de janeiro de 2012. À tarde, eu estava vendo televisão e recordando os últimos momentos que passei com ela, quando de repente senti que mamãe me dava um beijo na testa, e fui inundada por uma paz que não dá nem para imaginar. Eu senti que ela estava em paz. Senti que já poderia ir para um lugar melhor...

Ela gostava muito do senhor. Estava muito orgulhosa de seus livros com sua dedicatória. Muito obrigada por suas condolências.

Saudações,

Marina.

Eu também a amava...



Em 2002, a Editora Planeta me fez chegar a seguinte missiva:

Valência, 17 de outubro de 2002.

Meu querido e tão admirado Juan José!

Eu lhe escrevo mesmo sabendo que o mais provável é que jamais chegue a ler esta carta.

Primeiro porque não sei qual é o seu endereço – sei apenas que vive em Barbate –, e segundo porque devem ser tantas as cartas que recebe que não terá tempo de folhear todas.

De toda forma, aproveito que minha filha de onze meses dorme e meu marido está trabalhando para fazer isso, que por outro lado nunca pensei poder fazer porque, como disse, nem sequer tenho ideia de onde o senhor mora.

O caso é que, vendo sua foto na primeira página do jornal Enigmas Express – o que entregam com a revista –, reparei em seu olhar. É uma mistura de tristeza, dúvida, desconcerto e inclusive desencanto. Li que precisa de tempo para colocar ordem em suas ideias. Certamente não esperava que o senhor, um homem jovem, forte e são vivesse algo assim.^[1] Talvez agora lhe assaltem certas dúvidas em relação ao porquê. Por que passei por isto? Por que não vi nada “do outro lado”? O que eu tenho a aprender com esta experiência? Por que entrei com tanta segurança na sala de cirurgia? etc.

Certamente sobre essas e outras perguntas o senhor deve estar se questionando agora. Veja só, eu não tenho a resposta, mas talvez minha experiência lhe sirva para alguma coisa.

Meus pais são da sua idade, aproximadamente. Meu pai nasceu em 1943 e minha mãe em 1948. Ambos são de setembro, como o senhor. Foi ele que me fez ficar aficcionada pela leitura de seus livros. Transcorria o ano de 1985.

Como o senhor fazia meu pai pensar, com suas teorias!

Pois bem, meu pai – um homem de uma compleição muito forte (era estivador), bem corpulento, era um burro de carga, como se diz. Passou toda a sua vida carregando sacos no porto.

E no dia 7 de junho de 1991, no porão de um navio, sofreu um infarto. Teve outro na ambulância a caminho do posto de saúde, e, embora tentassem reanimá-lo, quando chegou, já estava morto... Foi inútil.

Tinha 47 anos.

Eu tinha dezenove.

No funeral, eu não podia acreditar que meu pai – o homem mais forte que eu conhecia – estivesse morto. Eu o olhava através de um vidro e só conseguia pensar em duas coisas:

1. Coitado do papai...

2. O que houve para ele nos deixar? Logo ele, que tanto nos ama...

Nesse momento, querido Juan José, ouvi a voz do meu pai soando na minha cabeça. Não nos meus ouvidos. Na cabeça! E me disse: “Fique tranquila, meu bebê... Não está vendo o quanto estou bem, tolinha?”

O senhor certamente deve estar pensando que foi a tensão do momento ou que talvez eu tenha imaginado isso. Não, eu sei que ouvi essa voz na minha cabeça, no meu interior.

Por que estou lhe contando tudo isso?



Juan Dionisio Estors Leandro, com sua filha Mari Cruz. (Cortesia da família.)

Muito simples. Meu pai tinha três hábitos que o senhor também tem, melhor dizendo, três amores: a família, o trabalho e o tabaco.

Não tenho nenhuma foto do meu pai sem o cigarro na mão, exceto na sua carteira de identidade. Significa alguma coisa para o senhor? Em seu último livro, o senhor aparece muito lindo, dando um beijo na mão de uma criança, mas estaria mais lindo ainda se não estivesse com o “cigarro de plantão”.

Veja bem, talvez seja verdade que exista uma vida antes desta e certamente também deve haver uma depois, mas a única coisa que realmente é certa é o que temos: “AQUI E AGORA”. Pode ser que o senhor tenha escolhido esse corpo e essa experiência, mas... E se não for assim? Pense que seu corpo é o templo da “centelha” divina. Por que se empenha em enfumaçar a casa que é uma parte de Deus?

Cuide do seu corpo. O senhor sabe muito bem que só tem esse...

Li a carta e lhe dei razão. O cigarro não é bom.

E me lembro de que uma “força” estranha me obrigou a guardá-la. Poderia tê-la destruído. Diariamente recebo em torno de dez cartas (em média). Mas, como já disse, “algo” mais poderoso que eu me forçou a conservá-la. E eu a arqueei.

Dez anos depois (!), ao trazer à luz a documentação que me serviria de base para escrever *Estou bem*, apareceu a carta manuscrita de Mari Cruz. Eu a li de novo e, perplexo, me apressei em responder. A paciente mulher respondeu no dia 24 de outubro de 2012. Que paciência os leitores têm! E voltou a narrar a experiência com seu pai falecido.

As palavras foram idênticas às escritas em 2002.



Chegou às minhas mãos e milagrosamente eu a conservei durante dez anos... Sim, o destino é mágico.

“Fique tranquila, meu bebê... Não está vendo o quanto estou bem, tolinha?”

E acrescentava em um dos parágrafos:

Dia 9 de outubro passado, uma amiga me telefonou. Estava histérica. Ela me disse que sua filha acabava de morrer em um acidente de carro. Quando desliguei o telefone, fiquei surpresa comigo mesma, porque estava chorando e rezando para Deus, em voz alta, que não acontecesse o mesmo com nenhuma das minhas duas filhas. E, entre soluços, olhei para a minha filha mais velha nos olhos e disse: “Isso não pode acabar aqui... Sei o que ouvi, sei que não foi coisa da minha imaginação... Ele falou comigo depois de morto... Meu pai falou comigo!”

Mari Cruz – com essas palavras – resumiu, perfeitamente, o sentido deste livro.



A ideia da morte deixava Irene assustada. Agora não mais...

Conheço Irene de los Ángeles López Reyes desde sempre. Brincávamos em Barbate quando éramos crianças.

Sua mãe se chamava Ángela e também sentia pavor diante da possibilidade de morrer. Mas um dia...

– No dia 26 de agosto de 2009 – explicou Irene em minha primeira entrevista – minha mãe teve que ser internada no Hospital de Puerto Real, em Cádiz. Ali detectaram câncer de pâncreas em estado terminal. Ela tinha 83 anos. Eu a levei para o hospital e recebi a notícia. Foi uma enxurrada e não apenas um jato de água fria... Estivemos por quatro dias esperando a sua morte, mas ela resistiu. Fizeram-lhe uma cirurgia pequena, para eliminar a bilirrubina. Ela ficou com o corpo amarelo. As enfermeiras pediam que rezássemos, para que ela morresse. Mas, como eu estou lhe dizendo, mamãe seguiu em frente.

“No mesmo dia da operação, no período da tarde, ela adormeceu. Ao despertar me chamou.

“– Irenilla – disse-me –, tive um sonho maravilhoso...

“– Que sonho?... Não me assuste...

“– Não, filha... Veja só. Cheguei a um lugar que estava repleto de flores amarelas, vermelhas, verdes, rosa... Uma preciosidade.

“– Um jardim?

“– Sim, um prado bem grande... E vi o vovô e a vovó.

(Os pais de Ángela, já falecidos.)

“– Como estavam?

“– Muito bem.

“– Disseram algo para você?

“– Com as mãos, eles fizeram alguns sinais para que eu partisse... “– Quem lhe disse que deveria ir?

“– A vovó...

“– Falaram com você?

“– Sua avó disse: ‘Agora não, Ángela’.

“E minha mãe afirmou algo impensável:

“– Não tive medo, filha... Se eu tivesse morrido nesse momento, teria sido a mulher mais feliz do mundo.

“Falei para ela pentear macacos, parar com essa conversa boba.



Ángela, com a filha Irene de los Ángeles. (Cortesia da família.)

“Pouco a pouco, mamãe se recuperou e tivemos a sorte de tê-la em casa durante dez meses. Morreu dia 26 de junho de 2010, às seis da tarde.

“Foi o pior momento da minha vida...

“E comecei a perguntar-me: ‘Como estará? Onde estará?’.

“Depois, isso se transformou em uma obsessão. E eu lhe rogava: ‘Mamãe, me dê um sinal... Quero saber se você está bem’.

“Insistia e insistia.

“Quando se passou um mês do seu falecimento, sonhei com ela. Eu estava no sofá. Rezei e lhe pedi de novo que me desse um sinal. ‘Você está bem?’ E adormeci.

“Então, suponho que foi no sonho, ela apareceu ao meu lado. Estava sentada no sofá. Olhava-me. E eu lhe perguntei: ‘Mamãe, você está bem?’ Ela sorriu para mim.”

– Que aparência tinha?

– Havia rejuvenescido uns quinze anos.

– E a roupa?

– Vestia uma saia preta e uma blusa branca, com gola. Estava com os lábios pintados e muito bem penteada. Essa era a roupa que – segundo dizia – queria usar no enterro do seu marido.

– Ela lhe disse alguma coisa?

– Não, apenas sorria. Então me abraçou bem forte e eu apoiei a cabeça em seu peito, do mesmo jeito que fazia quando era pequena. Interpretei o sonho como uma resposta ao meu pedido: “Estou bem... Não

precisa se preocupar”.

Desde então, Irene não teme mais a morte.



Chuni e Antonio eram amigos meus. Em realidade, são...

Antonio Martínez morreu em Málaga, Espanha, em consequência de um infarto. Que ocorreu no dia 9 de janeiro de 2012. Tinha 59 anos de idade.

Um mês depois, Chuni Sánchez, a viúva, teve um sonho pouco comum.

Eis aqui a síntese do dito sonho:



Antonio e Chuni. (Foto: Rosa Paraíso.)

Eu me encontrava em casa, no quarto. Passava os dias me fazendo a mesma pergunta: “Onde está Antonio?”

E, de repente, no sonho, ele apareceu em um lugar ao ar livre. Era como um colégio ou, talvez, como uma quadra de beisebol... Havia cadeiras, em degraus... Estavam ocupadas... Penso, ao tentar recordar do sonho, que eram todos homens...

E eu o vi... Era Antonio... Encontrava-se sentado à minha esquerda, entre as pessoas... Vestia uma camisa branca de manga curta... Tinha uma aparência mais jovem do que quando faleceu... Aparentava ter uns quarenta anos...

Eu estava no ar (?) flutuando... Quem sabe, a uns 5 ou 6 metros do chão (?)...

Eram filas de cadeiras de uns 10 metros de comprimento cada uma... Havia três filas em cada lado...

Então tive uma estranha sensação: eu não deveria estar ali...

E pensei: “O que faz com que eu esteja aqui?”

A visão de Antonio pode ter durado cerca de uns seis segundos. Talvez mais... Então eu o vi inclinar a cabeça em direção ao senhor que estava à sua esquerda... O homem lhe disse algo e, logo em seguida, Antonio se levantou e caminhou entre as pessoas, afastando-se...

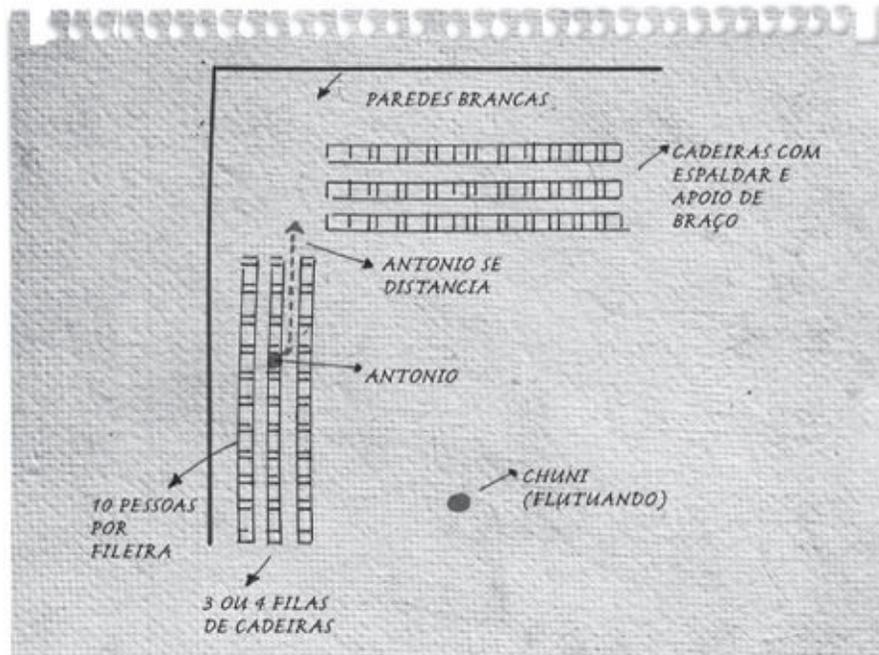
Nem olhou para mim...

Nesse momento, senti uma pressão do lado direito da cabeça, como se fosse um golpe...

Escutei a voz de Antonio: “Te amo”. E acordei.



Imagem de Antonio no sonho. “Em outro momento”, informou Chuni, “meu marido apareceu e disse: ‘Chuni, Nossa Senhora, Jesus e outros estão aqui... Você não vai acreditar: estou assistindo uma aula e estudando... Tenho que ir. Já estão me chamando’”. (Cortesia da família.)



Reconstrução aproximada do lugar que Chuni viu no sonho. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Chuni respondeu às minhas perguntas até onde foi possível.

– Como você descreveria o lugar?

– A visão se apresentou de repente. Não saberia dizer com exatidão. Era um lugar sem teto, com paredes brancas. As cadeiras pareciam cômodas, com apoio para os braços. Eu diria que era um centro onde se recebia algum tipo de ensino ou instrução. Todo mundo estava prestando atenção. Pareciam estar muito atentos...

– Como estavam vestidos?

– Normalmente.

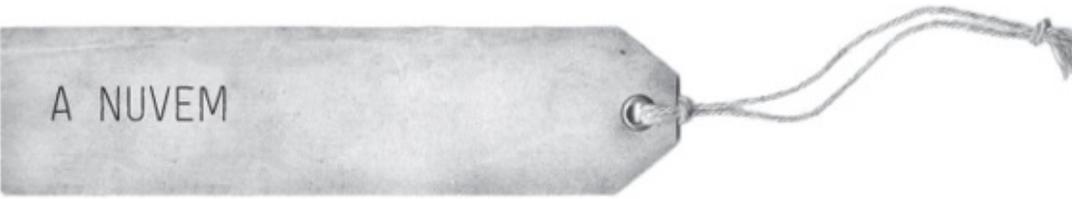
– Quando Antonio se levanta e se afasta, no sonho, qual foi a sensação que você sentiu?

– Que o vizinho o havia advertido da minha presença. Por isso pensei que não deveria estar ali.

– Tem certeza de que todos eram homens?

– Creio que sim.

- Ao receber o “golpe” na cabeça, você reconheceu a voz de Antonio?
- Com absoluta clareza. Era a voz dele.
- Ele tinha o costume de dizer-lhe “eu te amo”?
- Sim, diariamente.
- Quantas pessoas poderiam estar sentadas nesse “centro”?
- Não menos de sessenta.
- Você conhecia mais alguém?
- Não, ninguém.



A NUVEM

Em 2009 recebi um inesperado e interessante manuscrito.

O título é: *Casos sem solução de Matilda Arenzana*.

Eu o li, estupefato.

Nele são narrados dezessete casos protagonizados por uma vizinha do País Basco, na Espanha. Reúne sonhos, premonições e outros feitos assombrosos.

Assim que pude, viajei para o norte e conheci Matilda. Encontrei uma linda jovem cheia de vida, muito amável, e com uma capacidade paranormal invejável.

Selecionei três dessas singulares experiências. Os comentários são desnecessários...

O primeiro acontecimento teve lugar em 25 de fevereiro de 1992.

Matilda se encontrava na casa dos seus pais. Tinha dezessete anos.

Ela o conta assim:

Havia uma vizinha – Eva – da qual eu gostava muito.

Um dia, estava pronta para sair de casa. Abri a porta, mas me detive. Vi pessoas na escada. O que estaria acontecendo?

Eram homens e mulheres de meia-idade. Falavam entre si. Notei muito movimento... Subiam e desciam as escadas...

“Que estranho!”, pensei.

No patamar da escada, perto da porta da minha casa, dois homens conversavam. Escutei a conversa sem querer. Os dois estavam apoiados na parede, bem relaxados.

Fiquei desconcertada: eles falavam de suas próprias mortes.

Voltei a olhá-los. Eram normais.

Mas por que dialogavam sobre suas mortes? Eu os via ali, vivos e saudáveis... Estavam vestidos como todo mundo se veste... Não estavam caindo aos pedaços como nos filmes de terror...

Eu os olhei e olhei de novo.

Eram normalíssimos!

E continuavam falando de suas respectivas mortes. Davam até detalhes...

Foi então que me dei conta: aquelas pessoas estavam mortas. Os que subiam e desciam, e também a dupla do patamar. Todos mortos!

Entrei em casa, horrorizada.

E, quando já estava disposta a fechar a porta, ouvi a voz de Eva, minha vizinha.

Ela me chamava: “Matilda, Matilda!... Escute-me!”

E pensei: “O que Eva está fazendo aí fora com os mortos?”

Ela queria entrar. Empurrei a porta, assustada, e impedi que ela entrasse.

A mulher gritou: “Ouça-me, Matilda!... Escute-me!... Deixe-me entrar!... Matilda, por favor!”

Acreditei que tinha enlouquecido. Seria Eva mais um dos mortos?

Empurrei a porta com todas as minhas forças e consegui trancá-la.

A vizinha, do outro lado, continuava me chamando.

Chorei de raiva e de tristeza.

Eva estava morta!

Então vi uma mão. Atravessou a madeira da porta!

Era uma mão muito branca e esquisita...

Nesse momento, despertei.

Eu tinha tido um pesadelo.

Confusa como estava, não soube dizer se Eva tinha morrido. Precisei de alguns segundos para reagir e recordar que minha vizinha estava viva. Tudo, como disse, se devia a um pesadelo...

Sentada na cama, com a cabeça entre as mãos, experimentei uma grande angústia.

Embora fosse apenas um sonho, eu me senti mal. Não tive consideração com a pobre Eva. Não quis auxiliá-la. Mas por que eu fugia? O que faziam aqueles mortos na escada? Não tinha sentido.

Nesse mesmo dia, na hora do almoço, quando regressei do colégio, minha mãe me deu uma notícia muito desagradável:

“Esta manhã eu me encontrei com uma sobrinha de Eva que me disse que ela está no hospital. Os médicos anunciaram que é bem provável que ela morra nos próximos dias, por causa de sua grave enfermidade. Pensei que talvez você quisesse vir comigo para vê-la.”

Não consegui pronunciar uma só palavra.

Pensei que se tratasse de um assustador acaso. Agora sei que não foi casual...

Tive remorsos. Não me comportei bem no sonho.

E eu ainda pergunto: Como é possível haver uma relação tão direta entre o sonho e a realidade? Foi um aviso?

Eu tinha que ir vê-la e falar com ela.



Matilda Arenzana. (Cortesia da família.)

Nessa mesma tarde fui ao hospital. Sabia que era a última vez que veria com vida a minha vizinha.

Encontrei-a sentada na cama, de bom humor. Não parecia tão gravemente doente. Eu lhe dei dois beijos e nos olhamos nos olhos.

Eva me falou dos seus amigos, de sua saúde...

Morreu no dia seguinte, 26 de fevereiro...

Assim consta no atestado de óbito de Evangelina. Causa da morte: câncer nas vias biliares. O Mestre falava, com razão (como sempre): “Busca a pérola em cada sonho”. A segunda experiência selecionada teve lugar no dia 30 de abril de 2001.

Minha mãe – Tomi – agonizava. Um câncer a estava derrotando...

Nessa manhã, parte da família se encontrava em casa, consciente da gravidade da situação...

E, por volta das 2h da tarde, coloquei o telefone no gancho. Uma ambulância estava a caminho. Minha mãe seria levada para o hospital em que tinha sido tratada ao longo do último ano...

Eu me encontrava sentada no sofá da sala. Tentava pensar. Desejava que tudo estivesse sob controle. Queria estar preparada para qualquer acontecimento...

Respirei profundamente, atravessei o corredor e fui em direção ao quarto onde a minha mãe estava deitada...

Foi então, ao ingressar no quarto, que fui testemunha daquela centelha. Melhor dizendo, daquelas centelhas...

Fiquei confusa...

Fiquei tonta por alguns instantes...

Eram brancas, e se moviam rapidamente. Como as de um estroboscópio^[1]. Eram potentes. Cada “relâmpago” talvez tivesse a duração de três ou quatro segundos...



Capa do manuscrito (inédito) de Matilda Arenzana.

Tratei de achar uma explicação...

O céu estava azul. Não havia tempestade...

Os *flashes* (?) vinham do interior do quarto...

Não encontrei explicação...

No quarto estavam meu pai, meu irmão e uma tia, mas eles não pareciam perceber o estranho fenômeno...

Olhavam para minha mãe em silêncio...

A pobre coitada estava morrendo...

Perguntei: “Alguém acendeu a luz?”

A lâmpada do teto estava apagada.

– O quê? – perguntou meu irmão.

– Alguém acendeu a luz agora há pouco? Alguém acionou o interruptor?

– Eu não – interveio minha tia Agustina.

- Papai... E você?
- Não – respondeu de forma sucinta e distraída. Seus pensamentos estavam em outro lugar.
- Ninguém tocou no interruptor – confirmou meu irmão quando voltei a interrogá-lo com o olhar.



Tomi, a mãe de Matilda. (Cortesia da família.)

E o assunto passou.

Minha mãe continuava com os olhos fechados e a boca retorcida. A enfermidade não tinha piedade...

A ambulância chegou e levou Tomi...

Que nunca regressou. Faleceu no dia 10 de maio...

A terceira experiência – igualmente extraída do diário de Matilda – me fez pensar, e muito...

Aconteceu numa noite de inverno...

Fazia pouco mais de um ano que minha mãe tinha morrido...

As crianças já estavam dormindo e Diego, meu marido, descansava na sala. Estava vendo televisão...

O relógio marcava meia-noite. Já era tarde e eu estava cansada, mas me propus a terminar as tarefas de casa. Só restava varrer e passar o pano de chão na cozinha...

Quando estava acabando, como de costume, fui colocar o balde com água sobre o tapetinho na entrada da cozinha...

Então eu vi...

Era uma nuvem esbranquiçada. Flutuava na escuridão do corredor...

Fiquei olhando, meio embasbacada...

Tinha uns 40 ou 50 centímetros de diâmetro...

Estava parada, quase no teto, do outro lado da porta da cozinha...

Eu a observei durante algum tempo...

Desde quando estava ali? Nunca tinha visto nada semelhante...

A nuvem (?) era transparente. Eu conseguia ver o que havia do outro lado...

Era como se as partículas de um gás tivessem se reunido, formando um corpo etéreo, com volume difuso...

Fez-me lembrar um balão de gás, sem a cobertura da bexiga, no qual a gravidade não parecia ter efeito.

Não se tratava de uma ilusão. “Aquilo” continuava ali, imperturbável...

Vibrava timidamente...

Decidi ir ao banheiro, com a finalidade de jogar fora a água suja que tinha ficado no balde...

E pensei: “Certamente, quando eu voltar, já não estará mais ali...”.

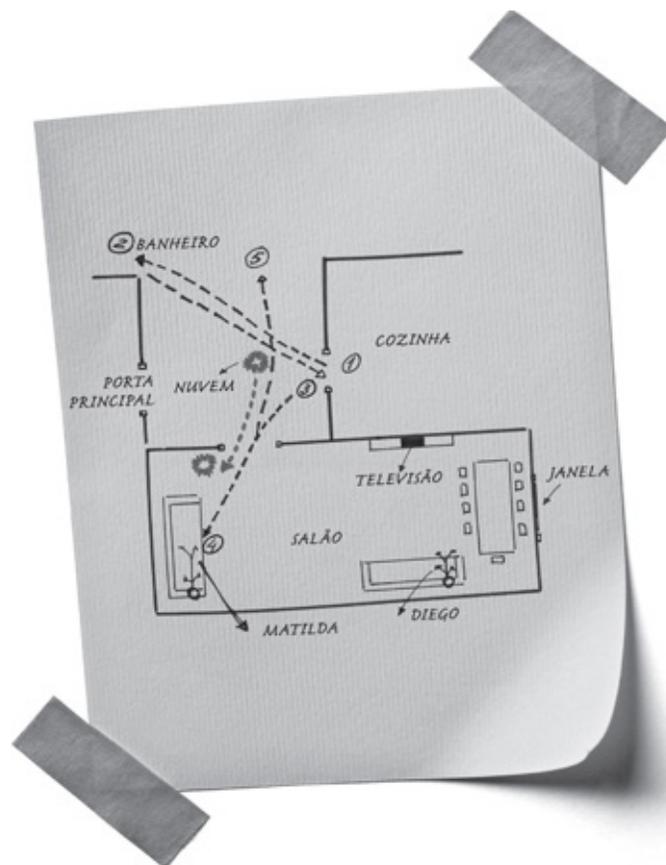
Mas não. Ao regressar, a nuvem continuava no mesmo lugar...

Curiosamente, não senti medo. Só assombro...

E assim alguns minutos se passaram, enquanto eu contemplava aquilo.

Então, comecei a me sentir muito cansada...

Pensei que fosse por causa do trabalho que tinha executado durante aquele dia...



1. Matilda observa a “nuvem” da cozinha. Era como névoa e se encontrava a 1,90 metro do solo.
 2. Matilda vai ao banheiro para esvaziar o balde.
 3. Ao regressar, a “nuvem” continua no mesmo lugar.
 4. Matilda entra na sala de estar e se acomoda no sofá. Comprova que a “nuvem” se moveu. Agora está dentro da sala, perto da porta.
 5. Matilda se dirige ao quarto.
- Caderno de campo de J. J. Benítez.

Caminhei até a sala de estar e me recostei no sofá, ficando de frente para a porta. Dessa forma, eu podia observar o corredor. No outro sofá se encontrava o meu marido, alheio a tudo o que acontecia...

Observei que a nuvem tinha se deslocado. Agora se encontrava na sala, perto da porta e quase roçando o teto...

Devia ter percorrido uns 2 metros, pelos meus cálculos...

Fiquei olhando...

Na verdade, eu não estava entendendo nada...

E me vi inundada por uma gratíssima sensação de paz...

“O que seria aquilo?”

Fechei os olhos por alguns segundos...

Queria averiguar se a nuvem desaparecia ao fechar os olhos. E desapareceu!

Então pensei: “Abrirei os olhos e ela terá desaparecido...”

Mas não foi assim...

Ao abrir os olhos, a nuvem continuava no mesmo lugar, com aquela levíssima oscilação...

E continuei olhando aquilo, intrigada. Diego continuava na dele, vendo televisão.

Vários minutos se passaram...

A paz me preencheu por completo...

Pensei em avisar meu marido, para que visse aquilo também, mas desisti. Coloquei-me no lugar da nuvem e considerei que talvez não fosse oportuno...

E recebi um pensamento que me deixou inquieta: “Será que é minha mãe?”

Tive quase certeza. “Deve ser minha mãe!...”

Levantei um braço, cumprimentando-a. E fiquei por algum tempo assim. Queria demonstrar a ela que eu também a amava...

E pensei: “Mamãe, talvez seja você... Estou vendo você. Queria lhe dar um abraço...! Eu a amo! Amo você!”

– O que está fazendo? – perguntou meu marido ao me ver com o braço erguido...

O que eu poderia dizer?

– Apenas esticando o braço – repliquei, enquanto pensava em uma resposta mais convincente.

– Por quê?

– Um pouco de dores musculares...

Diego não me deu importância e continuou vendo televisão. Era óbvio que ele não via o que eu via...

Continuei ali por mais algum tempo, contemplando a esfera flutuante...

Depois, me levantei e me despedi dos dois...

– Vou para a cama...

– Está bem! – respondeu meu marido...

Então eu fui. A nuvem ficou quieta. Eu não quis, nem pude, olhar para trás... Meu coração estava em paz...

Na manhã do dia 9 de novembro de 2012, como já disse, tive a oportunidade de conversar com Matilda e inspecionar a sua casa. Conheci também Diego e um dos seus filhos.

Interroguei a mulher até o máximo do tédio. Matilda se sentiu observada o tempo todo. A experiência pode ter durado cerca de meia hora. Para ela – sem dúvida –, aquela nuvem era a sua mãe.

Como dizia o Major no livro *Cavalo de Troia*: mensagem recebida.

Talvez, algum dia, todos venhamos a ser esféricos...

E parti do País Basco com um conceito muito claro: nada é o que parece...



“SUSO, NÃO SEI O QUE
ESTÁ ACONTECENDO”

O investigador, em certas ocasiões, pode não estar de acordo com o que foi afirmado pelas testemunhas, mas não justifica que o caso deva ser ignorado.

Isso foi o que me aconteceu ao ouvir o duplo testemunho de Jesús Paraíso, especialista em materiais e residente em Múrcia, Espanha.

Jesús, pessoa que conheço há muitos anos, viveu dois estranhos eventos em um prazo de tempo relativamente curto.

Vejamos seu testemunho:

– A primeira experiência aconteceu em setembro de 1993. No dia 23 desse mês, meu avô Braulio Paraíso faleceu de forma repentina. Tinha 93 anos de idade. O óbito ocorreu na Residencia Misionera de La Bañeza, em León, Espanha.

“Assisti ao enterro no cemitério daquele município e regressei para minha casa, em Cartagena, Múrcia.

“Depois de comer, eu me sentei na sala de estar. Precisava descansar. Tinham sido muitos quilômetros e muitas emoções. Eu gostava muito do meu avô. María, minha companheira, tinha ido deitar, e as crianças estavam brincando com seus amigos. Tinham saído...”

– De que data estamos falando?

– Do dia 25 de setembro, lá pelas quatro da tarde. Meu avô já estava morto havia mais de 48 horas.

– E o que aconteceu?

– Eu estava tentando relaxar, como disse, quando comecei a experimentar uma estranha sensação. Tudo à minha volta mudou. O salão foi preenchido por uma luz amarelada. Não consegui entender...

“Então eu o vi.

“Era o meu avô!

“Ele estava no meio da sala de estar, a coisa de 3 metros de distância, olhando para mim. Aparecia rodeado, por completo, pela luminosidade amarela.

“E ouvi ele dizendo: ‘Suso, não sei o que está acontecendo’.

“Eu o vi encolher os ombros, ratificando o que acabava de expressar.”

– Era um corpo físico?

– Foi o que percebi. Era o Braulio de sempre. Vestia sua roupa habitual, com o relógio de bolso do colete. Vi também a corrente de prata...

– Isso deixou você com medo?

– Ao contrário. Senti alegria, embora sua expressão fosse de desconcerto... E ele continuou falando: “Não sei o que eu tenho que fazer”.

– Ele disse isso?



Jesús Paraíso. (Cortesia da família.)



Braulio, avô de Jesús Paraíso. (Cortesia da família.)

– Sim. Daí a luminosidade amarelada foi desaparecendo, e se formou um túnel de luz branco-azulada às suas costas. Corria paralelo ao chão. No fundo do túnel se via um círculo branco, muito intenso. Aquele círculo de luz não me cegava. Pouco a pouco, a luz do túnel foi aumentando de intensidade.

– Escutou algum ruído?

– Nenhum.

– Quanto media o túnel?

– Desde onde estava meu avô até a parede, depois disso ele sumia. Talvez no total somasse 4 ou 5 metros.

– Bem...

– Como se fosse a coisa mais natural do mundo, aponte o túnel de luz para ele e disse: “Você tem que ir por ali”. A verdade é que não entendo. Não sei porque falei isso...

“Meu avô girou a cabeça em direção ao túnel. Depois me olhou de novo; observei que a expressão do seu rosto estava diferente, como se soubesse o que tinha que fazer. Estava claro que havia compreendido.

“Um instante depois, ele deu meia-volta e começou a caminhar pelo túnel. Quando se encontrava quase

no final, girou a cabeça novamente e me ofereceu um sorriso, olhando-me com intensidade. Parecia, para mim, que era um sorriso de gratidão.

“Então entrou no círculo branco e desapareceu.”

– Seu avô caminhava?

– Sim, normalmente.

– Você viu os seus pés?

– Não.

– Ele mexia os lábios para falar?

– Sim, e as palavras chegavam nítidas à minha mente.

– Gesticulava ao falar?

– Não, mas, ao girar em direção ao túnel, vi o movimento de seus braços.

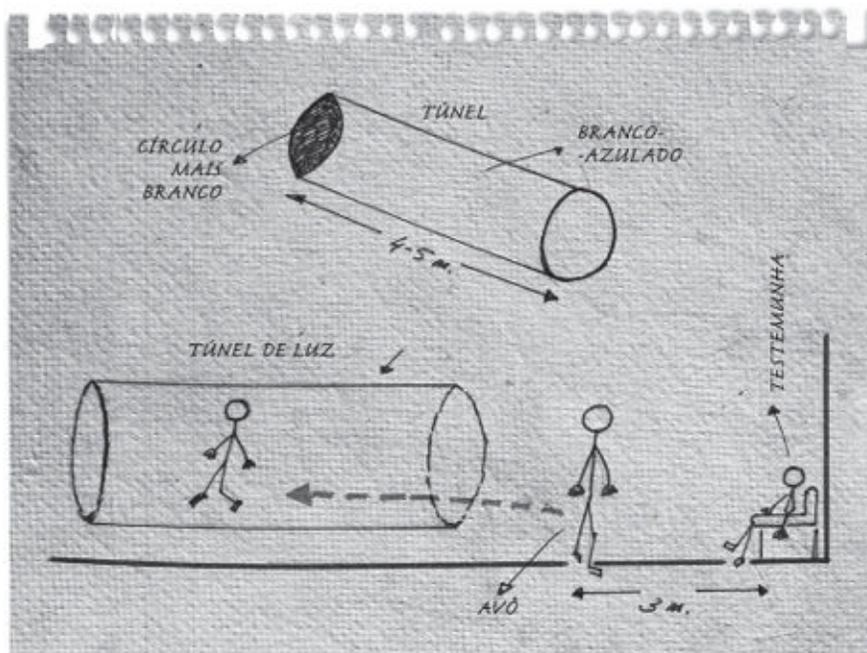


Diagrama do que foi observado por Jesús Paraíso em sua casa, em Cartagena, Espanha. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Quanto pode ter durado a experiência, em tempo real?

– Cerca de dois minutos.

E Jesús acrescentou:

– Naquela tarde, deixei de temer a morte, tanto a minha como a dos demais. E tive certeza de que a jornada continua... Agora creio entender a vida.

A segunda experiência de Jesús Paraíso se registrou em julho de 1994, quando da morte de Tomás Gimeno, um primo seu. Ele narrou o acontecido da seguinte maneira:

– Nós nos encontrávamos na cidade da minha família, Montemayor del Río, em Salamanca, Espanha. Fazia anos que eu não a visitava. E no dia 28 de julho, no dia seguinte à nossa chegada, recebemos a triste notícia: Tomás, filho da minha prima Charo, tinha sofrido um acidente durante a noite, numa estrada perto de Guijuelo, Salamanca, quando voltava para Montemayor. Por motivos desconhecidos, o veículo saiu da estrada e Tomás faleceu instantaneamente. Tinha 26 anos. Era músico e desfrutava de uma vitalidade invejável.

“Dirigimo-nos para Guijuelo e lá realizamos os trâmites necessários para transferir o corpo de meu primo para Montemayor. No dia seguinte, 29, foi sepultado. Tomás era uma pessoa muito querida por todos.

“Nessa mesma tarde viajei para Madri, onde passei a noite.

“No dia seguinte, 30 de julho, pela manhã, empreendi o retorno para minha cidade, Cartagena, em

Múrcia.

“Estava cansado e decidi dormir um pouco.

“Por volta das 5h da tarde, despertei. Levantei-me da cama e me apoiei na cabeceira. Peguei um jornal e comecei a ler.

“Depois de um tempo, subitamente, notei que algo estava mudando ao meu redor...”

– O que você está querendo dizer?

– A luz do quarto era outra... Então percebi alguém ao pé da cama... Levantei a vista do jornal e vi Tomás... Estava de pé... Olhava-me com preocupação... Vestia uma calça escura e uma camisa branca de manga longa... Não sei como expressar o que senti... Tive a clara consciência de que voltava a passar pela mesma experiência que tivera com o avô Braulio...



Tomás Gimeno, falecido em 28 de julho de 1994. (Cortesia da família.)

– E o que aconteceu depois?

– Ao ver que eu o olhava, Tomás perguntou: “Primo, o que está acontecendo? Isto é muito esquisito. Não entendo”.

“Deduzi que não sabia que estava morto...”

– Ele mexia os lábios para falar?

– Sim, mas a voz soava no interior da minha cabeça; exatamente como acontecera com o meu avô. E respondi: “Não se preocupe. Está tudo bem... Você já sabe o que tem que fazer”.

“E ocorreu o mesmo que na experiência com Braulio. Apareceu um túnel (idêntico) às suas costas. Então eu lhe expliquei que ele havia sofrido um acidente e que tinha que ir em direção à luz. Devia caminhar pelo túnel. E lhe indiquei com a mão a direção a ser seguida.

“Ele dizia que não era possível que estivesse morto. Ainda tinha muitas coisas por fazer. Falou de sua namorada. E falou que queria continuar tocando com seu grupo. Eu lhe disse de novo que não se preocupasse e que se limitasse a seguir a luz. ‘A vida continua’, eu lhe disse, ‘o acidente não é o final’.”

– E o que ele fez?

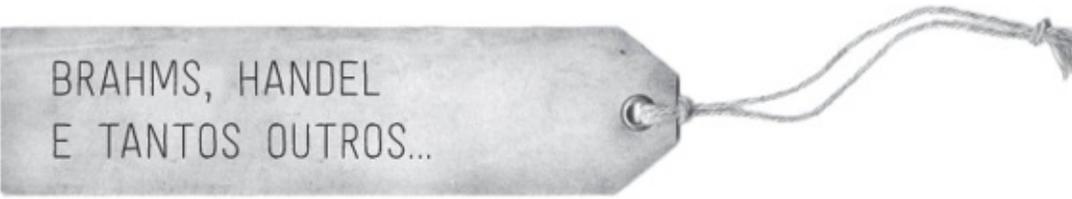
– Meu primo se voltou e olhou para o túnel. Levantou o braço direito em sinal de despedida e foi mergulhando na luz. Depois desapareceu.

– Como estava a sua aparência?

– Limpo, bem barbeado e bem penteado. Tampouco vi seus pés.

Jesús Paraíso se perguntou muitas vezes o porquê dessa dupla experiência, mas não obteve resposta.

E digo que não estou de acordo com o manifestado pelo avô e pelo primo, porque entendo e intuo que, após a morte, a pessoa sabe onde está, o que aconteceu e o que deve fazer. Do “outro lado”, a ordem é sagrada e minuciosa. Deduzo, portanto, que o singular comportamento de Braulio e Tomás obedeceu a razões que me fogem. Puro teatro?



BRAHMS, HANDEL
E TANTOS OUTROS...

Luana é jornalista, editora, especialista em marketing e em administração de empresas. Trata-se de uma alta executiva brasileira.

Eu a conheci em Barcelona, por razões de trabalho.

Nos tornamos amigos, e depois de um tempo ela me contou sua experiência.

Depois, voltei a vê-la em São Paulo, onde a entrevistei de novo.

Em síntese, este foi o seu relato:

Aconteceu no Rio de Janeiro. Não me lembro da data. Acho que foi em 2003...

Tive um sonho...

Não sei como, mas cheguei a uma casa muito grande, quase um castelo...

Ao entrar, encontrei um homem. Parecia ser o porteiro do lugar...

Havia gente. Todos se vestiam igualmente, com túnicas brancas...

Eu disse para mim mesma: “O que estou fazendo aqui? É uma festa? Mas não vejo comida nem bebida...”

As pessoas “falavam” telepaticamente...

Então, o porteiro (?) veio em minha direção e me transmitiu com a mente: “Pode entrar... Você está convidada. Aqui só entram os que são convidados...”

Perguntei: “O que eu faço aqui?”

Ele me olhava com serenidade, como se estivesse dizendo: “Entre e saberá...”. Comecei a caminhar e senti uma intensa emoção. Naquele momento, não sabia por quê...

A casa era de mármore branco. Encontrei-me em frente a uma escadaria...

Muitas pessoas subiam ao meu lado. Outras desciam...

Vi grandes janelas, mas sem vidro. E nas paredes havia finas linhas de ouro...

Aproximei-me de uma das janelonas e contemplei o jardim, repleto de flores. Era lindo...

O porteiro permanecia ao meu lado. Ia me explicando...

Disse que eu me encontrava em um lugar de estudos...

Continuei caminhando e vi Lourdes, uma tia minha que ainda vivia, naquela época. Ao seu lado se encontrava Nilda, minha avó, falecida em Salvador, Bahia, Brasil.

Eu me aproximei e minha avó me olhou com uma expressão de muita tranquilidade. A tia me viu...

Então, Nilda me disse que estava muito bem e que não podia ficar comigo naquele espaço...

A vovó apresentava um aspecto muito saudável. Tinha morrido com 86 anos, mas parecia uma juvenzinha...

Sorria com os olhos...

“Estou bem”, repetiu...

Eu lhe disse o quanto gostava dela, o quanto a amava. Os olhos de Nilda eram pura luz...

Ela estava com pressa e foi embora...

Continuei caminhando e me aproximei de outra grande janela. Na parte de baixo havia barro

avermelhado. Distingui três pessoas desfrutando de um banho de barro. Só via as cabeças...

Perguntei ao homem que me acompanhava e ele respondeu algo que eu já sabia: “É um tratamento para a pele...”

E pensei: “Para a pele? Mas eles estão mortos...”

Segui caminhando pela casa e vi portas. As pessoas entravam nas salas, mas cada uma entrava na sala que lhe correspondia. Ao me aproximar da porta, ela se abria antes de eu chegar a ela. Se a pessoa não estava no lugar adequado, a porta não se abria...

“Local de estudo”, repetiu meu acompanhante...

Chamou-me a atenção outro detalhe: só vi pessoas adultas. Nenhuma criança...

Então chegamos a um grande salão (?), muito bonito, com fios de ouro nas pilastras e nos alicerces de madeira...

Ali vi um homem mais velho. Eu diria que era um ancião. Tinha o cabelo branco na altura dos ombros e sua barba era igualmente longa e branca. Os olhos, azuis, eram espetaculares. Media quase 2 metros de altura. As mãos eram longas e finas e a pele, clara, quase transparente. Vestia uma túnica bege...

Seus movimentos eram lentos...

Não falava, mas todo mundo o entendia...

Tudo, ao meu redor, era perfeito; muito bem organizado...

Aproximei-me e permaneci atrás de um grupo de pessoas, observando. Meu acompanhante explicou que “aquele ancião estava ali para enviar mensagens para os humanos”...

A princípio não compreendi...

Os humanos se aproximavam do ancião, um por um, e o homem dizia algo, mas somente o interessado ouvia...

Foi então que eu me fixei em um deles que estava na fila: era um cantor muito famoso no Brasil!...

Como podia ser? Ele não estava morto...

O porteiro esclareceu que aquele grupo era formado por pessoas vivas...

O cantor vestia um elegante *smoking* branco...

Ao chegar diante do ancião, este sussurrou algo, e o cantor assentiu, agradecendo-lhe...

E o porteiro insistiu: “São mensagens de amor para o povo da Terra”...

Eu estava fascinada...

O cantor não me viu. Continuei visitando a casa e me fiz uma pergunta: “Será que eu receberia, algum dia, uma dessas mensagens?”

O sonho terminou aí...

Um tempo depois falei com este mesmo cantor, no mundo real. Ele compõe músicas e canta belíssimas canções de amor...

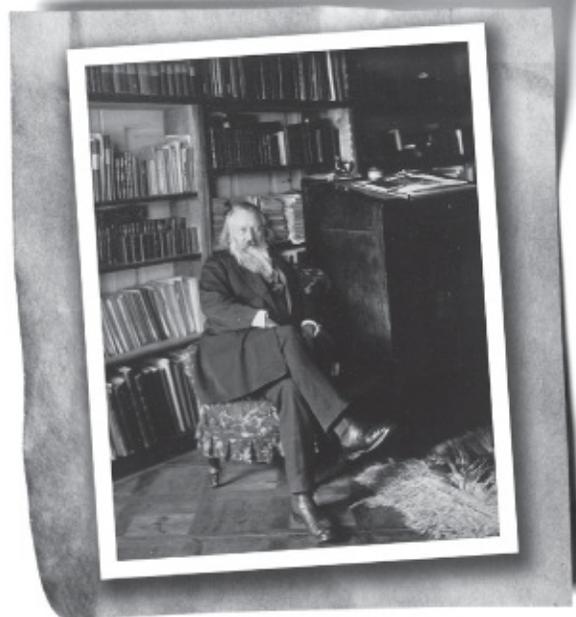
Eu lhe contei o sonho, e ele chorou...

E reconheceu que recebia, diariamente, uma maravilhosa inspiração...

Um dia, em outro “sonho”, Luana voltou à presença do mesmo misterioso ancião. E o homem dos olhos azuis lhe mostrou um pergaminho. Uma cópia do dito pergaminho se encontra em meus arquivos, pendente de publicação...

A experiência de Luana me trouxe à memória as declarações de Johannes Brahms, célebre compositor e pianista alemão do Romantismo^[1]. No final do outono de 1896, em Viena, Brahms assegurou “que ele não era o autor de suas sinfonias...” Segundo declarou, os acordes e as melodias – todos – eram recebidos de uma Fonte Superior. E acrescentou: “... quando sinto essas vibrações cósmicas superiores, sei que estou em contato com o mesmo poder que inspirou grandes poetas como Milton, Goethe e Tennyson, assim como músicos do porte de Mozart, Beethoven ou Bach, entre outros... As ideias que estava buscando conscientemente fluem sobre mim com tal força e tal rapidez que só sou capaz de captar

umas poucas; nunca consigo anotá-las. Chegam em rajadas e se desvanecem com a mesma rapidez... tudo o que eu escrevi chegou a mim desse mesmo modo”.



Brahms, a quem Robert Schumann denominou “o escolhido”, com razão. (Foto: IGDA.)

Algo parecido aconteceu com Handel, autor de 41 óperas e do célebre oratório *O Messias*. Após sofrer um infarto, quando contava com 53 anos de idade, George F. Handel se trancou em seu quarto e, durante 24 dias, “recebeu a inspiração divina”. Assim nasceu *O Messias*, uma das peças musicais mais grandiosas da história da humanidade. Quando estreou, em Londres, o público, ao escutar o “Aleluia”, ficou de pé...

“Derramei lágrimas”, manifestou Handel, “quando escrevi esta obra. Sentia-me eletrizado... Vi o céu e até mesmo Deus!”

Em outros sonhos, algumas pessoas falam também de “bibliotecas celestes”, com livros ainda não publicados na Terra. Dizem ter folheado e lido esses livros. E dizem mais ainda: essas obras são “transferidas” aos escritores humanos mediante o que se costuma chamar de “inspiração”. E o mesmo acontece com o resto das artes e com as ideias. Nenhuma é nossa, nem as boas nem as aparentemente ruins.^[2]



Handel, autor de *O Messias*, outra obra “transmitida” do céu. (Foto: IGDA.)



“ESSE HOTEL É MEU”

A protagonista da presente história é uma atriz e cantora mexicana muito popular. Não deseja revelar seu nome. Eu a chamarei de Leonor.

Entre os casos de “ressuscitados”, este sem dúvida foi o que mais chamou a atenção de Blanca, minha mulher. Ao ouvir a história, ela comentou: “Então é verdade... No céu se trabalha”.

Blanca foi testemunha da conversa com Leonor no Distrito Federal do México. A entrevista foi registrada no dia 28 de novembro de 2000.

Em síntese, foi este o relato da atriz:

Tive um sonho...

Nele eu vi meu avô materno, falecido há tempos...

Nós nos encontrávamos em um campo muito verde...

Tudo era paz...

O céu era azul, mas não era o azul que conhecemos...

Meu avô estava do outro lado de um alambrado...

Fiquei desconcertado, mas não a interrompi. Desde quando há cercas de arame no céu?

Prosseguiu Leonor:

Meu avô me chamou, e eu me aproximei...

Parecia muito jovem... Aparentava trinta ou quarenta anos... Estava em boa forma...

Sorriu de uma forma marota, como se soubesse o que eu estava pensando...

Tenho certeza de que ele lia os pensamentos...

E exclamou:

– Menina, estou bem... Estou muito bem... Não tenha medo...

Eu lhe disse que não tinha medo e apontei o alambrado. Não entendi o motivo daquilo...

Ele replicou, sem perder o sorriso:

– Teatro, menina... Puro teatro...

– Teatro?

– Teatro para vocês, para vocês que continuam com vida...

Não compreendi, e continuei perguntando sobre outros assuntos que me interessavam...

Eu, sim, creio que entendi o significado das palavras do avô de Leonor. Eu suspeitava disso fazia muito tempo...

– Mas você, está morto, vovô... Que está fazendo aqui, em um sonho?...

– Para você eu pareço morto?... Os sonhos não são um capricho da natureza...

– Isto é o céu?...

– Não exatamente...

- O que você faz por aqui?
- Trabalho...
- Quer dizer que se trabalha no céu?...

Meu avô se voltou para um prédio de vidro que se erguia ao longe, indicou-o com a mão e perguntou:

- Está vendo este edifício?...

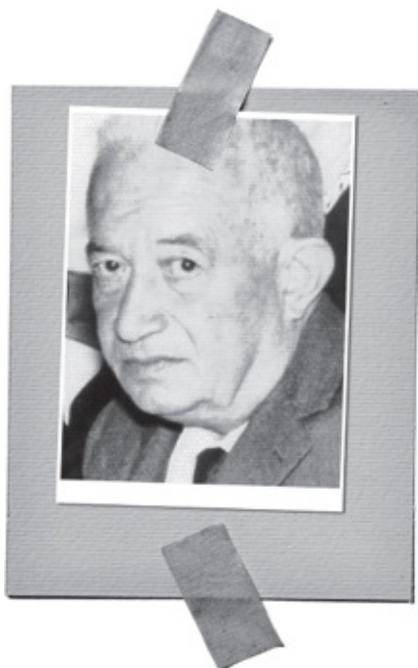
Disse que sim...

- Pois bem, é um hotel e é meu...

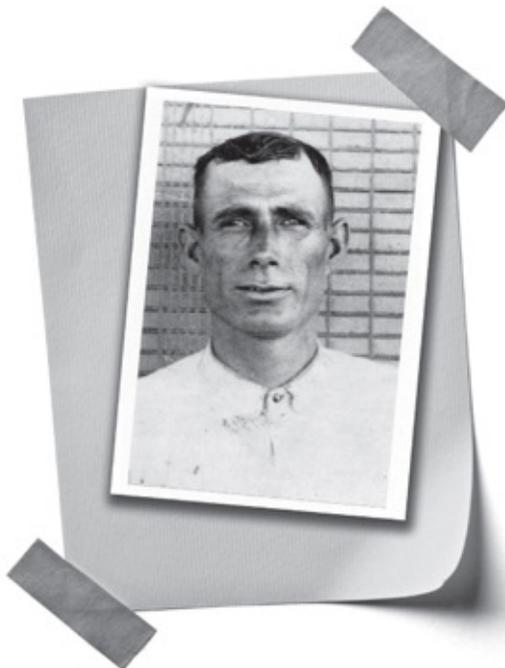
"AHÍ ESTÁ MI SALVAORA"

Diego Alvarado foi um amigo fiel até a morte. E muito mais, diria eu...

A presente experiência quem me contou foi Pilar Román, filha de Juan Román Muñoz, capitão de navio.



Juan Román Muñoz. (Cortesia da família.)



Diego Alvarado. (Cortesia da família.)

Juan Román viveu 71 anos no município costeiro de Barbate, Cádiz, Espanha, o lugar onde eu gostaria de passar o fim dos meus dias.

No final de sua vida, Juan experimentou os problemas de amnésia. Em certas ocasiões saía de sua casa, na Rua Barberán y Collar, e acabava perdido. Nesses momentos – magicamente – aparecia Diego Alvarado, seu amigo e cunhado, e o “salvava”, ajudando-o a regressar a casa.

Juan, ao ver Diego, exclamava: “*Ahí está mi salvaora*”, em alusão a uma das canções de Manolo Caracol.

No dia 6 de fevereiro de 1975, Diego Alvarado faleceu. Tinha 72 anos de idade na ocasião.

Seu amigo Juan Román repetia sempre “que tinham que fazer uma viagem juntos”, mas ninguém tomou providência...

Juan Román não demorou a seguir os passos de Diego.

Chegou o dia 18 de março desse mesmo ano (1975), e Juan piorou de seus males.

– Nesse dia – contou Pilar –, por volta das 10h da manhã, aconteceu algo estranho. A família se encontrava em casa. Meu pai estava muito mal... Tínhamos passado a noite em claro, atentas, tomando conta dele... E de repente meu pai começou a falar... Mas ele falava olhando para a parede... Ali não havia ninguém...



No centro da imagem, Antonia Aceretto, mulher de Juan Román. À direita, Pilar, filha de Juan Román. À esquerda da fotografia, Emilita, irmã de Antonia. As três foram testemunhas das últimas palavras de Juan Román e de sua morte, às onze da manhã. (Foto J. J. Benítez.)

– Que dizia?

– Repetia: “Espere, Diego!... Espere!”

“Nós nos olhamos, assombradas. Diego, como você sabe, era seu ‘*salvaora*’, mas havia morrido quarenta dias antes.

“Não soubemos o que fazer nem o que dizer.

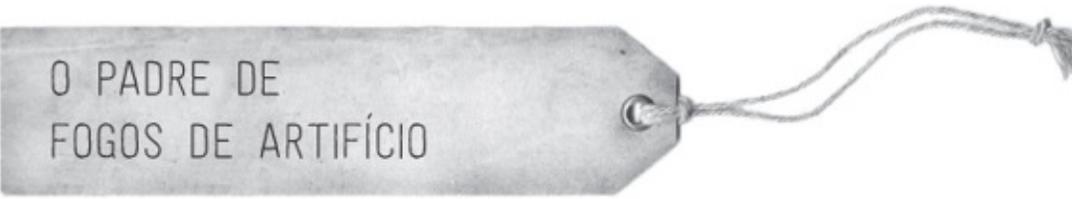
“E ele voltava a falar, olhando sempre o vazio: ‘Espere, Diego!... Eu vou com você às 11h’.”

– Eram 10h da manhã?

– Isso mesmo. Todas acabamos de acordo: ali estava Diego, mas somente meu pai podia vê-lo...

E aconteceu algo que me fez lembrar do caso da Conchona.

– Meu pai – concluiu Pilar – faleceu às 11h da manhã em ponto, tal como disse. Tinha 71 anos.



O PADRE DE
FOGOS DE ARTIFÍCIO

O que aconteceu com Martha acaba sendo igualmente inexplicável à luz da razão. E eu me pergunto: que importa a razão se o acontecimento é autêntico?

O fato foi narrado a mim por um familiar de Martha e de Celia. Ambas protagonizaram o misterioso evento.



Martha. (Cortesia da família.)

Celia, mãe de Martha, faleceu no México no dia 27 de julho de 2000.

Um par de semanas depois do óbito, os filhos de Celia se reuniram para dividir os pertences pessoais da mãe.

Martha escolheu um par de sapatos finos pelos quais tinha grande estima, assim como a bengala que a mãe usava para apoiar-se e caminhar. Celia era obesa.

Martha guardou os objetos no porta-malas do carro e regressou para sua casa.

Contudo, uma vez na garagem, não foi capaz de tirar os sapatos e a bengala do carro, já que estava com as mãos ocupadas com as coisas de seu bebê. Pensou que voltaria em questão de minutos.



Celia. (Cortesia da família.)

Mas não foi assim...

Ficou ocupada e deixou aquilo para o dia seguinte.

Nessa manhã, ao voltar para o carro, ficou paralisada.

Ao lado do carro, em pé, viu sua mãe.

A defunta estava viva!

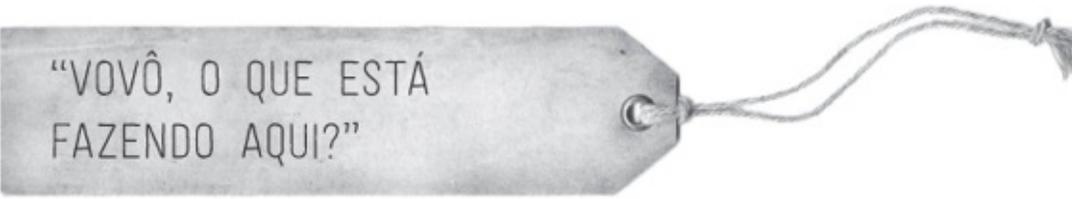
Calçava os sapatos que Martha tinha guardado no porta-malas e apresentava na mão a velha bengala que lhe pertencera.

Martha deu meia-volta, correu aterrorizada para dentro da casa e trancou-se.

Passaram-se dias até que ela decidiu voltar e, acompanhada, foi tirar os sapatos e a bengala do veículo. Claro, os objetos continuavam ali...

O choque foi tamanho que a mulher acabou pedindo ajuda ao padre da paróquia, contando-lhe o que tinha acontecido.

A resposta do sacerdote foi uma salva de fogos de artifício. A presença tinha se produzido – afirmou ele – porque Martha, ao ficar com a bengala e os sapatos, impedira que a mãe pudesse partir em paz para o “outro lado” (!).



“VOVÔ, O QUE ESTÁ
FAZENDO AQUI?”

Madeline é uma jovem sensível e especialmente inteligente. Encontrei-me com ela nos Estados Unidos. Ao saber que eu investigava casos de “ressuscitados”, ela veio me encontrar para narrar uma série de acontecimentos, protagonizados por ela na adolescência.

Primeiro caso:

Eu tinha quinze anos. Minha vida se centrava basicamente na escola e em casa. Sou a mais nova de três irmãos e a única mulher. Meus pais são galegos, dessa maravilhosa geração de emigrantes que teve que passar por tantas coisas...

Meu avô paterno, Camilo, faleceu quando eu tinha treze anos. Eu não estava em Caracas quando aconteceu. Nesse verão, minha mãe teve que viajar para a Espanha para resolver não sei que papéis importantes e me pediu que eu a acompanhasse. O vovô já estava mal, mas a viagem não poderia ser postergada. Meu pai ficou com meus irmãos.

Alguns dias mais tarde, estando em Coruña com minha mãe, eu estava meio que dormindo quando escutei a voz da minha mãe ao telefone. Dizia: “Bem, Senén, tinha que acontecer... Ele agora está melhor do que nós... Não se preocupe... Eu direi a Madeline que o vovô faleceu”.

Naquele momento, não saberia dizer se eu estava sonhando ou se realmente havia escutado a voz da minha mãe. Algum tempinho depois soube que não fora um sonho. Eu me levantei e chorei.

O avô Camilo sempre esteve próximo de nós. Minha avó materna morreu quando eu era pequena. Meu avô materno faleceu antes que eu nascesse. A avó materna sempre viveu na Espanha. Eu somente a via no verão, e durante poucos dias, quando meus pais decidiam ir à aldeia. O avô Camilo, em contrapartida, sempre viveu em Caracas. Antes de morrer, passou alguns meses em casa conosco. Eu ainda me lembro dele descendo a escada enquanto eu o tomava pelo braço.

A verdade é que eu não estava em Caracas quando ele se foi. Não fui ao enterro nem tive consciência de que aquilo havia sido real...

E dois anos se passaram...

Nesse dia, eu me recostei. Foi um dia normal, não houve nada que tivesse relação com meu avô. Não falamos sobre ele, nem eu me lembrei dele de algum modo especial. Então tive um sonho muito estranho...

Eu estava com meu irmão do meio, Álex, em frente a nossa casa, em Caracas. Todas as portas do carro estavam abertas. Álex estava perto – eu sabia disso –, mas na realidade, na cena, a única coisa que eu via era o automóvel e a mim mesma...

Virei em direção à rua para pegar algo, como que para limpar o carro por dentro, e de uma hora para outra, quando voltei a olhar para o carro, ali estava ele!... Era o meu avô Camilo! Eu o vi igualzinho como o recordava, com os olhos azul-celeste, os lábios finos, calças cinza, uma camisa de manga longa, a bengala e a inseparável boina...

Eu o olhei com assombro e lhe disse, como se fosse a coisa mais normal do mundo: “Vovô, o que está fazendo aqui? Você não está morto?”

Ele me olhou tranquilamente e respondeu: “Sim, Madeline, estou morto... Só vim aqui para dizer-lhe que ainda falta muito tempo para que esteja conosco, quero que você se porte bem... para quando chegar o momento de estar com sua avó e comigo. Escute-me bem, falta muito tempo, você ainda tem muito chão pela frente, contudo saiba que irá se encontrar em situações difíceis, e só quero que você se comporte bem”.

Por algum motivo, meu irmão Álex me chamou, e eu girei de novo a cabeça em direção à rua para dizer-lhe que me esperasse, que estava falando com o vovô. Não deu tempo de nada. Voltei a cabeça em direção ao Corolla e o vovô já não estava mais ali...

Na manhã seguinte, despertei com um intenso sentimento de nostalgia. Não sabia se deveria contar o sonho para meu pai. Já se tinham passado dois anos. Decidi contar para minha mãe. Porém, ela é uma mulher prática, e, embora tenha se impressionado, não quis dar importância ao assunto. Suponho que para que eu não me assustasse...

Sim, foi um sonho, mas algo muito real, muito sentido. E ficou gravado para sempre na minha memória...

Segundo caso:

Um tempo depois, tive outro sonho estranho. Desta vez foi com Lola, uma tia que vivia em Barcelona, Espanha.



Madeline Mazaira Hermida. (Cortesia da família.)

Da mesma maneira que a avó Ángela, Madeline somente via a sua tia Lola na época do verão.

Pois bem, no sonho ela se apresentou diante de mim, muito próximo do meu rosto. Eu somente podia ver seu rosto. O sonho todo se resumia a isso: seu rosto. E repetia várias vezes: “Ajude-me, Madeline!... Ajude-me, ajude-me!”

Desta vez eu acordei chorando e muito tensa. Fui procurar minha mãe e contei para ela o sonho. A princípio mamãe não me deu importância, mas acabou telefonando para a Espanha. A tia Lola estava hospitalizada...



Vovô Camilo. (Cortesia da família.)

Terceiro caso:

Eu ia completar dezessete anos. Minha mãe tinha uma boa amiga que acabou falecendo de câncer. Era uma mulher muito simpática, eu gostava dela...

Pelo que me lembro, tinham se passado cinco anos desde sua morte...

Então tive um sonho. Em Caracas há um centro comercial (*shopping*) que naquela época era muito frequentado. Chamava-se Centro Ciudad Comercial Tamanaco (CCCT).

Por alguma razão que desconheço, eu estava ali, caminhando sozinha pelo CCCT. E de repente, no fundo de um dos corredores, vi essa amiga da minha mãe...

Fiquei assombrada. Fazia cinco anos que tinha morrido!

Caminhava normalmente como se nada tivesse acontecido, e estava rodeada de meninos e meninas entre sete e nove anos...

Pareciam contentíssimos...

Aproximei-me e lhe disse: “Rosita, o que está fazendo aqui? Você não morreu?”. E ela respondeu tranquilamente: “Sim, Madeline, mas é que, de vez em quando, me dão permissão para eu vir passear com as crianças”.

Presumi que essas crianças fossem pessoas que estivessem perto de nascer. Não sei por que pensei isso...

E ela continuou: “Eu vim dizer-lhe que, por favor, diga à minha filha que ela pare de chorar... Estou bem... Ela não tem que continuar se lamentando pelo fato de eu não estar mais com ela...”

E repetiu: “Estou bem... Estou tranquila e feliz”.

Nesse momento, despertei.

Lembrava-me perfeitamente do vestido rosa, de duas peças, que Rosita estava vestindo e também de seu rosto maquiado, como de costume, quando estava viva...

Novamente fui falar com minha mãe, mas ela se recusou a telefonar para a filha de Rosita. Insisti muito, e minha mãe acabou telefonando. A filha reconheceu que não conseguia deixar de se lembrar da mãe e que chorava sem cessar...

A VISITA

Foi Margaret Petch, a tradutora de *Cavalo de Troia* para o inglês, quem nos informou do falecimento do seu marido, William Harwood Peden. Bill foi poeta e professor de literatura na Universidade de Saint Louis, em Missouri, Estados Unidos. Nos últimos anos, padeceu o calvário do mal de Alzheimer.



William (Bill) Peden. (Cortesia de Margaret Petch.)



O professor Jerry Costanzo, mostrando o livro que pretendia comprar e que se encontrava em sua biblioteca. (Foto: Blanca.)

Bill nasceu no dia 22 de março de 1913 e morreu no dia 23 de junho de 1999. Foi cremado em Columbia, a 200 quilômetros a noroeste de Saint Louis.

Pois bem, o extraordinário da história aconteceu quase três meses depois da morte de Bill. No dia 19 de outubro, ao que parece, ele foi visto na cidade de Pittsburgh, na Pensilvânia, a mil quilômetros de onde faleceu.

Assim que foi possível, viajamos para Pittsburgh. Era fevereiro. Nevava.

Ao chegar ao Hotel Green Tree, o Destino tocou meu ombro (essa frase me é familiar). Nós nos encontrávamos no 101 da Radisson Drive. “Bom sinal”, eu disse a mim mesmo.

No dia seguinte, sábado, fomos recebidos na casa de Jerry Costanzo, também poeta e professor de literatura na Universidade C. Mellon.

Jerry é um homem agradável, tranquilo e sábio. Vive com sua mulher, dez mil livros e quatro relógios de parede. Além de professor, poeta e defensor dos poetas, é colecionador de livros, mas somente de primeiras edições. O tique-taque dos relógios e o silêncio dos livros é a atmosfera que se respira em sua casa.

Petch e Blanca foram testemunhos da longa conversa que mantivemos nessa manhã.

Eis aqui, em síntese, o que foi falado:

– Aconteceu de madrugada – explicou Jerry. – Devia ser por volta das 5h da manhã, mais ou menos. Eu estava sozinho em casa. Minha mulher tinha viajado para Massachussetts... Aquela noite, não sei por quê, não pude dormir... Vim para a sala, peguei um livro e me sentei no sofá... Havia uma única lâmpada acesa na sala...



Bill, morto três meses antes, se apresentou de madrugada na casa de seu amigo Jerry Costanzo, também poeta e professor de literatura. (Foto: Blanca.)



O professor Costanzo, com o boné de Bill. À esquerda, J. J. Benítez. (Foto: Blanca.)

– Qual livro o senhor escolheu?

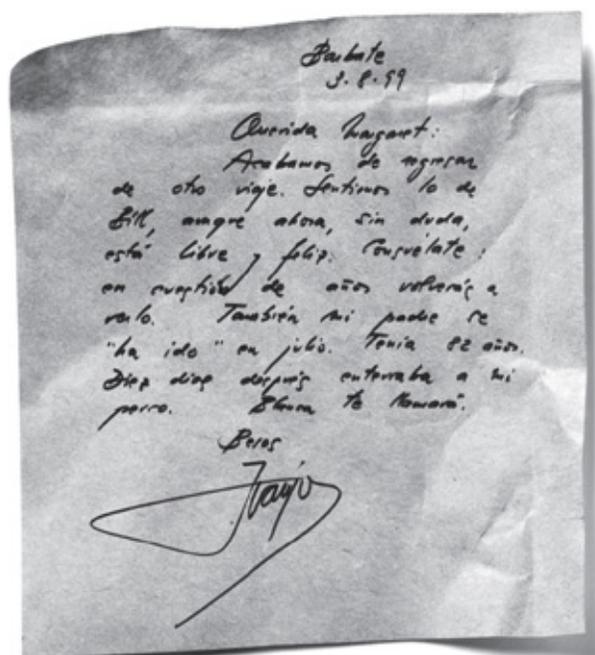
Jerry o tinha em mãos e nos mostrou: *A different person*, de James Merrill.

– Para o senhor é normal se levantar de madrugada?

– Não, não é. Aquela noite eu me encontrava inquieto. Não sabia por quê... Agora, sim, eu sei.

E Jerry prosseguiu:

– Estava preparando um trabalho sobre poesia e me veio à mente o livro de Bill, cujo título é *Twilight at Monticello*. Pareceu-me fundamental incluí-lo na dita antologia. Então pensei em procurá-lo e comprá-lo... Eu devia muito a Bill... Ele selecionou meu livro *In the Aviary*, e fui o ganhador do Prêmio Devins, da Universidade de Missouri, em 1974... Minha vontade, meu sonho, era dedicar essa antologia a Bill...



Comunicação de J. J. Benítez à viúva de Bill.

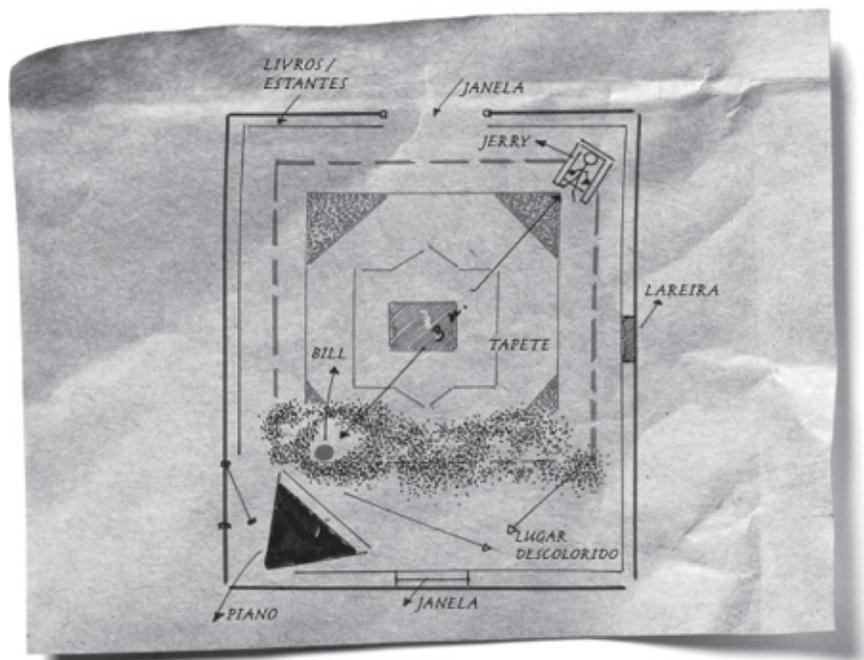
– Nesses momentos, o senhor estava pensando em um livro de Bill?

– Certamente. Enquanto eu lia *A different person*, vinha-me à cabeça o assunto de *Twilight at Monticello*... Foi nesse instante que eu o vi...

- O que viu?
- Bill...
- Viu William Harwood Peden?
- Ele mesmo. Estava de pé, perto do piano, a coisa de 3 metros...

Jerry Costanzo – esclareceu – nunca tinha visto Bill. Falavam-se por telefone e se comunicavam por carta, mas jamais tinham conversado pessoalmente.

- E como soube que era Bill?
- Ele se identificou. Disse-me quem era...



Caderno de campo de J. J. Benítez.

- O senhor o viu chegar ou abrir a porta?
- Não. Simplesmente ele se apresentou na sala.

E Jerry descreveu Bill:

- Trazia uma luz...

Não entendi e pedi que ele explicasse...

– Era uma figura luminosa... Trazia sua própria luz... Vestia um paletó marrom, com cotoveleiras, calça também marrom e uma camisa branca, bem engomada, com gravata... Não me lembro da cor da gravata... Na cabeça, usava um tipo de boné...

- Era roupa de verão ou de inverno?

- Parecia ser de lã...

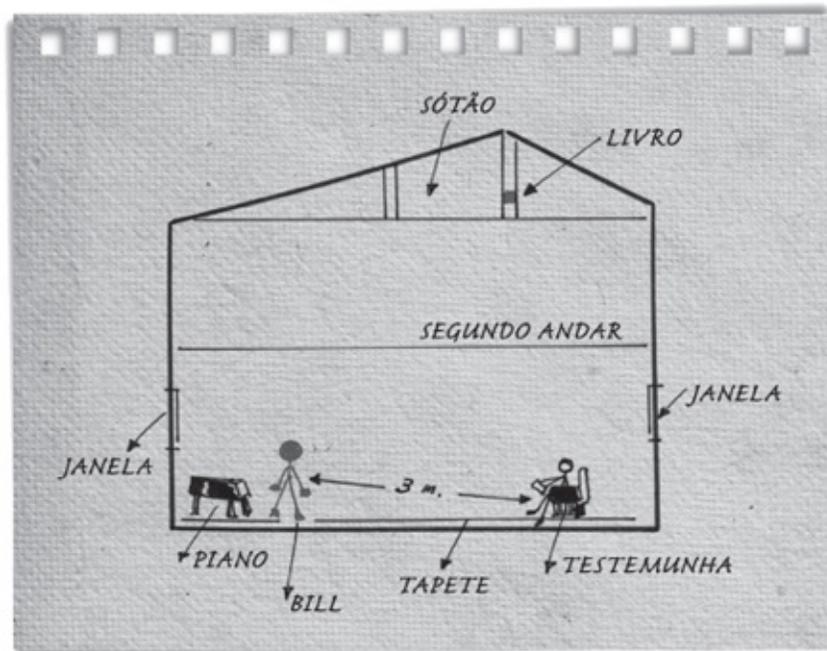
Jerry foi explicando, passo a passo:

– Primeiro me olhou. Foi um olhar longo e intenso. Talvez uns 5 segundos... Pareceu-me eterno... Não vi os pés. Isso me chamou a atenção... Ele estava sério...

- Isso lhe deu medo?

- Não.

- O senhor sabia que Bill tinha morrido?



Desenho da casa do professor Costanzo. Bill apresentou-se na sala, a 3 metros de Jerry. O livro do qual falou se encontrava no sótão.
Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Sim, e sabia também que ele não pretendia fazer-me nenhum mal...

– O senhor disse que o achou sério...

– Isso é verdade, mas também percebi tranquilidade. Parecia estar em seu elemento... Na realidade, ele me impressionou vivamente.

– Os relógios pararam?

– Não me recordo, mas creio que não... Então ele falou comigo mentalmente... Não movia os lábios...

Fez-me saber quem era e que sabia que eu estava agradecido pelo prêmio de poesia... Depois me estimulou a seguir com meu trabalho... “Você está fazendo o que deve ser feito”, manifestou com segurança... Então, de repente, afirmou: “O livro que você está procurando... Você já o tem”.

Jerry me olhou, pálido, e pormenorizou:

– Sabia que ele se referia ao fato de que eu pretendia comprar *Twilight at Monticello*. E, de fato, eu o tinha em minha biblioteca desde 1978... E o encontrei nesse mesmo dia, no sótão.

– Ele lhe disse algo mais?

– Sim, embora eu não lembre em que ordem. Ele disse que estava bem e que se encontrava no lugar em que tinha que estar... Não sorri em nenhum momento, mas soube que se sentia muito bem, tanto física como mentalmente...

– O senhor acredita que era uma imagem com volume e perspectiva?

– Me pareceu isso...

– Quanto tempo pode ter durado a experiência?

– Não saberia contabilizar.

– Vamos voltar ao assunto do livro. Se não tivesse recebido o aviso de Bill, o senhor o teria comprado?

– Suponho que sim. Procurar entre dez mil volumes é complicado...

– E como conseguiu achá-lo?

– Foi como se ele tivesse me dirigido... Fui diretamente para o sótão e ali ele estava, me olhando...



Bill foi cremado em Columbia, em julho de 1999. Três meses depois, apareceu na cidade de Pittsburgh, a mil quilômetros de distância.

Então, segundo Jerry, terminados esses assuntos, Bill desapareceu.

– Foi súbito. Não sei explicar... E fiquei com uma saudável sensação de paz...

– Qual era a aparência de Bill?

– Parecia um ancião.

Bill faleceu aos 86 anos de idade.

Perguntei a Jerry se havia uma possível explicação para tal fenômeno.

Ele encolheu os ombros e acrescentou:

– Eu não tenho, sinceramente... É complexo demais para mim... Além disso, não acredito na vida após a morte...

Nos dias seguintes, depois da “presença” de Bill na casa de Jerry, em Pittsburgh, o professor de literatura telefonou para Petch, a viúva, e lhe contou o ocorrido. Petch confirmou que essa era a roupa que seu marido usava habitualmente, especialmente o boné de *tweed*.

– Ele não saía de casa – ratificou Petch – se não estivesse com o boné na cabeça...

Jerry descobriu também que parte do tapete existente na sala havia ficado misteriosamente descolorida. Era o lugar sobre o qual Bill tinha aparecido.

Jerry não prestou atenção nas mãos, e tampouco ao possível movimento dos braços.

– Bill permaneceu sempre quieto.

Insisti na possível existência de uma aliança na mão direita de Bill, porém ele não soube responder. Não se lembrava.

O velho professor da Universidade de Saint Louis usava óculos permanentemente. Jerry, no entanto, não os viu.

A conversa com Costanzo se prolongou por várias horas.

Nesse momento ele tinha 53 anos. Jamais se esquecerá da experiência. E nós tampouco...



O ENGRAXATE

Naquela manhã, Jorge saiu da casa de sua mãe na cidade de Cienfuegos, na província de Las Villas, em Cuba. Pretendia resolver diversos assuntos.

No dia anterior, tinha chegado de Santiago, cidade na qual residia habitualmente. Julia, a mãe, se encontrava gravemente enferma.

Estava em curso o ano de 1950.

Ao terminar seus afazeres, Jorge se dirigiu para a casa de Julia, na qual costumava dar uma passada e ficar um pouco. Deveriam ser 2h da tarde, aproximadamente.

Atravessou o parque e, de repente, viu um amigo de infância. Jorge tinha nascido na cidade de Cienfuegos.

Era Radison, um pouco mais velho que Jorge.

Encontrava-se sentado em um banco.

Cumprimentaram-se e abraçaram-se.

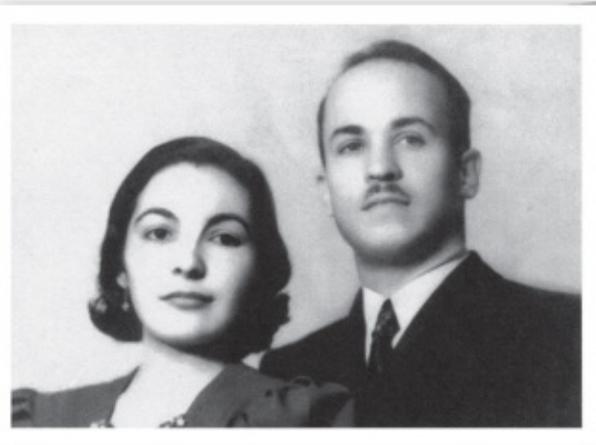
Fazia muito tempo que não se viam. Talvez dez ou quinze anos.

Nesse momento, Jorge estava com quarenta anos de idade.

Radison trabalhava como engraxate.

Falaram-se por alguns minutos, recordando os velhos tempos, e Jorge percebeu as dificuldades do seu amigo para falar. Radison esclareceu que tinha problemas na garganta. Jorge, preocupado, sugeriu que fosse ver seu irmão César, otorrino. E insistiu. Radison prometeu que iria vê-lo; marcaria uma consulta com César.

Despediram-se, e Jorge prosseguiu pelas ruas Santa Cruz e Tacón, onde se localizava a casa da família.



Jorge e sua esposa. (Cortesia da família.)

Ao entrar em casa, encontrou três tios, irmãos da sua mãe. Jogavam cartas numa pequena sala. Eram Paco, Pepe e Mario Cuesta, de 57, 55 e 52 anos respectivamente.

– Adivinhem quem eu acabei de encontrar no parque? – comentou Jorge. – Fiquei com pena – acrescentou.

– Quem? – perguntaram os Cuesta.

– Radison, o engraxate... Quase não podia falar.

Os tios não comentaram nada. Pensaram que Jorge estava soltando uma piada.

– Eu recomendei a ele que marcasse uma consulta com César...

Finalmente, os irmãos caíram na risada. Todos conheciam Radison, desde a infância.

Por que estavam rindo? Jorge não entendia.

– Isso não é possível... Você não pode ter falado com o engraxate... Radison morreu faz um ano... E de câncer na garganta.

A notícia deixou Jorge tão impressionado que ele não voltou a falar sobre o assunto por muito tempo. Finalmente, contou para sua esposa e para sua filha Nelly, também. Esta, por sua vez, contou para mim.



Nelly, filha de Jorge. (Foto: Blanca.)

– Meu pai – pormenorizou Nelly – estava em seu perfeito juízo. Não inventou nada. Fazia muitos anos que ele não vinha para Cienfuegos. Não sabia que o seu amigo tinha falecido...

Segundo Nelly, Jorge conversou com Radison durante 5 minutos. O aspecto do engraxate parecia normal. Vestia calça e camisa, tudo bem limpo...

– Meu pai o abraçou – insistiu a filha. – E me contou que foi um longo e forte abraço. Fazia muito tempo que não se viam. Eles gostavam muito um do outro. Haviam se divertido muitas vezes... Era um corpo físico, certamente.

A mãe de Jorge morreu nesse mesmo ano, em 1950.

Pois bem, segundo Nelly, no momento da morte, Jorge viu um fio de fumaça que saía do peito da mãe. Era um fio prateado.

Jorge foi preso pelos comunistas de Fidel Castro e ficou encarcerado durante oito anos. Em duas ocasiões, a mãe se apresentou aos pés do colchão de palha no qual dormia seu filho. Fazia onze anos que estava morta.

– Ela o olhava com pena – manifestou Nelly, que, por sua vez, recebeu a informação de seu pai. – Não lhe disse nada, mas o olhar era de tristeza. Meu pai dizia que Julia apresentava um aspecto jovem.

Jorge morreu em 1997, aos 87 anos de idade.



“LEO, VOCÊ VIU A LUZ?”

Meu pai também apareceu para Leonor Benítez, sua única irmã. Aconteceu poucas horas antes do seu falecimento.

Foi dessa maneira que ela me contou o caso, em diferentes oportunidades:

Eu estava no quarto da casa, sentada na cadeira de balanço...

Aconteceu no período da tarde...

Escutava os gorjeios dos pintassilgos...

Em sua casa, no município gaditano^[1] de Barbate, Espanha, minha tia criava canários, pintassilgos e “outras espécies cruzadas”. O cantarolar deles era de causar inveja no bairro.

De repente, fez-se silêncio...

Olhei, com estranheza, as gaiolas... Estava acontecendo algo...

Tudo foi rápido...

Então eu o vi... Era seu pai...

Estava de pé, na porta. Não o ouvi chegar...

Eu sabia que, naquela altura, ele se encontrava numa condição muito grave de saúde...

Estava com aspecto muito jovem. Vestia o uniforme que aparece no fólio^[2], com um número nas mãos: o 12...

Não vi a cicatriz na maçã de seu rosto, do lado esquerdo...



Leonor Benítez.

Ele não disse nada...
Apenas me olhou...
Parecia feliz e tranquilo...
Eu soube que ele tinha morrido...
E, um instante depois, desapareceu...

Meu pai, na verdade, faleceu horas depois dessa visão: foi no dia 2 de julho de 1999, na cidade de Pamplona, a 1.200 quilômetros de Barbate.

A fotografia do fólio foi tirada em janeiro de 1936, quando José Benítez Bernal estava com dezenove anos de idade. Este era o aspecto que apresentava na visão, segundo Leonor. Este era o uniforme que ele mostrou na Rua Colón, na casa dos pintassilgos...



Aparência física que apresentava meu pai na aparição à sua irmã. Fotografia que aparece no fólio.



Horas antes de falecer, José Benítez foi visto por sua irmã a 1.200 quilômetros de onde agonizava. Nas mãos levava o número “12”. Não resolvi o mistério do “12”.

Leonor era uma mulher especial. Algum dia terei que falar sobre suas percepções extrassensoriais...

Uma das que me impactou tinha a ver com esferas de luz. Quando ela as via passar diante da porta, alguém da família, ou da vizinhança, morria sem misericórdia. Ela disse muitas vezes: “Hoje eu vi a luz”. Horas mais tarde, falecia um parente ou um amigo.

Eu lhe perguntei muitas e muitas vezes sobre essas tais “luzes”. E as respostas foram sempre idênticas: tratava-se de esferas luminosas, do tamanho de uma laranja, de diferentes cores, embora a mais comum fosse de cor branca, e passavam rapidíssimo. Voavam a 1 metro do chão e apareciam na porta da casa de Leo. Ela as espantava com as mãos, inclusive com a vassoura (!). Contudo, elas sempre voltavam...

No bairro, isso virou um assunto quase familiar. Todo mundo perguntava, mais ou menos temeroso: “Leo, você viu a luz?”.



“NÃO ERA O MEU TREM”

Sabino (nome fictício) não esquecerá aquele sonho enquanto estiver vivo. E não é para menos...

Sabino é médico, embora eu defenda que seja um renascentista, no mais puro sentido da palavra. Domina o setor de Humanas, bem como o campo das Ciências. É admirável, por onde quer que você o observe...

No dia 7 de novembro de 2009, ele me enviou uma carta, em resposta a um pacote que eu lhe enderecei. O dito pacote continha um romance inédito, no qual eu havia trabalhado quase dois anos. Para mim era importante que Sabino o folheasse e me desse uma opinião sincera.^[21] Sabino – esqueci-me de mencionar – é também especialista em enfermidades da alma.

Reproduzirei parte dessa carta.

Estimado Juanjo,

Começo esta carta numa escura, longa, fria e chuvosa tarde de outono, tão típica daqui... Estava lendo com certa nostalgia a sua carta do dia 26 de julho de 2006. Você tinha acabado de chegar, desolado, de Israel, onde contava que só havia encontrado adiverz pelo dinheiro e desejo de vingança. Você tinha em mente escrever um romance sobre o amor, e isso vem a ser o mesmo que a “restituição” ou tikkún da Shekinah, tema de que tanto temos falado. O desenrolar dessa trama podia ser feito através das peripécias de um “habitante dos sonhos”, um buscador interior no sonho que molda esta aparente realidade em que vivemos, e que trataria de achar a “pérola do sonho” ali escondida, o AMOR em maiúsculas, do qual brota toda a realidade.

Eu respondi a você numa carta em 10 de agosto de 2006, e aí foi sendo gerado o livro que agora coloca em minhas mãos. O processo foi longo e muitos eventos aconteceram em nossa vida desde então.

Eu lhe dizia que “em cada sonho humano (não os devaneios da noite – embora também neles –, senão no próprio desenrolar de nossa vida) há uma “pérola” engastada sob centenas de imagens turbulentas e que “a pérola do sonho” era o símbolo da alma (Bahir dixit), e que “alimentar-se de sonhos” tinha como fim a “restauração – tikkún – da alma”, mediante a intuição, com a ajuda do Espírito.

Estou lendo, pouco a pouco e com atenção, o original do seu livro El habitante de los sueños, que teve a gentileza de enviar-me e que já constitui uma realidade.

É um livro surrealista no sentido de que, como em algum filme de desenho animado, magicamente as coisas e até os sentimentos (das pedras, das nuvens, dos lampejos...) tomam vida própria como símbolos que levam a descobrir o Espírito que se aloja sob a aparência das coisas.

Impressionou-me muito o episódio do trem. Como você sabe dos trens? Eu tenho sonhado muito, em devaneios noturnos, com viagens de trem, embora sempre descendo em estações intermediárias, em povoados conhecidos e familiares no mundo dos sonhos. Mas nunca consegui chegar à estação final da linha.

Creio que esses sonhos são muito comuns, que muitas pessoas os sonham. Mas um deles me

impressionou bastante. Ocorreu no Natal passado, de 2008. Eu tinha um amigo, médico e companheiro do Hospital... que, aos 59 anos, manifestou uma forma de câncer particularmente maligno, que evoluiu para um estado terminal. Perfeitamente consciente de sua situação, ele quis terminar seus dias na Unidade de Paliativos de seu hospital, em que trabalhou toda a sua vida, e ser atendido por algumas companheiras que são verdadeiros “anjos da guarda”. Assim sendo, fui ao hospital à véspera da ceia de Natal para cumprimentar todos os meus companheiros e, de passagem, fui visitar esse amigo em seu leito de morte. Ele estava muito mal e confirmou seu estado: “Estou muito mal... Obrigado por sua visita. Creio que os sedativos que me medicaram esta manhã começam a fazer efeito, graças a Deus”.

Saí do quarto porque vi que dormia e precisava ficar tranquilo. Sua mulher e sua filha estavam com ele, com lágrimas nos olhos.

Na noite da véspera de Natal, sonhei com ele. Nós dois estávamos, e muitas outras pessoas desconhecidas, no embarque de uma estação; melhor dizendo, não era exatamente uma estação ferroviária, apenas uma ferrovia – uma somente – no meio de um lugar ermo, desabrigado, desértico. Não havia estação propriamente dita, mas todo mundo sabia que naquele ponto parava o trem.

Impressionou-me o excelente aspecto de meu amigo. Era um tipo jovem que contrastava com o que eu conhecia em função da sua grave enfermidade. E perguntei como ele estava.

“Estou muito bem”, respondeu-me.

Havia uma estranha névoa luminosa, porém turva, que me impedia de ver o horizonte. Uma fila de pálidos seres humanos, que se posicionavam paralelamente à via, contemplavam os trilhos. Todos estavam quietos, esperando. A partir da sexta ou sétima pessoa da fila, o resto perdia-se na névoa, por isso era impossível dizer quantas pessoas podiam estar presentes ali.

O trem chegou, entrando da esquerda para a direita, com vagões acinzentados como na época dos anos 1960 ou 1970. Somente se entrava nele pelo lado direito, e todos ingressaram, menos eu, que permaneci quieto enquanto o trem partia.

Ao despertar, soube que meu amigo tinha morrido.

Algum tempo depois, o telefone tocou, e recebi a confirmação pelo médico de plantão.

Há três meses, operaram-me de um câncer, ao que parece com sucesso.

Agora eu sei por que não embarquei naquele trem...

Recuso-me a fazer qualquer comentário. A carta de Sabino é cristalina, como a luz.



“AO MORRER NÓS FICAMOS AQUI,
MAS EM OUTRA DIMENSÃO”

María da Luz Rodríguez vivia na cidade de Cádiz, Espanha.

Fiz uma entrevista com ela no dia 5 de outubro de 2012. Previamente – doze anos antes (!) – ela me havia enviado a seguinte carta:

Cádiz, 5 de junho de 2000

Estimado Sr. Benítez. Por fim posso dirigir-me ao senhor, porque eu não sabia como fazê-lo... Comecei a ler (por casualidade?) seus livros. Uma amiga emprestou-me um livro (eu adoro ler). Esse livro era Cavalo de Troia. Eu o li rapidamente e depois o desfrutei lentamente (tenho esse hábito). Sempre os leio duas vezes e me surpreendeu bastante ao ver que muitas das dúvidas que desde pequena me assaltavam em relação à igreja, Jesus de Nazaré, Maria etc. estavam resolvidas nesse livro. Era o que eu sempre havia pensado...

Agora vou me apresentar. Eu me chamo María de la Luz Rodríguez. Tenho 44 anos e fui auxiliar de clínica... Há dez meses fiquei viúva. Meu marido faleceu em 18 de julho de 1999.

Sei que o caso que vou lhe contar já deve ter ouvido outras vezes, mas aí vai.

Meu marido era o administrador da Rádio Cádiz (Cadeia SER). No dia 8 de julho de 1994 ele estava trabalhando quando sofreu uma forte dor de cabeça. Os companheiros o levaram para o hospital. Quando cheguei, ele estava totalmente desorientado. Diagnosticaram um tumor cerebral. Antes de operá-lo, o médico me alertou: a operação era grave, delicada; depois ele poderia sofrer problemas de comportamento e de memória. Ficaria desorientado. E assim foi. Após a operação, ele não lembrava que éramos casados, e tampouco que tínhamos filhos. Às vezes estava lúcido e às vezes esquecia tudo.



Minha surpresa, enfim, começou no dia seguinte àquele em que ele foi transferido da UTI para o quarto. Foi em 17 de julho de 1994. Depois que as visitas da tarde partiram, eu lhe fiz um comentário:

– Quantos amigos você tem!

E ele respondeu:

– E seu pai?

– Meu pai?

– Sim. Ele está bem, não?

Fiquei gelada. Meu pai tinha morrido há catorze anos.



María de la Luz e José Navarro, seu marido. (Cortesia da família.)

Pensei que meu marido tivesse tido outro desliz, tal como me advertira o médico.

As perguntas sobre meu pai se estenderam por toda a semana em que ele esteve internado. Dizia que o via, sentado, entre a cama e a parede.

– Você não o vê? – repetia ele. – Eu o estou vendo...

No dia em que lhe deram alta, enquanto esperávamos a ambulância, ele me pegou pela mão e perguntou:

– E seu pai?... Por que não veio me ver?

Então começou a chorar, e contou que o tinha visto entrar na Emergência comigo. E explicou que meu pai caminhava o tempo todo do meu lado. Disse que parecia sério, como se estivesse preocupado. E falou mais: no dia em que o levaram para a sala de cirurgia, para sofrer a intervenção cirúrgica (estava totalmente sedado), viu muitas pessoas que entravam e saíam das outras salas de cirurgias. Disse que não eram os profissionais de saúde. Eram pessoas – já falecidas – que iam para cuidar de seus amigos e familiares. Meu marido assegurou que viu sua avó materna, meu cunhado, com uma túnica laranja, e meu pai. E no meio Jesus, muito moreno, com uma túnica branca... Todos estavam mortos.

Então, já dentro da sala de cirurgia, disse que se viu no alto, flutuando perto do teto. E viu a mão do cirurgião aspirando com um tubo uma mancha branca que aparecia na cabeça (de seu próprio corpo). Dizia que seu crânio se encontrava aberto como um livro... Foi nesse momento que viu meu pai, meu cunhado (falecido no dia 5 de novembro de 1981) e sua avó, que morreu em 1972. E, no meio

desses familiares, a pessoa de Jesus de Nazaré. Mas não era o Senhor que vemos nas igrejas nem nos quadros. Era um homem normal, alto, moreno, com barba e túnica branca. Meu marido disse que desejava ir com eles, mas lhe disseram, mentalmente, que não era a sua hora. Então me viu na capela do hospital, chorando e rezando. E era verdade. Aí terminaram suas recordações.

O médico afirmou que o tumor era maligno e que havia metástases. Então começaram a procurar o tumor primário, mas ele não deu as caras até dezoito meses depois, no pulmão. O médico lhe deu um ano de vida, ou, quando muito, um ano e meio. O caso é que ele viveu cinco anos, sem dores e sem tomar calmantes. Finalmente faleceu no dia 18 de julho. Partiu dormindo...

Devo dizer-lhe que meu esposo, antes que acontecesse tudo isso, era quase ateu. Não acreditava em nada e muito menos em padres. Quando íamos a um casamento ou uma comunhão, ele aguardava do lado de fora. Não entrava nas igrejas. Depois do que viu, encheu a casa de imagens do Sagrado Coração.

E uma última coisa. Meu marido, nesses cinco anos que conseguiu viver, sempre contava a experiência da mesma forma. E assegurava que, ao morrer, “nós ficamos aqui, mas em outra dimensão”.

Certamente, Enfim livre, maravilhoso...

O HOMEM DO
CACHORRO PRETO

A Guarda Civil sempre me causou um grande respeito.

Não é em vão que eu vivi dezoito anos em dois quartéis da Benemérita, embora aqueles fossem outros tempos...

São profissionais bem informados, de cabeça fria e treinados para qualquer contingência. A palavra de um guarda-civil é sagrada. Isso quem me ensinou foi meu pai, que serviu na corporação durante toda a vida.

E é assim: eu sempre confio na versão dada por um guarda...

Isto foi o que aconteceu com o presente caso. As primeiras notícias chegaram da mão de um cabo da Benemérita. E, naturalmente, eu acreditei. Depois, em março de 2012, interroguei a protagonista da história. Eu a chamarei de Cari.

O evento teve seu lugar no verão de 2009 em uma remota aldeia, no oeste de Andaluzia, Espanha.

Podia ser por volta das 17h30.

Como era de seu costume, Cari saiu de sua casa e caminhou procurando um parque próximo. Era um passeio habitual.

Ao chegar ao parque, viu um desconhecido.

Estava acompanhado por um cachorro grande e preto.

Inexplicavelmente, o parque se achava deserto. Era verão. As crianças saíam todas as tardes. Nesse momento, não havia uma alma.

E Cari se assustou ao ver o cachorro. Mas continuou caminhando.

Ao chegar perto do homem, ele lhe pediu que ela segurasse o animal.



Caminho percorrido por Cari e o homem do cachorro grande e preto. (Foto: J. J. Benítez.)

“Ele não lhe fará nada”, replicou o senhor.

E o cachorro, efetivamente, se manteve ao lado do dono. “Era dócil”, explicou Cari.

E assim começaram uma conversa. Caminharam, e ela acabou lhe falando sobre seus problemas. Sentia-se só. Estava triste...

– Era estranho – prosseguiu Cari. – Eu não o conhecia de lugar nenhum e, no entanto, desabafei meus problemas. Não sei como explicar. Ele irradiava paz e tranquilidade.

“Resultado... Chorei até não poder mais...”

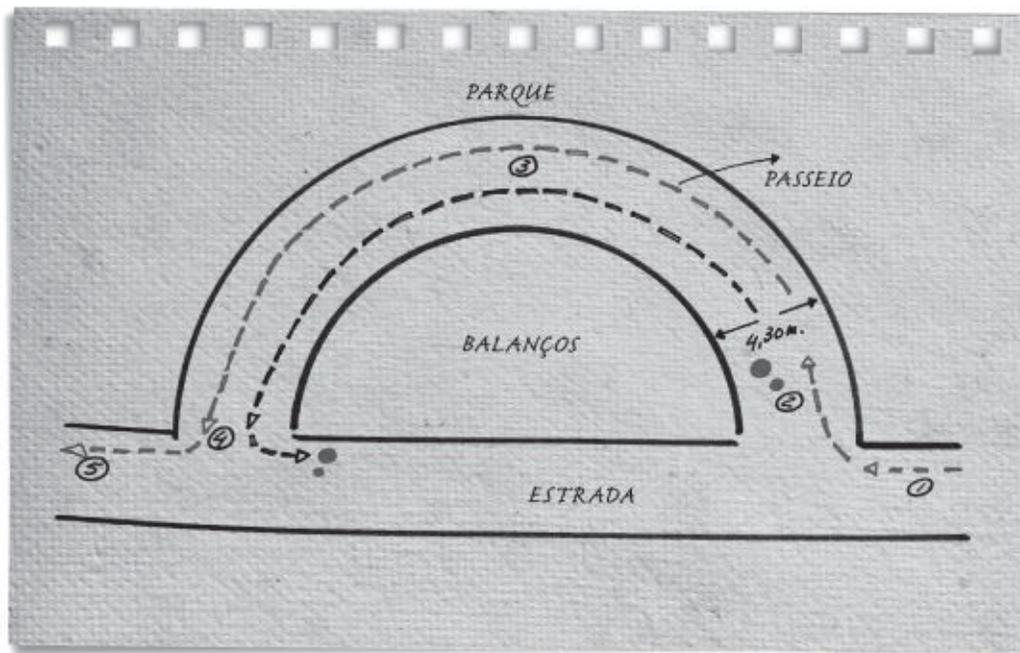
E, nisso, o homem do cachorro confessou que sua família também estava muito triste. Fazia pouco tempo que haviam perdido um filho num acidente de trânsito.

– Minha esposa – disse ele – está desolada.

E continuaram caminhando.

Ele lhe deu informações sobre sua família. Duas de suas filhas passavam as férias nessa aldeia. Uma delas era professora.

Percorreram o pequeno parque em sua totalidade e, ao chegarem ao final, se despediram.



Parque onde ocorreu o evento. 1. Cari chega ao parque. 2. Um homem e um cachorro saem ao seu encontro. 3. Caminham (total: 130 metros). 4. Despedem-se. 5. Cari segue em direção ao povoado. Ao voltar-se, o homem e o cachorro tinham desaparecido. A investigação segue em aberto. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Nos demos as mãos e cada qual seguiu seu caminho.

Porém, Cari, curiosa e intrigada, acabou se voltando.

O homem e o cachorro tinham desaparecido!

– Não podia ser – acrescentou a mulher. – Eu me voltei em dois ou três segundos. Não tiveram tempo de entrar no povoado...

Três semanas depois, quando Cari passeava pelo mesmo lugar, viu de novo o cachorro. O animal se encontrava perto de uma jovem.

Cari se aproximou e comentou com a garota que ela conhecia aquele cachorro. E começou a explicar as circunstâncias do encontro com o homem e o cachorro grande e preto.

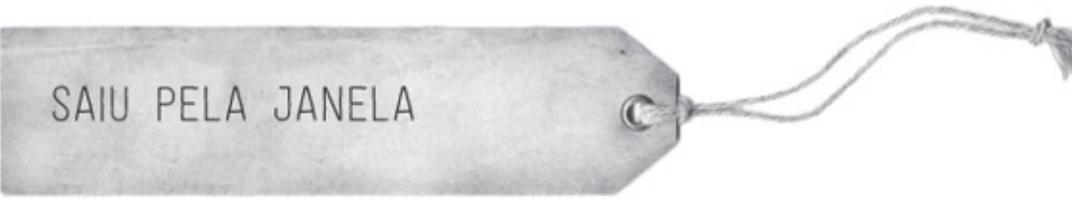
A jovem estava perplexa.

Cari descreveu o homem e comentou a informação sobre a família que aquele homem tinha lhe dado.

A jovem não teve dúvida: era seu pai.

E Cari ficou desconcertada: aquele homem havia morrido junto com seu filho, na estrada de Sevilla para Huelva.

Desta vez quem chorou foi a filha...



SAIU PELA JANELA

Medina é outro guarda-civil que conheço há muitos anos.

Ele vivia em Marbella, na província de Málaga, Espanha, quando teve a primeira experiência.

No dia 31 de agosto de 1998, ele a contou para mim.

Eis aqui uma síntese da gravação:

– Eu tinha onze anos. Meu avô, Manuel Vaquero, era quem cuidava de mim. Ele me levava para a escola... Estava o dia inteiro com ele. Numa certa ocasião viajou para Sevilha, para ver alguns familiares, e ficou doente. Morreu no dia 15 de setembro de 1981. Quando ele faleceu, eu não cheguei a vê-lo. Pois bem, na semana seguinte, no dia 22 de setembro, tarde da noite, eu me encontrava dormindo no quarto que havia sido dele, em Marbella.

– Você estava sozinho?

– Sim, na cama dele. Eu me estiquei e resvalei em um corpo.

Medina recordava o acontecimento com clareza.

– Levei um susto que quase morri. E pensei rapidamente: “Meus pais estão no outro quarto...”. Abri os olhos e me encontrei a dois palmos do meu avô... Vi seu rosto... Estava recostado na cama, no canto direito, olhando-me.

Estava coberto com a manta e o lençol... Só se via a sua cabeça.

– Em que lugar da cama?

– Olhando pelos pés da cama, do lado direito. Estava com seus óculos, que usava diariamente. Isso me causou estranheza. Ele nunca os colocava quando estava na cama...



Manuel Medina e seu avô. (Cortesia da família.)

– E o que aconteceu?

– Ele estava com os olhos bem abertos... Olhava-me com carinho. Não consegui resistir e gritei...

Então ele desapareceu... Meus pais chegaram, e ali não havia mais nada.

– Mas... e a cama? Dava para notar que alguém tinha deitado nela?

– Não, estava tudo normal.

– Seu avô apoiava a cabeça no travesseiro?

– Sim.

Manuel Vaquero morreu aos 81 anos, em consequência de um câncer no esôfago. Foi enterrado em Dos Hermanas, Sevilha.

– Qual era a sua aparência?

– A de sempre, como eu o conhecia.

– Quanto durou a experiência?

– Eu o contemplei por vários segundos, mas não sei lhe dizer há quanto tempo estava na cama deitado.

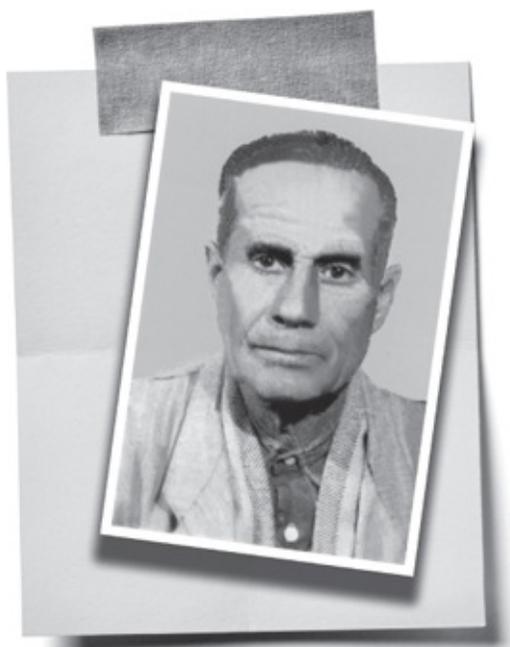
E só despertei porque, ao me esticar, eu o toquei.

A traumática experiência repetiu-se duas semanas depois.

Foi em outubro do referido ano de 1981.

– Eu me encontrava na cama, no mesmo quarto. Era por volta da meia-noite ou da 1h... Estava dormindo profundamente... E, de repente, despertei... Então eu vi meu avô de novo... Ele entrou pela porta e se deteve perto da cama... Apresentava uma luz branca ao seu redor...

Pedi detalhes, e foi isto que Medina explicou:



Manuel Vaquero, avô de Medina. (Cortesia da família.)

– Era uma luz branca... Ele se encontrava no interior dessa luminosidade... Não era muito intensa... Podia-se contemplá-la sem que ferisse os olhos... A luz sobressaía a uns 20 centímetros do corpo...

– Incluindo a cabeça?

– Sim. Estava vestido totalmente de branco... Calça, camisa, bem como os sapatos, tudo muito branco... Chamou-me a atenção porque ele nunca se vestia assim... Normalmente ele usava roupas escuras... E mais: ele nunca teve em vida calça e sapatos brancos...

– E o que aconteceu depois?

– Ele sorria... Eu o vi mover os lábios... Sei que falou comigo, mas não me lembro sobre o quê... Estava com os óculos, os da primeira vez... Não se moveu... Manteve-se na mesma posição... Os braços

apareciam esticados ao longo das pernas... Eu fiquei contemplando-o durante 1 minuto... A princípio pensei que fosse meu pai... Talvez ele tivesse acendido a luz... Depois compreendi: era o meu avô... Mas ele estava morto!... E acabei gritando como na vez anterior... Então o meu avô e a luminosidade se transformaram em uma bola de luz, que se dirigiu à janela, desaparecendo...

– Estava aberta?

– Não. A janela estava fechada e a persiana tinha sido baixada. O tempo estava feio... Chovia... Meus pais foram até meu quarto e vimos a janela aberta e a persiana subida até a metade... Como era possível?

– Tinha cortina?

– Sim, e estava puxada.

– Em que momento ele se transformou em uma bola de luz?

– Quando gritei. Foi instantâneo.

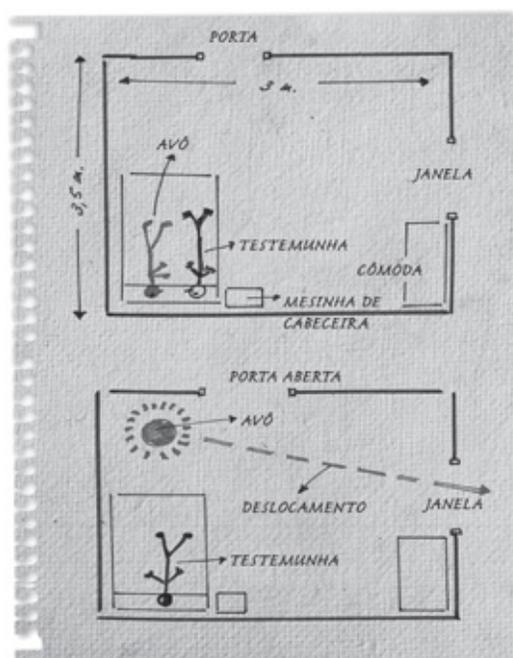
– Algum outro detalhe chamou a sua atenção?

– Só a roupa e o fato de que ele flutuava no ar...

– Não entendo.

– Meu avô não era muito alto. Deveria medir mais ou menos 1,65 metro. No entanto, ele quase tocava o teto do dormitório. A cabeça estava na altura do batente da porta, isso quer dizer a 1,80 metro do chão...

Fizemos os cálculos e chegamos à conclusão de que a imagem do seu avô se encontrava a 20 ou 25 centímetros do chão, flutuando.



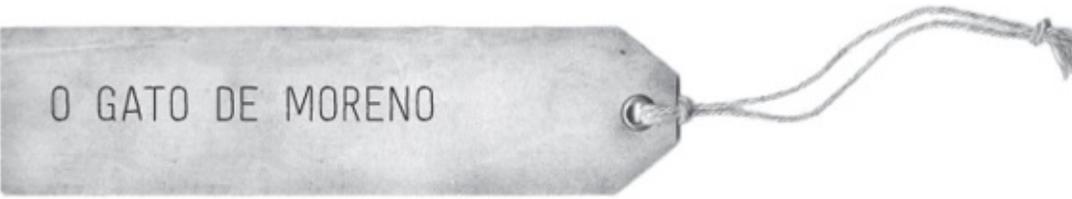
Primeira e segunda aparição para Manuel Medina, quando era criança. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Insisti para que Manuel detalhasse a vestimenta, e ele puxou pela memória:

– A camisa era de botões e colarinho. Parece que todos os botões estavam abotoados... Estava com cinto, também branco... Meu avô não tinha em vida nenhum cinto branco... Manga longa...

O deslocamento da “luz” foi vertiginoso, na horizontal e em direção à janela... Naturalmente, o guarda-civil não tem explicação para nenhuma dessas aparições. Quem abriu a janela? Quem levantou a persiana? Quem puxou a cortina?

O jovem Medina sofreu outro ataque de nervos, com razão.



O GATO DE MORENO

Moreno programou seu casamento para o dia 12 de outubro de 1979.

No verão anterior, entretanto, aconteceu algo que o fez duvidar. Será que era conveniente o tal casamento?

Moreno também foi guarda-civil, e naquela época prestava serviço no quartel de Arenilla, próximo de Algeciras, em Cádiz, Espanha.

Um dia ele me contou sua experiência, melhor dizendo, suas experiências, cada uma mais assombrosa do que a outra...

Foi no verão de 1979, relatou quando me dispus a trabalhar na preparação da casa onde íamos viver... A construção ficava perto de Pelayo...

E uma noite, já deitado, notei o colchão afundar... Ali havia alguém...

Moreno é um homem calmo, controlado. Não se altera com facilidade.

Então reconheci Mimi, minha avó... que tinha falecido no dia 22 de março de 1972, em Cádiz, capital... E me disse: “Para que você vai se casar se não é necessário?...”

Era a voz dela!

Acendi a luz, e ela já não estava mais ali...

Eu tinha um forte laço com ela... Amparo Pérez Castillo, *Mimi*, se tornou responsável por mim aos três anos, quando minha mãe morreu...

Nesse verão continuei a vê-la, sobretudo no estacionamento do quartel... Aparecia e desaparecia dentro do meu carro...

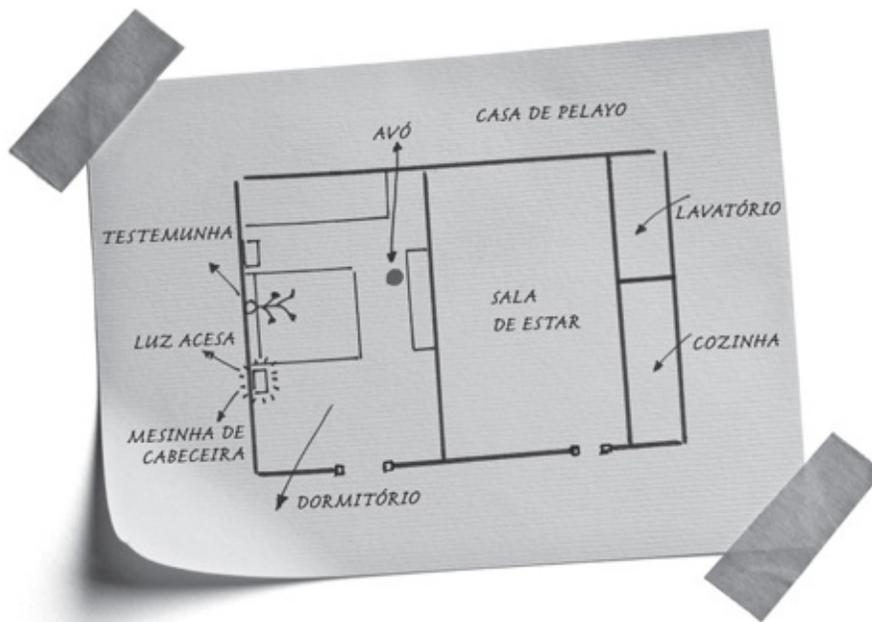
Minha avó tinha razão... Casei-me, e o casamento não foi bom... Sofri muito...

A cerimônia do casamento aconteceu no dia 12 de outubro, como estava previsto... E fomos viver na casa de Pelayo...

No dia seguinte, dia 13, era meu turno de trabalho...



Mimi, a avó de Moreno. (Cortesia da família.)



Aparição de Mimi na casa de Pelayo, perto de Algeciras, Espanha. Caderno de campo de J. J. Benítez.

“Você tem medo de ficar sozinha?”, perguntei à minha mulher. Ela disse que não, e eu a adverti de que não fechasse a porta com chave. Se fizesse isso, eu não teria como entrar...

Saí à noite, às 22h, e regresssei às 7h da manhã...

Quando voltei, a porta estava trancada... Havia sido colocados uma mesa, quatro cadeiras e um sofá contra a porta de madeira...

Minha mulher estava espantada...

E me pediu que entrasse no quarto...

Então eu fui... Pensei que fosse um rato ou uma barata...

Nada... Ali não havia nada... Ela me fez olhar debaixo da cama e dentro do guarda-roupa...

Então explicou que, durante a noite, havia se apresentado uma mulher ali no quarto...

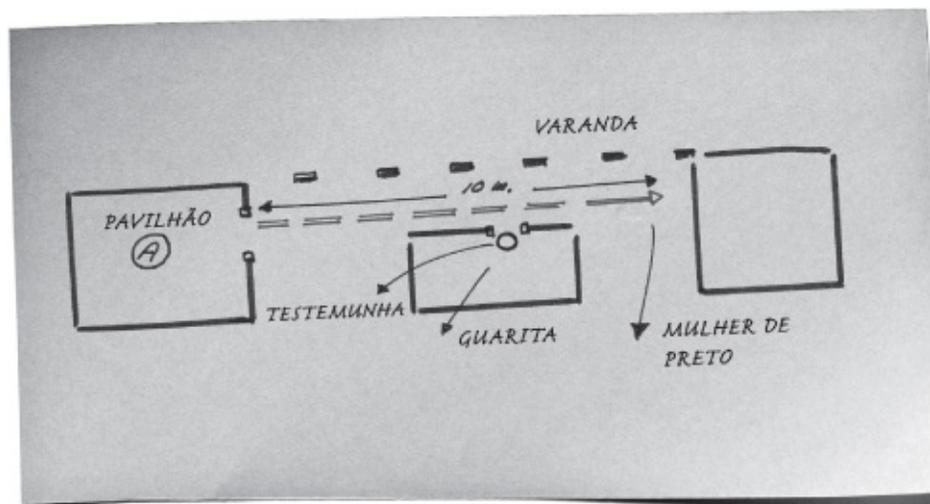
Ela se encontrava na cama, lendo o *Pronto*...

Sentiu frio, levantou a vista e viu uma mulher mais velha, baixinha e magra... Encontrava-se entre a cômoda e a cama... Usava um avental xadrez branco e preto...

Então ela lhe disse: “Por que você se casou com meu neto?... Você o fará muito infeliz”...
Era minha avó...
Mas como era possível?... A casa tinha grades em todas as janelas...
Minha mulher, aterrorizada, jogou a revista e saiu correndo do quarto...
Nesse dia tive que chamar meu pai para que ficasse em casa enquanto eu ia trabalhar...
Aquele casamento durou 26 anos...



Moreno, um homem afável e tranquilo. (Cortesia da família.)



Rota da mulher de preto, segundo o testemunho do guarda-civil. Caderno de campo J. J. Benítez.

Minha avó acertou... Foi um calvário...

A esposa de Moreno morreu em 2005. Mimi tinha falecido aos 88 anos de idade.

A segunda experiência se manifestou na madrugada do dia 12 de maio de 1996.

Esse dia foi meu turno de sentinela do quartel...

Nessa ocasião, Moreno tinha sido designado para prestar serviço no antigo quartel de Zahara de los Atunes, em Cádiz, Espanha.

Eram 4h da madrugada... Eu lia... E precisamente um livro seu: *Cavalo de Troia*, o primeiro volume...

E nisso, pela minha esquerda, vi aparecer uma mulher alta, vestida de preto...

Ela se aproximou, e escutei sua voz... Disse-me: “José Antonio, José Antonio... seu pai morreu...”.

E desapareceu...

Fechei o livro. Estava na página 209...^[1]



Moreno com Miji. (Cortesia da família.)

Aquela voz... Era a minha cunhada... Era a única que me chamava pelo nome de batismo... Mas estava morta...

Às 6h da manhã, terminei a guarda e fui para casa... Era o aniversário do meu pai, e eu o deixei dormir... Não quis acordá-lo... Ai de mim!... Provavelmente já estava morto... Pouco depois, minha mulher o chamou para cumprimentá-lo... Ele não respondeu... Quando eu me aproximei, compreendi que tinha falecido... Ele tinha um sorriso maravilhoso...

Nessa manhã, transferimos o cadáver para nossa casa em Zahara... E colocamos o ataúde sobre a cama, no quarto...

Nesse instante ocorreu outro evento que Moreno também não soube explicar.

Tínhamos um gato muito pequeno, de uns quatro anos...

Nós o chamávamos de Miji (de “*mijita*”: algo pequeno, insignificante).

Um dia nós o pegamos na rua, e ele ficou conosco...

Tinha o costume de deitar-se debaixo da cadeira de rodas do meu pai. Ele acariciava-o...

Quando eu levava meu pai para o quartel, Miji nos acompanhava. Caminhava conosco. Depois regressava para casa e entrava pela janela...

Era branco e cinza, lindo...

Pois bem, ao colocar o ataúde no quarto, Miji entrou. Posicionou-se ao pé da cama e olhou para o alto. Estava com os olhos bem abertos. Minha esposa lhe disse então: “É Manuel...”. E Miji, como se tivesse compreendido, deu um salto e se colocou ao lado do ataúde...

Permaneceu ali por 24 horas, sem se mover...

No dia seguinte, 13, levamos o corpo e o enterramos...

Regressamos para casa por volta das 17h, mais ou menos...

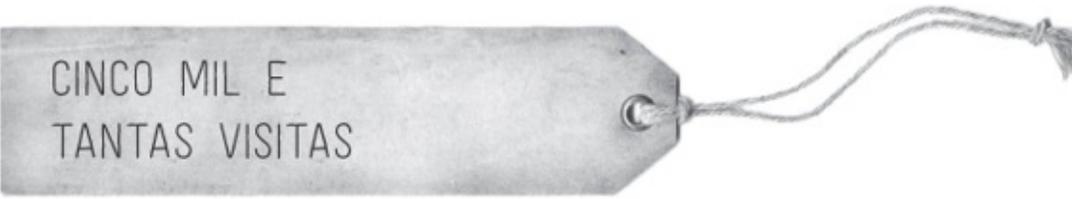
E encontramos o gato sentado na cadeira de rodas... A princípio, nós não lhe demos importância...

Tratamos de dar-lhe comida, mas ele não queria... E continuou encolhido na cadeira...

Não havia como descê-lo dali...

E ali permaneceu por onze dias, sem comer nem beber, até que morreu...

Moreno o enterrou no velho quartel. Segundo o guarda, o gato morreu de tristeza.



CINCO MIL E
TANTAS VISITAS

Foi outro membro da Benemérita quem me colocou em contato com Sonia Gómez Rico, uma jovem com uma capacidade paranormal pouco comum.

No dia 31 de agosto de 1995, o sargento José Enrique Soldado (nome fictício) me escreveu uma carta, de La Rioja, Espanha, que entre tantas coisas dizia:

Faz muitos anos que sou um fiel seguidor de suas investigações, por meio das obras que foram publicadas, das quais até o momento só consegui onze. Nunca vivi de perto nenhuma experiência que pudesse ser digna de menção, salvo um ou outro susto noturno que, uma vez esclarecido, distanciava-se e muito de ter conexões de origem extraterrestre.

Não obstante, talvez por aquilo que se diz que “nada é por acaso”, pude conhecer uma pessoa que, apesar de manter em silêncio suas experiências durante muitos anos, por razões que ainda não posso explicar, se dignou a contá-las para mim, e então (casualidade?) encontrei um artigo que eu guardava aqui da revista Guardia Civil, do mês de junho de 1992, no qual o senhor deu uma entrevista para a dita publicação e fornecia sua caixa postal para possíveis comunicações.

A pessoa da qual lhe falo sempre guardou com discrição as frequentes aparições de seres que se apresentaram diante dela. Isso poderia parecer, a princípio, algum sintoma esquizofrênico, mas o curioso é que, na maioria das ocasiões, essas aparições têm por fundamento antecipar acontecimentos que, posteriormente, se confirmam. Dizendo de outra forma: tais entidades nos advertem de coisas que vão acontecer.



Ana, avó de Sonia. (Cortesía da família.)

Um dado curioso, que me chamou a atenção, é que, quando começou a manifestar essas inquietudes, entre outras coisas, ela comentou que no quartel dessa localidade havia “algo estranho”. Sua mãe, que, segundo sua filha, também possui certa percepção especial, comentou, assim que veio pela primeira vez: “Mas... Minha filha... O que acontece aqui?” O que elas não sabiam é algo que eu lhes contei depois e que, segundo manifestaram, poderia ser a explicação. O quartel fora construído nas imediações onde antes era um cemitério. Não sei se esse dado poderia ser significativo, mas, por acaso, fica registrado.

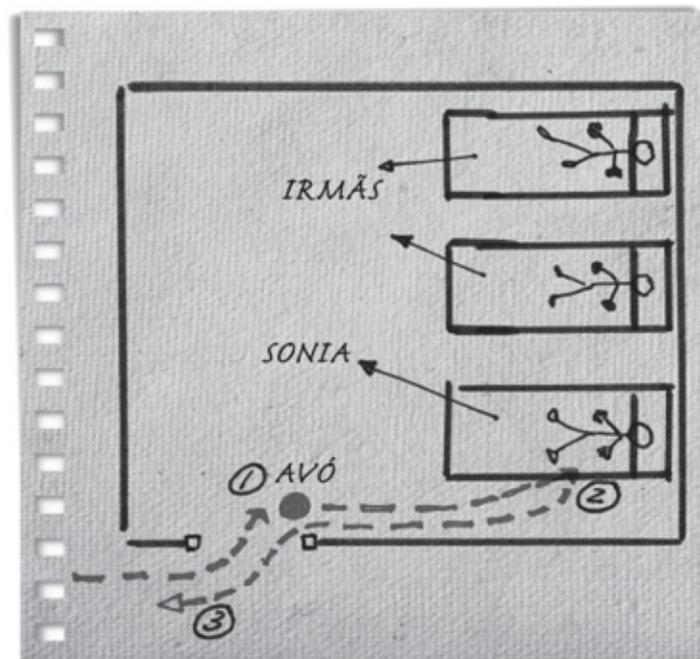
Não quero entrar em mais detalhes sobre os fatos, dado que talvez eu pudesse introduzir apreciações subjetivas que, embora de forma involuntária, poderiam modificar a realidade das experiências...

Li a carta com interesse, e faltou pouco para que eu saísse em disparada até aquele pequeno povoado riojano.

Porém, algo me deteve. E uma “voz” familiar em meu interior sussurrou: “Espere... Não é o momento”.

Esperei, claro.

Arquivei a carta do amável sargento e a guardei por dezessete anos!



Ana, a avó de Sonia, falecida anos antes, chegava à porta do quarto. Ali se detinha por alguns instantes, contemplando o cômodo. Depois caminhava e sentava-se do lado direito da cama. Permanecia uma meia hora ao lado de Sonia e partia. Tanto ao aproximar-se como ao se afastar, Sonia escutava o roçar do chinelo no chão. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Quando chegou o momento, a carta “voltou” às minhas pecadoras mãos. Localizei o sargento (já era capitão), e o homem, com santa paciência, prometeu localizar Sonia. A mulher já não vivia mais em La Rioja.

Meses depois, em dezembro de 2012, por fim, eu entrevistei Sonia Gómez Rico, de 39 anos de idade.

Sonia, apesar de sua timidez, compartilhou algumas das suas experiências.

Procedo agora ao relato da primeira:

– Desde criança – comentou Sonia –, desde que tinha quatro ou cinco anos de idade, eu via minha avó no quarto, pela noite. Ela faleceu quando eu era ainda bebê. Sentava-se na cama e acariciava meu cabelo...

– E como você sabe que era sua avó?

– Pelas fotografias. Era a mesma pessoa. Estava com um vestido cinza e um avental... Sentava-se na minha cama, contemplava-me, falava comigo e, após seus carinhos, se levantava e ia embora.

– O que ela dizia para você?

– Não consigo recordar...

– Pode ser um sonho?

– Não, foi uma experiência real. E se prolongou durante muito tempo...

– Quanto tempo?

– Desde os quatro ou cinco anos até quando fiz vinte...

– Por quinze anos?

Sonia assentiu com a cabeça. E insistiu:

– Ela chegava ao quarto e sentava-se ao meu lado. Noite após noite...

– Você dormia sozinha?

– Não, com minhas irmãs.

– Elas viram sua avó?

– Que eu saiba, não...

E Sonia foi respondendo a todas as minhas perguntas.

– Segundos antes que aparecesse na porta do quarto, eu ouvia o roçar dos seus chinelos no corredor...

Sabia que era ela... Detinha-se na porta e parecia contemplar o dormitório... Depois avançava até minha cama e sentava-se ali.

– Quanto tempo ela permanecia ao seu lado?

– Não sei calcular. Talvez meia hora ou mais...

– Você sentia medo?

– Não. Ela sorria e transmitia uma grande paz.

– Como se despedia?

– Se inclinava e me dava um beijo no rosto. Depois ia embora...

– Como eram suas costas?

– Normais.

– Caminhava encurvada?

– Não.

– Quanto tempo duravam os carinhos em seu cabelo?

– Dois ou três minutos.

– Sentia o toque dos seus dedos?

– Sim.

– Sentia o peso do seu corpo? O colchão afundava?

– Sim.

– Você está me dizendo que a presença dela se prolongou durante quinze anos.

Sonia assentiu em silêncio.

Fiz as contas.

– Isso representa cinco mil e tantas visitas...

A mulher voltou a mover a cabeça, afirmativamente.

– O aspecto dela mudou nesse tempo?

– Não. Sempre se apresentava com a mesma roupa e com o cabelo curto.

– Você se lembra da última visita?

– Chamou-me a atenção porque eu a vi triste. Foi a única vez.

A sua avó se chamava Ana.

“DIGA A MINHA FILHA
QUE NÃO CHORE MAIS”

Volto de novo para a magia dos sonhos.

Quem me contou esta história foi uma senhora da alta sociedade dominicana. Eu a chamarei de Margarita.

Tive um sonho quando morava em Santo Domingo (República Dominicana)...

Neste mesmo sonho se apresentou um homem que eu não conhecia...

Identificou-se como sendo o pai de Carmenchu, uma amiga que residia na cidade de Oviedo, a oeste da ilha...

Eu tinha ouvido falar dele, mas, como disse, não o conhecia em pessoa...

E no sonho chegou com uma mulher que tampouco pude identificar...

Somente ele falou...

E me disse: “Quero que você diga para minha filha Carmenchu que não chore mais... Eu estou bem...”

E não disse mais nada...

O sonho terminou aí...

Poucos dias depois recebi uma carta da minha amiga...

Nela, me comunicava a morte do seu pai...

Fiquei perplexa. A data do falecimento era a mesma do meu sonho...

Desconcertada, telefonei para Carmenchu e lhe informei sobre o que acontecera...



Margarita com J. J. Benítez. (Foto: Blanca.)

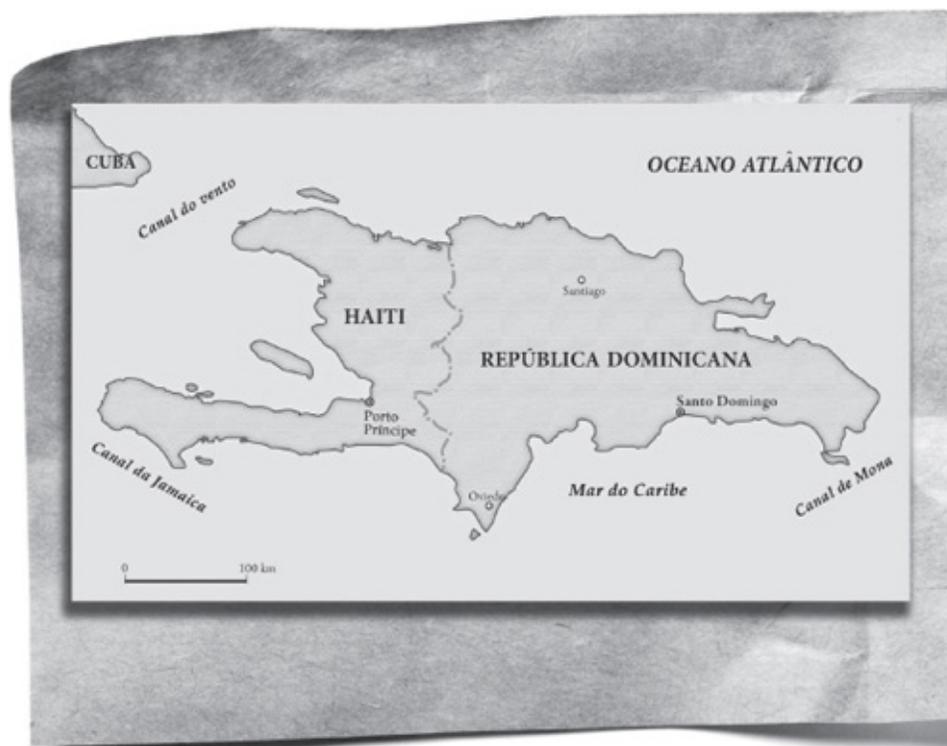
Minha amiga escutou-me em silêncio. Depois caiu em lágrimas...

Minha amiga, de fato, estava muito deprimida...

Sentia tanta falta do seu pai. Tinha vendido a casa onde veraneava com ele... Não queria nada que recordasse a sua presença...

Chorava e chorava...

E quanto à mulher desconhecida que o acompanhava no sonho, levando em conta sua descrição, Carmenchu esclareceu que se tratava de sua mãe, que morreu quando ela era muito jovem...



O sonho de Margarita ocorreu em Santo Domingo. O pai da sua amiga faleceu e foi enterrado em Oviédo, a quase 200 quilômetros de distância.

A partir desse acontecimento, Carmenchu encaminhou a sua vida. E lembrei-me de uma das experiências de Madeline Mazaira.

A ANUNCIAÇÃO

Isabel é uma jovem bela e sensível. Vive em Extremadura, Espanha. Em certa ocasião, em 20 de março de 2002, teve um sonho, aparentemente absurdo. Assim ela o contou para mim, na carta que escreveu:

... Uma noite sonhei que batiam à porta da minha casa... Ao abri-la encontrei meu pai... Tinha um bebê nos braços... Lembro-me perfeitamente da carinha do bebê... Fiquei sem palavras... Eu, no sonho, sabia que meu pai tinha morrido – ele faleceu no dia 25 de fevereiro de 2000. Então ele me olhou e disse: “Pegue José Antonio... para que tenha com que se entreter, e assim poder tirar a tristeza dos seus olhos...”



O pai de Isabel. (Cortesia da família.)

Ele entregou-me o bebê e se foi...

Aquele sonho me impactou, mas minha surpresa foi enorme quando, dias depois, eu me inteirei de que estava grávida...

Sempre soube que o bebê que esperava seria um menino e, claro, se chamaria José Antonio...

A gravidez transcorreu de maneira normal, contudo em minha mente vinha sempre a imagem daquele bebê nos braços de meu pai...

Quando comecei o trabalho de parto, estava internada na maternidade.

Eu sentia muito medo, mas nesse momento me vi inundada por uma grande paz... Foi inexplicável...

E foi na sala de parto que eu notei uma presença...

Não via ninguém, mas a presença estava ali, à minha esquerda, e ali se manteve até o bebê nascer...



Isabel e seu filho José Antonio, nascido em 8 de janeiro de 2003. (Cortesia da família.)

Essa presença me animava a seguir em frente e me tranquilizava.

Horas depois do nascimento, já no quarto, quando tentava dormir, senti a mesma presença... que saiu do banheiro e se colocou no pé da cama... Eu então abri os olhos e a presença desapareceu... Tentei dormir de novo e ao fechar os olhos notei que a presença voltava a aparecer, fazendo o mesmo movimento (desta vez, mantive os olhos fechados)... A presença esteve algum tempo aos pés da minha cama... Depois se dirigiu até o berço e observou o bebê durante alguns minutos... E partiu...

Nesse momento, compreendi que a presença que esteve todo o tempo comigo era meu pai...

É lógico que meu filho se chama José Antonio e, efetivamente, tinha a carinha daquele bebê que meu pai me entregou no sonho.

A carta, escrita em 25 de fevereiro de 2008, terminava com as seguintes palavras:

E por último, já me despedindo, queria lhe contar qual foi o motivo pelo qual eu decidi escrever-lhe. Um dia estava sozinha em casa e comecei a ter uma sensação estranha. Era como se fosse uma vozinha saindo do meu interior e que me dizia que eu entrasse em contato com o senhor. Não sei por que aconteceu isso comigo. Fiz uma busca na internet e encontrei sua página na web. Daí, tive a ideia de escrever-lhe...

Em comunicações posteriores, Isabel me falou do seu filho. Disse que é um menino muito especial, com uma grande sensibilidade. “Ele é muito carinhoso. Tem uma luz brilhante.”

Guardadas as lógicas distâncias, o sonho de Isabel me faz recordar outros anúncios de nascimentos, que chegaram igualmente por “meios extraordinários”. E penso no meu querido “sócio”, Jesus de Nazaré, e no seu primo distante, Yehohanan, e no bíblico Sansão e no renomado caso de Elvira Niguerol Nieto, em 1934, nas Majaíllas, uma fazenda localizada a 5 quilômetros de Garganta la Olla, também na Extremadura...^[1]



Um “anjo” se apresentou diante de Elvira Niguerol e lhe anunciou o nascimento de seu neto. Caderno de campo de J. J. Benítez.

OUTRA VEZ A MAGIA
DOS SONHOS

Conheci Juanjo Infante e Luisa, sua esposa, em 15 de fevereiro... Não podia ser de outra forma.^[1]

Conversamos muito.

Contaram-me algumas experiências que não têm explicação à luz da razão. Contudo, como eu disse, que importância tem a lógica se a experiência é real...

Começarei por um dos sonhos de meu homônimo.

– Aconteceu numa noite, entre janeiro e março de 2002...

A conversa foi dolorosa, mas Infante e Luisa resistiram.

– Nesses momentos – prosseguiu Juanjo –, quando ocorreu o sonho, nossa filha Alba tinha quatro anos... O caso é que ela já vinha há um bom tempo pedindo um irmãozinho... Porém, Luisa só ficou grávida em maio de 2002.

As datas eram importantes, e Juanjo pediu que eu prestasse atenção nelas. E foi isso que fiz...

– O sonho aconteceu entre janeiro e março de 2002 – repeti –, e Luisa só ficou grávida em maio desse mesmo ano...

O casal assentiu.

– Pois bem – continuou Juanjo. – Vamos para o sonho propriamente dito. Eu me encontrava sentado em um banco metálico de cor verde... Sei que era uma estação ou, para ser mais preciso, uma estação de trem...



Juanjo Infante (Foto: Blanca.)

– Em que lugar?

– Não sei. O banco era parecido com os que eu havia visto no bairro onde cresci... Era de dia. O sol

brilhava. Deveria ser perto do meio-dia. Lembro-me de que me envolvia um sentimento muito intenso, uma mistura de nostalgia, dor e resignação...

– Por quê?

– No sonho, eu sabia que nossa filha Alba estava morta...

– Mas nesse tempo a menina vivia...

– Sim.

Deixei que ele continuasse.

– Eu tinha um bebê em meus braços. Encontrava-se vestido com um casaquinho de tricô branco. Era o mesmo que havia agasalhado Alba quando era bebê. Reconheci a roupa...



Alba, com Alejandro. (Cortesia da família.)

“Não sei como explicar... No sonho eu sentia que amava muito aquele bebê. Era meu. Melhor dizendo, nosso. Esqueci-me de dizer que Luisa, minha mulher, também estava no sonho.”

Juanjo Infante voltou aos detalhes:

– A estação de trem não era muito grande. Deveria medir 30 ou 40 metros de comprimento por 5 ou 6 metros de largura. Dispunha de um pequeno terraço que proporcionava sombra, justamente sobre nossa cabeça. A construção se erguia às minhas costas. Era uma estação típica das aldeias da serra de Sevilla, muito rústica, com os batentes das portas ainda por terminar...

Infante – como se pode notar – trabalha em construção.

– Eu via somente a borda da plataforma, sem chegar a avistar os trilhos do trem. Tampouco vi algum trem. Em frente, se erguia um grupo de árvores, altas, e que se moviam por causa do vento...

Infante fez uma pausa e comentou, quase para si:

– Não entendo por que recordo os detalhes e, no entanto, o rosto do bebê está em branco... Não consigo recordar os traços dele...

– Nada?

– Absolutamente nada... Então eu disse algo absurdo: “Tem que ver se o bebê se parece com sua irmã! Está vendo?”

“O sonho terminou aí.”

– Deixe-me ver se eu entendi. No sonho, Alba já estava morta...

– Isso mesmo, mas a menina faleceu realmente meses depois, no dia 15 de fevereiro de 2003, e de maneira repentina e inesperada.

– E quanto ao bebê que você sustentava nos braços...

– No momento do sonho, nem sequer havia sido concebido. Luisa, como eu lhe disse, ficou grávida em maio de 2002.

– E quando o bebê nasceu?

– Alejandro veio ao mundo no dia 13 de dezembro desse ano. Alba havia pedido o irmão e nós tentamos durante três anos.

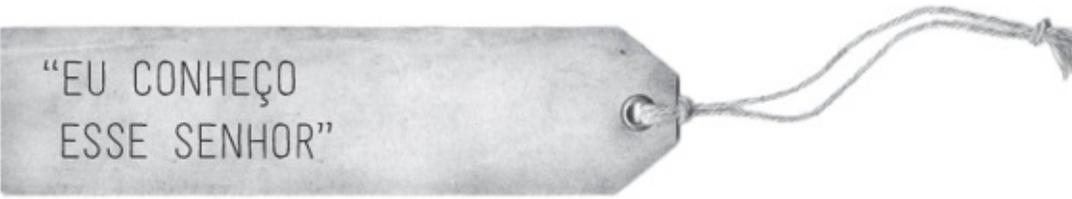
– Nesse tempo [entre janeiro e março de 2002], você tinha alguma suspeita sobre a enfermidade de Alba?

– Nenhuma. A sépsis estreptocócica que a levou se manifestou no início de fevereiro de 2003. Minha filha ainda viveu dez dias. Em resumo: nas horas que antecederam a noite do sonho, não houve nenhum fato, circunstância, filme ou notícia que pudesse ter afetado meu subconsciente, no sentido de anunciar algo no sonho que iríamos perdê-la. O elemento principal do sonho foi o bebê que eu sustentava nos braços.

– Qual é a sua opinião sobre o sonho?

– Foi uma dupla premonição...

É o que eu disse: existem sonhos mágicos.



“EU CONHEÇO
ESSE SENHOR”

Virgilio Sánchez-Ocejo é um amigo muito querido. Vive nos Estados Unidos. É cubano. Compartilhamos de uma mesma paixão: o estudo e a investigação do fenômeno dos óvnis.

Virgilio sempre me ensinou muito e sempre com carinho e uma paciência comovedora.

No dia 23 de setembro de 2012, quando regressávamos de uma das averiguações, em Fort Pierce, Flórida, meu amigo fez uma confissão. E me autorizou a torná-la pública, se fosse necessário.

O acontecimento ocorreu em Miami, no ano de 1997.

– Meu neto Rigo estava com cinco anos de idade – explicou Virgilio. – Era fim de semana. Eu estava na cama. María Elena, minha esposa, estava no térreo, preparando o café da manhã...

“Nesse dia, não me lembro por quê, Rigo se encontrava em casa...”

“E subiu até o quarto principal...”

“Entrou no dormitório, ficou olhando uma fotografia que tínhamos sobre a mesinha de cabeceira e comentou: ‘Eu conheço esse senhor...’

“A foto em questão é muito antiga. Nela se veem meu pai e o escritor Ernest Hemingway num restaurante cubano muito famoso, chamado La Floridita. Meu pai conheceu Hemingway na Havana Velha. Viam-se com frequência no dito restaurante. Ali jogavam dados. Meu pai apresentou a ele um irmão seu, Gerardo, grande pescador de peixe-espada...”

“Eu olhei para meu neto com estranheza. Era a primeira vez que Rigo via essa fotografia. Tínhamos acabado de nos mudar para essa casa...”



Rigo. (Cortesia da família.)

“Então perguntei: ‘Qual deles?’

“Rigo, sem hesitar, se adiantou e colocou o dedo sobre a imagem do meu pai...”

“Fiquei assombrado.

“Meu pai faleceu em 30 de janeiro de 1990, e Rigo nasceu no dia 23 de outubro de 1992...”

“Não era possível.

“Insisti, e meu neto assinalou de novo o meu pai.

“E esclareceu: ‘Ele vem todos os dias para brincar comigo... Ele é meu amigo’.

“Como já disse antes, Rigo vivia em outro lugar da cidade. Nunca tinha visto aquela foto...”

– E ele explicou algo mais?



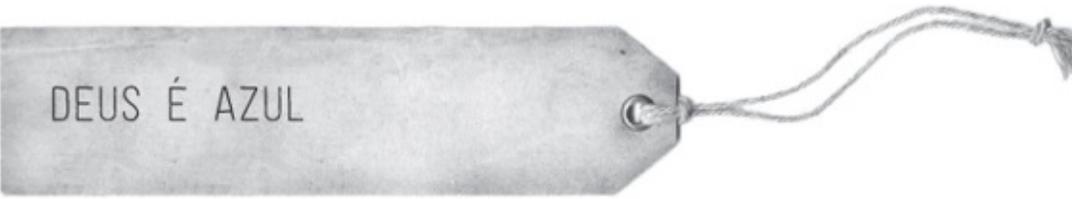
Fotografia em que Rigo identificou o seu “amigo”, o pai de Virgilio Sánchez-Ocejo (à esquerda). Ao seu lado, Hemingway (1957 ou 1958), no restaurante cubano La Floridita. (Cortesia da família.)

– Não. Simplesmente disse que o “homem da fotografia brincava com ele diariamente”. Nem sequer sabia que esse senhor era meu pai...

Nos dias de hoje – quinze anos depois da referida experiência –, Rigo não se recorda mais do seu “amigo” de infância.



Virgilio Sánchez-Ocejo, entrevistado por J. J. Benítez. (Foto: Blanca.)



DEUS É AZUL

Curioso. No mesmo período em que Virgilio Sánchez-Ocejo vivia a desconcertante experiência com seu neto Rigo, alguém que não consegui identificar (e veja só, eu tentei) fez chegar às minhas mãos o rascunho de um livro que ignoro se foi publicado ou não. Nele, fala-se das experiências de quase morte (EQM). Pois bem, a partir da página 67, descreve um caso que me deixou atônito. Era parecido com o que se manifestou com Rigo. A experiência foi vivida por uma menina paquistanesa. Eis aqui o texto que, como eu digo, me foi enviado – misteriosamente – em 1997:

No final do outono de 1968, a mais nova de minhas duas filhas, que até então tinha dois anos e meio, acabou morrendo em pouco tempo. Estava há vários meses enferma, piorando progressivamente. Começou a ficar parálitica e mais tarde apresentou episódios de vômitos e cegueira. Eu era médico militar e tinham me transferido para uma pequena unidade ao pé do Himalaia. Levamos Durdana ao hospital militar, a alguns quilômetros de distância, para que a examinassem, contudo os exames terminaram sendo de pouca ajuda. Os resultados apontaram que os sintomas poderiam ser sequelas de uma encefalite virótica, que havia pouco tempo tinha acabado com a vida de muitas crianças da região.

Eu estava ocupado numa consulta quando meu ajudante entrou correndo para dizer-me que chamasse minha mulher, que algo havia acontecido com a pequena Durdana.

Vivíamos num dos aposentos do quartel, numa casa ao lado do consultório militar. Durdana tinha passado uma noite ruim, e, temendo o pior, fui correndo para casa. Após um rápido exame não identifiquei sinais de vida. “Ela está morta”, disse. Com uma expressão quase de alívio, porque a menina tinha sofrido muito, minha esposa pegou com delicadeza o corpo sem vida de nossa filha e se apressou a levá-lo para dentro. Eu a segui. Existem certas medidas de emergência que são obrigatórias, segundo o regulamento militar, e um colega, que tinha me acompanhado desde o consultório, saiu em busca do equipamento necessário.

Minha esposa levou a menina para nosso quarto e a colocou na cama. Após outro exame, segui com o procedimento das medidas de emergência prescritas, sabendo que era improvável que surtisses algum tipo de efeito. Enquanto eu fazia o exame, me surpreendi repetindo, de modo meio inconsciente e em voz baixa: “Volte, filha, volte”.

FICHA TÉCNICA OBRAS PLAZA

FECHA: 9-10-1997

*Nunca por que
sabe logo a
mis mano!*

TÍTULO DE LA OBRA:	LA MUERTE DE MÁS ALLÁ DE
COLECCIÓN:	DIVERSOS BOLSILLO
PROVEEDOR:	ALFONSO LOZANO
TIPOS:	BERKELEY
CUERPOS:	11,5
INTERLINEADOS:	12
CÍCEROS:	19
LÍNEAS POR PÁGINA:	33
ESPACIOS:	191.400
N.º DE PÁGINAS MANCHADAS:	136
13 FOTOS (12 PÁGINAS):	30.000 PESETAS

44
82

Cabeçalho da prova tipográfica que nenhuma pessoa identificada me enviou... Agora eu sei por que tinha que chegar às minhas mãos.

Como último recurso, minha esposa verteu na boca da menina umas poucas gotas de niquetamida, um estimulante do coração que também lhe havíamos dado na noite anterior. Um fiozinho de líquido saiu de sua boca sem vida e deslizou pela maçã do rosto. Nós continuamos a observá-la com tristeza. Então, para nosso assombro, a menina abriu os olhos e, após fazer uma careta estranha, disse com seriedade que o medicamento era amargo. Então voltou a fechar os olhos. Apressei-me a examiná-la de novo, e ela começou a dar sinais de vida, se bem que muito débeis de início.

Poucos dias depois, quando Durdana havia se recobrado da sua “morte” e minha esposa, da sua comoção, mãe e filha estavam no jardim.

– Para onde foi minha pequena alguns dias atrás? – perguntou minha mulher.

– Bem longe, para as estrelas – foi a surpreendente resposta.

Agora, Durdana é uma menina inteligente e se expressa muito bem, e o que ela diz deve ser levado a sério, senão ela fica bem brava.

– E o que você viu ali, querida?

– Jardins.

– E o que havia nesses jardins?

– Maçãs, uvas e romãs.

– E o que mais?

– Havia riachos; um riacho branco, um marrom, um azul e um verde.

– E tinha alguém ali?

– Sim, meu avô estava ali, e a mãe dele e outra senhora que era bem parecida com você.

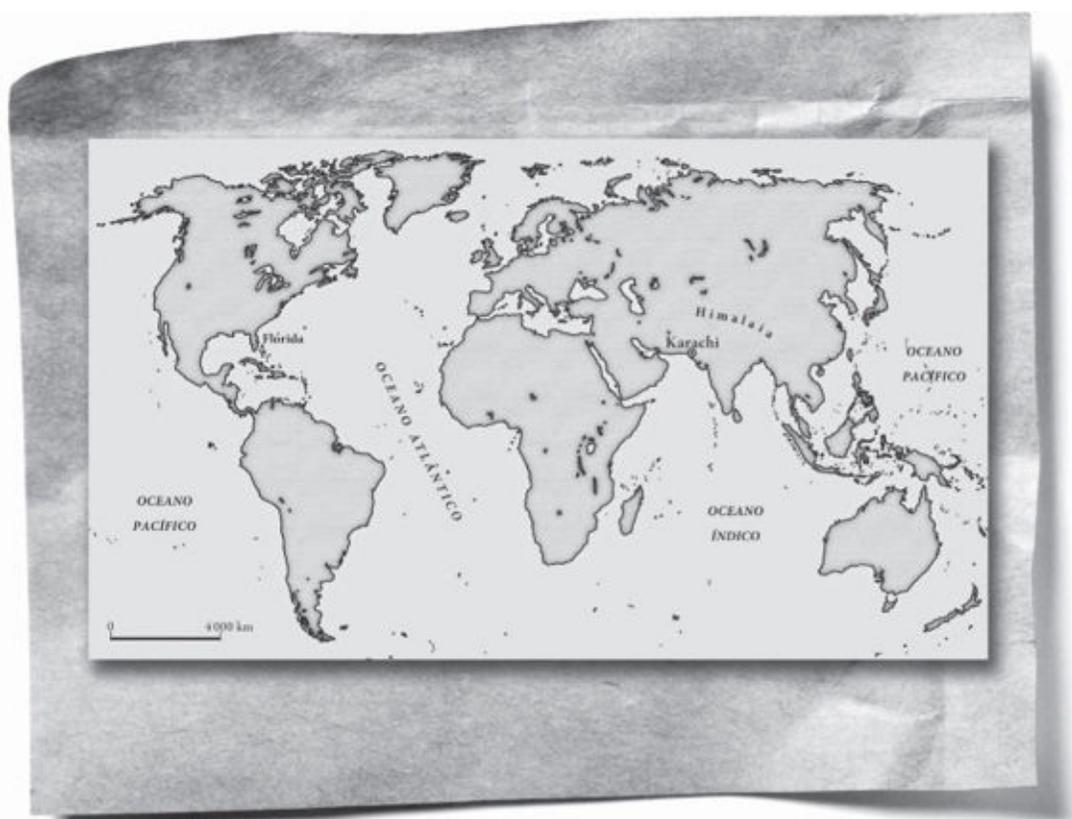
Minha esposa estava muito intrigada.

– E o que eles lhe disseram?

– O vovô disse que estava muito alegre em ver-me, e sua mãe me sentou em seu colo e me deu um beijo.

– E depois?

– Então ouvi o papai dizer: “Volte, filha, volte”. E daí eu disse para o vovô que o papai estava me chamando e tinha que voltar. Ele me disse que eu deveria perguntar isso a Deus. Assim, fomos encontrar Deus, e o vovô lhe explicou que eu queria regressar. “Você quer voltar?”, perguntou-me Deus. “Sim”, respondi eu, “devo voltar, meu pai está me chamando”. “Está bem, então vá”, respondeu Deus. E desci das estrelas até a cama do papai.



Cerca de 12 mil quilômetros separam Miami do Himalaia.

Isso era o mais interessante. Durdana tinha descido realmente para minha cama, onde raras vezes esteve, levando em conta que as meninas dormem ou brincam em suas camas ou na de sua mãe, nunca na minha. E, quando Durdana voltou a si, não estava em condições suficientes para saber onde estava. Mas minha mulher estava mais interessada na entrevista de Durdana com o Todo-Poderoso.

- Como era Deus? – perguntou-lhe.
- Azul – foi a desconcertante resposta.
- Mas como era a sua aparência?
- Azul.^[1]

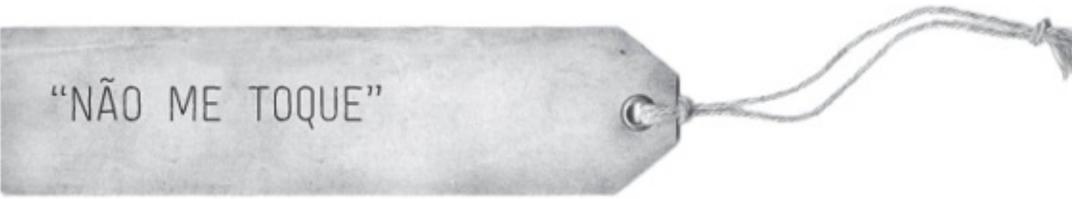
Por mais que tentasse naquele momento, e depois, conseguir que a menina descrevesse Deus com mais detalhes, ela apenas repetia que ele era azul.

Pouco depois, levamos Durdana para Karachi, a fim de submetê-la a uma neurocirurgia e seu devido tratamento no Hospital de Jinnah. Após uma complexa operação no cérebro, Durdana começou pouco a pouco a recuperar-se. Eu voltei para o meu trabalho, enquanto minha mulher permanecia em Karachi com Durdana em convalescência. Antes de regressar, vários parentes e amigos foram nos visitar. Na casa de um dos meus tios, enquanto eles conversavam tomando uma xícara de chá, Durdana começou a passear pelo ambiente, apoiando-se nos móveis para não perder o equilíbrio, porque estava tão debilitada depois da enfermidade que ainda não era capaz de permanecer em pé por si mesma. De repente gritou: “Mamãe, mamãe!” Minha mulher foi correndo até ela. “Veja”, disse animada Durdana, apontando a velha fotografia da mesa, “esta é a mãe do vovô. Eu a conheci nas estrelas. Ela me pôs em seu colo e me deu um beijo”.

Durdana tinha razão. Mas minha avó morreu muito antes que a menina nascesse; e havia somente duas fotos dela, ambas em posse do meu tio. Era a primeira vez em sua vida que minha filha visitava aquela casa, e não poderia ter visto aquela fotografia antes...

Naturalmente, até o dia de hoje, nem Rigo sabia da existência de Durdana, nem ela sabia sobre o acontecido entre Virgílio e seu neto. Na verdade, na Cabala, o número 67 (número da página do manuscrito enviado), entre outras equivalências, tem o mesmo valor numérico que as palavras “avó” e

“anciã” (!).



“NÃO ME TOQUE”

No dia 24 de setembro de 2001, recebi uma extensa carta. Vinha de Barcelona, Espanha, e quem a assinava era Dolores Heredia. Fisgou-me. Na carta, ela contava parte das singulares experiências vividas ao longo de sua vida.

A carta assim se inicia:

Estimado senhor: tenho a esperança de conseguir, por fim, contatá-lo.

Também espero que esta carta seja lida pelo senhor, e não por uma secretária.^[1]

Creio que alguém que não seja o senhor não terá sensibilidade suficiente ou agudeza profissional para entender o que eu quero e, por algum motivo, necessito contar-lhe, isso é absolutamente certo.

Atualmente tenho 41 anos, e desde os 25 tento entrar em contato com o senhor.

Nunca consegui contatá-lo, mas “algo” me faz insistir de tempos em tempos.

É extremamente difícil conseguir seu endereço na redação das revistas. É impossível, e eu compreendo, mas para mim é uma necessidade consegui-lo. E finalmente encontrei sua caixa postal em seu livro Meus enigmas favoritos.^[2]



Dolores Heredia. (Cortesia da família.)

Meu pai me deu o livro, ontem mesmo, com um sorriso, e me disse que ao final dele eu encontraria uma agradável surpresa, longamente esperada.

Depois de tantos anos querendo compartilhar com o senhor as minhas experiências, entretanto, não é nada fácil começar...

Na carta, enfim, como já disse, Lola fazia um resumo de suas experiências. Li, assombrado, e, como de costume, guardei as onze folhas na “geladeira”.^[3]

Permaneceram ali por onze anos...

Quando o Destino estimou que fosse oportuno – no dia 14 de outubro de 2012 –, viajei para Barcelona e fiz uma entrevista com a paciente e bondosa Lola Heredia. A mulher confirmou, ponto por ponto, o que havia escrito anteriormente.

Não tive dúvida. O que foi narrado por Lola era factível.

Começarei por uma das experiências:

– Eu tinha um tio, irmão do meu pai. Ele se chamava Manuel Heredia Sierra. Na primavera de 1980 decidi viajar para Nova York. Estava em busca de trabalho. E ficou hospedado na casa do seu irmão Miguel...

“Resumindo”, prosseguiu Lola, “um dia subiu uma escada para trocar uma lâmpada e lhe deu algo... Caiu e tiveram que levá-lo ao hospital... Disseram que foi uma trombose. O problema acabou se revelando uma morte cerebral, e os médicos aconselharam que fosse desligado das máquinas...”

“Bem, assim são as coisas... No dia 24 de setembro desse ano, 1980, por volta da 1h, eu me encontrava na casa dos meus pais, em Hospitalet, Barcelona. Minha mãe tinha saído para fazer compras... Eu estava sozinha, com uma cachorrinha que chamávamos de Laika... E aconteceu algo estranho... Laika começou a latir... Em seguida, comecei a sentir frio... Um frio de época de neve, muito intenso...”

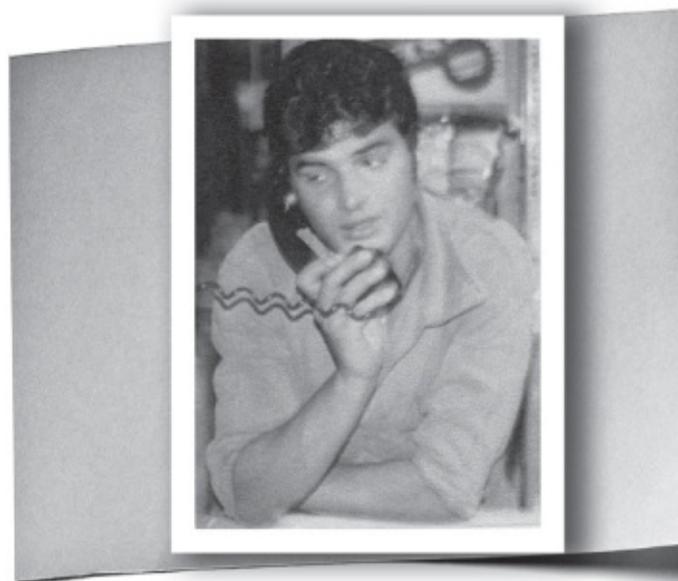
– Era setembro?

– Sim, dia 24... Laika parou de latir e pulou para cima do sofá... E ali se enrolou...

– E a sensação de frio continuava?

– Sim. Era impróprio para aquela época do ano... O frio entrava nos ossos... Então eu comecei a ver um par de tênis esportivos... No chão... Depois apareceu a calça jeans, e finalmente uma camisa de manga longa xadrez verde... Era uma camisa minha! Era minha!... Depois vi a cabeça... Era meu tio Manolo!

“Tentei me levantar do sofá e ele fez um gesto com a mão direita, dando a entender que não me aproximasse dele.”



Manuel Heredia, tio de Lola. (Cortesia da família.)

– Como foi o gesto?

– Levantou a mão, detendo-me... Algo como se estivesse dizendo: “Não me toque”.

– A que distância ele se encontrava?

– Mais ou menos uns 3 metros.

– Você o via bem?

– Com a maior clareza... E eu lhe disse: “Manolo, o que você está fazendo aqui?... Você está na América do Norte, morrendo...”.

“Ele respondeu: ‘Calma. Estou aqui para despedir-me de você... Você me vê morto?... Estou vivo... Estou bem’.

“Tentei levantar-me de novo. Queria abraçá-lo e beijá-lo. Nós gostávamos muito um do outro. E nos dávamos muito bem...”

“Mas ele não permitiu. Levantou a mão outra vez e deteve-me.”

– Ele retrocedeu?

– Não. Sempre permaneceu no mesmo lugar. E então eu lhe disse:

“– Deixe-me dar-lhe um beijo...”

“– Não, você não pode – respondeu ele.

“– Então, me dê você um beijo.

“– Não posso. Ainda não cheguei aonde tenho que ir...”

“E acrescentou:

“– Quero despedir-me de você e quero que saiba que estou vivo, que estou bem e tranquilo... Não sofra... Não chore nem tenha pena... e viva!

“– Mas eu não vou mais ver você...”

“– Me verá, sim... Esteja onde estiver e com quem estiver, sempre estarei com você... Agora eu a amo muito mais e melhor do que antes... Não tenho tempo. Tenho que ir... Tenho que ir agora mesmo...”

“E desapareceu... Foi tão real...”

– E como a cachorrinha reagiu?

– Estava como se estivesse dormindo. Não se mexeu no sofá. Depois, assim que Manolo partiu, ela foi para o terraço, seu lugar habitual.

– Como era o aspecto de seu tio?

– Normal. Inexplicavelmente, não tive medo. Não sei como dizer isso, mas nesse momento soube que meu tio estava morto...



Túmulo de Manoel Heredia, no Cemitério de Evergreen, no Brooklyn, Nova York (EUA). (Cortesia da família.)

Pouco depois, sua mãe voltou. Lola, nervosa, contou o que havia visto.

– Ela não acreditou em mim...

Nesse 24 de setembro, por volta das 21h, o telefone tocou. Quem atendeu foi Lola. A chamada

telefônica vinha de Nova York. O pai lhe comunicou o falecimento de Manolo.

– Por que você acredita que ele ordenou que não se aproximasse dele?

– Não sei...^[4]

– Você reconheceu a sua voz?

– Sim, era a sua voz, bem como seu sorriso e seu olhar. Normalmente, em vida, eram marotos. Mas desta vez foi um olhar e um sorriso cheios de paz e doçura... Eu me senti muito bem.

Segundo Lola, seu tio falava, mas não movia os lábios. E sublinhou algo que estimou ser importante:

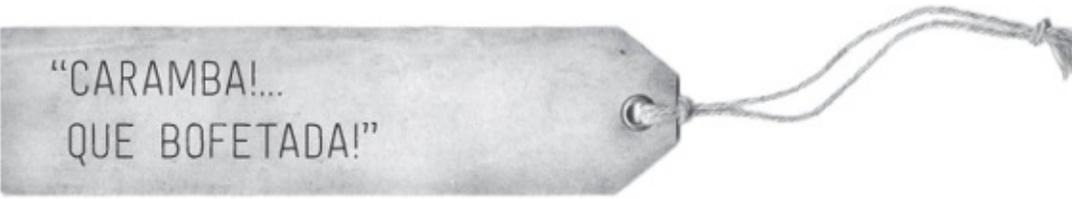
– Ele colocou ênfase ao pronunciar (?) as palavras: “Você me vê morto?... Estou bem...” e “Sempre estarei com você”.

Manuel Heredia Sierra morreu aos 28 anos de idade. Nesse momento Lola estava com vinte anos.

– Passei meses aborrecida com o mundo – prosseguiu Lola. – Não entendia mais nada... Até que um dia (uma noite, para ser mais exata), eu o vi em sonhos. Levou-me para bem longe... Cada noite eu o esperava, feliz... Mas um dia ele disse-me que não podia mais voltar... Tinha que continuar seu caminho... Neguei-me a aceitar e ele replicou: “Já não sou mais como eu era... Devo prosseguir”. Eu insisti para que voltasse e então escutei sua voz, mas estava estranha e vinha de longe. Ele me perguntou: “Será que eu terei que mostrar como está agora quem você conheceu como Manolo?” E seu rosto foi mudando...

“Eu insisti: ‘Por favor, quero somente que continue comigo’.”

“E a voz repetiu: ‘Não posso. Tenho que seguir. Sinto muito...’”



“CARAMBA!...
QUE BOFETADA!”

A experiência vivida por Lola Heredia com seu tio falecido em Nova York, em 1980, poderia justificar os não menos estranhos acontecimentos ocorridos meses depois, em 1981, também na Catalunha, Espanha.

Ela me contou com detalhes:

A primeira experiência – se é que pode ser chamada assim – teve lugar no verão de 1981...

Meu tio, como disse, morreu no dia 24 de setembro de 1980, e eu me casei no dia 26 de dezembro desse mesmo ano...

Morávamos na Carrera del Clot, 81, Barcelona...

Era um apartamento antigo, de teto alto...

As instalações também eram velhas, mas pareciam bem conservadas...

Tinha uma banheira grande e bonita. Acostumei-me a banhar-me nela em vez de no chuveiro...

Nesse dia eu tomei banho e, sem me enxugar, peguei o secador com a intenção de secar o cabelo...

Eu o liguei e, quando tinha passado 1 minuto, mais ou menos, recebi uma tremenda bofetada na cara, do lado esquerdo...

Caramba!... Que bofetada!

Ao olhar-me no espelho, vi as marcas de uma mão na cara...

Assustei-me. Não havia ninguém em casa...

Deixei cair o secador...

Estava desconcertada...

E saí do banheiro, para ver quem estava no apartamento...

Foi uma volta inútil. Não havia ninguém em casa, e eu sabia disso. Simplesmente estava sozinha...

Voltei ao banheiro...

Olhei-me novamente no espelho, perplexa...

As marcas eram nítidas...

A bofetada tinha sido forte...

Descobri uma poça de água (onde eu estava secando o cabelo)...

A tomada, que estava instalada perto do chão, à esquerda, soltava faíscas...

O secador tinha deixado de funcionar...

Compreendi...

Tendo em conta a poça de água mais a tomada soltando faíscas, sabe-se lá o que poderia ter acontecido se eu continuasse lá...

E lembrei-me das palavras do meu tio Manolo: “Esteja onde estiver e com quem estiver, sempre estarei com você”.

Mensagem recebida.^[1]

O segundo evento registrou-se meses depois, também em 1981.

Naquela manhã saí do mercado, bem perto da Cerrera del Clot...

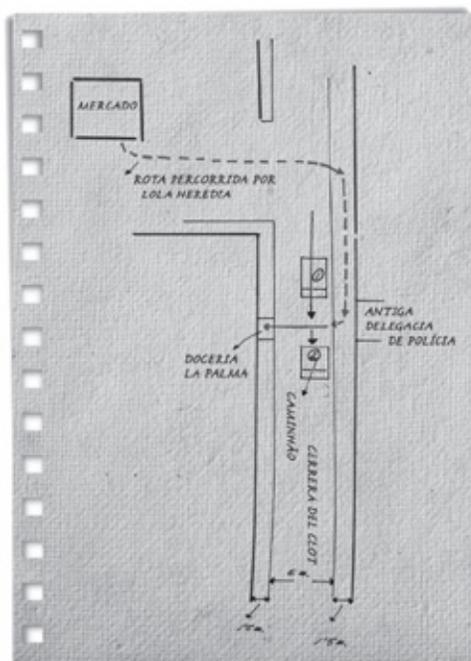
Se é que me lembro bem, eu tinha comprado três quilos de laranjas. Caminhei até a rua onde morava e fiquei na calçada da esquerda.

Como era de costume, conforme caminhava eu pensava no meu querido tio Manolo...

Ao chegar à altura da antiga delegacia de polícia, quis atravessar a rua para chegar à calçada da frente...

Suponho que fosse para comprar pão. Ali em frente à delegacia de polícia abrira uma doceria...

Eu seguia, absorta em meus pensamentos sobre o meu tio Manolo e aquela assombrosa presença...



Lola “voou” 6 metros. Teria sido seu tio, falecido há um ano, quem a empurrara? Caderno de campo de J. J. Benítez.

Fui atravessar e, de repente, senti duas mãos nas minhas costas...

Empurraram-me, e o fizeram com tanta violência que voei – literalmente – até o outro lado da calçada...

Caí de joelhos e mãos abertas...

Não me machuquei...

Quando me levantei, vi um caminhão de carga, que tinha freado na metade da rua...

As laranjas rolavam, sem rumo, pela calçada...

E vi um policial que se aproximava. Estava pálido...

Pensei que havia sido ele quem tinha me empurrado e tratei de agradecer-lhe...

A verdade é que não vi o caminhão...

A surpresa chegou quando o policial comentou: “Garota, veja só, não sei o que aconteceu aqui... Apenas vi o caminhão e você atravessando a rua... E de repente eu a vi voar pelos ares... Agradeça, mas não a mim... Não fui eu quem a empurrou...”.

Então... quem foi?

E lembrei-me de novo das palavras do meu tio: “Sempre estarei com você...”.

Ao fazer as devidas medições, comprovei que Lola havia “voado” 6 metros (distância entre as calçadas).



TOMOU UMA
BOFETADA DO MORTO

Só podia estar sob as bênçãos do céu...

Naquela quarta-feira, 1º de julho de 1992, tudo ao meu redor conspirou e manobrou para que Domingo Fernández Sandín e eu nos encontrássemos...

Eu tinha saído de Bilbao de avião. Aterrissei em Madri às 11h45 da manhã. Eu me lembro de estar inquieto. Às 13h30 tinha uma reunião marcada na Embaixada Russa. Os militares soviéticos me esperavam para falar sobre o meu tema preferido: óvnis.

Peguei um táxi e... surpresa! Vi-me preso num trânsito monumental.

Ninguém entendia nada. Não era hora de pico. Não havia nenhum registro de acidente. Não chovia...

O taxista encolheu os ombros.

Eu olhava o relógio e pensava nos russos.

O trajeto era de uma hora desde Barajas até o Hotel Ambassador, no declive de Santo Domingo, em pleno centro de Madri.

Registrei-me no hotel e larguei a mala no quarto 118.

Voei para a rua para pegar um táxi. A Embaixada estava longe.

Nova consulta ao relógio: ele assinalava 13h01.

Senti-me perdido.

A informação que os russos deviam me proporcionar era importante...

Daí me dei conta de que tinha esquecido os óculos escuros no quarto do hotel. Era o mês de julho. O sol brilhava com força. Precisava dos malditos óculos escuros...

Olhei novamente para o relógio. Eram 13h05.

Abandonei a ideia de entrar no hotel. Eu suportaria. Esse é o inconveniente de ter olhos tão azuis...

Então me espantei. Tudo obedecia a uma razão.

Finalmente apareceu um táxi.

Entrei com tudo no interior do táxi e implorei ao motorista que chegasse o quanto antes à Embaixada Russa, na Rua Velázquez.

13h10.

O taxista olhou pelo espelho retrovisor e hesitou. Alguns segundos depois, ele perguntou:

– O senhor é J. J. Benítez, o escritor?

Assenti com certo cansaço.

– Conheço um caso que talvez lhe interesse...

– O senhor viu algum óvni? – perguntei.

O homem caiu na gargalhada.

– É sobre meu avô... Melhor dizendo, sobre meu falecido avô...

E o taxista – Domingo Fernández Sandín – começou a contar o caso.

Eu não saía do meu estado de assombro.

No dia seguinte, fui averiguar. Quantos táxis circulavam por Madri naquela manhã? O número de veículos era superior a 12 mil. São 15.629 licenças.

O taxista, segundo seu relato, procedia da cidade de Los Angeles, a 12 quilômetros.

– O esquisito – afirmou ele – é que ninguém tomou meu táxi.

E eu me pergunto: Que acúmulo de coincidências teve que se desencadear naquela manhã para que eu pegasse o táxi de Domingo?

O cálculo das probabilidades matemáticas para que algo assim se materializasse me deixou atordoado, tonto.

Contudo, aconteceu.

O Destino é mágico, eu sei disso...

Naturalmente, voltei a conversar com Domingo. E ele me narrou dois casos.

Começarei por aquele que ele me adiantou quando circulávamos em direção à Embaixada Russa em Madri. Em síntese, esta é a história:



Anotações de Domingo Fernández Sandín e de Juanjo Benítez sobre um recibo de radiotáxi.

O fato ocorreu em Pedralba de Sanabria, na província de Zamora, Espanha...

Eu tinha um avô – Isidro – de quem gostava muito...

Isidro tinha um irmão, Antonio, com quem vivia brigando, pois se davam muito mal. Durante a Guerra Civil, combateram em facções opostas. Ao terminar a dita guerra, continuaram se odiando, não somente pelas ideias políticas...

Nas adjacências do povoado, dispunham de seus respectivos campos. Era necessário regá-los... Pois bem, noite sim e noite seguinte também, um roubava a água do outro e vice-versa...

Assim passaram os anos...

E, em fevereiro de 1973, meu avô Isidro faleceu...

No enterro, Antonio riu dele e comentou que deveria ter morrido muito antes...

Foi o dia de mais desgosto da minha vida...

Dois meses depois, em abril, Antonio foi regar o campo pela noite, como era de costume... E continuou roubando a água da viúva de Isidro...

E aconteceu algo impossível: Antonio recebeu a maior bofetada de sua vida. Caiu no chão e bateu contra um choupo. Ficou inconsciente...

Ali no campo, não havia ninguém...

Quando se recuperou, disse que foi um “golpe desatento” e quem o dera fora seu irmão morto...

Na cara dele, apareciam as marcas da mão...

Nunca mais voltou a roubar água...

O segundo caso, e não menos curioso que o primeiro, teve lugar em 1987.

Nessa época eu vim do povoado para Madri, explicou Domingo. Tinha uma oportunidade para trabalhar como taxista e não hesitei...

Decidi comprar um automóvel, assim como a licença para ter um táxi...

Mas precisava de dinheiro e optei por solicitar um empréstimo bancário no banco do povoado. As pessoas ali me conheciam. Seria mais fácil do que em Madri...

Preparei os papéis e arrumei tudo para viajar para Zamora...

Aluguei um carro e à noite saí de Madri. No dia seguinte, tinha que assinar os documentos...

E aconteceu algo estranho...

Tenho um mau costume: nunca coloco o cinto de segurança...

Pois bem, assim que entrei no carro, tive uma estranha sensação e ajustei o dito cinto de segurança.

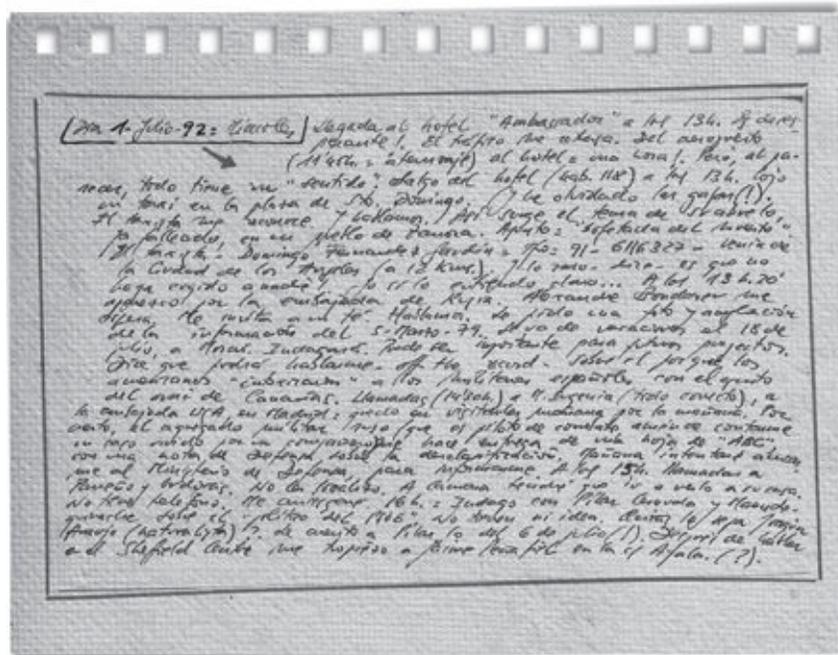
Nunca saberei explicar o que houve...

O veículo era um Fiat Regata Mare...

Nessa noite se aliaram velocidade, chuva e inconsciência...

No quilômetro 196 da estrada de La Coruña, sofri um estrondoso acidente. Dirigia a 185 quilômetros por hora...

Esquivei-me de um caminhão e saí da pista...



Caderno de campo de J. J. Benítez.

O carro deu três voltas ao redor de si mesmo (de bico), caiu e ficou destruído...

Saltaram a bateria, a ventoinha e a parte traseira do carro...

E fiquei de cabeça para baixo, preso pelo cinto de segurança...

Naqueles instantes – eternos – vi a imagem do meu avô Isidro...

Estava de pé, fora do carro, sem se mover...

Olhava-me. Não disse nada...

Embora pareça algo sem sentido, esses segundos foram os melhores da minha vida...

Dois caminhoneiros chegaram e me resgataram pela parte de trás do veículo...

Não sofri nenhum ferimento. Só quebrei a pulseira do relógio. Também perdi a caneta pela qual tinha

muita estima. Nunca reapareceu...

Desde então eu me pergunto: “Por que tive aquela estranha sensação ao me sentar no carro? Por que coloquei o cinto de segurança? Por que vi meu avô justamente naquela hora?...”

Continuo sem colocar o cinto de segurança, salvo quando vejo um guarda de trânsito...

Quanto à velocidade, agora sim ando mais moderado... Entendo que “Alguém” me proporcionou uma segunda oportunidade. Aprendi...

E também lhe direi uma coisa: a visão do meu avô foi real. Estava ali, me observando. Ao chegarem os caminhoneiros, ele desapareceu...

Domingo Fernández Sandín comentou comigo outros casos, também ocorridos em Zamora, mas me ocuparei disso em seu devido tempo.^[1]



O TIO BENITO

A “bofetada do morto” sempre me faz recordar outro evento ocorrido na província de Múrcia, Espanha.

Naquele 29 de novembro de 2012, quinta-feira, eu me encontrava em Llano de Brujas, um povoado da referida província de Múrcia. Quem me acompanhava era Juan Antonio Ros, um jovem pesquisador do local. O objetivo era interrogar Juan Miguel Cortés, avô de Juan Antonio, sobre um misterioso acontecimento registrado anos atrás e que espero incluir em um futuro livro.^[1]

Ao longo do bate-papo, Juan Miguel Cortés, de 82 anos, fez alusão ao tio Benito...

Indaguei e fiquei perplexo.

Eis aqui uma síntese da conversa:

– O tio Benito – proclamou Cortés – era meu chefe. Ele é que havia me contratado. Nós nos dávamos muito bem. Mas, ele morreu...

O tio Benito não era tio de Cortés. Seu nome era Benito Martínez Serna. Mas o que importa isso? Todo mundo o chamava assim...

– Quando ele faleceu?

Cortés encolheu os ombros.

– Faz tempo...^[2] Ele já tinha idade avançada – prosseguiu Cortés. – Uma noite saí para passear um pouco, perto daqui...



Juan Miguel Cortés: “O tio era alto. Media mais ou menos 1,80 metro”. (Foto: Blanca.)

– Onde?

– Coisa de mais ou menos 500 metros de casa.

Cortés me olhou com estranhamento. A única coisa que aquele forasteiro fazia era interromper. A partir daí, comecei a ser mais prudente.

– A lua aparecia no céu. Caminhei por aquela pequena estrada e então eu o vi...

– Que horas poderiam ser?

Cortés meditou.

– Talvez 2h ou 3h da madrugada. Eu estava sem relógio...

Eu o animei para que prosseguisse.

– Era ele, o tio Benito...

– Mas ele estava morto...



Tio Benito. (Foto tirada em seu túmulo por Juan Antonio Ros.)

– Sim, e já fazia muito tempo... Quer que eu continue?

Compreendi.

– O tio Benito estava na metade da estradinha, quieto. Ficava me olhando. Não consegui me conter.

– Como o reconheceu?

– Era ele. Era muito alto. Era inconfundível.

Cortés esperou uma nova pergunta. Guardei silêncio.

– Então eu segui em frente... Passei ao seu lado, quase esbarrando nele...

– O senhor tem certeza de que era o tio Benito?

– Sim, era ele mesmo. Vestia sua roupa habitual de trabalho.

– E ele lhe disse alguma coisa?

– Não falou em nenhum momento.

– Mas estava morto...

– Morto não, mortíssimo.

– E o que o senhor fez?

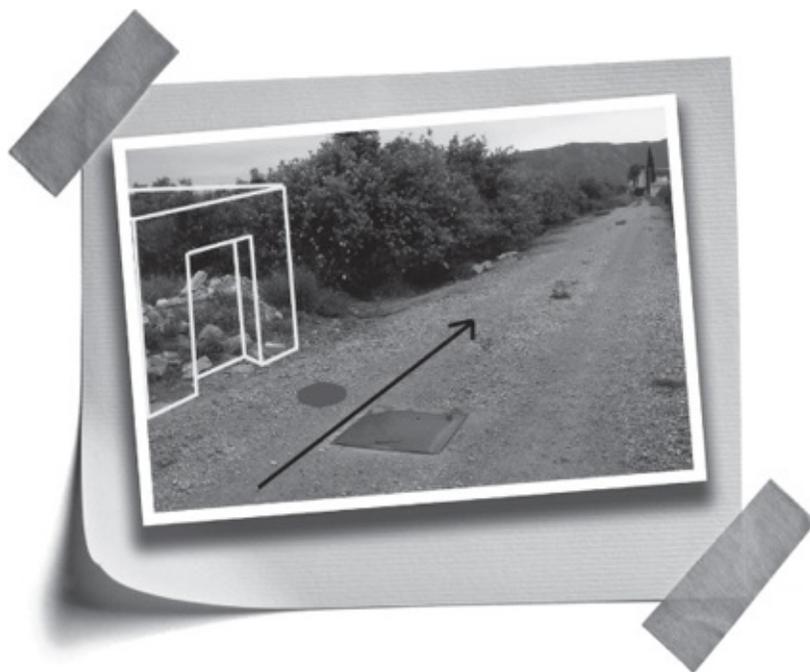
– Continuei caminhando.

– O senhor olhou para trás?

Cortés me olhou, perplexo. E, por sua vez, perguntou:

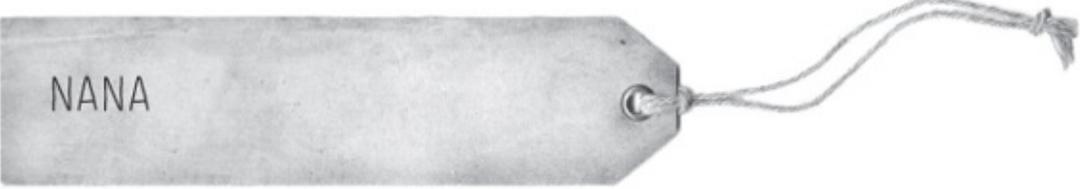
– E o que o senhor teria feito?

- Suponho que eu sairia correndo...
- Não, eu não corri, por dignidade, mas não olhei para trás.
- E o que o senhor fez?
- Caminhei e regresssei para casa.
- Pelo mesmo caminho?
- Sim, claro, não havia outro...
- E o tio Benito?



O círculo assinala o lugar em que se encontrava o tio Benito. O caminho era muito mais estreito na época. (Foto: Juan Antonio Ros.)

- Não sei... No caminho de volta, eu não fazia outra coisa senão pensar: “Se eu o vejo de novo, o que eu faço?”
 - O senhor sentiu medo?
 - Claro, filho, claro...
 - Contudo, o senhor chegou a vê-lo novamente?
 - Não.
 - Quando o senhor caminhou ao seu lado, o tio Benito se moveu?
 - Não me lembro. Creio que não. Somente me olhou.
 - Mas...
 - Quer que eu continue?
- Não era necessário. Nunca me esquecerei do bom e paciente Cortés e, claro, tampouco do tio Benito...



NANA

A história de Nana me impressionou intensamente.

O fato teve lugar no ano de 1942, embora não seja a data precisa.

Nana, a tia Nana, como conheciam a Sra. Damiana Herrera, viveu no México toda a sua vida. Ficou órfã de mãe quando ainda era criança e teve que se responsabilizar e cuidar dos seus quatro irmãos.

Eles eram muito pobres.

O pai trabalhava à noite.

Nana foi operária na Eagle Pencil Company, sucursal de uma multinacional norte-americana na Cidade do México. Seu trabalho consistia em conferir – manualmente –, usando o tato, todos os lápis que saíam das máquinas, com o objetivo de detectar qualquer defeito de fabricação. Era um trabalho cansativo e mecânico, como no filme *Metrópolis*, de Fritz Lang. Ela ficou nesse trabalho por quarenta anos...

Entretanto, o acontecimento que me causou impacto ocorreu quando Nana estava com onze anos de idade.

Os cinco irmãos dormiam no mesmo quarto.

O pai tinha saído para trabalhar, como de costume.

E ao chegar, à noite, ocorreu um incêndio no lugar.

Nana e as crianças continuavam dormindo.

E, então – segundo Nana contou – ela teve um sonho. Nele, ela viu sua mãe. Ela a avisava para que acordasse seus irmãos e saíssem da casa. Havia fogo...

Contudo, Nana continuou dormindo.

A mãe apareceu de novo no sonho e gritou para que a filha despertasse e tirasse os irmãos menores do quarto.



Nana, entretanto, continuou dormindo placidamente.

Porém, o final do sonho foi diferente.

Nana recebeu uma bofetada e acordou.

Deu-se conta do incêndio e do perigo, e tirou seus quatro irmãos do quarto e os levou para a rua.

Foi uma vizinha que percebeu as marcas que Nana apresentava no rosto. Eram os dedos de uma mão, como se alguém lhe tivesse dado uma bofetada.

E Nana contou o longo e misterioso sonho.

Ela e seus irmãos se salvaram graças ao mundo mágico dos sonhos.

Como disse, fiquei perplexo.

Nana morreu em maio de 2002, no Distrito Federal mexicano.

Lamentei por não tê-la entrevistado...

“NÃO SEI O QUE VOCÊ ESTÁ
FAZENDO COM ESSE IMBECIL”

O dia 24 de fevereiro de 1997 foi uma data especialmente dolorosa para a família Arriaga, de Maracaibo (Venezuela).

Nessa tarde, Orlando, um dos filhos, de 37 anos de idade, faleceu em um acidente de trânsito. Com ele, morreram sua esposa, Dulce, e seus filhos Oriana, de três anos, e Manuel Orlando, de sete.

Poucos dias depois do enterro, uma das irmãs de Orlando – Milagro de Luz – teve um sonho. Eis o que me contaram:

Vi meu irmão ao lado da cama... Ao meu lado esquerdo... Estava em pé...

E ele me disse:

– Ei! Diga para a mamãe e o papai que estou bem.

E eu lhe perguntei no sonho:

– Onde você está?

Ele respondeu:

– Aqui com vocês...

E fiz outra pergunta:

– O que você está fazendo?

– Eu não sei o que estou fazendo aqui – respondeu.

Meus pais estavam muito angustiados... O choque fora terrível... Eu sei que, Orlando queria consolá-los... Por isso ele disse que estava bem...

E acrescentou algo que me deixou boquiaberta: “Eu não sei o que você está fazendo com esse imbecil...”.



Flor Arriaga. (Foto: Blanca.)

Ele se referia ao meu antigo namorado. Nós havíamos nos reconciliado por causa da morte de Orlando... Ele me ajudou com a papelada e os trâmites do enterro...

“Ele é um lixo!”, acrescentou.

E tinha toda a razão.

E o sonho terminou aí.

Mas a experiência mais dramática, sem dúvida, foi vivida por Flor, também irmã de Orlando.

Eu a entrevistei no dia 2 de dezembro de 2012, em Miami, Estados Unidos.

– Ocorreu quando completou um ano da morte do meu irmão. Nós estávamos em Maracaibo. Chegamos em casa às 19h, mais ou menos. Jantamos por volta das 20h no térreo. Ficamos por ali algum tempo, vendo televisão. Depois fomos para a cama.

Flor falava de seu marido e dos seus dois filhos pequenos, um tinha seis anos e o outro era recém-nascido.

– Então, de madrugada, escutei um assobio. Logo em seguida, bateram na porta.

Flor esclareceu:

– Meu irmão Orlando tinha uma forma peculiar de chamar à porta. Primeiro assobiava bem forte, depois batia na madeira da porta com os nós dos dedos. Nunca tocava a campainha.

– Como ele batia à porta?

– Usava sempre a mesma sequência: “tá-tá-tá... tatá”. Três ou quatro batidinhas espaçadas e duas ou três mais em seguida.

– Ele repetiu a chamada?

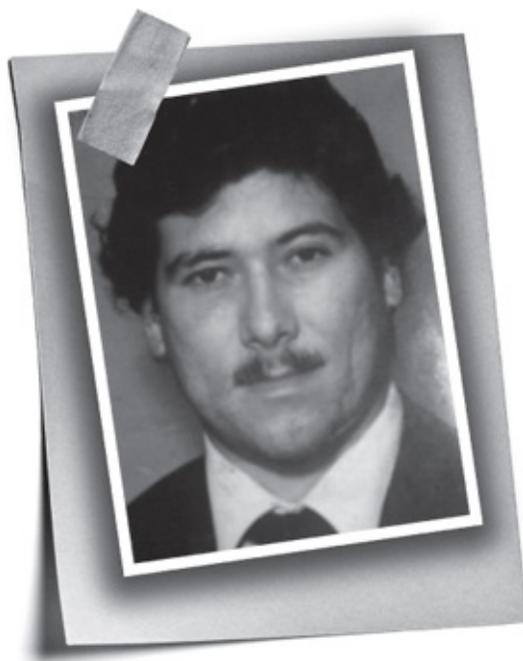
– Escutei somente uma vez... E meio dormindo saí da cama e fui para a porta de entrada. Pensei que fosse Orlando.

– Seu marido ou seus filhos despertaram?

– Não, continuavam a dormir profundamente.

– Você acendeu a luz?

– Não, graças a Deus... E pensei, enquanto descia as escadas: “O que Orlando deve querer a esta hora?”... De repente, eu me dei conta: Orlando está morto! Então, quando eu já estava para abrir a porta, pensei: “Meu outro irmão? César? Não pode ser. Ele não sabe assobiar...”.



Orlando assobiou e bateu à porta da casa de sua irmã um ano depois de morto. (Cortesia da família.)

“Foi questão de segundos. Nisso eu senti um cheiro forte de gás...”

“Meu Deus!”

“Saí correndo em direção à cozinha, e efetivamente o botão do gás do forno estava aberto.

“Abri as janelas... O cheiro estava muito forte... Subi para os quartos, abri a sacada e acordei Mario e as crianças... O gás ainda não tinha subido para esse andar...”

“Estava muito assustada. Felizmente não aconteceu nada.”

– Você tem certeza de que ouviu o assobio e as batidas na madeira da porta?

– Absoluta! Por isso me levantei.

– Você chegou a abrir a porta?

– Depois, sim. Claro, ali não havia ninguém.

Na opinião de Flor, Orlando salvou a vida deles.

– Nós poderíamos ter morrido intoxicados, ou algo pior...

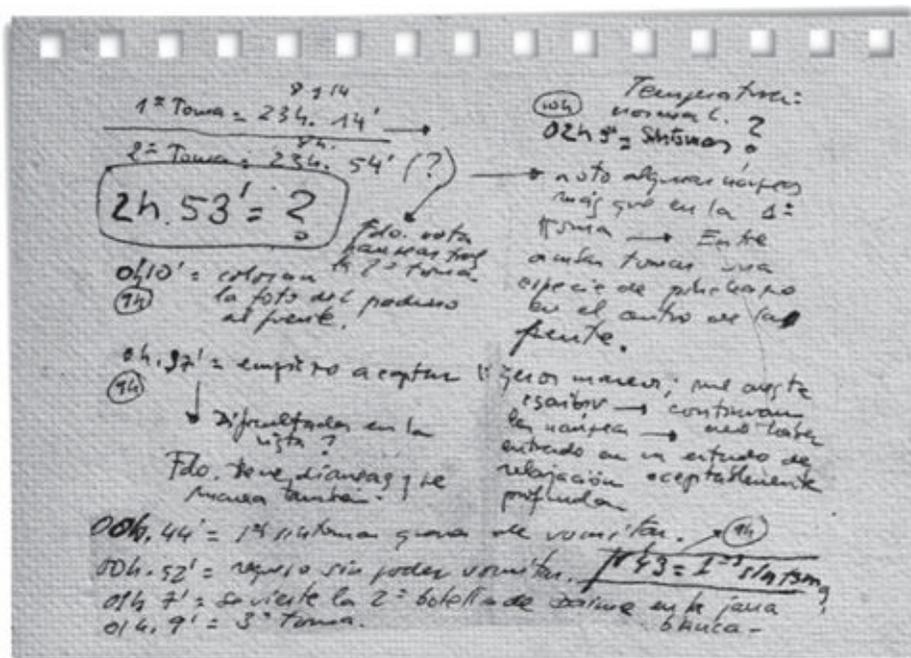
– Quem poderia ter deixado o botão do gás aberto?

– Não me lembro. Talvez tenha sido eu. O botão do forno estava com defeito...

A casa de Flor foi construída num condomínio fechado, com guardas de segurança. Os visitantes precisavam de autorização para entrar. Naturalmente, ninguém entrou àquela hora na dita zona residencial.

O OUTRO JUANJO

Aquele dia 28 de novembro de 1989 foi uma jornada especial.
Eu me encontrava no Brasil.
Nós filmávamos treze documentários sobre grandes mistérios.
Eu acompanhava o saudoso Fernando Jiménez del Oso...
E nesse dia fomos para a selva com a equipe de televisão.



Anotações de Juanjo enquanto vivia a experiência com a planta ayahuasca. A “viagem” se estendeu por quase três horas. Caderno de campo de J. J. Benítez.



O Dr. Jiménez del Oso e Juanjo Benítez, duas horas depois de ter tomado a primeira dose da “planta do conhecimento”. O semblante de J. J. Benítez já apresentava sinais inconfundíveis de profunda alteração. (Foto: Jorge Herrero.)

Ali eu me submeti aos efeitos de uma bebida alucinógena: a *ayahuasca* ou daime.

Os alcaloides da *ayahuasca* têm a propriedade de alterar a consciência. E foi isso o que aconteceu.

Ingeri a repugnante bebida por volta das 23h (locais), e senti como se abandonasse a cabana na qual filmávamos a experiência.

Vóava!

Literalmente.

Nunca consegui explicar isso satisfatoriamente. Enquanto o verdadeiro (?) Juanjo Benítez permanecia sentado em frente à câmara de Jorge Herrero, “outro Juanjo” subia pelos ares, como o Super-Homem. Éramos dois em um.

Chovia torrencialmente.

Eu sentia o roçar do vento e da chuva.

Voei em grande velocidade e cruzei a escuridão do oceano Atlântico.

Ali estavam as luzes de Lisboa...

Era assombroso!

Eu conseguia orientar-me com perfeição. Logo eu, que chego a me perder dentro da minha própria casa...

E tive consciência de algo sublime: eu sabia tudo. Nunca mais ocorreu algo parecido novamente.

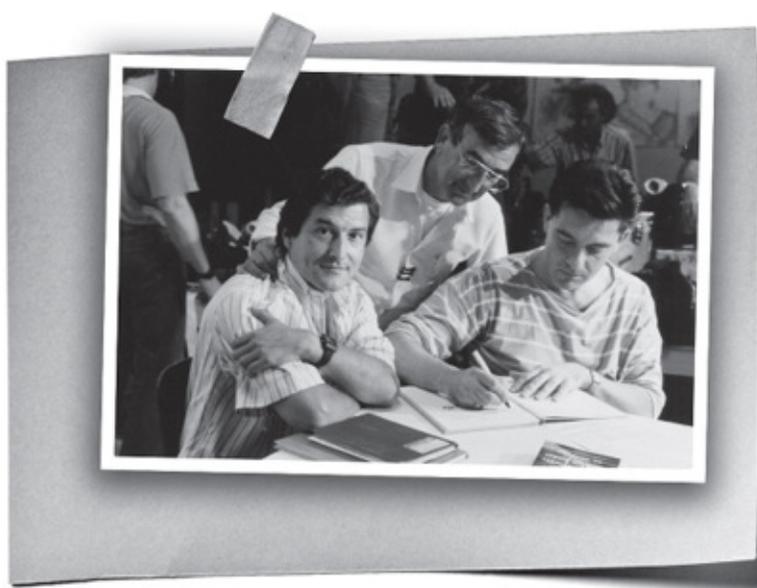
E prossegui o voo em direção ao norte.

Terminado o primeiro experimento (previamente combinado), voei para Madri. E me dispus a uma segunda aventura.

Antes de iniciar a experiência com a *ayahuasca*, um dos membros da equipe – José Nogueira –, chefe de som, me pediu uma coisa.

– Você pode passar neste endereço em Madri e ver o que dei de presente para esta pessoa?

Ele entregou-me uma anotação. Li com curiosidade. Era um endereço (não me lembro qual).



Pepe Nogueira, entre Juanjo Benítez e Gasparetto, em uma das filmagens de *En busca del misterio*. (Foto: Jorge Herrero.)

Eu disse que sim, embora não soubesse como fazer...

Pois bem, ao chegar à capital da Espanha, não sei como nem de que forma, desci até a altura dos faróis e voei diretamente para a rua em questão. Cheguei até o número e, como havia ocorrido na experiência anterior, atravessei as paredes do edifício e entrei na casa. Percorri o espaço lentamente e descobri o presente de Nogueira. Eram uns tacos de golfe.

Na casa, encontrei duas pessoas. Eu as observei detalhadamente. Eram um homem e uma mulher, jovens.

Não me viram.

Ao terminar de relatar o que havia visto, Pepe Nogueira confirmou, assombrado, que seu presente foi o que eu acabara de descrever. Pediu mais informações sobre as pessoas que vi na residência e se mostrou perdido, cheio de estranheza.

– Isso não pode ser – comentou. – O homem que você diz ter visto é o irmão da mulher... Mas ele faleceu faz dois anos.

Tinha 39 anos...

Insisti na descrição (aspecto, roupas etc.). Nogueira não conseguia acreditar. A pessoa que acompanhava a mulher estava morta.

Ainda continuo assustado...



“RA: VOCÊ TEM VISITA”

Naquele domingo, no fim de janeiro de 1998, RA (nome fictício) teve que interromper seu jogo de futebol de que participava no pátio da prisão. Tinha visita. Assim foi anunciado pela caixa de som.

Eram 13h.

RA ficou de mau humor. O anúncio o obrigava a regressar ao pavilhão, tomar banho e a submeter-se à sempre desconfortável revista dos guardas.

Tentou puxar pela memória, mas não veio nada. Ninguém havia lhe avisado daquela visita.

RA cumpria pena em uma prisão federal, numa remota localidade do estado de Oklahoma, Estados Unidos.

Foi para o pavilhão (Unidade C) onde se localizava sua cela e então perguntou para um dos guardas. Sim, de fato, tinha visita.

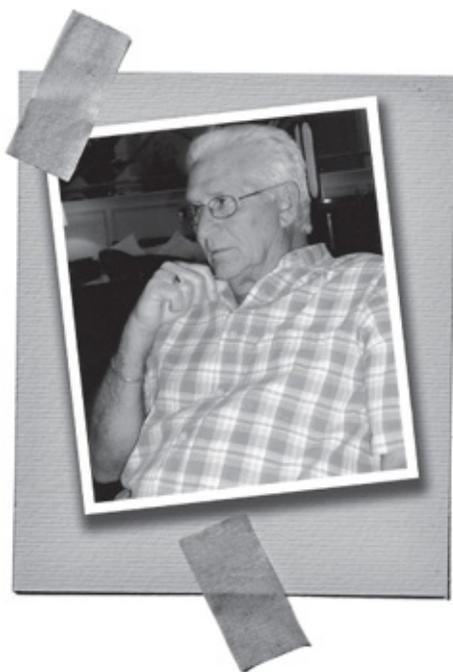
Tomou banho e encaminhou-se para a sala de vigilância. Ali eles o revistariam, e ele esperaria que lhe dessem a ordem para entrar na sala de visitas.

Passaram-se 40 minutos desde o anúncio no alto-falante até que RA chegou à referida sala de vigilância.

Foi revistado, mas, ao entrar na sala de visitas, não viu ninguém conhecido.

Voltou para a sala de vigilância, e um dos guardas – que chamarei de Cubas –, diante da estranheza de RA, comentou que talvez a pessoa tivesse se cansado de esperar e optado por ir embora.

RA não se deu por satisfeito.



RA, já em liberdade. (Foto: Blanca.)

Retornou ao Pavilhão C e começou a telefonar para a família e para Toribio, um amigo que costumava

visitá-lo com frequência.

Ninguém sabia de nada. Ninguém havia ido à prisão naquela manhã.

E estava nessas, matutando e cismado, quando soou de novo o alto-falante:

– RA... Você tem visita.

O anúncio soou duas vezes.

RA se encaminhou pela segunda vez para o quarto de revista e interrogou Cubas.

Eram 14h, aproximadamente.

Desta vez não houve revista. O guarda ordenou que entrasse com ele na sala de visitas e que olhasse entre os visitantes.

RA percorreu a sala, mesa por mesa, mas não viu ninguém da família, ou que estivesse autorizado a visitá-lo.

Isso foi comunicado a Cubas, e este interrogou o pessoal de controle. Os vigilantes mostraram a Cubas uma planilha. O funcionário leu um nome e perguntou a RA:

– Você conhece Rosa Fernández?

– Sim – respondeu o interno.

– Pois bem, foi essa pessoa que veio vê-lo – esclareceu Cubas –, mas, ao que parece, foi embora...

RA ficou pálido e declarou:

– Isso é impossível...

– Por quê?

A primeira notícia sobre esse desconcertante acontecimento chegou a mim em abril de 2004, por meio do meu bom amigo Manuel Martínez, escritor e dramaturgo com residência nos Estados Unidos.



Rosa Fernández. (Cortesia da família.)

DATE: 02-05-2001 FCI PAGE: 1

VISITING LIST FOR INMATE NAME: REGISTER NUMBER: 16338-018 UNIT: C

BLANCO, ANIBAR 253 S.W. 29 AVENUE. DATE OF BIRTH: 12-21-1964 APPROVED BY: BLACKMAN	US PHONE: 266-91-2840	BROTHER PREP. DATE: 04-03-1997
FERNANDEZ, ROSA 10500 NW 36TH PL. DATE OF BIRTH: 05-05-1973 APPROVED BY: C.A. JULIAN	US PHONE: (305)513-4949 264-83-8807	IN-LAW SON FRIEND PREP. DATE: 07-18-1997
FERNANDEZ, ROSA 10500 N.W. 36 PLACE. DATE OF BIRTH: 12-01-1938 APPROVED BY: BLACKMAN	US PHONE:	FRIEND PREP. DATE: 04-03-1997
MEDINA, JOSE 3480 S.W. 102 DATE OF BIRTH: 11-26-1940 APPROVED BY: BLACKMAN	US PHONE:	FRIEND PREP. DATE: 04-09-1997
PENA, TORIBIO 2750 N.W. SOUTH RIVER DR. #F-613. DATE OF BIRTH: 04-16-1946 APPROVED BY: M. COMPTON	US PHONE: (105)633-8259 265-93-4473	FRIEND PREP. DATE: 05-15-1996
RAMOS, CARLOS 352 S.W. 29 ST. DATE OF BIRTH: 02-14-1969 APPROVED BY: G BLACKMAN	US PHONE: 591-09-0448	BROTHER PREP. DATE: 06-18-1998
RAMOS, DAVID 2752 N.W. 55 STREET. DATE OF BIRTH: 09-28-1977 APPROVED BY: BLACKMAN	US PHONE: 267-95-6370	BROTHER PREP. DATE: 04-05-1997
RAMOS, ELIZABETH 253 S.W. 29 AVENUE. DATE OF BIRTH: 03-21-1972 APPROVED BY: BLACKMAN	US PHONE: (305)500-0000 265-91-4790	CHILD, DAUGHTER ADULT PREP. DATE: 04-09-1997
RAMOS, MARIELA 3352 N.W. 55 ST. DATE OF BIRTH: 07-09-1997 APPROVED BY: G BLACKMAN	US PHONE:	UNCLE PREP. DATE: 07-25-1997

AV

VISITING LIST FOR INMATE NAME: REGISTER NUMBER: 16338-018 UNIT: C

TORRES, JAYLYN 355 S.W. 29 AVE. DATE OF BIRTH: 12-19-1984 APPROVED BY: G BLACKMAN	US PHONE: (305)442-1361 592-46-7148	NIECE PREP. DATE: 02-05-2001
TORRES, JAYNO 355 SW 29TH AVE. DATE OF BIRTH: 04-26-1980 APPROVED BY: S PERE	US PHONE: (305)442-1361 590-12-4285	NIECE PREP. DATE: 11-30-1999
TORRES, YOLANDA 3355 S.W. 29 AVENUE. DATE OF BIRTH: 11-01-1951 APPROVED BY: BLACKMAN	US PHONE: 266-91-4307	SISTER PREP. DATE: 04-09-1997

TOTAL VISITOR(S) FOR THIS INMATE: 13

Relação de pessoas autorizadas a visitar RA na prisão. Rosa Fernández aparece em terceiro lugar.

Investiguei o sucedido, e finalmente, no dia 31 de julho de 2004, fui autorizado a conversar com RA.

Nesse momento, ele tinha sido transferido a uma prisão-fazenda (tipo regime semiaberto) cuja localização não estou autorizado a revelar.

RA reconstruiu, passo a passo, e com detalhes, aquilo que acabo de narrar. Ele não tem explicação para o que aconteceu.

– Rosa, minha sogra – esclareceu –, era uma das pessoas autorizadas a visitar-me, mas nunca chegou a pisar no presídio. Ela me telefonou. Nós nos dávamos muito bem. Mas faleceu de um câncer de pâncreas e de maneira fulminante...

– Quando ela morreu?

– Dia 28 de outubro de 1997...

Como havia dito RA, três meses antes da “visita”.

– Tinha 51 anos de idade.

- Foi cremada?
- Não. Foi enterrada...

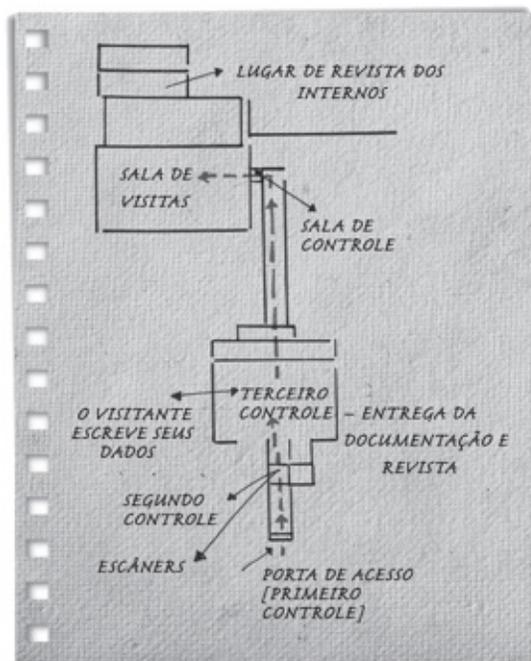


Vista aérea da prisão na qual se apresentou a falecida Rosa.

Não há nenhuma dúvida de que Rosa esteve, fisicamente, no presídio. As medidas de segurança para esse tipo de prisão estatal norte-americana são extremamente rígidas.^[1] Ela teve que se registrar em dois livros, com letras maiúsculas, onde fez constar seu nome, sobrenome, identidade do preso, data e hora de entrada e também de saída.



RA e Juanjo Benítez na prisão-fazenda. (Foto: Blanca.)



Rosa Fernández teve que passar por quatro setores de controle e dois escâners. É provável que as câmeras de segurança a filmaram. Havia falecido três meses antes. Caderno de campo de J. J. Benítez.

No caso de Rosa Fernández, como no da maioria dos visitantes, a sogra de RA teve que mostrar um documento de identidade ou carteira de habilitação e depositá-la em um dos controles. Na saída ela recuperaria o dito documento.

Mas, há ainda mais...

Rosa teve que passar por vários escâners (pelo menos dois). No total, portanto, submeter-se a quatro controles de segurança, um detector de metais e um controle manual de revisão.

Ao entrar, finalmente, na sala de visitas, o visitante senta-se a uma mesa designada e espera ali a chegada do presidiário.

Para que RA fosse acionado pelo alto-falante, Rosa teve que anotar seus dados pessoalmente, e um dos guardas comprovou no computador que a visitante constava na lista de pessoas autorizadas. Depois teve que passar por novos controles. Após isso... Não se sabe.

Eu acreditei que, nos meus setenta anos, já tivesse visto de tudo, mas não...

A investigação continua em aberto...

O JOVEN ALONSO

A manhã do dia 8 de dezembro de 1960 foi negra e triste para Barbate, província de Cádiz (Espanha).
A notícia correu como pólvora.

Um navio pesqueiro, com base no pequeno povoado gaditano, tinha desaparecido no fim da tarde ou começo da noite do dia anterior.

Um fortíssimo vendaval o tragou.

O acontecimento ocorreu na costa do Marrocos, perto do cabo Espartel.

Desapareceram 39 homens.

Um deles – o timoneiro – apareceu morto na praia marroquina. Do resto das pessoas e do barco, nunca mais se soube...^[1]

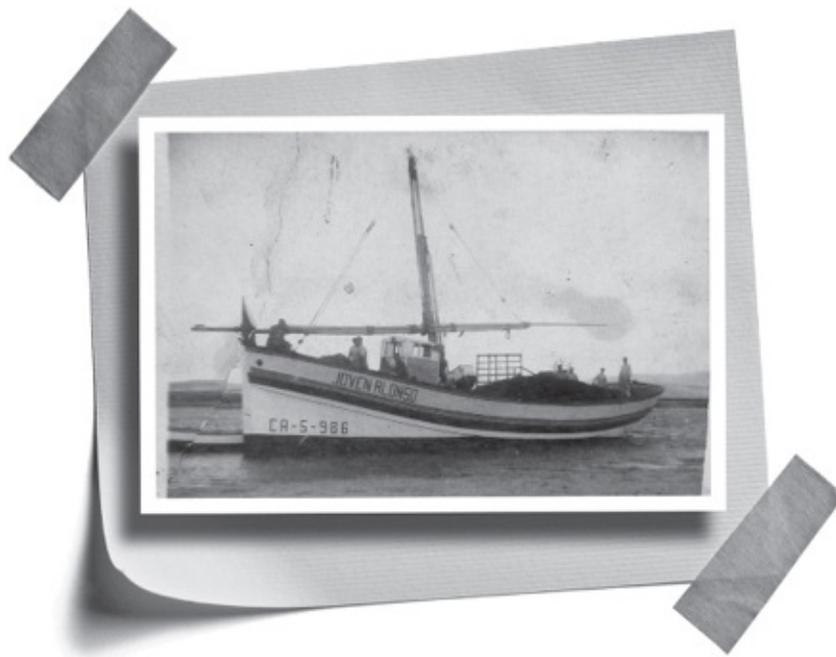


Imagem do *Joven Alonso*. (Foto: Riera.)

No povoado ficaram cem órfãos.

Nesses dias – anteriores e posteriores à tragédia – foram registrados estranhos acontecimentos em Barbate. Ninguém soube explicá-los.

Eu dediquei muito tempo à investigação dos tais fatos, assim como a conversar com os familiares e amigos dos tripulantes do *Joven Alonso*. No total, foram três anos de pesquisas.^[2]

Eis aqui uma síntese de alguns desses fenômenos inexplicáveis:

1. A primeira pista sobre Rosario Palomar Vite me foi proporcionada por meu amigo e pesquisador Rafael Vite, de Vejer de la Frontera. Dizia assim:

A Sra. Palomar é uma pessoa de religião católica, é crente e praticante. Ela possui em sua residência

numerosos quadros de santos pendurados nas paredes, entre eles a imagem da Virgem de la Oliva, padroeira de Vejer de la Frontera, em Cádiz. Segundo ela, a avó que a criou era natural da dita cidade.

Faz aproximadamente 25 anos que ela foi limpar o recipiente da lamparina de confirmação que ela tinha acendido diante de um dos quadros, e, ao colocar de novo o recipiente em seu lugar, verificou, perplexa, o aparecimento repentino, no seu interior, da imagem de um barco. Após vários movimentos violentos, o dito barco começou a afundar, cravando-se finalmente no fundo. E, após produzir um grande alvoroço de pedras e areia, ficou semissepultado. Ela acrescenta que, enquanto o barco ia afundando, observou uma coisa pequeníssima, no formato de um fósforo, que se separava da embarcação. Finalmente pôde contemplar, horrorizada, a cena de terror e espanto que havia no interior do navio.



Assinalado pelo círculo, o possível local em que o *Joven Alonso* afundou.

Essa trágica visão, ao que parece, se manifestou dois dias antes do naufrágio do *Joven Alonso*, barco de pesca matriculado em Barbate.

A partir de então, a Sra. Palomar caiu em depressão e abatimento, o que durou por muito tempo. De maneira contínua, dizia aos seus familiares – quando eles tentavam animá-la – que jamais conseguiria apagar de sua mente a trágica cena do interior do barco.

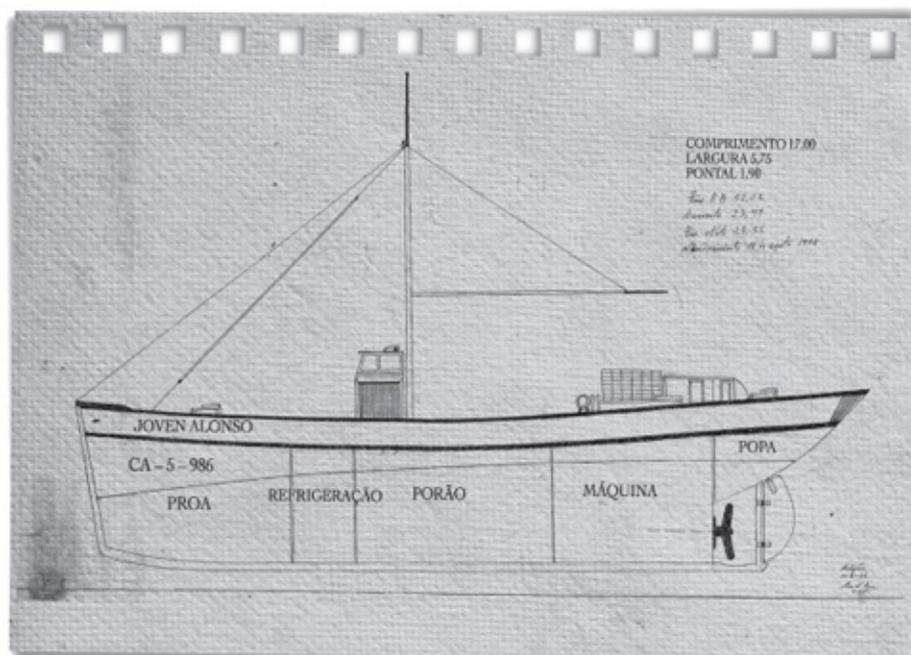
Interroguei várias vezes Rosario Palomar na cidade de Cádiz, onde vivia, e sempre respondeu com a mesma versão:

O barco caiu de boca para baixo...

E ficou enterrado na areia e entre as rochas...

Por isso não saiu nada...

Eu tive a visão no dia 5 de dezembro de 1960...



Navio pesqueiro *Joven Alonso*. Folha 986 da terceira lista de matrícula de Barbate, Cádiz, Espanha. Motor “Laval”, de 103,02 CVE. Ano de construção: 1948, em Barbate. Propriedade de Francisco Domínguez e irmãos.

Como disse Vite, ela visualizou dois dias antes o desaparecimento do barco.

Quando eu lhe perguntei sobre a estranha “coisa” que viu sair da embarcação naufragada, Charo comentou:

Era reluzente como a luz de um fósforo, porém violeta e muito pequena. Subiu vagarosamente...

Depois eu vi o que ocorria no interior do navio... Foi espantoso... As pessoas tentavam fugir, mas não podiam... Morreram abraçados uns aos outros... Depois vi a escuridão e o silêncio... E as bolhas que saíam... Ali ficaram os mortos, com os olhos abertos e espantados... E seguem ali...

Efetivamente, apesar do esforço das autoridades e dos pescadores da região, o *Joven Alonso* desapareceu sem deixar rastro.

2. A segunda experiência relacionada com o barco foi vivenciada por Ricardo Romero, irmão de um tio meu.

Ricardo tinha então vinte anos.

Era tripulante do *Joven Alonso*.

Naquela manhã, quando se preparavam para partir, Ricardo sentiu-se repentinamente enfermo.

Foi uma angústia muito grande, explicou. Não tinha dor, mas não podia mover-me.

E caí em prantos...

Não sabia identificar o que ocorria... Os nervos me comiam...

Deram-me chá de tília, mas a tristeza não desaparecia...

Quiseram me levar ao médico, mas eu não conseguia me mexer.

Eu vivia na Rua San José, nº 3, bem perto da casa de Esteban, o dono do barco... Esteban soube o que estava ocorrendo e disse para minha mãe que não me preocupasse... Eles me pegariam ao voltar de Ceuta...

Ricardo Romero ficou em terra e se salvou.



Ricardo Romero salvou-se no último momento. (Cortesia da família.)

A angústia desapareceu nesse mesmo dia, quando o *Joven Alonso* se lançou ao mar... Agora eu compreendo... Mais ou menos.

E Ricardo e eu continuamos conversando sobre o caprichoso e mágico Destino...

3. Sebastián Díaz Barrios, cujo apelido era *Chano* ou *Chan*, foi tropeiro por toda a sua vida. Um dia decidiu ir para o mar. E embarcou no *Joven Alonso*. Foi outro dos marinheiros desaparecidos.

Pois bem, o tal Chano, uma vez morto, protagonizou vários eventos estranhos na localidade de Barbate, onde havia vivido.

O primeiro foi vivido por Antonia Domínguez, sobrinha de Chano.

Nessa madrugada de 7 para 8 de dezembro, comentou ela, por volta das 3h, escutei a voz do meu tio, que me chamava:

– Antoñica!... Antoñica!

A voz soou tão clara que me levantei da cama e fui para a porta...

Não havia ninguém ali...

No dia seguinte soube da tragédia... Eu não sabia que Chano ia nesse barco...

Chano se apresentou num sonho para Carmen Varo, sua mulher, e lhe disse:

– Estou muito longe... Estamos todos juntos, trabalhando.

E foi em sonhos, igualmente, que Antonio viu o seu irmão Chano.

– Estou bem – disse-me. – Não se preocupe.

Em outra ocasião eu o vi em um barco de Cádiz... Estava dormindo, encolhido no convés... Eu tentei me aproximar, mas ao chegar perto ele acordou, me fez um gesto para que eu não avançasse e comentou: “Tenha muito cuidado com os temporais”. Há pouco, naufragamos em frente ao Arroyo Judío...

Ana Díaz Barrios, irmã de Chano, na tarde da tragédia (7 de dezembro) se encontrava no quintal de sua casa, em Barbate. De repente, em plena luz do dia, ela e uma vizinha, que a chamava de Pirraca, viram

cair algo luminoso do céu. Espantaram-se. Esse “algo” tinha a forma de calça e precipitou-se num barril de água. Ana e Manuela Escudero, a vizinha, se esforçaram para averiguar o que havia caído no barril. Não encontraram nada.

Horas mais tarde, chegava a notícia do desaparecimento do barco.

Pouco depois, Ana sonhou também com o garoto Chan, como chamavam Sebastián Díaz Barrios.

Eu o vi num bosque, perto de uma árvore, no lodo, afundando...

Eu lhe estendi a mão e o ajudei a sair...

Então ele disse que vinha de muito longe...

O caso de Juani, filha de Chano, foi insólito também:

Pouco depois de ser registrado o desaparecimento, comentou ela, eu estava em minha casa, pintando o teto. Tinha subido numa escada dobrável...

Descuidei-me e, ao mover o corpo para trás, perdi o controle e comecei a cair...

Dei um grito e, nesse instante, senti umas mãos nas minhas costas que me seguravam...

Essas mesmas mãos foram as que me empurraram e me puseram novamente em pé, sobre a escada...



Juani, com o retrato do seu pai, Sebastián Díaz Barrios, apelidado de *Chano* ou *Chan*. (Foto: J. J. Benítez.)

Posso jurar, por tudo que há de mais sagrado, que não havia ninguém ali...

Segundo Juani, a “pessoa” que evitou a perigosa queda foi Chano, seu pai, recentemente desaparecido.

4. Beatriz Malía Varo, viúva de Francisco Domínguez Acuña, também desaparecido no *Joven Alonso*, viveu duas experiências que jamais esquecerá.

A primeira aconteceu sete meses depois do naufrágio. Minha filha, Ana María, de quatro anos, ficou doente...

Pois bem, um dia, quando estava prestes a entrar no quarto da menina, vi meu marido, de pé, inclinado sobre o berço...

Olhava atentamente para sua filha...

Quando fui entrar no quarto, Francisco desapareceu...

A segunda vez que o vi, eu estava no quarto, dormindo...

Algo me fez acordar, e eu o vi em frente à janela, olhando para a rua...
Foi por um segundo. Depois desapareceu...

5. No dia 7 de dezembro de 1960, Loli González Muñoz estava cozinhando grão-de-bico com acelga.

Deveriam ser mais ou menos 21h30...

Meu marido – Francisco López Sánchez – estava navegando. Era um dos marinheiros do *Joven Alonso*...

De repente, meu filho Fernando, que estava com 30 meses de idade, se dirigiu a mim e exclamou: “Mamãe... Papai caiu!... Pum!... Tá todo sujo!... Água!”

Eu não lhe dei importância...

No dia seguinte, eu soube do desaparecimento do barco...

O naufrágio provavelmente aconteceu ao redor das 21h ou 21h30 do dia 7 de dezembro...



Francisco López Sánchez. (Cortesia da família.)



Loli González Muñoz, viúva de Francisco López Sánchez. (Foto: J. J. Benítez.)

6. José Román Rodríguez, mais conhecido como *Corre*, foi outro dos tripulantes do *Joven Alonso*.

Vivia em Vejer de la Frontera, Cádiz, bem perto de Barbate. Tinha 31 anos quando desapareceu. Era uma grande pessoa e muito brincalhão. Sua irmã e sua namorada me proporcionaram dados sobre ele:

Nesse dia, antes de pegar a bicicleta e descer para o porto, José permaneceu na porta de casa, hesitante... Não sabia se ia ou não ia para o barco... Ficou assim por meia hora... Finalmente foi... Nunca mais voltamos a vê-lo...

Corre tinha um costume. Cada vez que passava pela rua em que vivia sua namorada, gostava de jogar pedras à janela do quarto de Antonia. Assim foi, dia após dia, durante os onze anos de namoro...



Juana, irmã de Corre. À direita, Antonia Pérez, namorada de José Román. (Foto: J. J. Benítez.)

No dia 8 de dezembro de 1960, bem cedo, a namorada escutou as batidas das pedrinhas contra o vidro da janela.

Foi até a janela, mas não viu seu namorado.

Não podia ser, comentou. Corre estava no mar. Embarcara dias antes...

Àquela hora, de fato, o *Joven Alonso* já estava perdido.

E as batidas, na janela, se prolongaram por vários dias...

Eu sei – confessou a namorada – que era ele...

7. O que ocorreu com Antonia Utreta Domínguez, mais conhecida em Barbate como La Carabinera, tampouco tem explicação lógica.



La Carabinera. (Cortesia da família.)

Na noite do naufrágio – explicou – vi uma luz debaixo da cama...

Era pequena, do tamanho da chama de uma vela...

Brilhava muito, com uma cor amarelada...

De repente, veio na minha direção e deu algumas voltas...

Depois, voltou ao lugar onde eu a tinha visto primeiro: debaixo da cama...

Meu corpo inteiro tremia, de puro medo...

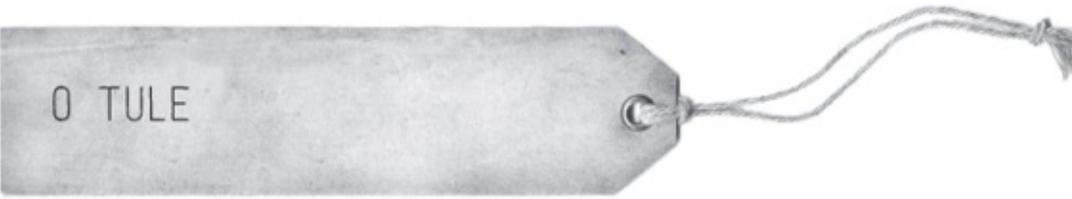
E, depois de algum tempo, a luz saiu de baixo da cama e repetiu a operação. Girou ao redor da minha cabeça e voltou para o seu lugar...

Ali estive por duas horas...

De uma hora para outra, bateram à porta e a luz desapareceu...

Alguém trouxe a notícia da perda do *Joven Alonso*...

O estranho é que nesse barco não ia nenhum parente meu...



O TULE

A carta de María V. Almonte mexeu comigo. Eu a li de uma só vez.

Foi escrita dia 29 de julho de 2008.

Assim dizia:

Estimado Sr. Benítez:

Depois de desejar-lhe que o senhor tenha um ótimo dia ao lado de suas pessoas queridas, quero agradecer-lhe a amabilidade que teve comigo e, ao mesmo tempo, reiterar o papel tão importante que o senhor tem na minha vida... Obrigada por ter me apresentado a esse Jesus de Nazaré que meu coração já intuía e por mostrar-me o Pai Azul...

Sem mais preâmbulos, tentarei explicar a experiência que tive com minha mãe. Entretanto terei que explicar um pouco a nossa história para que o senhor possa encontrar sentido na dita experiência.

Sou a filha mais nova de sete irmãos, aos quais se soma mais tarde uma irmã adotiva. Nasci no seio de uma família humilde, católica e de pais sem nenhum estudo. Além do mais, não fui uma filha desejada nem esperada, já que minha mãe já estava com certa idade e na menopausa quando recebeu a desagradável notícia de uma nova gravidez. Poderíamos dizer que começamos com o pé esquerdo.

Desde a minha mais tenra infância, eu sabia distinguir a importância do amor e da família. Por isso meu pai se tornou uma das pessoas que eu mais amei. Minha mãe se empenhou em conseguir que em mim nascessem sentimentos opostos em relação a ela.

Quando tomei consciência da situação, me refugiei nos estudos e na leitura e criei um mundo feito sob medida para poder suportar o dia a dia, já que meu lar era um campo de batalha, um dia sim e o outro também. Meu pai adotou uma postura passiva e deixou minha mãe fazer o que quisesse. Isto provocou uma guerra entre os irmãos, já que uma parte era branca (por parte de minha mãe) e a outra era negra (por parte de meu pai). Nós nos dividíamos em dois bandos: brancos contra negros.

Apesar do ambiente de violência e desamor em que eu vivia, lutava para não me tornar uma pessoa desagradável e amarga.

Com o passar do tempo, e ao verificar que a situação não mudava, eu seguia sonhando e guardava a esperança de fugir algum dia.

Terminei o bacharelado e fui trabalhar, com o propósito de permanecer o menor tempo possível em casa. Minha mãe tinha estabelecido uma lei: com ela ou contra ela. Meus irmãos elegeram o lado mais cômodo. Diziam sim para tudo. Isso me colocou em uma posição difícil porque eu continuava pedindo explicação para tudo. E a batalha mudou: eu contra todos. E foi além. Minha mãe seguiu aferrada às normas da igreja e à suas próprias, e minha situação foi piorando e piorando. Contudo, o pior ainda estava por vir.

Fiquei grávida, sem querer e sem desejar.

E prometi a mim mesma que não faria com meu bebê o que minha mãe havia feito comigo.

Resisti como pude até que nasceu minha bebezinha. Tudo ia de mal a pior.

Meu pai, o único que me ajudava, morreu. E com ele desapareceu toda a esperança de sobreviver

nessa família. Com meu pai falecido, sem um pai para minha filha, sem trabalho e sem família, um belo dia minha mãe chegou com a “boa notícia”. O padre da paróquia lhe havia dito que eu não podia continuar vivendo (em pecado) naquela casa e muito menos junto com a minha mãe, que pertencia às Filhas de Maria. Depois de uma forte discussão, às 10h da noite, me vi na rua com um bebê.

Eu lhe asseguro que passei a odiar a igreja, minha mãe e meus irmãos. Não podia entender por que eram tão cruéis comigo. O pior é que ela não era assim com os demais. Era uma mulher maravilhosa. Fazia de tudo para seus vizinhos.

Passaram muitas coisas pela minha cabeça, inclusive o suicídio.

Mas olhei para a carinha da minha filha e disse: “Não, isso é o que eles querem... Seguirei em frente”.

Telefonei para uma amiga e ela me acolheu em sua casa. Ela cuidou da minha filha e fui trabalhar. Juntei dinheiro e fui para Barcelona. Não conhecia ninguém, mas segui em frente. Hoje eu olho para trás e não consigo acreditar no que fiz. Contudo, estou aqui, com uma filha maravilhosa e o companheiro ideal. Parecia que a vida, por fim, sorria para mim. Mas a distância não permitiu que minha família me desse sossego.

Pelo contrário. Começou a chantagem emocional. Apenas queriam dinheiro. E eu, como não fico muito tempo com ódio, deixava passar e esquecia. Porém, chegamos a uma situação insustentável. Cansei-me de trabalhar para eles. Cansei-me das mentiras da minha mãe. Cansei-me de enviar dinheiro. Um dia eu lhe disse tudo que estava na garganta: ela nunca tinha sido minha mãe; pedi-lhe que me deixasse em paz e que se esquecesse de mim. Rompi toda a relação, embora tenha continuado a enviar dinheiro por meio de uma irmã que vive em Nova York. Minha mãe nunca soube disso.

Entretanto, eu não conseguia esquecer. Doía-me muito tudo o que acontecera. Não entendia. Tentei recuperar-me. Fui fazer tratamento psicológico. Nada. Estava com um grande vazio em minha vida e não conseguia preenchê-lo. Então comecei a buscar Deus, mas tampouco eu o encontrava. Não sabia onde buscar. Escutei muita gente que pregava e que dizia que estava com Ele, mas nenhum tocou minha alma. Minha angústia cresceu. Foi somente nos livros que achei alívio.

Meu marido, como eu, é amante da leitura. Sempre procuramos ter um par de livros de reserva... No verão do ano 2000, vi que ele começou a ler um livro. Eu lhe perguntei do que se tratava e ele me mostrou: Cavalo de Troia – Jerusalém. E eu comentei: “Você e seus gladiadores...”. Então ele me falou do conteúdo do livro, mas não lhe dei importância. Algumas semanas mais tarde, não tinha nada para ler e dei uma folheada no livro Cavalo de Troia ... Não consegui soltá-lo. Quando fui até a estante para pegar o segundo, eu sabia que aqueles livros marcariam a minha vida... E assim foi... Os “Cavalos” me sacudiram. E cada página foi preenchendo o vazio que eu sentia. Compreendi tudo. Encontrei o que buscava. Era o que minha alma necessitava. Finalmente, estava em frente ao Pai. Sabia que reconheceria a verdade quando a tivesse diante de mim.

A vida mudou. Os velhos fantasmas começaram a se afastar. Entendi tantas coisas que era impossível assimilar de uma só vez.

Quis acabar com a guerra com a minha família e, sobretudo, com a minha mãe. Sentia amor e via-me preparada para entendê-la. No entanto, eu me equivoquei outra vez. Eu havia entendido. Ela, não. E voltei a colocar distância entre nós duas, embora já não sofresse tanto por causa disso. Eu estava cheia de amor, estava em paz. A falta de amor da minha mãe foi substituída pelo amor do Pai. Isso era o mais importante. Ele me amava e me amará para sempre.

Em abril de 2006 recebi um telefonema da minha irmã, a que vive em Nova York. Minha mãe tinha piorado.

Em meados de agosto desse ano falei com ela. Sua voz tinha mudado. Falamos por algum tempo e, ao desligar o telefone, soube que lhe restava pouco tempo de vida.

Fiz as malas e viajei para Santiago, na República Dominicana. Foi no dia 28 de agosto de 2006. Ao

entrar naquele ambiente que um dia havia sido minha casa, senti uma estranha sensação. Encontrei-me frente a frente com minha mãe e a olhei nos olhos. Soube que era outra mulher. Eu a abracei bem forte e ela a mim. E choramos. Finalmente abraçava minha mãe. Acabara agora uma guerra de muitos anos e, sobretudo, o Pai estava com ela. Nos dias seguintes me dediquei a levá-la ao médico. E cuidei dela. Estávamos sozinhas. Meus irmãos negaram-se a entrar em casa porque minha presença ainda continuava os incomodando.

Uma tarde, após o descanso e o almoço, fomos para a sacada. Preparei um café e começamos a conversar. Perguntou-me sobre o livro que eu trazia comigo e lhe expliquei. Era A 33.000 pés. Ela o leu inteiro e me surpreendeu: ela o entendeu, racionalizava, e nós ríamos a gargalhadas com os acontecimentos do Avô. Para ela foi divino saber que existia outra cara de Deus, e ela gostou dessa nova cara. Minha mãe, como eu lhe disse, era de ir à igreja, de santos e rezas diárias.

A mudança que aconteceu nela foi incrível. Mandou tirar os santos e as imagens que tinha em casa. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria.



María V. Almonte. (Cortesia da família.)

Insistia para que lhe falasse da morte e do “despertar”, que se fala em A 33.000 pés. O “grande show” a encantou.

E, nessa tarde, minha mãe confessou que tinha cometido muitos erros e que sentia muito.

Passamos uma semana maravilhosa.

Quando chegou a hora de nos despedirmos, eu lhe recordei, entre outras coisas, que, “para morrer, basta somente um pouco de confiança”. Ela sorriu e disse que sim.

Sua saúde estava piorando.

No dia 2 de fevereiro de 2007, eu estava em Barcelona. Estávamos comendo, de repente ouvi a voz da minha mãe. Ela me chamava. Soltei o garfo e fui em direção ao telefone. Fiquei nervosa. Não lembrava o número do telefone. Depois não conseguia telefonar, e meu marido tentou tranquilizar-me. Consegui, finalmente, falar em casa, em Santiago, e minha cunhada anunciou que estavam indo para o hospital. Minha mãe estava muito mal.

Cheguei a Santiago dia 3 de fevereiro. Perguntei para a minha mãe se ela estava preparada para o grande momento. Disse que sim.

Na manhã seguinte, ao despertar, anunciou que era o dia.

Eu lhe preparei o café da manhã. Era a primeira vez que estávamos todos os irmãos juntos.

Eu lhe perguntei se ela queria um padre. Disse que não. Santo Deus! Ouvir isso de minha mãe era um milagre.

Por volta das 7h da noite, compreendi que sua hora tinha chegado. Escutei como falava com seus familiares já falecidos... Chamava-os por seus nomes e lhes dizia: “Mas, o que você está fazendo aqui?... Você está morto... Sim, claro, eu entendo... Concordo... Sim, sei disso... Tudo bem... E os demais também vieram por isso?”

Depois se despediu de todos... Eu peguei sua mão e lhe disse: “Mamãe, já está feito. Não se preocupe nem tenha medo. Ele lhe esperará... Quando despertar do sono da morte, se você encontrar com o papai, diga-lhe que eu o amo muito, e se o Chefe lhe der permissão venha e me diga algo... Diga-me se minhas crenças se aproximam um pouco da verdade, se a minha forma de ser deve ser mudada... Diga-me se devo dar mais importância ao meu coração ou ao cérebro”.

Apertou minha mão e morreu.

Em todos os momentos eu soube o que tinha que fazer, desde a preparação até a maquiagem... Minhas irmãs só ficaram chorando... Enquanto eu a maquiava senti uma brisa que passou pelo meu rosto e pelo meu pescoço...

No velório que foi feito em casa, li um parágrafo de A 33.000 pés. Minha alma não sentia tristeza. Eu lhe cantei uma canção com todo meu coração e chorei, mas de alegria. Minha mãe ia em direção ao Pai...

Voltei para Barcelona e, em março de 2008, quando completou um ano de sua morte, tive uma experiência assombrosa...

Talvez tenha sido um sonho. Não sei...

Estava na cama, lendo. Adormeci e, passados alguns minutos, senti que alguém sentava na cama... Eu me sobressaltei.

Então eu a vi. Era a minha mãe!... Estava lindíssima e muito jovem... Emitia uma luz maravilhosa... Em seus olhos somente havia paz e amor... Tudo nela era luz. Era matéria e luz ao mesmo tempo... Não sei como explicar...

E lhe disse:

– Mamãe, o que você está fazendo aqui?

Ela respondeu, com um sorriso:

– Você me disse que, quando despertasse do sono da morte, viesse vê-la... e aqui estou.

– Você está linda – disse eu. E lhe perguntei: – Como é?

– Somente estou autorizada a dizer-lhe que onde eu estou é parecido com aqui... O amor é diferente... Tudo é amor... Mas não é como o amor daqui...

E acrescentou:

– Sim, a ideia que você tem daquilo não é que seja igual, mas sim, é parecida... Você nem pode chegar a imaginar... Não mude a sua forma de ser... Por você ser como é pode chegar a compreender muitas coisas... Se tivesse sido como seus irmãos, eu não teria compreendido as coisas antes de vir para cá... Já está na hora de começar a pensar em você... Já fez muito por seus irmãos... Eles têm que procurar seu próprio caminho. São eles que têm que dar o passo... Continue dando importância ao seu coração... Deixe que ele a guie... Ele nunca a enganará...

Então se levantou e foi em direção ao espelho do armário. Levantou a mão e disse:

– A vida é como um espelho... Devolve-lhe a imagem que se põe diante dele.

E eu perguntei:

– E a morte, como é?

– Parecida com o que você leu, porém melhor.

Eu tinha lido a página 107 de A 33.000 pés.

Voltou para a cama, sentou-se de novo e me pegou pela mão.

Quanto amor eu senti!



Mónica Consuelo, mãe de María. (Cortesia da família.)

Perguntei-lhe sobre o grande show e recebi o mais lindo dos sorrisos.

– Diga-me: por que nossa relação foi tão difícil?

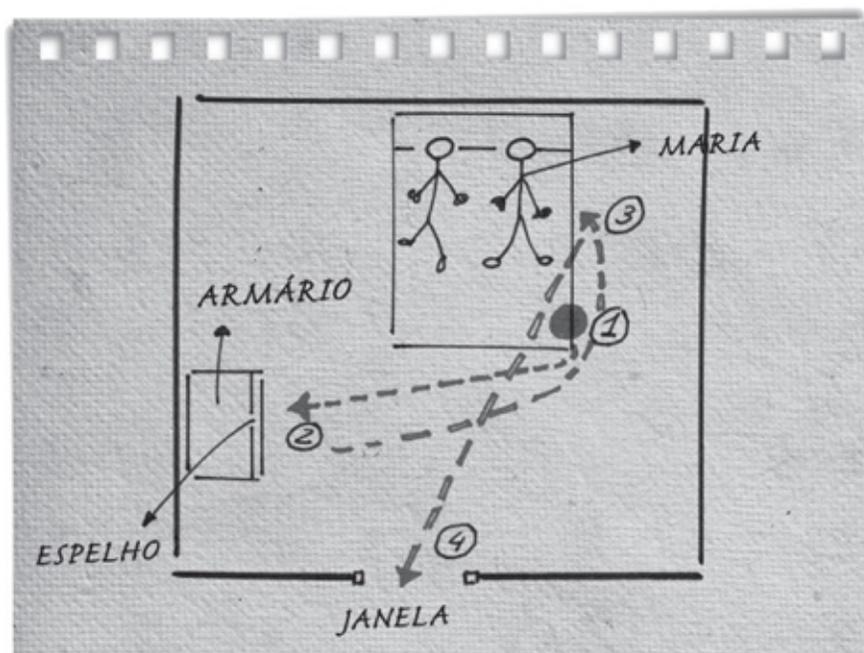
E sem mudar a expressão do rosto assegurou:

– As coisas sempre acontecem por algo... Eu, antes, não entendia. Agora, sim. Tudo tem o seu porquê... Sei que você pensou que eu não a amasse, mas agora você pode ver que não é bem assim. Talvez tenha sido minha forma de ser com você o que a estimulou a buscar, a aprender, a vencer por si mesma e a torná-la cada dia mais forte...

Falamos sobre meus irmãos, e mamãe me fez vários anúncios.

Depois me abraçou forte e disse que “tinha que ir”.

E partiu da mesma forma como havia chegado.



1. A mãe de María se apresenta e senta-se na beira da cama. 2. Vai em direção ao espelho do armário. 3. Volta para a cama e se despede de María. 4. Retrocede até a janela, sempre mostrando o rosto e elevando-se em diagonal. Ali desaparece. Caderno de campo de J. J. Benítez.

A partir desse dia, minha vida mudou, e muito. Deixo que meu coração comande. Ainda há coisas que não entendo, mas eu confio. Ele sabe... A vida ganhou outro sentido para mim. Agora estou à espera das respostas que o Pai queira oferecer. Trato de dar o melhor de minha vida sem esperar nada. Esse é o segredo...

Quatro anos depois, eu entrevistei María e seu marido, na cidade de Barcelona. Mantivemos uma longa conversa, e ela confirmou todos e cada um dos detalhes de sua carta.

Emocionei-me intensamente.

Eis aqui uma síntese da conversa:

– Pelos meus livros, você sabe bem até que ponto me interessam os detalhes...

María sorriu e assentiu.

– Pois bem, então vamos aos detalhes do sonho. Ou foi uma experiência real?

María, como dizia em sua carta, não tinha isso claro.

– Nesse momento, quando minha mãe sentou-se na beira da cama, Santiago, meu marido, acordou e perguntou: “Com quem você está falando?”.

– Você a ouviu falar?

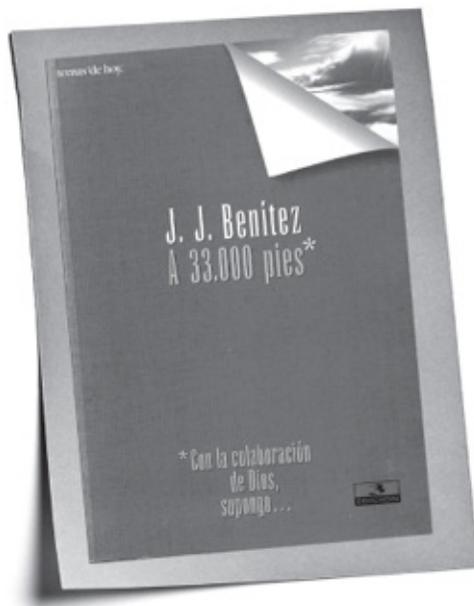
Santiago respondeu afirmativamente e esclareceu:

– Mas eu não vi a minha sogra. A única coisa que eu percebi com clareza foi o colchão afundado desse lado da cama...

– Como se alguém tivesse sentado?

– Isso mesmo.

– Alguns dias antes – interveio María – nós já tínhamos passado outro susto. Minha filha saiu do seu quarto, gritando. Dizia que tinha visto a sua avó...



Capa do livro *A 33.000 pies*. Segundo a mãe de María, a morte, aqui descrita, é parecida com a realidade.

– Vamos à aparência de Mónica. Que idade tinha quando morreu?

– Morreu com 87 anos – esclareceu María. – Quando ela se apresentou, entretanto, estava lindíssima.

– Que idade parecia ter?

– Uns quarenta anos... Não tinha rugas. O cabelo estava na altura dos ombros.

– Estava com cabelo branco?

– Não.

– O que você fez ao vê-la?

– Ergui meu corpo e sentei-me na cama.

– Do que ela morreu?

– Do coração. Ao falecer, apresentava o ventre muito inchado... Agora, ao contrário, se mostrava bem magra.

María tentou encontrar palavras. Não era fácil.

– Era um corpo translúcido... Era possível ver através dela... No entanto, não com clareza...

María se desculpou:

– Não sei explicar... Era luz e matéria ao mesmo tempo... Parecia fumaça condensada... Era uma fumaça (?) branca que irradiava, mas não era exatamente luz e tampouco fumaça... Quem emitia a luz era a minha mãe... Apresentava uma espécie de aura... Tudo era branco, um branco fosco, mas que ao mesmo tempo brilhava...

– Como estava vestida?

– Usava um vestido branco, sem mangas, que ia até os joelhos. Mas o que mais me impressionou foi uma capa, de um tipo de tule, que a cobria completamente. Essa espécie de “capa de chuva” tinha mangas longas e chegava até os tornozelos. Era também branca e da mesma natureza – foi isso que me deu a entender – que o corpo.

– A capa (?) e o corpo eram similares?

– Sim, como uma fumaça branca e concentradíssima. Era um material que não sei como descrever.

– E como foi a comunicação?

– Eu a ouvia. Ela movia os lábios. Mas, se ela não tivesse falado, a informação teria chegado à minha cabeça da mesma forma.

– O que mais a impressionou em sua aparência?

– A beleza e a serenidade do rosto. Minha mãe era uma mulher irascível e amarga. Naquele momento estava exatamente ao contrário. Seu rosto parecia de porcelana e irradiava luz e amor. Também fiquei impressionada com o “tule”... O formato era o de um tipo de sári, no entanto minha mãe nunca usou esse tipo de roupa...

– Você observou se ela usava maquiagem?

– Não.

– Anéis, correntes, brincos...?

– Também não. Nada.

– Sorria?

– O tempo todo. Era um sorriso lindíssimo e impróprio da minha mãe.

– Você sentiu medo?

– Em nenhum momento.

– Há outra questão que me intriga. Você comentou que ela disse que somente estava autorizada a dizer-lhe...

– Isso mesmo. Eu entendi que ela falou o que haviam lhe permitido que falasse. Afirmou que o lugar em que ela se encontrava era parecido com o nosso e que o amor era diferente. Deteve-se por alguns instantes como se estivesse buscando palavras certas. Finalmente assegurou que “nem de longe eu poderia imaginar como era aquele lugar”.

– Ela respondeu a todas as perguntas?

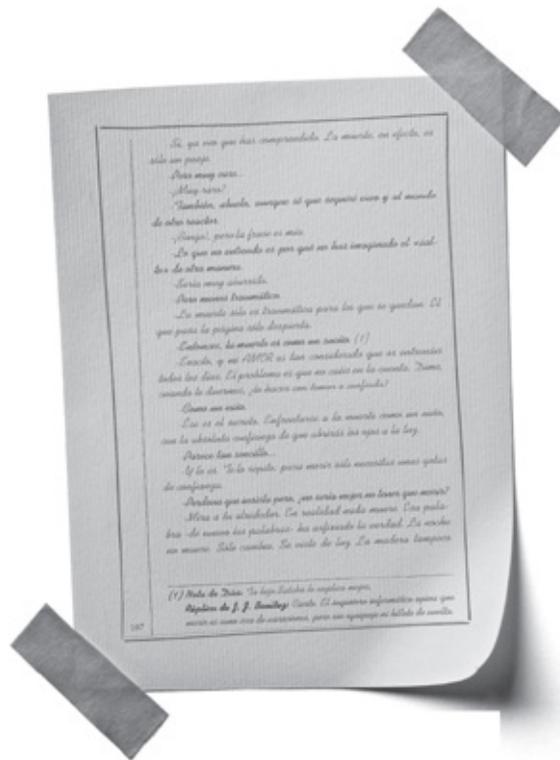
– Não. Em alguns momentos se limitava a sorrir. Por exemplo, quando perguntei se tinha visto meu avô. Ela apenas sorriu, nada mais.

– Você disse que ela levantou-se e foi em direção ao armário...

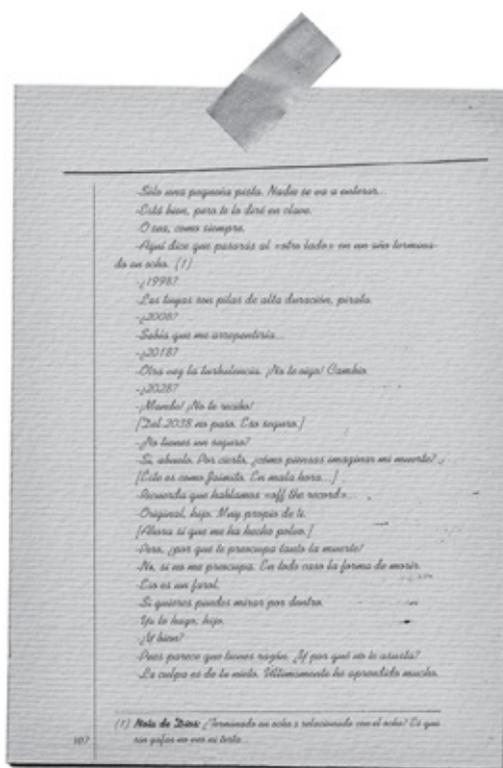
– Não caminhou – pormenorizou María. – Era como se algo a empurrasse. Não movia os pés nem as pernas. Deslizava pelo ar.

– Tinha volume?

- Penso que sim.
- Ela refletia no espelho?
- Isso foi curioso. Eu via os móveis e a mim mesma no espelho. Ela, em contrapartida, não se refletia.
- Mas... Ela estava em frente ao espelho...
- Sim. Estava a cerca de 1 metro, estendeu a mão direita e o “tule” (?) abriu-se... Então mencionou a questão sobre a vida.
- Poderia tratar-se de algo que nós entendemos como holograma?
- É o que parece, ao menos para mim. Tampouco movia os braços ao caminhar. Permaneciam ao longo do corpo. Não era normal...
- E depois...
- Ela regressou para a beira da cama, mas não se sentou. Estendeu a mão esquerda e eu lhe dei minha mão direita... Então senti uma energia muito forte.



Página 107 do livro *A 33.000 pés*.



Página 108 do livro A 33.000 pés.

– Ela apertou a sua mão?

– Sim. E disse-me: “Até logo... Siga seu caminho”. Seu sorriso era incrível e permanente... Minha mãe nunca sorria. Então falou sobre meus irmãos e anunciou alguns fatos.

– Cumpriram-se?

– Fez dez prognósticos, e cumpriu-se metade deles.

– Como ela desapareceu?

– Começou a retroceder, sem deixar de me olhar...

– E você podia ver seu rosto?

– Sim. E foi se distanciando em direção à janela. Então eu me dei conta: ela estava mais alta. Em vida, ela media mais ou menos 1,60 metro. Ao chegar à janela, desapareceu.

O apartamento de María ficava no 9º andar e a janela estava fechada.

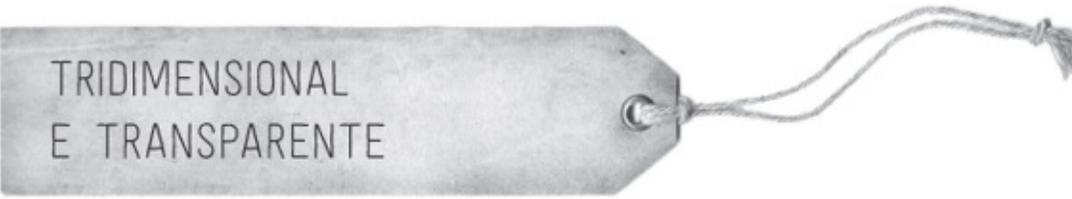
– O que foi que mais a impactou?

– Que ela era amor puro. Ao contrário do que havia sido em vida.

– Quanto pode ter durado a experiência?

– Para mim foi eterna e brevíssima. Em tempo real, talvez uns dez minutos.

María agora tem certeza: a morte é apenas um “trâmite administrativo”.



TRIDIMENSIONAL
E TRANSPARENTE

No dia 12 de agosto de 1987, faleceu na Espanha o pai de uma distinta senhora norte-americana a quem chamarei de Cruz.

A dor a destroçou.

Pois bem – segundo o que ela me relatou –, cinco dias após o enterro, quando caminhava pela Rua Reina Mercedes, em Sevilha, Espanha, aconteceu algo que não tem explicação.

Vi meu pai, entre as pessoas...

Vi apenas sua cabeça...

Flutuava a pouca distância...

As pessoas atravessavam por ele...

Eu, então, estava muito atormentada. Não consegui superar a morte do meu querido pai...

Ele me olhava intensamente. Seu olhar era muito penetrante.

Era uma cabeça tridimensional, com volume e um pouco maior do que o normal...

Então ele disse: “Estou bem... Estou bem”.

A partir desse momento, deixei de sofrer...

Agora eu sei: meu pai continua vivo...

“TENHO QUE IR”

A segunda experiência de Sonia Gómez Rico, a quem eu me referi em páginas anteriores, aconteceu na Rua Virgen de la Luz, na cidade de La Línea, em Cádiz, Espanha, no ano de 1986.

Ela assim me relatou:

Eu tinha treze ou catorze anos...

Era cedo. Talvez lá pelas 7h da manhã...

Eu estava estudando na sala da minha casa...

Lembro que a luz estava acesa. Era inverno...

De repente, vi que as cortinas da sacada se mexiam...

Achei estranho. Tudo estava fechado...

Então eu vi...

Era o avô da Natalia, uma amiga minha. Ele se chamava Enrique Garralón.

Eu o conhecia. Já o havia visto muitas vezes na casa ao lado. Ali vivia um filho desse homem.

Ele estava de pé, a cerca de 1,50 metro do sofá onde eu me encontrava...

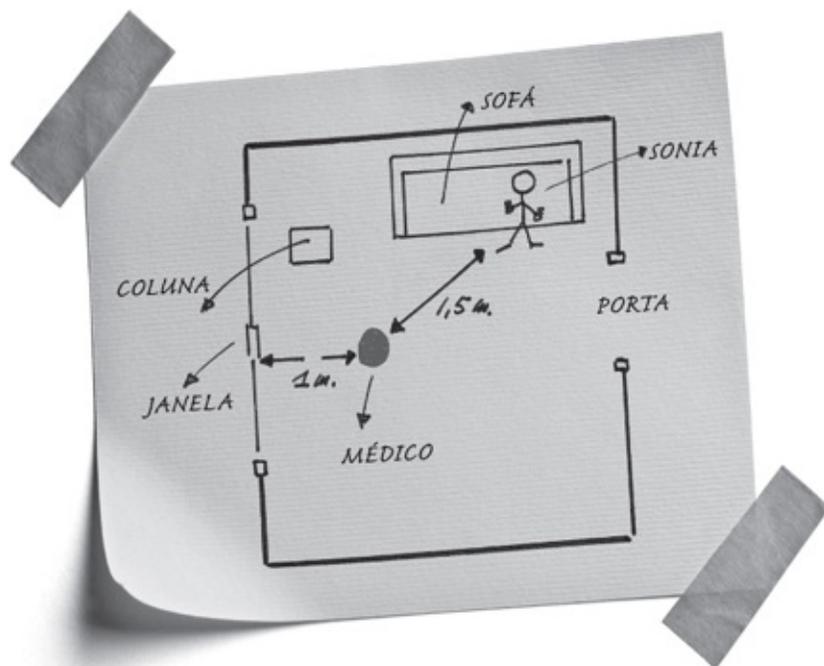
Era transparente. Eu podia ver através dele...

Não estava com sua habitual bengala. Na casa do filho, o velho sentava-se e apoiava as mãos sobre uma bengala...

Vestia calça escura e paletó...

E disse-me: “Vim aqui para me despedir... Tenho que ir. Adeus...”.

E desapareceu.



Sonia estava no sofá da sala, estudando, quando o médico apareceu. Caderno de campo J. J. Benítez.

Ele era médico...

Eu só o via até os joelhos. Não vi o resto do corpo...

Deu-me a sensação de que estava com pressa...

Levantei-me. Olhei as cortinas e a sacada, mas tudo estava em ordem. Não havia nenhuma corrente de ar...

Então, continuei estudando...

Naquela manhã, por volta das 8h, Sonia comentou com sua mãe o que havia acontecido. E a garota disse:

– O avô de Natalia está morto.

Sonia foi para a escola e a mãe foi averiguar.



Sonia Gómez Rico. (Foto: Blanca.)

O avô havia passado mal na noite anterior. Morreu às 7h15 daquela manhã, justamente a hora em que ele foi visto pela jovem.

Insisti no assunto da transparência, e Sonia reafirmou uma e outra vez:

– Vi o corpo, mas somente até os joelhos. O resto não existia...

Ao que parece, nada na sala foi afetado pela presença dele. A família não observou queimaduras nas cortinas ou nos móveis das proximidades. Tudo parecia normal.

O médico, segundo o testemunho de Sonia, não se apresentou a nenhum membro da família.

– Eu o conhecia desde criança. Sentia um grande apreço por ele...

ESPERAVA A MÃE E QUEM
APARECEU FOI O SOGRO

O presente caso não foi investigado por mim. Quem o fez, em seu momento, foi meu admirado Luis Ramírez Reyes, um veterano pesquisador mexicano. Em uma das minhas viagens ao México, ele me contou a história.

A experiência foi vivida por uma mulher a quem chamaremos de Claudia. Tentei conversar com ela, porém ela declinou. Queria ser capaz de esquecer...

Foi isto que Ramírez Reyes contou:

Eu tinha problemas com meu marido...

Estava a ponto de me separar...

Lutava para salvar meu casamento, tanto pelos meus filhos como por nós... Eu o amava...

A verdade é que eu não sabia por que ele tinha deixado de gostar de mim... Foram muitos anos casados... Não compreendia a situação...

Uma noite, já no meu quarto, com o abajur de minha mesinha de cabeceira aceso e consumida pela tristeza, pedi para a minha mãe, já falecida, que me guiasse naquela situação angustiante... Queria saber o que eu deveria fazer. Deveria lutar pelo meu casamento ou o deixaria afundar de vez?

Apaguei a luz e, nesse momento, apareceu meu sogro...

Estava ao pé da cama...

Não podia acreditar. Ele já estava morto havia dois anos!

Era transparente! Eu via através de seu corpo. Via a estante de livros que estava por trás...



Claudia e seu sogro. (Cortesia de Luis Ramírez Reyes.)

Ele estava com seu casaco preferido...

Estava com as mãos nos bolsos...

Olhou-me fixamente e falou sem falar...

Não emitiu nenhum som, mas eu o escutei na minha cabeça...

E respondeu à pergunta que eu tinha em mente: “Deixe-o ir! Ele tem outras coisas que fazer”.

Acendi a luz imediatamente e a imagem desapareceu...

Não podia acreditar no que havia acontecido...

Fiquei histérica...

Depois meu marido chegou e me repreendeu. Disse que eu estava louca...

Luis Ramírez Reyes insistiu:

– Era seu sogro? Como você pode ter certeza?

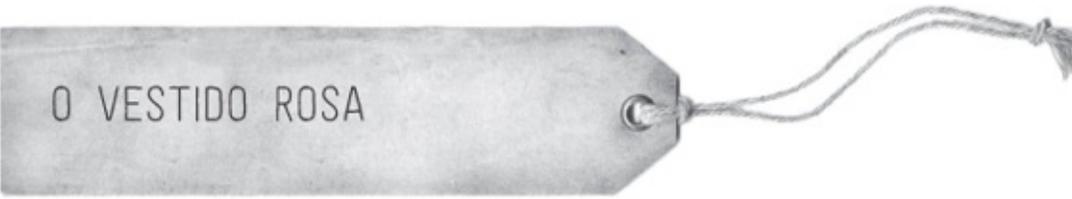
– Eu o conhecia. Era ele! Estava vestido com uma calça bege, igual ao seu casaco. Tinha a mesma altura e o mesmo bigode. Eu o apreciava. Nós nos víamos pouco, mas ele foi o único da família do meu marido que se comportou corretamente comigo.

– A mensagem lhe serviu para alguma coisa? – perguntou Luis.

– Agora penso que sim. Deixei que ele fizesse o que queria de sua vida. Meu marido estava com outra mulher... Acabou indo embora. Nós nos divorciamos... Hoje, agradeço muitíssimo o conselho do meu falecido sogro. Sou muito feliz nesta minha nova etapa...



Claudia, contando sua experiência ao jornalista e investigador Luis Ramírez Reyes.



O VESTIDO ROSA

Eram 3h da madrugada do dia 28 de novembro de 2008.

Rebecca despertou e levantou-se da cama. Foi até o banheiro. Perambulou pela casa, acabou regressando para o dormitório onde Larry, seu marido, dormia profundamente...

– Então, eu tive um sonho...

Rebecca T. Wilkner é uma cidadã norte-americana que conheço há anos. Temos trabalhado em numerosas investigações no extenso território norte-americano. Ela mora em Fort Lauderdale, Flórida, embora tenha nascido na ilha de Saint Croix, uma das Ilhas Virgens Americanas (Caribe). Ali, em Christiansted, viviam seus pais...

Porém, seguiremos com a narrativa de Rebecca.

– Uma semana antes desse 28 de novembro de 2008 eu tinha visitado minha mãe, em Christiansted. Ela estava muito mal. Em julho lhe detectaram um câncer de pâncreas. Digo isso – acrescentou Rebecca – porque nessa data, em novembro, eu sabia que minha mãe não viveria muito... O caso é que eu tive um sonho, e muito estranho. De repente me vi na varanda da casa dos meus pais. Lina, minha mãe, estava ali comigo. Não falamos. Eu a olhava e pensava: “Como ela está bem...”. Não tinha a aparência de alguém que estivesse enferma. Ao contrário. Usava um vestido rosa...

O sonho terminou aí.

Rebecca levantou-se de novo. O relógio marcava 6h. Nesse dia 28 de novembro de 2008, minha amiga devia pegar o avião para Saint Croix.



Rebecca e sua mãe, Lina Herrera. (Cortesia da família.)

– Queria visitar minha mãe novamente. Mas, ao levantar, eu me senti confusa.

– Por quê?

– Porque no sonho eu tinha visto minha mãe muito saudável. E perguntei a Larry se minha mãe estava bem. O pobre homem me olhou, atônito. “Sua mãe”, disse ele, “está muito enferma”. No entanto, eu não conseguia acreditar nele. Acabava de vê-la em meu sonho, e ela estava em perfeitas condições. Por que tenho que voar até a ilha, dizia a mim mesma, se ela está bem?

E, na metade daquele momento de confusão, o telefone tocou.

– Era meu irmão. Ele vive muito perto da casa dos meus pais, em Saint Croix. Então ele me deu a notícia: “Mamãe morreu”. O falecimento ocorreu entre as três e 3h e 3h30 dessa madrugada...



Rebecca Wilkner em novembro de 2008. (Foto: Blanca.)

– Na mesma hora do sonho...

– De fato.

E me interessei pelos detalhes do sonho.

– Como lhe disse, eu a vi muito bem. Estava com o cabelo para trás, como sempre, e sem maquiagem. Eu a vi pálida, isso sim... Usava um vestido rosa, roupa de ficar em casa. Era um vestido com florzinhas...

Rebecca voou para Saint Croix nessa tarde, por volta das 17h, e permitiram que ela visse Lina no necrotério.

– Meu Deus!... Minha mãe estava com o vestido rosa do sonho...



“NÃO TOQUE EM NINGUÉM”

Rebecca contou a experiência vivida com sua mãe na sexta-feira, 19 de dezembro de 2008. Assim consta em meu caderno de campo. Haviam se passado vinte dias desde o falecimento de Lina, sua mãe.

E Rebecca perguntou:

– Qual é a sua opinião sobre isso?

Eu disse o que pensava:

– Sua mãe continua viva. Mais viva do que nunca. Talvez esteja no MAT-1...

Então eu lhe ofereci uma breve explicação sobre os mundos MAT.^[1]

Rebecca permaneceu em silêncio, observando-me. Finalmente comentou:

– Me custa aceitar uma coisa dessas...

Intervim imediatamente...

– Peça uma prova.

– Uma prova?

– É simples. Se sua mãe está viva, como eu penso, ela fará você saber...

– Simples assim?

Sorri.

– Você não tem nada a perder. Peça-lhe um sinal...

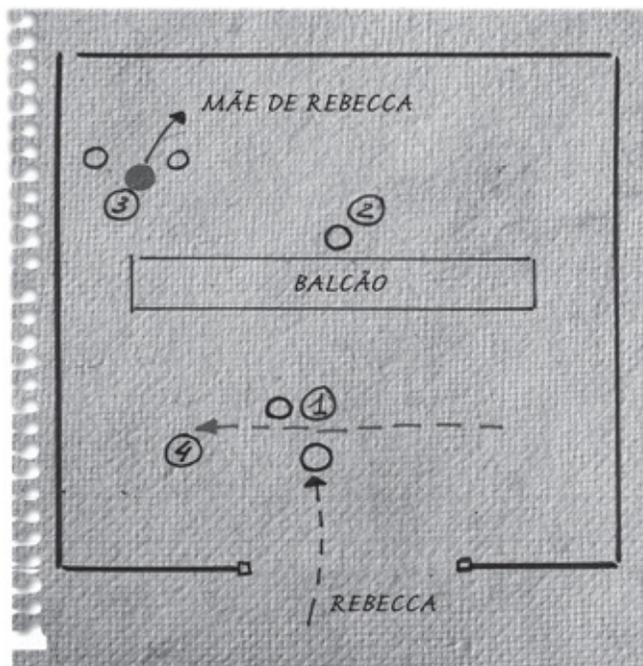
Terminou a conversa aí.

No dia seguinte, em 20 de dezembro, voltamos a nos ver. Rebecca estava emocionada. Naquela noite, tivera outro sonho...



A distância, em linha reta, entre Fort Lauderdale, na Flórida, e a ilha de Saint Croix, no Caribe, é de 2 mil quilômetros.

– No sonho – explicou ela –, eu me encontrava novamente em Saint Croix, em frente à casa da minha mãe... Eu sabia que minha mãe estava morta e que meu pai estava em Porto Rico, cuidando de papéis... Entrei na casa e, de repente, me vi em outro lugar... Não sei como, mas soube que era um “lugar espiritual”... Havia uma espécie de balcão e atrás dele uma mulher vestida de branco... Tinha o cabelo curto e avermelhado... A pele era de um moreno dourado... Entravam e saíam pessoas... Então eu me aproximei e lhe perguntei: “Lina está aqui?...” A mulher respondeu afirmativamente... Eu tinha que esperar... Então apareceu minha mãe... Duas outras mulheres a acompanhavam, eu não as conhecia... Ficaram quietas, a certa distância... Minha mãe parecia feliz... Sorria... “Estou bem”, disse-me... Não devia preocupar-me. Quis abraçá-la, mas a mulher do balcão impediu: “Não toque em ninguém”, exclamou... Então chegaram outras pessoas... Uma delas passou bem na minha frente, bem perto, e não pude resistir à tentação... Estiquei a mão, dissimuladamente, e quis tocá-la... Não foi possível... Minha mão atravessou seu braço... Não era sólido!... Eu a transpassei!... Nisso, a mulher do cabelo avermelhado levantou a voz e me advertiu: “Eu lhe disse que não é para tocar em ninguém!”... “Tenho que ir”, disse Lina, e desapareceu... Então eu acordei.



1. Rebecca (no sonho) entra em um lugar espiritual. 2. Do outro lado do balcão, uma mulher com o cabelo avermelhado a recebe. 3. Lina, a mãe, aparece com outras duas mulheres e fala com ela. 4. Uma pessoa cruza diante de Rebecca. Minha amiga estende a mão e comprova que a pessoa não é sólida. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Segundo Rebecca, no sonho, todos estavam vestidos de branco.

Minha amiga interpretou aquele sonho como resposta ao seu pedido.

Eu também me senti feliz...



“PAVI!... PAVI!”

A primeira notícia sobre a experiência vivida por Javier Martínez Pedrós chegou a mim por carta. Maite, filha de Javier, teve a feliz iniciativa e me avisou. Havia acontecido algo singular com seu pai, e ela considerou que a dita experiência não poderia cair no esquecimento. “O que aconteceu”, dizia-me, “pode ajudar outras pessoas”.

Concordei.

Mas, como de costume, deixei o assunto repousar.

Algum tempo depois, solicitei uma nova informação à filha de Martínez Pedrós.

Dessa vez foi o protagonista quem respondeu à minha solicitação. E então me ofereceu detalhes. A carta de Javier assim dizia:

Alacuás, 22/08/01

... Prezado amigo: Permita-me que eu o trate como um amigo, pois, embora não nos conheçamos pessoalmente, eu o considero um amigo, já que li praticamente todos os seus livros.

Meu nome é Javier Martínez Pedrós (não me importo, em absoluto, em relação à confidencialidade do que eu vou lhe contar, porque não tenho vergonha do que se passou comigo e com o meu avô; muito ao contrário, estou muito orgulhoso e me sinto uma pessoa privilegiada por ter vivido essa experiência).

Antes de mais nada, quero que saiba que sei diferenciar muito bem o que é uma visão de uma alucinação, do que é real e do que é irreal, do que é estar em um estado de sonho e de vigília, da sensação e da percepção. Com isso quero dizer-lhe que o que eu vi ou o que eu vivi foi real...

Estou comentando com você sobre visão e alucinação porque é um assunto que tenho estudado muito, pois, como minha filha deve ter lhe contado, sou licenciado em Psicologia.

Na continuação, passo a lhe contar o evento:

Tudo aconteceu no final de janeiro de 1975. Talvez dia 22 ou 23. Eu tinha treze anos.

Meu avô se chamava José Pedrós Florencio. À parte de ser meu avô materno, também era meu padrinho. Considero que tínhamos uma relação muito estreita. Eu gostava muito dele e ele também de mim.

O vovô ficou enfermo de bronquite e, pelo que me recordo, passou muitas semanas de cama. Um dia, o médico nos comunicou que o pior já tinha passado e que meu avô estava em vias de recuperação. Ao que parece, segundo o médico, durante esse tempo ele esteve em perigo de morte.

Nessa mesma noite, o vovô disse para minha mãe que estivesse preparada “porque estava pronto para o ataque”. Minha mãe estranhou a sua atitude. Eu agora penso que ele sabia que estava morrendo...

E, efetivamente, faleceu naquela noite. Aconteceu no dia 20 de janeiro de 1975. Tinha 79 anos de idade.

Não me lembro se tinha passado um dia ou dois do seu falecimento... O caso é que eu estava dormindo no meu quarto (deveriam ser mais ou menos 4h ou 5h da manhã) quando escutei uma voz.

Alguém me chamava: “Pavi... Pavi!” (Sempre me chamaram de Pavi em casa.)

Ao ouvir repetidamente meu nome, acabei despertando.

Então eu vi um homem, ao lado da minha cama. Não parava de pronunciar o meu nome.

A princípio, não reconheci meu avô. Pensei que se tratasse de alguém – talvez um ladrão – que houvesse se infiltrado em casa.

Essa pessoa se encontrava em pé, à esquerda da minha cama. Estava com os braços cruzados, vestia uma roupa escura e usava uma boina na cabeça. Apresentava uma barba de dois ou três dias por fazer.

Fiquei tão assustado que me levantei e a golpeei com vários socos. Os socos atravessaram o corpo da pessoa, aparentemente sem lhe causar nenhum dano.

Depois de golpeá-la várias vezes e vendo como minhas mãos e braços atravessavam seu corpo, de repente ele me disse: “Agora que eu vi você, posso ir satisfeito”. (Ou seja, ele ainda não tinha ido embora.)

Foi nesse instante, ao falar, que eu percebi: era o meu avô!

E comecei a chamá-lo: “Vovô, vovô, vovô!”

Ele olhou-me, sorriu e se desvaneceu.

Tentei agarrá-lo para que não fosse embora. Foi como abraçar o nada...

Foi embora sorrindo, com grande satisfação.

E eu passei do medo e do pavor à alegria e esperança. Acabava de ver a pessoa que eu mais gostava no mundo.

Meu avô era uma pessoa muito teimosa. Tenho certeza de que antes de ir embora ele pediu para me ver e despedir-se de mim...

Tenho certeza de que, quando chegar a minha hora, ele virá para guiar-me...



Javier Martínez Pedrós, com onze anos de idade, com seu avô, José Pedrós. (Cortesia da família.)

Como é meu hábito, arqueei a carta de Javier e adotei a técnica da “geladeira”.

E, assim, onze anos se passaram...

Finalmente, “alguém” tocou no meu ombro, e viajei para Valência, Espanha.

Foi no dia 17 de outubro de 2012.

Javier Martínez Pedrós – gentil e paciente – recebeu-me e voltou a contar a experiência (com detalhes). Não houve uma só contradição. Como já mencionei anteriormente, se a testemunha inventa ou está mentindo, é muito difícil que mantenha a versão original, muito menos depois de tantos anos...

Não era o caso.

E falamos – como era de imaginar – sobre os detalhes do acontecimento.

– O vovô foi enterrado em Ribarroja del Turia, embora tenha morrido em Alacuás...

Javier é um homem lúcido e com uma excelente memória.

Fiquei muito interessado pelo “corpo” do seu avô.

– A imagem que vi parecia normal. Era idêntico ao que conheci em vida. A única coisa anormal era que, ao golpeá-lo, os meus punhos o atravessavam.

– Era translúcido?

– Aparentemente era um corpo sólido. Não se via através dele...

– Você disse que ele estava com uma barba de dois ou três dias.

– Sim, e isso me surpreendeu.

– Por quê?

– Porque meu avô fazia a barba diariamente. Era muito cuidadoso.

– Estava vestido com sua roupa de costume?

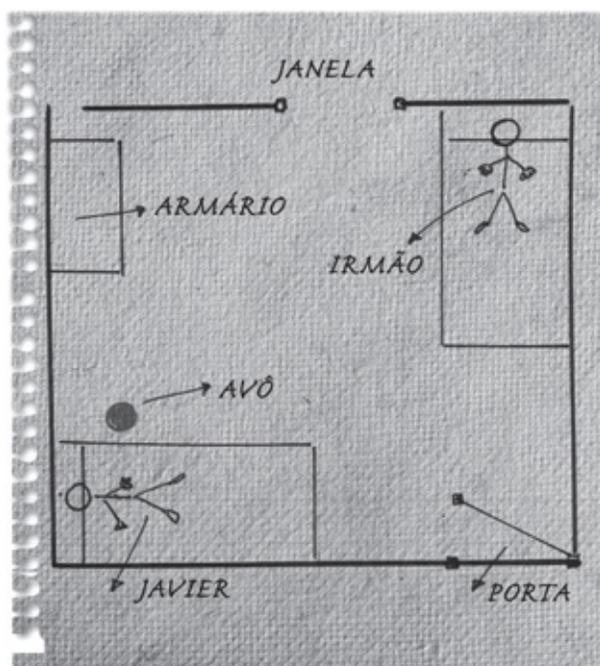
– Sim, de preto. Calça e casaco de veludo e uma faixa na cintura.

– Havia luz no dormitório?

– Pela janela, entrava a luminosidade da rua.

O fato aconteceu na Rua Bandera Valenciana, pátio quatro, terceiro andar, no referido município de Alacuás.

– Como ele desapareceu?



O avô, falecido dias antes, apareceu ao lado da cama do neto. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Notei uma vibração, e ele começou a desaparecer.

– Por partes?

– Não, o corpo foi se apagando pouco a pouco, mas de maneira uniforme.

– Fale-me sobre a sua voz...

– A voz era a dele. Eu a reconheci perfeitamente. Pronunciou meu nome várias vezes...

– Quantas?

– Sete ou oito. “Pavi!... Pavi!”

– Por que você o golpeou?

Javier observou-me, perplexo.

– Eu me assustei. Pensei que algum estranho tivesse entrado em casa.

– Em que momento você parou de golpeá-lo?

– Ao escutar a sua voz. Então eu compreendi que era o meu avô.

– Você sabia que ele estava morto?

– Claro. Já estava há dois dias enterrado.

– Você estava dormindo sozinho no quarto?

– Não, com meu irmão. Porém, ele não tomou conhecimento de nada.

– Você disse que se levantou na cama...

– Sim, e comecei a dar os socos. Então, foi quando reconheci a sua voz e me fixei em seu rosto. Ele sorria. Os olhos estavam cheios de vida... Foi no que mais prestei atenção.

– A que distância estava da cama?

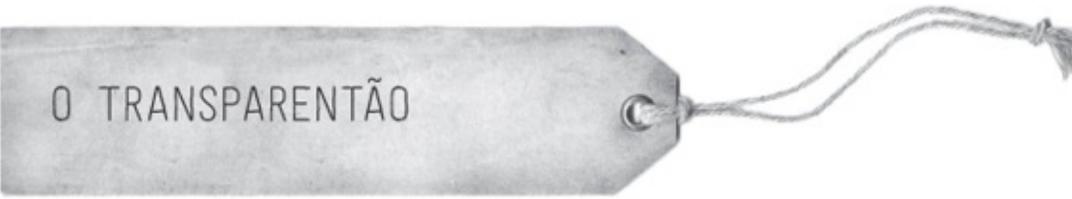
– A meio metro.

– Você disse que tentou abraçá-lo...

– Sim, mas abracei o nada. Então ele desapareceu.

– Seu avô era religioso?

– Acreditava em Deus, mas era anticlerical.



O TRANSPARENTÃO

O presente caso parece uma piada. Mas não é.

Aconteceu na cidade norte-americana de Weston, na Flórida.

A experiência foi vivida por uma mulher com uma capacidade paranormal fora do comum.
Eu a chamarei de MA.

Foi no ano de 2003. Não me recordo da data exata...

Numa manhã, depois de deixar as crianças na escola, fui correr...

MA é uma mulher jovem.

Fui para o Peace Park, um dos mais populares da cidade...

Eram mais ou menos 9h da manhã quando comecei a caminhar rápido...

E, ao correr pelo local onde está o pequeno lago, eu a vi...

Era uma senhora de uns 70 ou 75 anos...

Encontrava-se sentada num banco e estava dando de comer para os patos...

MA esclareceu:

Os patos de Weston são muito engraçados. Eles sabem quem vai lhes dar de comer e quem não...

A anciã tirava migalhas de pão de um saco de papel e jogava para os patos...



MA, uma mulher excepcional. (Cortesia da família.)

Eu nunca a tinha visto no parque. E eu o frequentava diariamente...

Então, ao me aproximar, vi um senhor bem perto do banco. Permanecia em pé, ao lado esquerdo da anciã...

Quase me deu uma parada cardíaca...

Era meio transparentão! Via-se através do seu corpo...

Era mais velho, deveria ter uns oitenta anos de idade. Pele branca...

Eu olhei para ele, assombrada. Vestia uma roupa impecável, com gravata...

“Que estranho”, disse para mim mesma...

Conforme eu me aproximei, ratifiquei a minha primeira impressão: era transparente. Parecia um holograma...

Parei de correr, e ele se deu conta de que eu o havia visto...

Nós nos olhamos...

Eu continuei correndo...

Passei diante do banco. Aquela senhora sequer me olhou. Continuava envolvida com os patos...

Instintivamente acelerei...

Então escutei uma voz...

Era o senhor transparente. Falava comigo...

Eu não me volvei. Continuei correndo, assustada...

Mas ele insistiu. Eu ouvia a sua voz na minha cabeça...

Ele dizia-me: “Por favor, diga a ela que eu estou bem... Diga-lhe que estou com ela o tempo todo...”

Diga-lhe que não se sinta só...”

Era muito educado. Falava comigo com delicadeza...

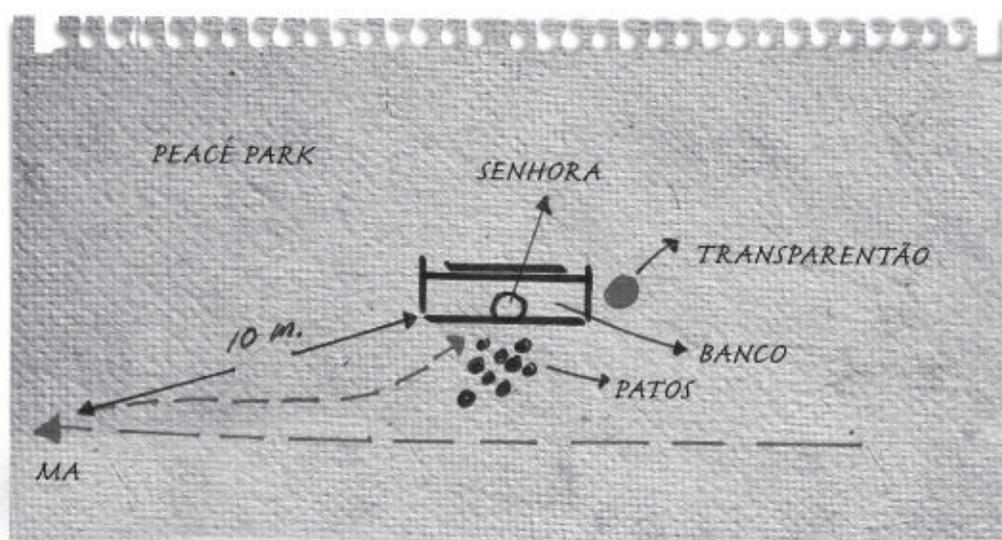
Contudo, temerosa, achei uma desculpa: “E se ela não falar espanhol?”...

“Sim, ela fala espanhol, sim”, replicou o transparentão. “Diga-lhe que estou com ela...”

Sei disso, eram desculpas. Por mais que eu tentasse arrumar desculpas, ele insistia...

Oh, my God!...

Acabei parando. Dei meia-volta e caminhei em direção ao banco... O transparentão havia desaparecido. Já não o via mais...



Peace Park, em Weston, Flórida. MA passa diante do banco e vê o “transparentão”. Ela se detém a 10 metros e regressa para falar com a anciã. Caderno de campo de J. J. Benítez.

E eu pensava: “A senhora vai pensar que estou louca...”.

Os patos continuavam aos pés da anciã, como se nada estivesse acontecendo...

Fui até ela e improvisei:

– Senhora – disse-lhe. – Há um senhor com a senhora...

– Não, filhinha – respondeu ela. – Eu vim sozinha...

– Senhora, veja... – prossegui, não com pouco esforço. – É que há um senhor aqui... Um senhor que morreu...

Eu não sabia o que dizer. Sentia-me ridícula...

Entretanto, continuei...

– Ele está aqui ao seu lado... É um espírito...

Eu não sabia por onde continuar...

– É um espírito que está ao seu lado... E ele me pediu para lhe dizer que a senhora não está sozinha...

Ele está bem... Disse que a senhora não deve sentir-se só... Ele está com a senhora o tempo todo...

A anciã me olhava, perplexa...

Então eu lhe perguntei:

– Por que se sente só?

Ela começou a rir e tapar a boca com a mão...

Finalmente, acabou respondendo, sempre entre risadas:

– Ah! Sim! Esse é meu marido.

E disse-me que ele havia morrido não sei quando... E acrescentou:

– Sim, tenho me sentido só, porque estão arrumando minha dentadura e quase não saio de casa...

Então, as lágrimas correram pelo seu rosto e me agradeceu... Antes de despedir-me, eu disse a ela:

– Fale em voz alta... Ele está bem perto e pode ouvir...

E continuei a correr.

Nunca mais voltei a ver a anciã dos patos...

O HOMEM DO
SORRISO ESPETACULAR

Conheço Ezequiel Rodríguez Ruiz desde 1976. Talvez até antes disso...

É um homem de poucas palavras e especialmente valente.

Durante anos trabalhou nas obras de construção na Cantora, a propriedade de Francisco Rivera, o Paquirri, área municipal de Medina Sidonia, em Cádiz, Espanha.

O toureiro Paquirri, como se sabe, perdeu a vida dia 26 de setembro de 1984 na praça de touros de Pozoblanco, em Córdoba. Apesar de sua juventude – 36 anos –, o Destino o levou.

Pois bem, poucas semanas após a sua morte, quando Ezequiel se encontrava na Cantora, trabalhando, aconteceu algo incomum.

De repente – disse Ezequiel – quando entrei no ginásio, eu o vi...

Era Paco, o toureiro...

Eu o vi claramente. Estava sentado em sua moto...

Sorria...

Ezequiel saiu do ginásio, pálido. Não quer recordar o incidente. E mais ainda: se alguém lhe pergunta sobre o evento, ele o nega.

Certamente foi algum reflexo, afirmou.

Certamente...

Depois de dezesseis anos da trágica morte de Paquirri, na referida propriedade Cantora, foi registrado outro evento relativamente parecido com o anterior.



Paquirri, o homem do sorriso espetacular. (Foto: © Agustín Arjona / Arquivo Arjona.)

E quem também protagonizou o acontecido foi o toureiro. A testemunha foi Isabelita, filha adotiva de Isabel Pantoja, viúva de Paquirri.

A menina estava com quatro anos de idade.

Isabel Pantoja assim o narrou:

Um dia, Isabelita chegou até a porta do quarto no qual se guardam os pertences do toureiro...

Ninguém entra nesse quarto.

Pois bem, depois de um tempo, a menina desceu dizendo que havia visto um homem que lhe sorria...

Nós nos surpreendemos...

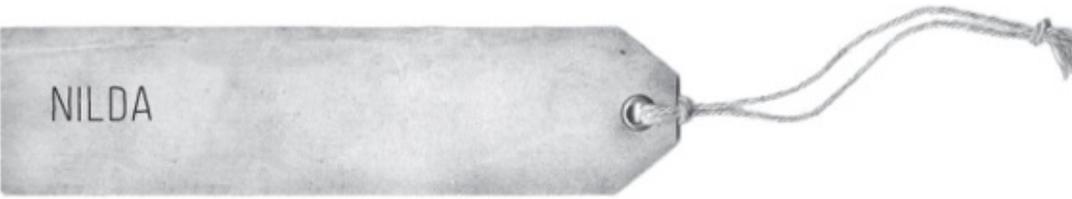


Ezequiel (à direita) e Juanjo Benítez. (Foto: Blanca.)

Sabíamos que na casa, àquela hora, não havia ninguém, muito menos no piso superior...

Quando perguntamos quem era o senhor, a menina nos levou para a sala. Posicionou-se em frente ao quadro a óleo de Paco e o apontou com o dedo...

– Este é o senhor que eu vi...



NILDA

Em 27 de outubro de 2007, conheci outra mulher excepcional: Nilda Ochoa de Rigual, professora da Universidade de Carabobo, em Valência, Venezuela.

Falamos de vários assuntos, mas, sobretudo, do mágico universo dos sinais.

Em certa ocasião, por causa do falecimento de sua mãe, a professora desafiou Deus: “Por que a levou?”.

Não conseguia compreender...

E aconteceu que, numa manhã, ao entrar na universidade, um aluno perguntou-lhe se ela tinha vindo sozinha da cidade. Nilda, para resolver a situação, disse que havia chegado com sua mãe...

– Foi uma brincadeirinha inocente – confessou –, mas a coisa não terminou aí...

Ao terminar a aula, Nilda ficou na classe, corrigindo as provas.

O aluno que a havia interrogado então entrou na classe e perguntou-lhe se ela queria que levasse um café para sua mãe.

– Ela está no hall – disse-lhe –, muito sozinha...

Nilda pensou que era adulação e não lhe deu importância. A mãe, como disse, fazia tempo que havia morrido.

Entretanto, o rapaz insistiu...

– Sua mãe está aí...

Nilda, surpresa, acabou interrogando o aluno:

– Como ela está vestida?

O jovem a descreveu. Usava um vestido rosa com bordados nos braços.



Nilda Ochoa de Rigual. (Cortesia da família.)

– Meu Deus!... Era uma roupa que minha mãe costumava usar.

Quando Nilda se apressou e foi em direção ao hall, não havia ninguém ali.

A segunda experiência, se é possível, me deixou ainda mais desconcertado.

Tive uma professora de quem gostava muito. Chamava-se Ana Josefina Figueroa de Ojeda...

Nilda desfruta de uma memória esplêndida.

Pois bem, um dia tive que pegar um avião; foi no dia 6 de março de 1988...

Meu marido me acompanhava. Voamos de Maracaibo a Valência...

E encontramos Josefina no avião. Estava sentada no fundo, do lado esquerdo...

Levantei o braço e nos cumprimentamos...

– Quem você está cumprimentando? – perguntou meu esposo. Eu lhe respondi que era minha professora, Josefina. – Ela está sentada logo ali atrás...

Então comentei com meu marido como ela estava com boa aparência. Sabia que há meses vinha lutando contra o câncer...

Carlos ouviu-me atentamente e perguntou:

– Você vai até lá atrás?

Eu lhe respondi que sim, logo que houvesse autorização...

E, ao apagarem os sinais dos cintos de segurança, fui até a parte traseira do avião. Queria voltar a conversar com ela...

Mas, ao chegar ao assento, comprovei que estava vazio...

Perguntei ao passageiro sentado ao lado, que gentilmente respondeu que talvez ela tivesse ido ao banheiro...

Esperei e esperei, mas ela não apareceu...

Ao chegar em casa, telefonaram-me. Fazia duas horas que Josefina tinha morrido... Naturalmente, ela jamais subiu naquele avião...

COM OS CADARÇOS
DESAMARRADOS

Conheci Emanuela Spinetta no dia 4 de novembro de 2000. Era uma alta executiva da Editora Planeta. Trabalhamos juntos por algum tempo.

Certa ocasião, numa das filmagens da série *Planeta encantado*, Emanuela contou-me o seguinte:



Emanuela (Foto: J. J. Benítez)

Aconteceu em Mônaco...

Ainda estou assustada...

Eu tinha um namorado. Chamava-se Máximo...

Em uma manhã, eu o vi na rua...

Eu estava indo para a cabeleireira...

Caminhava na calçada da frente, coisa de 8 ou 10 metros, em direção contrária a minha...

Eu o chamei:

– Máximo!... Máximo!...

Mas ele não me olhou...

Estava com uma camisa branca, gola larga, calça também branca e tênis com os cadarços soltos...

Fiquei perplexa...

Continuou caminhando com o olhar fixo...

Nessa mesma manhã, minha mãe também o viu, mas no supermercado. Ela o chamou, mas tampouco ele respondeu...

À tarde, quando me encontrei com Máximo, ele me disse que tinha estado o dia inteiro no escritório. Além do mais, estava vestido de azul...

E Emanuela esclareceu:

Máximo teve um irmão gêmeo, mas que faleceu alguns anos atrás...

Tenho certeza: quem eu vi na rua foi seu irmão gêmeo, falecido...



SOMBRAS, NADA MÁS

A grande paixão de Armando Vivas foram as rancheiras^[1], estilo Javier Solís^[2]. E não hesitava em demonstrar...

A experiência com Armando quem me contou foi Milagro de Luz Arriaga, já mencionada em páginas anteriores.

Em janeiro de 2012 – explicou Milagro – meu tio Armando passou alguns dias conosco, nos Estados Unidos...

Foram cinco dias inesquecíveis. Passava o dia cantando músicas do estilo de Solís. *Sombras, nada más* era uma de suas favoritas...

Tinha uma voz espetacular...

Cantava 25 horas por dia...

A questão é que o tio Armando regressou para a Venezuela e faleceu logo depois, em fevereiro desse mesmo ano...

Morreu de infarto...

Passaram-se algumas semanas e, um belo dia, encontramos o carteiro da região na rua...

– Vocês são do apartamento 109? – perguntou ele...

Nós lhe dissemos que sim...

Então, o carteiro comentou:



Tio Armando. (Cortesia da família.)

– Como o senhor do apartamento 109 canta bem! Eu o escutei há alguns dias... Cantava rancheiras.

- É o meu tio Armando – respondemos. – Pena que ele se foi...
– Ele foi embora? – perguntou o carteiro...
– Sim, para sempre...
– Que pena! Não voltará mais?...
Nós nos olhamos, atônitas...
– Não – esclarecemos. – O tio Armando morreu...
– Quando ele morreu?...



Javier Solís. Até os mortos o imitam.

- Em fevereiro...
O carteiro empalideceu e disse:
– Isso é impossível... Eu o ouvi cantar na semana passada.
Desta vez, quem empalideceu fomos nós...



UM CARDEAL OSSUDO

Numa recente viagem à Finlândia, conheci uma mulher cuja identidade não devo revelar. Eu a chamarei de Ulla.

Ao falar-lhe das minhas investigações – sobre “ressuscitados” –, ela confessou algo que lhe havia ocorrido em 1978, quando morava em Londres.

Aconteceu no dia 28 de setembro.

Ulla teve um sonho, melhor, um pesadelo.

Eu estava no Vaticano – disse – e vi como assassinavam o papa João Paulo I...

Vi um cardeal ossudo que dizia: “Ele deve ser assassinado!”

Foi uma sensação horrível...

Eles o mataram por um assunto econômico...

Deram-lhe um líquido – vi no sonho –, e o seu coração parou...

No dia seguinte, dia 29, foi dada a notícia da morte súbita do papa. Reinou por apenas 33 dias. Tinha 66 anos.

Comunicado oficial do Vaticano: parada cardíaca.^[1]



João Paulo I desfrutava de uma boa saúde. (Foto: RBA / EFE.)



A VISÃO DE UM
ILUSTRE REPUBLICANO

Em 1982, Manuel Osuna, destacado investigador do tema óvni, me colocava na pista de um acontecimento protagonizado por Claudio Sánchez-Albornoz y Mendiña, eminente historiador espanhol^[1].

No dia 3 de abril desse ano (1982), Sánchez-Albornoz escreveu o que se segue no desaparecido *Diario 16*:

... Temo escandalizar meus leitores, entretanto não estou inventando nada nem desfiguro nada. Limito-me a narrar um evento pelo menos para mim inexplicável, do qual dou fé...

Eu estava na cama com as luzes do lustre central acesas. Encontrava-me distraído, sem pensar em nada. Hoje ignoro, depois de três meses, se estava enfermo ou cansado. De repente, levantei o olhar em direção à lâmpada que iluminava os quatro braços do lustre e, portanto, o quarto, e vi, sim, vi claramente à direita do lustre o rosto de um homem nem jovem nem velho, barbeado, que emergia de uma indumentária nada moderna; a cara de um homem que me olhava de forma fixa e penetrante. Quando seus olhos tropeçaram nos meus, o misterioso visitante desapareceu lentamente, começando pelo peito varonil. Eu estava perfeitamente lúcido e recordo muito bem como foi se nublando lentamente a visão de seu conjunto, de baixo para cima.



Sánchez-Albornoz. (Foto: EFE.)

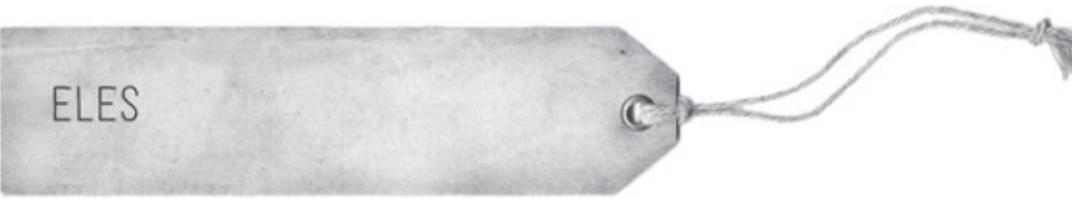
Podem os meus leitores imaginar minha surpresa e a enxurrada de ideias que veio à minha mente. Desconhecia o rosto do meu estranho visitante: não era nenhum parente por mim conhecido ou cujo retrato tivesse por vezes contemplado. Havia eu pedido ao Arquivo Militar de Segóvia notícias de um

distante antepassado, general do Exército Espanhol nas primeiras décadas do século XIX. Tinha lembranças dele por sua neta, minha bisavó, e eu havia possuído um retrato a óleo de sua mulher, que me roubaram. Seria o rosto que apareceu ao lado do lustre do meu quarto o desse distantíssimo ancestral que, conhecedor das minhas gestões em busca de sua folha de serviços, vinha para conhecer o longínquo e curioso neto?

Como estava e estou perfeitamente são de minhas faculdades, e não sou frequentador de casas de espíritos nem crente de suas andanças terrenas, não se pode atribuir a estranha visão a hábitos ou pensamentos constantes em minha mente. No entanto, por minha absoluta lucidez no momento da estranha aparição, tampouco posso atribuí-la a uma breve tensão psíquica. Tenho procurado atrair a uma nova entrevista a estranha visão, a qual eu poderia pintar, caso tivesse domínio da arte de usar os pincéis. Minhas invocações têm sido em vão.

Talvez o distantíssimo avô tenha satisfeito seu desejo de conhecer o curioso descendente que indagava notícias suas, e não sentiu nova tentação de visitar-me...

O ilustre republicano morreu no dia 8 de julho de 1984, em Ávila, Espanha. Não consegui interrogá-lo sobre o misterioso ocorrido.



ELES

As duas cartas impactaram-me.

Inma, com certeza, é uma mulher audaz.

Recebi as cartas em 2007.

Eis aqui uma síntese delas.

Múrcia, 21 de fevereiro de 2007.

Amigo Juanjo,

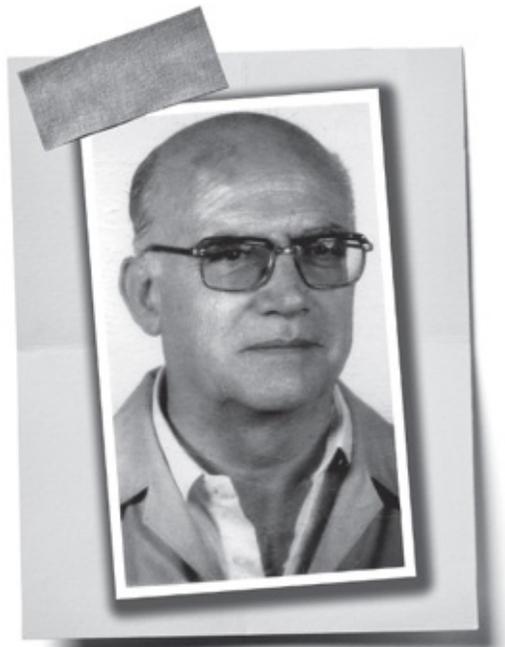
Senti necessidade de escrever esta carta de agradecimento porque agora, a esta altura da minha vida, consegui ver a vida e a morte com outros olhos, tudo para mim adquiriu um novo sentido, como se eu pudesse ver com os olhos de uma criança, e aos meus 47 anos...

Entretanto, vou começar pelo princípio. Meu nome é Inmaculada Arcos. Faz três anos (2004) que meu pai, enfermo de Alzheimer, nos deixou um presente, embora não estivesse consciente disso até algum tempo depois. Ele era leitor consumado, paixão que eu herdei.

O livro que ele sempre levava consigo, e que lia e relia sem parar, era O testamento de São João. Quando a enfermidade se encontrava num estágio avançado (meu pai já não podia mais ler) e durante uma visita à casa da minha irmã, ele se empenhou em levar o livro. Minha mãe tentou fazê-lo entender o absurdo de “carregar” um livro que não ia ler, mas tanto insistiu que ela acabou cedendo. No final do nosso encontro, naquela noite, O testamento de São João ficou ali, “esquecido”, na casa da minha irmã.

Tenho que dizer-lhe, antes de continuar, que meus pais são bastante religiosos, estão muito vinculados à igreja católica; entusiasmo que não compartilho em absoluto (embora, sim, desde bem pequena, tenha entusiasmo pela figura de Jesus de Nazaré; eu intuía que ocultava uma riqueza não revelada, uma mensagem mal explicada). Por isso nunca pensei que o livro que foi insistentemente trazido fosse me interessar.

Pouco tempo depois, no dia 9 de maio de 2004, meu pai faleceu. Eu estava presente quando aconteceu e senti, tive a sensação de que ele abandonava esse corpo que havia se tornado uma prisão. Naquela noite tive um sonho estranho. Nele, eu observava como meu pai, apesar de ter morrido, continuava preso em seu corpo enfermo, sentado na cadeira de rodas. Alguém – que estava de costas para mim – limpava sua saliva, que caía pela barba (algo que eu fazia com frequência). Estava desconcertada, não entendia que depois de falecido meu pai continuasse padecendo, e abertamente lhe perguntei como era possível que não tivesse se libertado. Nesse momento, a pessoa que o limpava se voltou para mim, sorrindo, com uma doçura, uma paz e um agradecimento que não tenho como transmitir em palavras. Era meu pai, muito mais jovem, antes que a enfermidade se isentasse totalmente de compaixão e o consumisse. O impacto que tive foi tão forte que despertei nesse mesmo instante...



Antonio Arcos, pai de Inma. (Cortesia da família.)



O último livro que foi lido por Antonio Arcos. (Edição brasileira).

Algum tempo depois – em março –, Inma proporcionou-me novos detalhes:

... No dito sonho, “eles” se encontravam num quarto. Eu olhava a cena. Meu pai, enfermo e extremamente magro, estava sentado, ausente. Ele não me olhava. Enquanto isso, um homem robusto (de costas para mim) limpava a sua saliva. Eu estava atenta ao meu pai. E lhe perguntei por que continuava ali enfermo, por que depois de falecido não havia se libertado. Nesse instante, o homem que estava de costas se voltou para mim. Era o meu pai, mais jovem. Aparentava ter entre cinquenta e sessenta anos (talvez mais próximo dos cinquenta). Quando morreu, meu pai estava com oitenta anos (com uma aparência de noventa). O contraste era impressionante. Também recordo que, apesar de que em vida usasse óculos, no sonho não usava.

Mas o que mais me chamou a atenção foi vê-lo cuidar de um enfermo. Algo impróprio dele, que recebeu uma educação machista. E seu rosto também me impactou; sua expressividade (ele não foi nem um pouco expressivo) dizia tudo. Um sorriso, um olhar que transmitia tanto paz como gratidão,

alegria. Parecia que ele me dizia: “Fique tranquila... Estou bem... Compreendi tudo”.



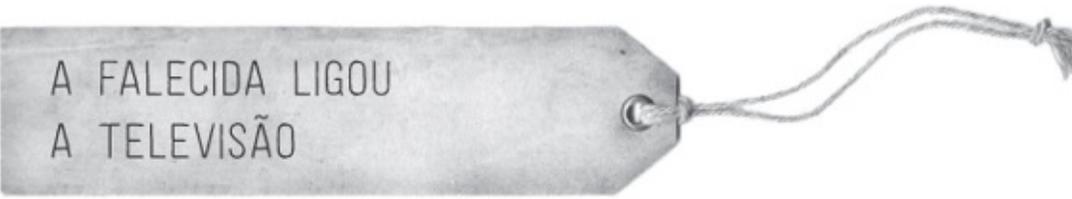
Inmaculada Arcos. (Cortesia da família.)

Foi um sonho irritantemente breve, mas intenso (não consigo esquecê-lo). Lamentei por ter despertado tão rápido. O despertar foi brusco, produzido por uma intensa emoção. Não voltei a sonhar com nada igual ou parecido. Nem sequer sonho com meu pai...

E Inma Arcos também trouxe à tona novamente o assunto do livro *O testamento de São João*:

... Quando minha irmã me lembrou de que estava lá na casa dela o último livro que meu pai tinha lido e de que tanto gostava, pedi que deixasse ali para mim. Eu o li e, naturalmente, não era o que eu imaginava. Não se trata de um livro beato, nada da doutrina oficial católica; aquilo me impressionou e fez com que eu começasse a interessar-me pelo autor do dito livro... Contudo, o que chegava aos meus ouvidos era contraditório. Uns gostavam e outros comentavam: “Ah, sim, aquele autor dos óvnis!”

Comentei anteriormente que sou apaixonada por leitura. Sempre estou comprando livros ou fazendo empréstimos em bibliotecas. Estava já há um bom tempo procurando um livro que tratasse de Jesus de Nazaré de um ponto de vista diferente. Os livros que caíam em minhas mãos sobre o tema só conseguiam me deixar desiludida. Tenho que confessar humildemente que não conhecia a série Cavalo de Troia, nem nenhuma pessoa da minha família ou alguém do meu entorno havia escutado falar sobre a série. Também é verdade que eu não costumava comentar minha admiração por Jesus. O caso é que, numa dessas visitas à biblioteca, fiquei imóvel diante de toda uma estante repleta de livros de J. J. Benítez. Lancei-me como uma loba para ver as obras do autor do último livro lido pelo meu pai e peguei, como não poderia ser diferente, o Cavalo de Troia 1. Ao ler a sinopse, não consegui acreditar. Era o livro que eu estava procurando. Fui fisgada pelos “Cavalos” porque me mostraram um Jesus que eu intuía e sobre o qual ninguém nunca me ensinou. Mas isso foi só o princípio. O princípio de uma mudança que foi sendo operada em mim; uma mudança paulatina que fui descobrindo pouco a pouco, meio sem me dar conta...



A FALECIDA LIGOU
A TELEVISÃO

No dia 15 de fevereiro de 2008, chegou à minha página na web um e-mail que me impressionou. Procedia da Argentina. Quem o assinava era Irma G. Dahbar. Fiz as averiguações oportunas e comprovei que o fato era autêntico.

Em essência, assim dizia a comunicação:

... Meu marido lê e relê todos os seus livros e eu os conheço pelo que ele vai contando para mim...

São muito interessantes, mas quero contar-lhe algo estranho que aconteceu em nossa casa enquanto estávamos ausentes...

O que aconteceu é que nós saímos de férias e deixamos a casa aos cuidados da senhora que nos ajuda habitualmente com as tarefas do lar...

E ela trouxe suas filhinhas para lhe fazerem companhia durante a nossa ausência...

Pois bem, ao regressar, Eli, a mais velha das meninas, de nove anos, me contou o seguinte: Eram mais ou menos 10h da manhã... Estava na cozinha, preparando uma xícara de chá quando, de repente, viu uma mulher mais velha, de cabelos brancos, que mexia na televisão...

A menina sentiu medo e baixou a cabeça...

No entanto, voltou a olhar...

A senhora, que ela não conhecia, continuava atarefada com a televisão...

O aparelho estava desligado...

A menina permaneceu quieta, sem se mexer.

Quis chamar a sua mãe, mas não se atreveu...

E, subitamente, a televisão ligou...

A senhora dos cabelos brancos – disse a menina – se assustou muito e acabou indo embora. Desapareceu...

Então eu lhe mostrei uma fotografia. Nela aparecem minha mãe e minha sogra, ambas de cabelos brancos...

E pedi que ela me dissesse se as conhecia...

Eli não hesitou...

E apontou a minha sogra...

Era a pessoa que ela tinha visto junto ao aparelho de televisão...

Como era possível? Minha sogra faleceu muito antes, em abril de 2003...

Se isso é assim – e a menina não mente –, o senhor acredita que eu poderei me colocar em contato com ela?...

E mais: por que minha sogra se manifestou diante de uma menina que não a conhecia?...

Por que se assustou tanto ao conseguir que o aparelho de televisão começasse a funcionar?

Naturalmente, não tenho as respostas, e assim a faço saber disso.

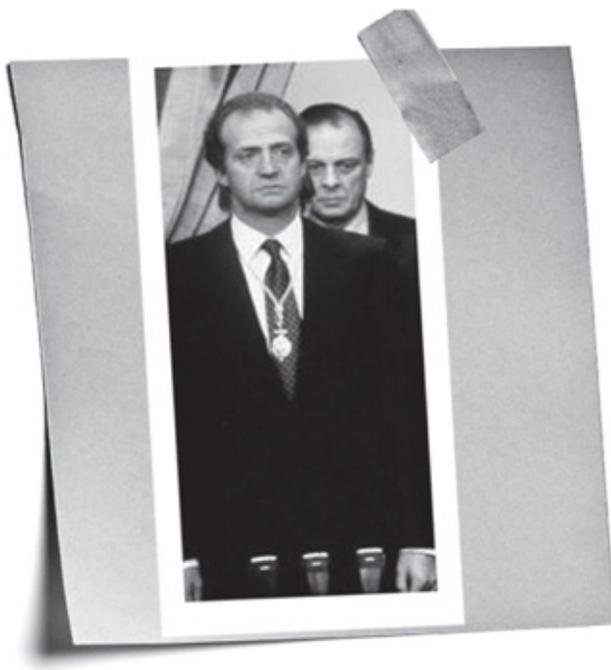
A investigação prossegue em aberto.

O REI E O SABINO

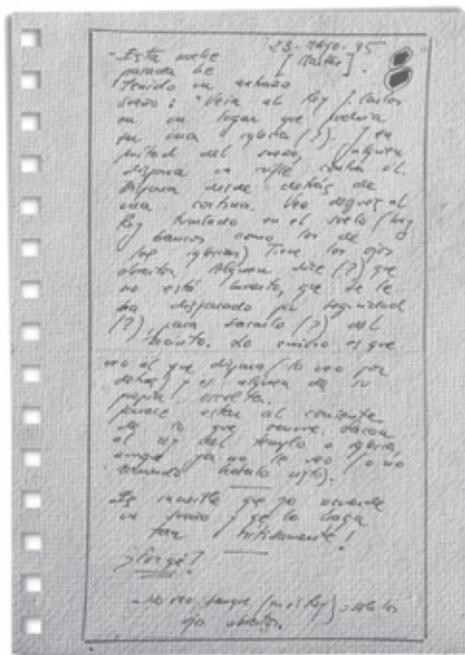
À vista do exposto sobre o caráter mágico dos sonhos, entendo que devo ser corajoso e publicar também os meus; pelo menos os que vivi na noite de 23 de maio de 1995 e na madrugada de 4 de janeiro de 1996.

Foi tão impactante que eu o escrevi assim que despertei.

Eis aqui o conteúdo do primeiro sonho (?), tal como me lembro:



O rei Juan Carlos I. Atrás, Sabino Fernández Campo. (Foto: EFE.)



Texto do primeiro sonho de J. J. Benítez. (Arquivo J. J. Benítez.)

Via o rei Juan Carlos num lugar que poderia ser uma igreja (?)...

Na metade do sonho, alguém dispara um rifle contra ele...

Dispara de trás de uma cortina...

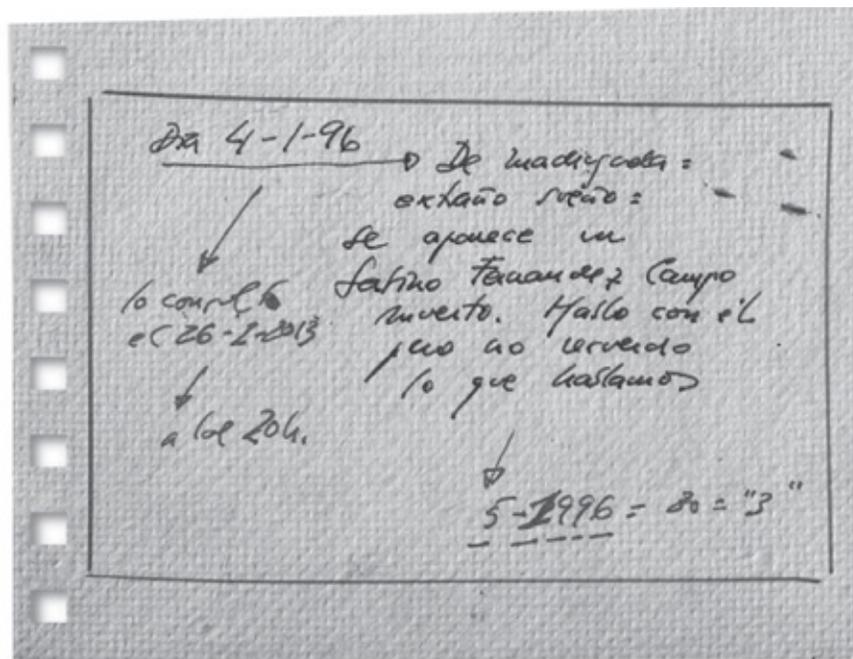
Vejo depois o rei caído no chão (há bancos como os das igrejas)...

Ele está com os olhos abertos...

Alguém diz (?) que não está morto, que o tiro foi disparado por segurança (?) para que ele saísse do recinto...

O curioso é que vejo a pessoa que disparou (eu a vejo por trás) e é alguém da sua própria escolta...

... (Nome censurado) parece saber de tudo o que está acontecendo...



Texto do segundo sonho. (Arquivo J. J. Benítez.)

Tiram o rei do templo ou da igreja, embora já não o veja mais (ou não me lembro de tê-lo visto).

É incrível que eu me lembre de um sonho e tão nitidamente...

Por quê?...

Não vejo sangue no rei: só os olhos abertos...

O segundo sonho se produziu 225 dias depois.

Isto foi o que escrevi, assim que despertei:

Dia 4-1-96. De madrugada: estranho sonho...

Aparece um Sabino Fernández Campo morto...^[1]

Falo com ele, mas não lembro o que conversamos...

Fim do sonho...

Sinceramente, não encontro uma explicação coerente, embora eu saiba que o Mestre falava da “pérola que se oculta nos sonhos”.

Naturalmente, fiz os cálculos, mas os resultados são débeis, ou não consigo encontrar conexão...

Sabino faleceu dia 26 de outubro de 2009, ou seja, treze anos depois do sonho. Não encontro sentido, embora também seja certo que não consigo recordar o que me disse ou o que conversamos.

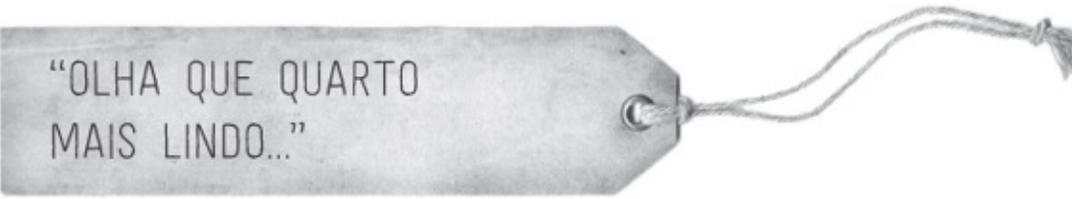
O que, sim, me parece estranho é que os papéis nos quais escrevi os respectivos sonhos tenham aparecido quando estou imerso na redação do livro *Estou bem*. Isso aconteceu na tarde de 26 de fevereiro de 2013. Os papéis em questão se encontravam no fundo dos meus arquivos (mais afundados no esquecimento do que o *Titanic*). E, ah, que casualidade, eles surgem nesse exato momento...

Fui buscar recursos na Cabala, e isto foi o que eu encontrei: a data do primeiro sonho (23 de maio de 1995), somando os dígitos, equivale a 23 mais 5 mais 1 mais 9 mais 9 mais 5 = “7”. Na Cabala, o 7 tem o mesmo valor numérico que “morrer” ou “perecer” (!).

Por sua parte, “225” equivale a “sinal” ou “indício”.

“225” reduzido a um só número (2 mais 2 mais 5) resulta “9”, que na Cabala equivale a “adivinho”.

Fica o aviso...



“OLHA QUE QUARTO
MAIS LINDO...”

Num dia de junho de 2006 recebi uma carta procedente de um escondido e belo povoado asturiano. Quem a remetia era Maria de los Ángeles Martínez Vior. Reproduzirei a missiva integralmente:

J. J. Benítez

Apartado Postal 141

Barbate 11160 – Cádiz

Sr. Benítez, atrevo-me a dirigir-me ao senhor e roubar-lhe alguns minutos do seu precioso tempo, porque, casualmente, encontrei seu endereço em um dos seus livros e decidi escrever-lhe para que o senhor saiba de um evento que, para mim, foi maravilhoso.

Explico-me:

Sou uma pessoa cética quanto à religião, embora tenha que dizer-lhe que Jesus de Nazaré sempre me intrigou e li tudo o que eu pude sobre Ele. Também devo dizer que sou (para minha desgraça) uma dessas pessoas um pouco “incomuns” que têm “pressentimentos” sobre coisas que ainda não aconteceram, mas que para meu “desespero” acontecem.

Bem, vou direto ao assunto.

Quando meu pai adoeceu (eu o adorava) lidei terrivelmente com isso. Não aceitava e como consequência me rebelava (tenho um caráter bastante forte). Durante um ano fui a sombra do meu pai, indo de médico em médico, sempre esperando que nos dessem alguma esperança, quando não havia. Quando, inexoravelmente, chegou o fim, me irritei tanto com o Chefe que fiquei nove meses sem falar com Ele.



María de los Ángeles Martínez Vior. (Cortesia da família.)

Entretanto, no meu interior, precisava saber que meu pai estava bem. Só precisava disso, tão pouco, mas era muito para mim.

Quando estava nessa luta comigo mesma, comecei a ler seu livro Cavalo de Troia. Fiquei tão impressionada que li a série completa. O senhor me apresentou um Deus humano, acessível e sincero. Tudo o que eu, sem saber, provavelmente buscava. Isso me deu um pouco de paz, e então um milagre se fez.

Uma noite, enquanto dormia, tive um “sonho” que não foi normal. Não sei explicar. Foi como se tivesse sido levada para estar ao lado do meu pai e ele me disse: “Não fique triste... Estou bem”.

Eu nunca me lembro do que sonho, mas na manhã seguinte eu era outra pessoa. Comecei a reconsiderar e me dei conta de que Ele sempre esteve ali, comigo, embora eu estivesse tão irritada que não fosse capaz de vê-lo. Lembrei-me do aroma de rosas, de um certo roçar de lábios na minha testa (isso já havia acontecido comigo antes). Ele tratava de me consolar, mas eu não deixava. O Chefe, como um pai paciente, que sabe que seu filho tem uma birra, esperou que eu me tranquilizasse para abrir seus braços e dizer-me: “Estou aqui. Eu a compreendo e a aceito como é”.

Sr. Benítez, o senhor me devolveu Jesus de Nazaré, aquele que eu sempre procurei...

Deixei o assunto repousar e, seis anos depois, interroguei Marian sobre o sonho que havia esboçado na carta anterior. A carta com a resposta chegou em setembro de 2012. Entre outras coisas, dizia o seguinte:

... Em meu “sonho” eu estava brincando com minha mãe e minha irmã Elena, que é deficiente mental... Brincávamos de esconde-esconde... Por um grande corredor de hotel, com portas à esquerda e à direita, elas corriam, rindo e olhando para trás... Eu também corria, para pegá-las, quando o corredor terminou... Estava a ponto de pegá-las quando, de repente, meu pai “saiu” da parede e, colocando-se entre mim e elas, pôs as mãos na cintura (coisa que fazia quando me repreendia), olhou-me nos olhos, sorriu e disse: “Por que está tão irritada e triste?... Eu estou bem”. E desapareceu.



Magdalena e Valentín, pais de Marian e de Elena. (Cortesia da família.)

Como lhe disse, eu estava com uma grande depressão. Meu pai morreu de câncer... Tivemos que sofrer toda uma peregrinação por hospitais e médicos... Houve luta e decepção... Acabei sem esperanças. Entretanto, acima de tudo, eu precisava saber que meu pai estava bem...

E o Chefe o colocou diante de mim... No sonho, meu pai mostrava um aspecto jovial, como quando

estava com 40 ou 45 anos. Mostrava-se sorridente... Apresentou-se oito meses após a sua morte, ocorrida no dia 27 de dezembro de 1999...

Depois de sete anos da morte do meu pai, minha mãe faleceu... Mas eu já tinha aprendido a lição... Dessa vez não senti ódio nem rancor. Somente uma imensa dor por sua partida, contudo algo me dizia que os dois estavam juntos... Dessa vez não recebi notícias de sua chegada, mas minha irmã sim, que, devo lembrar-lhe, é deficiente mental. Porém, esse é outro sonho que talvez em outra ocasião eu lhe conte.

É lógico que me interessei pelo sonho da irmã. Marian respondeu em outubro. Dizia, entre outras coisas:

– Minha irmã se chama M. Elena e tem deficiência mental, reconhecida oficialmente pelos médicos, de 68 por cento... É como ter em casa uma criança que não cresce, embora tenha 42 anos... É uma borderline (transtorno de personalidade limítrofe, por sofrimento no ventre durante o parto). Desde que ela nasceu, meus pais trataram de protegê-la mais do que a nós (somos três), e sempre a preocupação deles era com seu futuro. Quando o papai morreu, ela ficou com a mamãe, e iam juntas para todos os lados.

Já que chegamos a este ponto, tenho que esclarecer que vivo em outra cidade, a 1 hora de viagem. Então, mamãe adoeceu de câncer, e todos os seus esforços para obter uma cura eram por minha irmã. No entanto, pouco a pouco, seu estado foi se deteriorando, até que morreu no dia 22 de maio de 2006.

Trouxemos Elena para minha cidade, para viver conosco, e a comoção em sua vida foi total. Porém, com amor, paciência e boa vontade, superamos todas as dificuldades...

Assim, quase sem me dar conta, chegou o primeiro aniversário da morte de mamãe. Numa manhã, Vanessa, minha filha, levantou-se para ir ao trabalho e, chorando, me contou que se sentia triste porque havia “sentido a presença” dos seus avós... Fora naquela noite; ela sentira medo e os avós retrocederam e partiram... Eu a consolei, e então ela saiu. Pouco depois, Elena, minha irmã, levantou-se e durante o café da manhã contou:

– Esta noite meu pai e minha mãe estiveram no meu quarto.

Senti o sangue congelar em minhas veias. Só consegui responder:

– Conte-me.

E Elena prosseguiu:

– Eu estava em minha cama, mas não estava dormindo... Por isso sei que não foi um sonho... Além do mais, eu não os vi... Somente os escutei falar... Primeiro ouvi a porta do meu quarto se abrindo e achei que era você para me dar boa-noite... Depois, escutei as portas do meu armário e pensei que você estava guardando minha roupa, mas então ouvi a voz do papai que dizia:



Elena (à esquerda) escutou seus pais mortos no quarto. Vanessa (à direita), filha de Marian, também sentiu a presença deles, mas se assustou.
(Cortesia da família.)

“– Veja que quarto mais lindo que María Elena tem... Está muito bom...”

“E, do outro lado da minha cama, mamãe lhe respondeu:

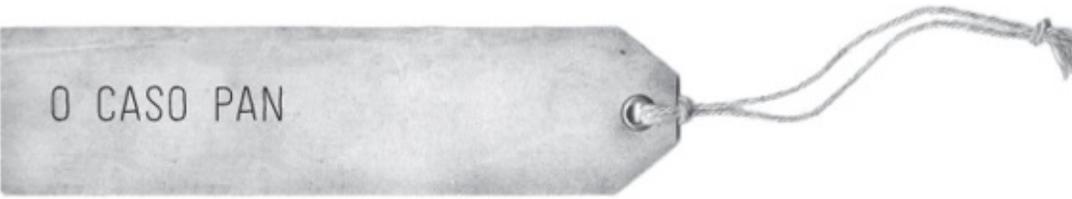
“– Sim, mas eu a deixei sozinha.

“E papai lhe disse:

“– Ande, venha comigo. Vamos...”

“As persianas se mexeram, escutei algumas pequenas batidinhas e tudo acabou... Não tive medo... Eu me sentia muito bem.”

Simplemente assombroso...



O CASO PAN

O que você faria se, ao entrar em um determinado lugar, desse de cara com um familiar ou um amigo, falecido anos antes?

Eu também não sei...

Pois bem, é mais ou menos isso que aconteceu para uma mulher cuja identidade não posso revelar e que eu chamarei de Pan.

Essa tarde, sem dúvida, foi marcante para ela...

Aconteceu no dia 16 de novembro de 2012. Era uma sexta-feira...

Esteve junto conosco durante a conversa meu bom amigo Victor López García-Aranda, eminente cardiologista e veterano de investigação sobre experiências próximas à morte. Ele levantou a lebre sobre o caso Pan.

E a mulher prosseguiu:

Uma sobrinha de meu marido havia sofrido uma intervenção cirúrgica. Tinha problemas de coração. Foi uma operação trabalhosa e difícil. Resultado: ocorreram várias paradas cardiorrespiratórias... A menina (tinha apenas catorze anos) estava a ponto de morrer...

Avisaram-me e chamei meu marido, dando-lhe a notícia...

E eu fui para o hospital. A menina estava quase morta...

Seriam mais ou menos umas 7h da noite quando entrei na sala de espera da UTI...

Havia muita gente. Talvez umas vinte ou trinta pessoas. Eram familiares e amigos da garota...

Alguns estavam sentados. Outros permaneciam de pé. Choravam ou falavam em voz baixa... Ao fundo, em frente à porta de entrada, se encontravam as duas avós da menina...

Eu fui em direção a elas...

Foi então, ao cruzar a sala, que eu vi...

Estava sentado à minha esquerda...

No primeiro instante, fiquei perplexa. Não podia ser...

Mas continuei caminhando...

Era ele! Tenho certeza...

Eu o conhecia. Eu o havia visto umas seis ou sete vezes em diferentes reuniões familiares...

Era o avô da menina!...

Mas isso não era possível. Aquele senhor tinha morrido um ano e meio antes...

Permanecia sentado, com o olhar fixo no chão...

Ninguém reparava nele. Ninguém falava com ele...

Estava com as mãos sobre os joelhos. Não se movia...

E eu voltei a repetir para mim mesma: “É o avô. Mas o que ele está fazendo aqui? Ele está morto...”

“E por que ele não está com sua mulher?”, pensava eu.

Caminhei até as duas avós. Falei com elas e depois me desloquei pelo centro da sala, conversando um

pouco com um, um pouco com outro...

Nesse meio-tempo – talvez durante uns dez minutos –, não tirei os olhos dele. Eu o olhava dissimuladamente. O avô continuava ali, na mesma postura. Ninguém falava com ele. Era como se o velho não estivesse na sala...

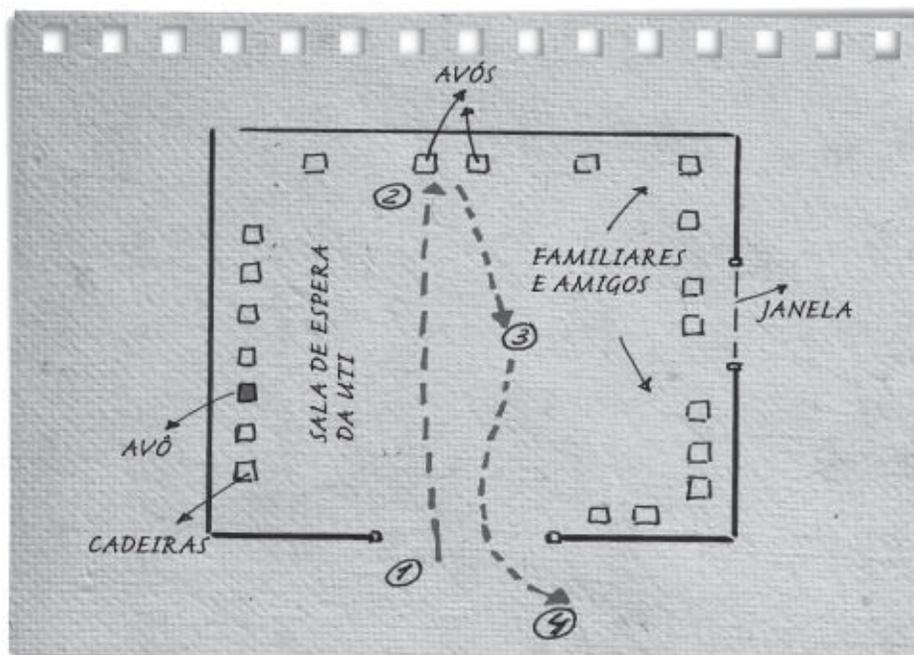
Uma meia hora depois, decidi sair da sala e subir até a UTI. Ali ficou o avô, sentado e na mesma postura...

Uns quinze ou vinte minutos depois – entre as 19h45 e as 20h –, a garota faleceu...

Desci de novo para a sala de espera, contudo o avô não estava mais na cadeira, nem em nenhuma outra parte...

Não voltei a vê-lo...

As pessoas continuavam ali, consternadas...



1. Pan chega à sala de espera da UTI. 2. Cruza a sala e vai em direção às avós da menina. No caminho vê o avô pela primeira vez (sentado à esquerda). 3. Pan fala com outros familiares e amigos (continua observando o avô). 4. Finalmente abandona a sala de espera da UTI.

Caderno de campo de J. J. Benítez.

Pan não disse nada. Ao regressar para sua casa, comentou com o marido, mas ele não acreditou nela.

Dois dias depois, sem saber por quê, eu me sentei em frente ao computador e cliquei num arquivo do meu marido. Não tinha por que fazer aquilo. Ali ele guarda apenas fotos...

Surpresa! A primeira coisa que apareceu foi uma fotografia da garota, de sua primeira comunhão, com o avô...

Victor perguntou:

- Por que você não comentou nada na sala de espera da UTI?
- Pensei que ninguém acreditaria em mim e achariam que estou louca.
- Como o avô estava vestido?
- Usava um cardigã ou casaco de tricô azul-marinho e calça de um cinza bem escuro.
- Que idade ele aparentava ter?
- Uns 75 anos.
- Descreva-o...
- Cabelo branco, penteado para trás, rugas, cara redonda grande e bem barbeado...

Victor insistiu:

- Você deveria ter comentado com alguém na sala de espera...

Pan encolheu os ombros. E eu sinalizei algo em sua defesa:

- Obviamente somente ela viu o avô. Tem razão: ninguém acreditaria nela.
- Você disse que caminhou bem próximo a ele...

Pan assentiu e acrescentou:

- A um 1,50 metro, mais ou menos...
- O homem levantou o olhar do chão?
- Em nenhum momento.
- Que expressão tinha?
- Penalizado. Triste. Como alguém que espera uma má notícia.
- Estava com os olhos lacrimejantes?
- Não me lembro, mas acho que não.
- Como era a sua respiração?

Pan não compreendeu.

- Era agitada?
- Não.
- De que cor eram seus sapatos?

Pan pensou por alguns instantes.

- Não me lembro.
- Ao sair da sala de espera para a UTI, você se voltou para ver o avô?
- Sim. Continuava ali, imóvel.
- Você tem certeza de que ele não falou com ninguém?
- Enquanto eu estava observando, sim... Foi o que mais me chamou a atenção: todos o ignoravam.
- Fazendo as contas em relação ao tempo, quantos minutos você ficou observando o avô?
- Não menos do que cinco.
- Isso é muito...

Pan assentiu.

Victor perguntou de novo:

- Tem certeza? Era ele?
- Era ele...



TENHA MUITO CUIDADO
AO REGRESSAR

Conheci Luis Pérez Aguilar no dia 23 de maio de 1997, aparentemente por acaso.

Agora eu sei que não foi bem assim.

O Destino mantém tudo atado... E bem atado.

Nessa época eu estava em Yucatán, no México, envolvido na busca de pessoas que tivessem conhecido a bela Ricky. Pois bem, como já disse, naquela sexta-feira, 23 de maio, o Destino veio ao meu encontro. Depois de muitos vaivéns, “tropecei” com o taxista adequado. E como era adequado...

Segundo pesquisas posteriores, naquele momento, na cidade de Cancún se encontravam registrados 6.080 taxistas. Muito bem, fui encontrar aquele que mais me interessava...

Explico-me.

Luis havia conhecido Ricky.

Luis era irmão de Miguel, um dos cinco passageiros falecidos no acidente de ônibus em que viajava a norte-americana que, supostamente, “ressuscitou”.^[1]

Luis, além disso, tinha visto seu irmão, falecido 22 anos antes...

E durante vários dias conversei com o amável taxista.

Luis teve duas experiências com Miguel Ángel Pérez Aguilar, seu irmão.

A primeira aconteceu em dezembro de 1995...

Eu viajava de Valladolid para Cancún – explicou Luis. – Retornava com dois passageiros...

E por volta das 9h da noite vi...

Era meu irmão Miguel...

Estava sentado no assento do passageiro...

Sorriu e me fez um sinal com o dedo, em seguida levou-o aos lábios e indicou silêncio...

Acompanhou-me durante uns 5 ou 6 minutos...

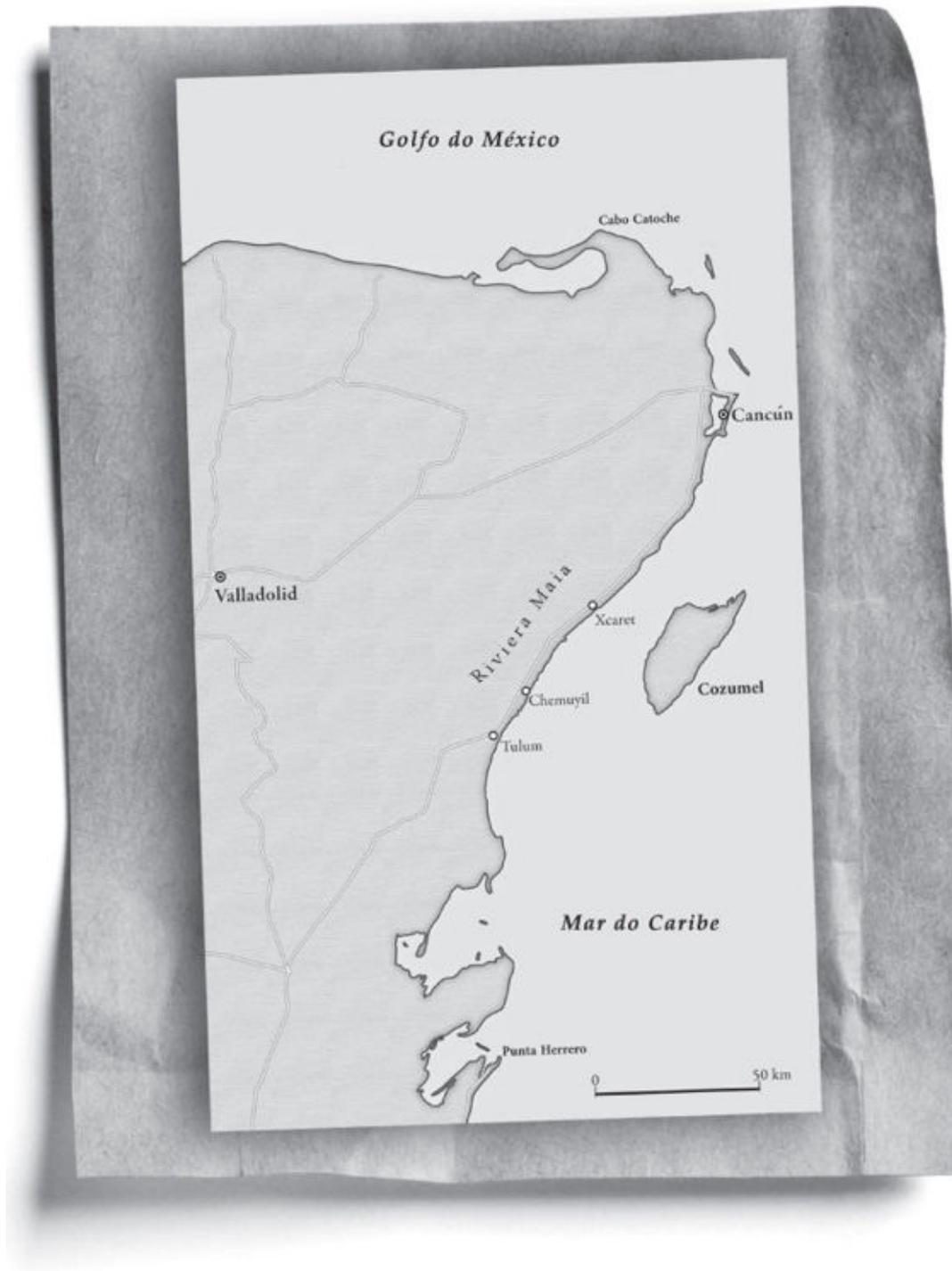
Estava usando a roupa que vestia no dia do acidente...

Olhava para a frente e de vez em quando ria...

Depois, não o vi mais...



Luis Pérez Aguilar, na praia em que apareceu o seu irmão Miguel. (Foto: Blanca.)



A segunda experiência ocorreu um ano depois, em dezembro de 1996. Miguel estava morto há 21 anos.

Eu estava na praia de Chemuyil...

Deveriam ser mais ou menos 5h da tarde...

Tinha acabado de deixar uns turistas...

Eu estava na orla, contemplando o mar...

Agachei-me, e pouco depois senti como se alguém tocasse as minhas costas...

Nessa parte da praia, não havia ninguém...

Ao voltar-me, eu o vi...

Era meu irmão, outra vez...

Permanecia em pé, com a roupa que usava no dia do acidente...

Então ele me disse:

– Tenha muito cuidado ao regressar...

E deixei de vê-lo...

Fiquei atônito...

Na areia, apareciam minhas pegadas e as de uns pés, descalços...

Optei por voltar para Cancún e, por volta das 18h30, quando me encontrava a 30 ou 35 quilômetros de Xcaret, escutei o barulho de um dos pneus...

Tinha furado...

Parei o veículo e fui para o acostamento da estrada...

Nisso um carro azul me ultrapassou. Acho que era um Neón...

Foi questão de segundos...

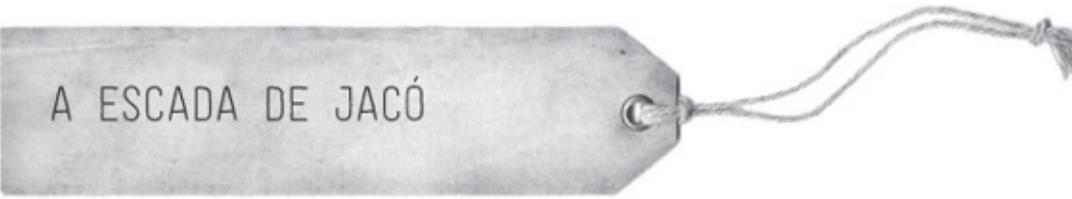
Logo à frente, saindo de uma curva, apareceu um caminhão...

Ele invadiu a pista contrária e colidiu de frente com o Neón...

Meu Deus! Os três ocupantes do carro azul morreram...

Foi meu irmão que provocou o furo no pneu, sei disso...

Ele me salvou a vida.



A ESCADA DE JACÓ

Quando eu ouvi aquele relato, pensei no patriarca Jacó e na famosa escada do sonho...
Contudo, devo ir por partes.

Foi em uma das últimas viagens ao leste espanhol que tive conhecimento do caso vivido por Inés Jiménez Gómez.

Quem me contou foi Juan Antonio Ros, investigador e parente de Inés.

A mulher, ao que parece, tinha visto uma estranha escadaria no momento de sua morte.

Pedi ao investigador que procedesse à investigação, e Juan Antonio – como é de seu hábito – realizou uma minuciosa reconstrução dos fatos.

Eis aqui um resumo da dupla experiência de Inés:

Múrcia, 18 de fevereiro de 2013.

Prezado Juanjo,

Fico contente que a narrativa da minha última carta tenha sido do seu interesse. Agora que consegui reunir toda a informação necessária para que o caso do aparecimento da escada se torne mais completo e seja documentado, me disponho, novamente, a relatar tudo, desde o início...

Inés Jiménez Gómez nasceu em abril de 1920 na região murciana de Alumbres, Cartagena, embora mais tarde partisse para viver em La Unión, lugar onde morou até o dia de sua morte. Inés viveu uma extraordinária experiência antes de falecer numa terça-feira, 7 de fevereiro de 2012, aos 91 anos de idade. Apesar de seu delicado estado de saúde, sua mente sempre esteve lúcida até o final, porque a visão que presenciou não foi obra de sua imaginação, nem tampouco de nenhum sonho, nem sequer fruto de uma alucinação. A vivência que Inés Jiménez experimentou antes de morrer foi tão real como a própria vida.

5 de fevereiro (2012)

Aparecimento da primeira escada.

Inés foi internada no Hospital Universitário Santa Lucía, em Cartagena, com deficiência renal. Após sua passagem por diferentes postos de saúde, foi transferida, finalmente, ao Hospital Santa María de Rosell, também na cidade de Cartagena. Em consequência desses contínuos deslocamentos, de hospital em hospital, Inés se infectou com um vírus que os médicos não souberam curar. Aquele vírus, somado à avançada idade e seu delicado estado de saúde, acabaria com a sua vida apenas alguns dias depois...

No mencionado domingo, 5 de fevereiro, os filhos de Inés foram até o hospital, com o propósito de visitá-la...

A jornada transcorreu com normalidade, até que algo aconteceu...

A descrição dos surpreendentes feitos foi narrada por Dolores Escobar (Loli), minha madrinha e filha de Inés.

Eis aqui parte da conversa:

– Poucos dias antes de morrer – comentou Loli –, minha mãe teve uma visão maravilhosa... Estávamos

todos juntos quando, de repente, sem ter nenhuma conexão com nada, exclamou: “Estou vendo uma escadaria muito alta!”... Então, uma das minhas irmãs, Angelita, e também Mari Carmen, minha cunhada, a animaram para que subisse a escadaria... Porém, minha mãe respondeu que não podia... Disse que os degraus eram muito altos... E não subiu.

– Ela viu alguém na escadaria?

– Disse que viu muitos entes queridos... Sobretudo familiares já falecidos... Eles a esperavam...

– Em que parte da escadaria?

– Minha mãe não a descreveu. Não disse como era...

– E o que houve depois?



Inés Jiménez Gómez. (Cortesia da família.)

– Então apareceu mais alguém... Ela disse que não o conhecia... Trazia dois vestidos de cor branca... Eram para minha mãe... Deveria vesti-los...

– Ela ia descrevendo a pessoa?

– Sim, passo a passo...

– Era um homem ou uma mulher?

– Não sabemos. Ninguém perguntou.

– E depois?

– A visão da escadaria foi se desvanecendo e desapareceu.

7 de fevereiro (2012)

Aparecimento da segunda escadaria.

Poucas horas depois de ter tido esta incrível visão – prossegue Juan Antonio Ros – o estado de Inés piorou.

Na terça-feira, 7 de fevereiro, duas de suas filhas (Loli e Angelita) estavam com ela. A primeira foi para sua casa, com a finalidade de descansar um pouco. Passado algum tempo, Inés começou a ver algo. Eis aqui o narrado por Angelita:

– Minha mãe parecia saber que sua hora estava próxima... Assim que começou a identificar pelos nomes os seus familiares e amigos... Queria que lhes déssemos lembranças... Loli tinha saído e minha mãe pediu-me algo estranho: um lençol...

– Para quê?

– Suas palavras foram: “Angelita, quero que você me traga um lençol branco e faça uma túnica com

ele”. Procurei, mas só encontrei uma fronha... Telefonei para minha cunhada Mari Carmen e lhe disse que trouxesse um lençol da sua casa... E, assim, ela providenciou... Fizemos um buraco no tecido, e minha mãe o colocou, como se fosse uma túnica...

– Por que ela pediu a túnica?

– Ela interpretou como um sinal de liberdade... Pensou que assim, vestida de branco, conseguiria a tão desejada liberdade...

E Angelita prosseguiu:

– Colocamos um pouco de terra santa aos pés da cama e a ajudamos a levantar-se... Minha mãe pisou na terra santa e sentiu-se feliz... Foi então que voltou a ver a escadaria...

– Pela segunda vez?

– Isso mesmo. E desta vez – segundo disse – conseguiu colocar o pé no primeiro degrau... E começou a subir... Mari Carmen lhe disse: “Suba!... Suba!...” E ela continuou subindo.

– Ela viu seus familiares mortos?

– Sim, isso é o que ela dizia. Viu seus sogros, os pais de Mari Carmen, meu pai... E nós insistimos: “Suba!... Vá em direção à luz!”... Ela continuou subindo e, ao chegar ao último degrau, morreu...

Eram 17h20 do dia 7 de fevereiro de 2012.

A experiência, como eu dizia, me trouxe à mente o que é relatado no Gênesis (28, 10-14): “Jacó, partindo de Bersabeia, tomou o caminho de Harã. Chegou a um lugar, e ali passou a noite, porque o sol já tinha se posto. Serviu-se como travesseiro de uma das pedras que ali se encontravam, e dormiu naquele mesmo lugar. E teve um sonho: via uma escada, que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu; e anjos de Deus subiam e desciam pela escada.”

A pergunta é: Foi com anjos que o bom Jacó sonhou há 3.763 anos?

Como dizia o Mestre, quem tiver ouvidos que ouça...

O HOMEM DO BOTE

Aquela manhã de agosto em Águilas, Espanha, foi tranquila (aparentemente).

O mar se mostrava azul e sereno.

Tudo convidava a um banho.

E as irmãs Purificación e Carmen Flores decidiram entrar na água e nadar um pouco. A mãe – também chamada Carmen – aderiu à ideia e nadou com as filhas em direção a umas boias de sinalização.

As mulheres não suspeitavam do que estava prestes a acontecer...

Eu soube desse fato em julho do ano de 2000, em uma inesquecível viagem pelo Egito. As irmãs Flores faziam parte do grupo. Francamente, a viagem foi boa...

E uma tarde – não lembro por quê – Mari Puri e Mari Carmen contaram o que aconteceu naquela quente manhã de agosto, na praia murciana de Águilas:

Era meio-dia...

Toda a família se encontrava na praia...

Era o habitual em agosto...

O mar estava muito tranquilo e decidimos tomar um banho...

Minha mãe veio conosco...

Não éramos boas nadadoras, mas a água parecia estar gostosa e calma...

E nadamos...

E nadamos sem problemas, até o lugar fixado...



Uma oportuníssima imagem: Carmen, com touca, e as irmãs Flores nas águas de Águilas. (Cortesia da família.)

Calculo que nadamos uns 100 metros, ou um pouco mais...

Foi então, ao decidirmos que deveríamos voltar, que começaram os problemas...

A margem estava longe, e nossa mãe não se sentiu com forças para voltar...

Não dava pé, e lhe dissemos que boiasse virada para cima, para descansar...

Tentamos animá-la e tranquilizá-la...

Não tínhamos pressa. Podíamos regressar pouco a pouco...

Porém, nossa mãe, cada vez mais nervosa, a única coisa que dizia é que não nos aproximássemos dela...

Tudo o que ela mais queria é que a deixássemos e que não a tocássemos...

Imagine a tensão...

Minha irmã e eu – prosseguiu Mari Puri – não sabíamos o que fazer nem como reagir...

Obviamente, não podíamos deixá-la ali. Ela poderia se afogar...

Tampouco devíamos nos aproximar e tentar ajudar. Se nós tivéssemos nos aproximado, o mais provável é que as três estariam correndo perigo em função do seu nervosismo...

Foram momentos horríveis...

Não sabíamos o que fazer...

Nisso, à nossa direita, apareceu um bote...

Minha irmã Mari Carmen levantou o braço...

Agora, pensando friamente, não consigo entender – comentou Mari Puri. – Estávamos sozinhas na água. De onde saiu aquele bote?...

Era um bote a remo...

E a pequena embarcação se aproximou de nós...

O homem que a conduzia não nos disse nada. Não questionou. Continuou sentado na popa, com as mãos sobre os remos...

Nós nos limitamos a ajudar a nossa mãe...

Não sabemos como, mas conseguimos levar a mamãe para cima do pequeno bote...

O homem continuava sentado e mudo...



Mari Carmen (à esquerda) e Mari Puri, durante a viagem ao Egito (julho do ano 2000). (Foto: Blanca.)



Carmen Cano, a mãe. (Cortesia da família.)

Uma vez que nossa mãe subiu na embarcação, o homem começou a remar, e o bote se distanciou em direção à beira da praia...

E nós ficamos ali...

Foi desconcertante. O homem não se preocupou conosco. Nem sequer perguntou se precisávamos de ajuda...

Contudo, o mais incrível é que nossa mãe tampouco se interessou por nós...

Continuou no bote, silenciosa, até que o homem a deixou na margem...

Permanecemos na água, boiando, tentando nos recuperar do susto e comentando sobre a sorte que havíamos tido...

Depois a ficha caiu: De onde saiu aquele bote? Estávamos sozinhas...

Três anos depois da viagem ao Egito, pude entrevistar novamente as irmãs Flores e Carmen Cano, a mãe.

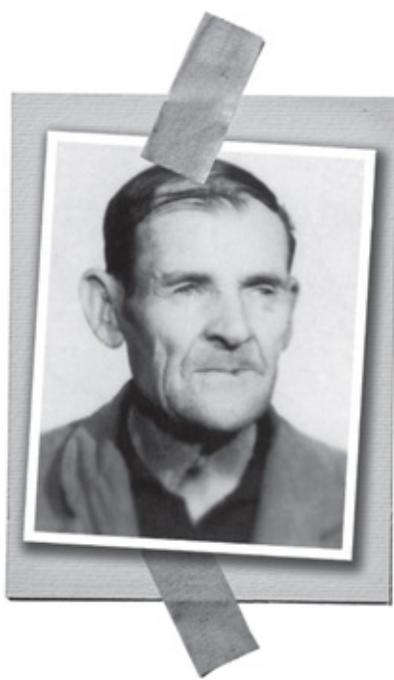
O relato de Carmen foi idêntico ao já mencionado. E ela acrescentou alguns detalhes:

– Eu estava morrendo de medo. Permaneci sentada e encolhida no bote, sem me mover...

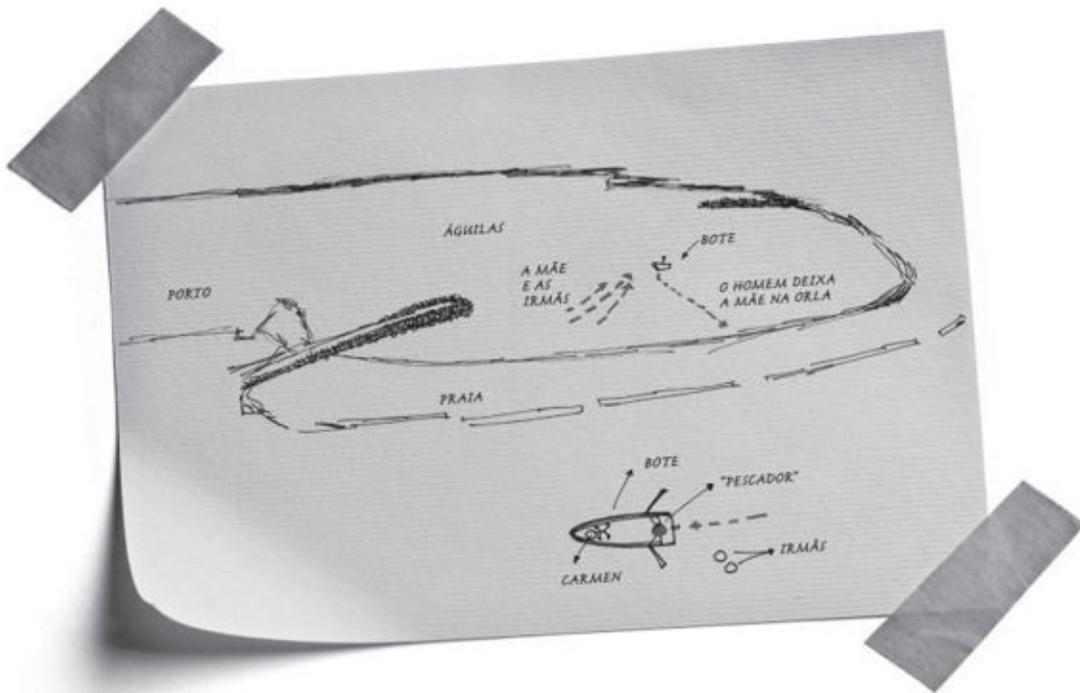
– Como era o homem?

Carmen não se lembrava. A aparência do “pescador” havia se apagado de sua memória...

– O homem remou por cinco ou dez minutos – prosseguiu –, e o fez em silêncio. De repente, começou a falar: “Da próxima vez, não vá tão longe”...



Alberto Cano, falecido um ano antes do incidente nas águas de Águilas, Múrcia. (Cortesia da família.)



Anotações no caderno de campo de J. J. Benítez.

– Você teve a sensação de que o conhecia?

– Não sei... Foi tudo tão confuso...

Então, a certa distância da orla, o homem falou pela segunda vez.

– “Bem, deixo você aqui”, declarou ele. Verifiquei onde estávamos e então constatei que ainda estávamos longe da praia, e pedi que me deixasse mais perto. Sentia medo...

E o homem continuou remando...

Ao saltar na água, estavam ali os familiares e amigos, todos em estado de alerta. Tinham observado a cena da praia, mas não prestaram atenção no “pescador”.

– No dia seguinte, ou dois dias depois – acrescentou Carmen –, fui me consultar com um tal de Felipe, um curandeiro. Fui por outro assunto... E, assim que me viu, ele falou do susto que passamos e do homem do bote... Disse que era um familiar meu, já morto, e que se chamava Alberto...

Eu, desajeitado como sempre, segui perguntando sobre o bote:

– Era novo?

– Não sei...

– Que objetos havia no bote?

Carmen negou com a cabeça. Não se lembrava de nada.

– Como o “pescador” estava vestido?

– Acho que usava um casaco, ou uma roupa social, mas não tenho certeza...

– Um pescador com roupa social?

Carmen encolheu os ombros.

Não consegui novos dados. Ela não se recordava do rosto nem do tom de sua voz. Nada.

Mari Puri fez algumas pesquisas e confirmou que um familiar de sua mãe, chamado Alberto Cano, faleceu em 31 de julho de 1978. Está enterrado em Baza, Granada. Carmen tinha contato com ele. Costumavam trocar cartas, e ela o ajudava com algum dinheiro, de vez em quando.

O incidente nas águas de Águilas, portanto, aconteceu em agosto de 1979. O “pescador” estava falecido há um ano.

Isso explicaria, em parte, a singular atitude do homem do bote...

Explicaria por que apareceu do nada, chegando de repente...

Explicaria por que se manteve na popa, com as mãos nos remos...

Explicaria por que não perguntou nada e por que não mostrou interesse pelas irmãs...

Nenhum pescador de verdade se comportaria como Alberto Cano, o tio de Carmen...



“VOCÊ É DEUS?”

Nieves tinha este costume. Gostava de dormir com uma arma debaixo do colchão.

Durante a madrugada, pensou na arma. Deveria usá-la? No entanto se conteve.

Na realidade, não foi necessário...

A primeira vez que Nieves Cruz me relatou aquela desconcertante e dura experiência foi em agosto de 1986. Assim consta no caderno de campo correspondente.

– Naquele tempo – contou Nieves –, maio de 1969, estávamos em Antígua, no Caribe. Meu marido tinha sido transferido para a estação de rastreamento da Nasa na referida ilha.

“Nessa noite já estávamos deitados... Deveria ser meia-noite ou 1h da manhã... Tudo parecia tranquilo, com exceção do cachorro...”

– O que estava acontecendo?

– Naquele momento nós não sabíamos... Ele latia com fúria... Estava fora da casa e corria de um lado para outro... Estava muito inquieto... Depois entendemos...

E Nieves prosseguiu o seu relato:

– Alexis, nosso filho, tinha então dezoito meses. Dormia num quarto ao lado do nosso. Tínhamos como costume deixar a luz do corredor acesa, porque se ele chorasse... Lembro-me de que a babá do bebê estava de descanso aquela noite... Então senti que alguém tocava o meu pé direito...

Nieves corrigiu:

– Melhor dizendo, não me tocou: sacudiu-me... Despertei, assustada... A primeira coisa que pensei foi que havia entrado um ladrão... E lembrei-me da arma...



Nieves Cruz. (Foto: Blanca.)

“Era alguém alto... Encontrava-se aos pés da cama... Contudo, o véu do mosquitoireiro não permitia vê-lo claramente...”

“Levantei-me e perguntei em inglês: ‘O que você quer? O que quer?’.”

– E seu marido?

– Continuava dormindo, como um anjo... O vulto, então, respondeu em espanhol: “Não se assuste”.

– Em espanhol?

– Sim, e eu perguntei aterrorizada: “Você é Deus?” E o vulto replicou: “Não, sou seu padrinho...”

A mulher fez uma avaliação:



Blanca, em frente à casa onde se apresentou o padrinho de Nieves. (Foto: J. J. Benítez.)

– Então eu reconheci a voz de Juan Martín, meu tio e padrinho... Era uma voz especial. Inconfundível... Era uma voz rouca e quebradiça... Eu a distinguiria entre dez mil outras...

“E perguntei novamente: ‘O que você quer?’ ...

“‘Que mande rezar uma missa para mim’, respondeu...”

Nieves deu outro esclarecimento:

– Eu era cética... Para dizer a verdade, eu não acreditava em nada...

– E o que houve depois?

– A sombra ou o vulto desapareceu... Eu fiquei petrificada...

– Onde vivia o seu padrinho?

– Na Ilha Cristina, em Huelva, Espanha.

– Que notícias você tinha dele?

– Nenhuma. Fazia anos que eu não o via.

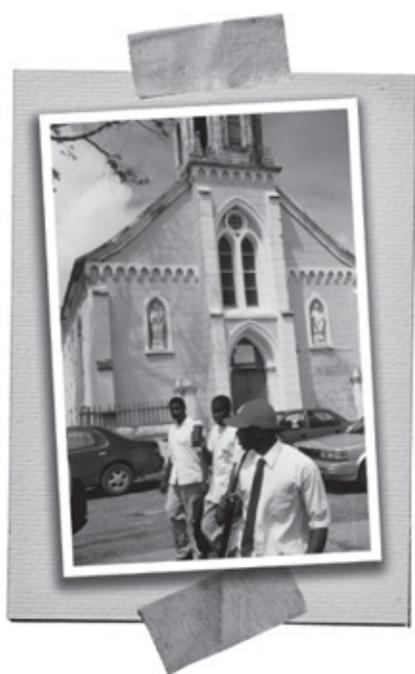
– Você sabia que ele estava morto?

– Não.

– E o que você fez?

– Naquela manhã, fui à uma igreja católica e mandei rezar uma missa...

– Mas, se você não acreditava em nada...



Igreja católica de St. Joseph, na ilha de Antígua. (Foto: Blanca.)

Nieves sorriu, marotamente, e esclareceu:

– Pelo sim, pelo não... Mas não tive sorte. Todas as horas estavam ocupadas... Insisti... Pagaria o que fosse necessário... E então se fez o milagre... Pude encomendar uma missa para essa mesma tarde e outra para o mês seguinte, dia 27 de junho...

E voltei tranquila para casa.

Naquela noite eu me deitei e, mais ou menos na mesma hora, alguém tocou meu ombro...

– O cachorro continuava alterado?

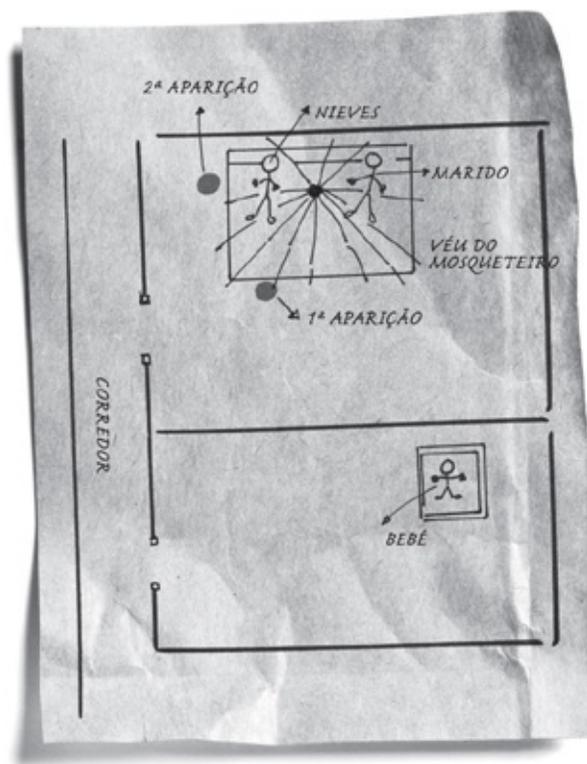
– Sim, muito agitado. Queria entrar em casa...

– Sacudiram você novamente?

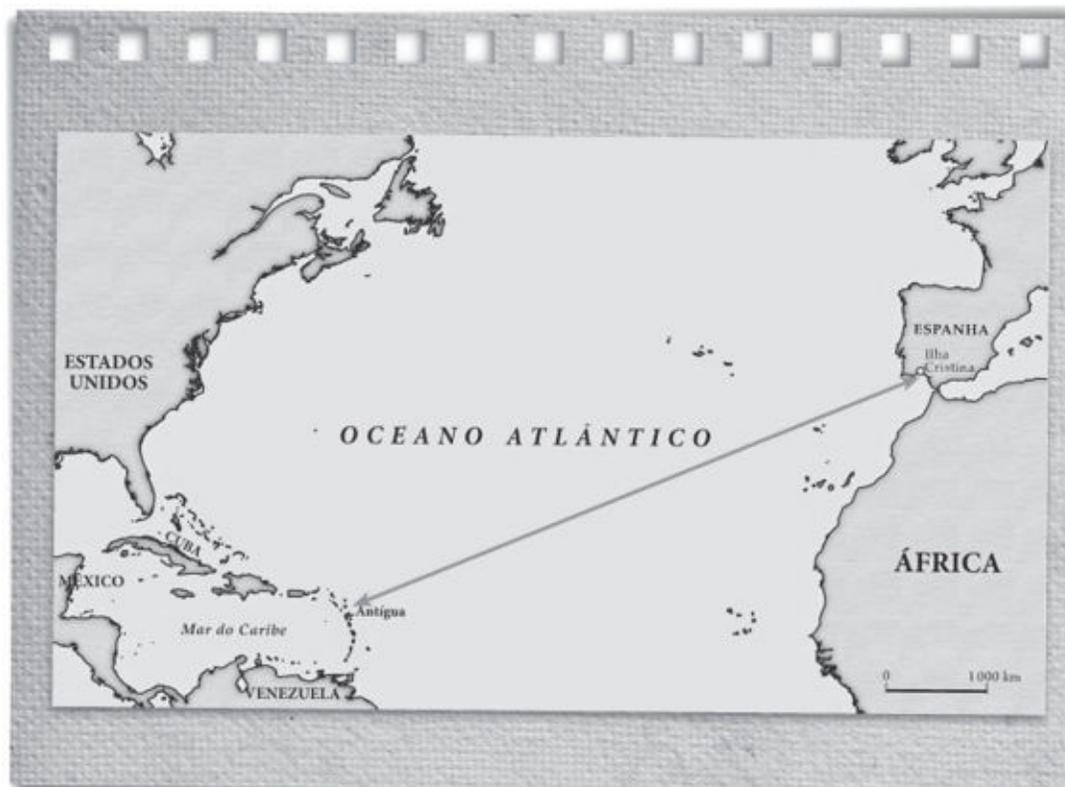
– Sim, como da primeira vez, mas no ombro direito... Levantei-me e vi aquela sombra ou vulto...

Naquela ocasião se encontrava à direita da cama, bem perto de mim...

– Você observou algum detalhe?



- Nenhum. O véu do mosquiteiro não me permitia ver com clareza... Era um vulto alto... Tinha 1,80 metro de estatura, mais ou menos...
- Qual era a altura do seu tio?
- Era mais baixo.
- E o que houve depois?
- “O que você quer?”, voltei a perguntar. “Não se assuste”, respondeu. “Sou eu... Obrigado...” E desapareceu novamente.



Mais de 6 mil quilômetros separam Antígua, no Caribe, da Ilha Cristina, em Huelva, Espanha.

Após quinze dias, Nieves recebeu uma carta procedente da Ilha Cristina. Nela vinha a comunicação do falecimento de seu padrinho. A morte aconteceu, justamente, quando se registrou a primeira presença. Sabe-se que Juan Martín, primo-irmão da mãe de Nieves, tinha sido um homem muito religioso. Fora irmão maior da confraria da Virgen del Carmen e tinha sido enterrado com o hábito de Jesús del Gran Poder. Em Huelva, dedicaram-lhe numerosas missas.



A VOLTA DO
GUERRERO DEL ANTIFAZ

A história de Manuel Gago aconteceu como em outras ocasiões. Primeiro recebi uma carta. A data assinalada era de 16 de janeiro de 2000. Usei a técnica da “geladeira”, e deu resultado.

Assim dizia aquela primeira missiva:

Querido amigo;

Não o conheço senão por meio de seus livros, e, no entanto, o cabeçalho desta carta é totalmente sincero...

Estou lhe escrevendo porque hoje tive uma intuição que me levou a redigir esta carta...

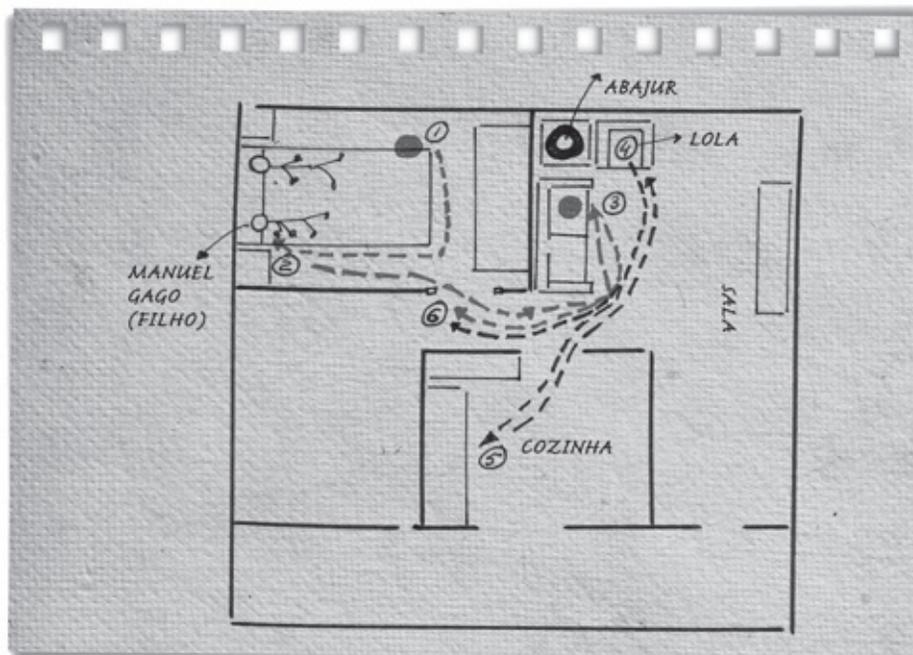
Acabo de “devorar” Cavalos de Troia 6 – Hermon. Fabuloso, em especial as quatro semanas de convivência com o Mestre, as palavras Dele para Jasão e Eliseu...

Não vou lhe perguntar sobre as fontes que inspiram seu trabalho. Isso pertence somente a você, mas... E a documentação científica? Como é possível abarcar tanto?

Li os seis livros da série Cavalos de Troia e, em muitas vezes, ao aparecer o Mestre, senti arrepios... de carinho em relação a Ele.

Não quero cansá-lo ou aborrecê-lo mais, senão lhe fazer partícipe de uma experiência que, até agora, não pude compartilhar com ninguém, nem sequer com meus familiares mais diretos. Eis aqui, muito sintetizada, a “história”:

Nasci dia 20 de fevereiro de 1949 (estou nervoso e perco um pouco o controle da caneta-tinteiro), e desde que tive consciência de mim mesmo me vi como um sujeito estranho, excessivamente “delicado”, assustadiço e assustado... Bem, não. Isso aconteceu quando veio ao mundo meu irmão Miguel, e tudo mudou para mim. O mundo, que tinha sido de cores radiantes, passou a ser branco e negro... E assim foi durante muitos anos.



1. O pai de Manuel Gago aparece no dormitório. 2. Beija o filho e em companhia de sua nora se retira da sala. 3. Conversam por 2 horas. 4 e 5. Lola vai até a cozinha e oferece um copo de água para o “ressuscitado”. 6. Caminham até a porta do dormitório, e aí ele se despede e desaparece. Caderno de campo de J. J. Benítez.

No colégio dos Irmãos Maristas de Valência ouvi falar, pela primeira vez, de Jesus de Nazaré (continuo nervoso), e aí então começaram meus primeiros movimentos de racionalização a esse respeito... Do tipo: Como era possível que aqueles “irmãos” pregassem as maravilhas de Jesus se eles foram tão maus?

As respostas viriam com os anos, a experiência e a inteligência que me foi concedida.

O caso é que, ao nascer meu irmão, com quem tenho uma diferença de três anos e meio, minha mãe se desvinculou emocionalmente de mim e passou a ignorar-me, e então me tornei um menino deprimido, envergonhado e apático. Esse “despojo” quem o acolheu foi meu pai, que trabalhava em casa (em sua sala-estúdio), e ali eu passava meu tempo quando não estava em companhia dos terríveis Maristas... Definitivamente, busquei refúgio nele, e ele me acolheu. E assim se passaram muitos anos.

Quando eu já estava combalido, no que se refere a minha adaptação social e laboral, meu pai faleceu. Foi no dia 29 de dezembro de 1980.^[1]

O mundo caiu.

Eu estava sozinho.

Meu suporte havia ido embora para sempre.

Chamaram-me da editora para a qual meu pai havia trabalhado e me encomendaram que eu continuasse as Nuevas Aventuras del Guerrero del Antifaz, que meu pai deixara inacabadas.

Aceitei, e escrevi e desenhei seis horrorosos episódios que vieram à luz em 1995...

No dia 2 de julho de 1981, casei-me com uma pessoa que, como eu, embora por outras razões, era desafortunada.

Pois bem, na noite de 12 de fevereiro de 1982, deitei ao seu lado com a firme determinação de que, no dia seguinte, assim que eu saísse na rua, procuraria um advogado e daria entrada na documentação para o início do processo de separação e divórcio.

Porém, assim que despertei, minha esposa, ao meu lado, me disse textualmente:

– Você passou a noite inteira falando com seu pai.

Pensei que tivesse sido um sonho, mas não...

E ela prosseguiu:



Manuel Gago, criador do Guerrero del Antifaz. (Cortesia da família.)

– Despertei e o vi sentado ao pé da cama...

“Ele sorria e perguntou:

“– Você sabe quem eu sou, não é verdade?”

“– Sim – respondi –, o pai do Manolo...”

“Então ele deu a volta na cama, agachou-se e deu um beijo em você... “Depois me disse que saíssemos dali, para não acordar você...”

“E fomos para a sala.

“Ali conversamos...”

Lola, minha mulher, continuou:

– Perguntei-lhe se ele queria um café, e respondeu que não, mas, sim, tomaria um copo com água...

“Fui até a cozinha e levei a ele sua água...”

“Bebeu, e ficamos conversando...”

“Parecia cansado. Tirava os óculos e voltava a colocá-los. Esfregava muito os olhos...”

“Perguntei-lhe como estava, e ele disse que bem (melhor do que antes), mas ainda lhe faltavam coisas...”

“– Que coisas?”

“Ele me olhou e respondeu:

“– Algum dia todos nós estaremos muito bem...”

“Disse isso rindo, como se não pudesse dizer mais nada...”

A mensagem – prossegue Manuel Gago em sua carta – era para mim. Lola foi somente a receptora-transmissora. Ela praticamente não entendeu nada do que meu pai terreno lhe transmitiu, mas eu senti arrepios porque as coisas que disse apenas quem sabia era eu...

O tremor e a alegria me inundaram. E perguntei para a minha mulher:

– E como é que eu não acordei? Você não acendeu a luz?

– Não precisava – respondeu Lola. – Ele trazia sua própria luz...

Por estarem envolvidas outras pessoas nesse “acontecimento” não posso (por ora) relatar o seu conteúdo íntimo. Apenas expressarei agora, para finalizar, a “despedida”. Foi assim:

– Bom, já é bem tarde e tenho que ir – manifestou meu pai.

“Assim que você acordar, diga ao Manolo tudo o que eu lhe disse. Você vai esquecer dentro em breve, mas ele se lembrará por toda a vida.”

– Quer que eu o acompanhe até a porta? – perguntou Lola.

– Não, não é preciso. Conheço o caminho... Deite-se. Agora virá a sua avó.

Sorriu. Disse adeus com a mão e desapareceu.

Lola disse-me que, pouco depois, chegou sua avó, mas não lhe disse quase nada; que conhecia meu pai, que tinha demorado porque ela estava mais longe... E que há quem nasce com estrela e quem nasce estrelado.

A partir daí, minha vida mudou...

Lola não quer mais ouvir falar “daquilo”...

Ou seja, do divórcio. Continuo casado com ela. Eu a amo e aprendi a ter paciência (quase infinita).

Deixei de ser um desastre social. Estudei magistério, apesar dos meus 33 anos...

Aquela aparição, os incompletíssimos evangelhos, seus livros, outros livros que falam do Mestre, do nosso Mestre, o carinho que os alunos têm por mim e que eu tenho por eles, e a “centelha” de Abba, me sustentam e me animam, e dão sentido à minha vida...



Manuel Gago, filho, ao lado do retrato do seu pai. (Cortesia da família.)

Depois dessa carta, seguiram-se outras.

Finalmente, em outubro de 2012, quando avaliei que tinha transcorrido o tempo adequado, fui para Valência e tive uma longa conversa com Lola e Manuel Gago.

A esposa confirmou a experiência e reportou alguns valiosos detalhes. Conferindo:

1. A aparição não foi um sonho. Foi real.

2. O que despertou a mulher foi uma luz no dormitório. A luz que saía do corpo do falecido.

3. Após beijar o filho, eles foram para a sala.

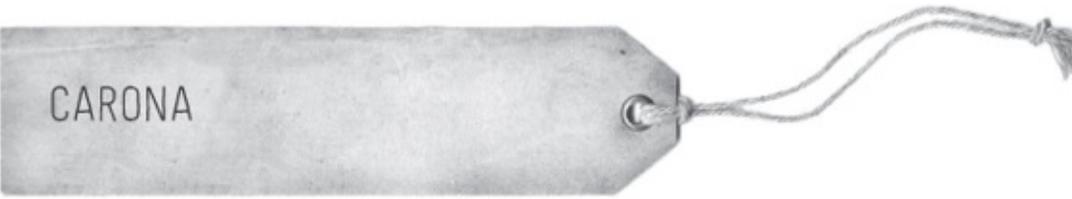
4. Ela fumou sem parar. Na manhã seguinte, contaram as bitucas: sete. Isso significava umas duas horas, em tempo real. O cinzeiro deveria estar vazio (eles costumavam limpá-lo antes de deitar).

5. O pai de Manuel Gago bebia água em pequenos goles. Depois pousava o copo na mesinha. As possíveis impressões digitais não foram analisadas.

6. A luz que emitia o personagem se refletia nas lentes dos seus óculos.

7. Ao despedir-se, o “ressuscitado” deu umas palmadinhas no braço da mulher. Lola sentiu como algo físico.

8. A mulher conhecia seu sogro por fotografias. Os óculos que usava nessa ocasião eram diferentes dos que ela havia visto.



CARONA

No Distrito Federal mexicano, qualquer coisa que alguém possa imaginar, já aconteceu.

Bem, não é de estranhar. A capital do México, com os subúrbios, é uma das mais populosas cidades do mundo: 28 milhões de habitantes...

A Dra. Sobrado, no entanto, quando reporta sua experiência, continua trêmula. Também, não é para menos...

Reuni-me com ela no dia 28 de novembro de 2000. Fazia tempo que eu sabia do seu caso, mas o Destino decidiu quando e de que maneira...

Este foi o seu testemunho:

– Aconteceu um pouco antes do Natal de 1980.

Estava escurecendo...

Terminei as aulas na universidade e entrei no meu carro, disposta a regressar para casa...

Era um dia instável. Chovia...

Eu, então, morava perto da universidade, a UIA. A cerca de vinte minutos dali...

Mas, ao entrar na Avenida de las Torres, o carro falhou...

Eu o empurrei até o acostamento, desci e tentei fazer com que funcionasse. Foi inútil...

O carro estava enguiçado...

Passaram-se quinze ou vinte minutos...

A chuva estava me encharcando...



Sobrado, sendo entrevistada por J. J. Benítez. (Foto: Blanca.)

Assim sendo, decidi pegar um *aventón*, ou seja, uma carona...

Posicionei-me na pequena ilha central da avenida e tentei fazer com que alguém parasse...

Pouco depois um carro parou. Nele estavam se deslocando cinco homens, mais velhos...

Prometeram regressar em cinco minutos...

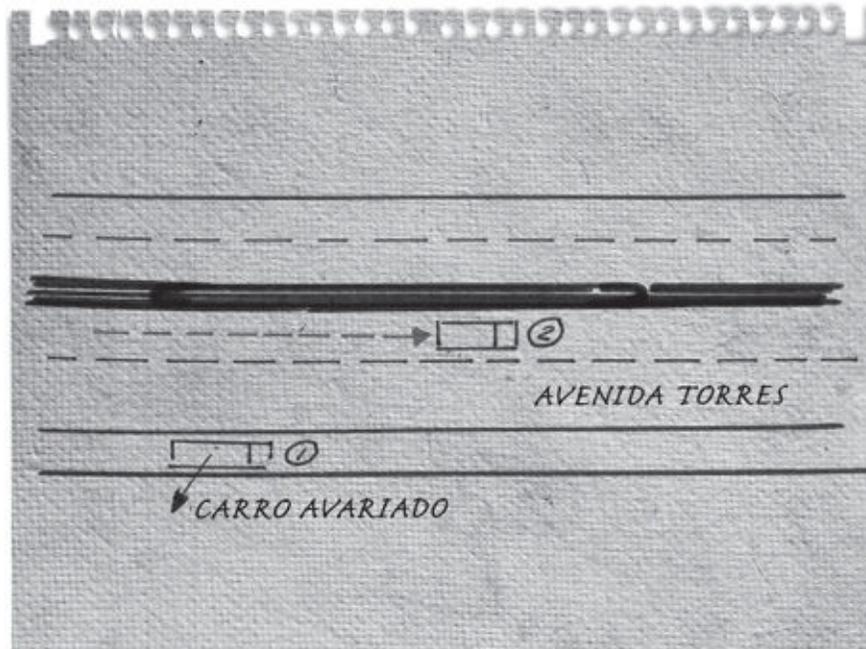
Nisso, parou outro veículo...

Deteve-se na pista de alta velocidade...

Quem dirigia era uma mulher...

Desceu o vidro do carro e ordenou:

– Suba!...



1. O carro de Sobrado quebra e fica no acostamento na Avenida de las Torres, na cidade do México. 2. Sobrado entra no segundo carro.
- Caderno de campo de J. J. Benítez.

Eu lhe disse que esperava outro carro, mas a senhora insistiu e disse muito autoritariamente:

– Vamos! Entre logo!...

Não sei por quê, a situação me pareceu estranha...

Entretanto, eu lhe obedeci e acomodei-me no assento de trás...

A mulher dirigia, como eu estou lhe dizendo, mas ao lado, no assento do passageiro da frente, a acompanhava um homem mais velho...

A mulher arrancou, e começou a me repreender...

Eu estava assombrada...

Como é que ela sabia que meu carro tinha quebrado? Eu não lhe dissera nada...

Era a primeira vez que eu os via...

Repreendeu-me também por ter parado o carro com cinco homens...

Então ela disse:

– Eu levo você para sua casa...

Perguntou onde eu morava, e eu lhe disse meu endereço...

Depois eu comecei a fazer perguntas. A senhora disse que era médica...

E conversamos um pouco...

Eu lhe disse que estava estudando na universidade, e num determinado momento quis lhe dar a mão...

Simplesmente como um ato de cortesia...

Ela respondeu com certa rudeza:

– Não toque em mim!

Claro, eu não a toquei...

A doutora me olhava pelo espelho retrovisor...

O senhor mais velho, esse, não dizia nada...

Então, tratei de lhe fazer algumas perguntas, mas ele se negou a responder...

Nós paramos em vários semáforos e, finalmente, chegamos à minha casa...

Eu lhe pedi um cartão, mas ela disse que não tinha... E exclamou:

– Anote meu nome e meu endereço...

E foi isso o que fiz...

Desci do carro e nos despedimos...

Ela partiu e se perdeu na noite...

No dia seguinte, por puro agradecimento, fui até o endereço que ela havia me dado...

Na casa, ninguém atendia...

Ao insistir, uma vizinha abriu a porta...

Eu lhe disse que procurava a doutora, e a senhora estranhou:

– O que você quer com ela? – perguntou.

Eu lhe expliquei o que havia acontecido na noite anterior, e a mulher, perplexa, comentou:

– A doutora morreu faz sete anos...

Apesar do susto, fui averiguar...

Era médica e, de fato, falecera anos atrás...

UM MORTO NA CONTRAMÃO

No dia 23 de fevereiro de 1983, faleceu em Madri o pai de dois garotos que chamarei de Carlos e Richard. O pai chamava-se Ángel e morreu em consequência de um câncer no fígado. Tinha 33 anos de idade.

Nove meses depois – em novembro de 1983 –, os meninos se encontravam na cidade de Castro, no norte da Espanha.

Assim Carlos me relatou:

Eu tinha oito anos. Meu irmão, sete...

Caminhávamos pela Rua La Correría em direção a uma área de pedestres, na Rua La Mar...

E de repente, quando íamos atravessar a faixa de pedestres, Richard o viu...

Era o carro do meu pai! Um 124 Sport azul-metálico!...

Isso era impossível...

O carro estava em Madri, e ele fora enterrado em Castro...

Quem dirigia o carro era meu pai...

Ficamos mudos...

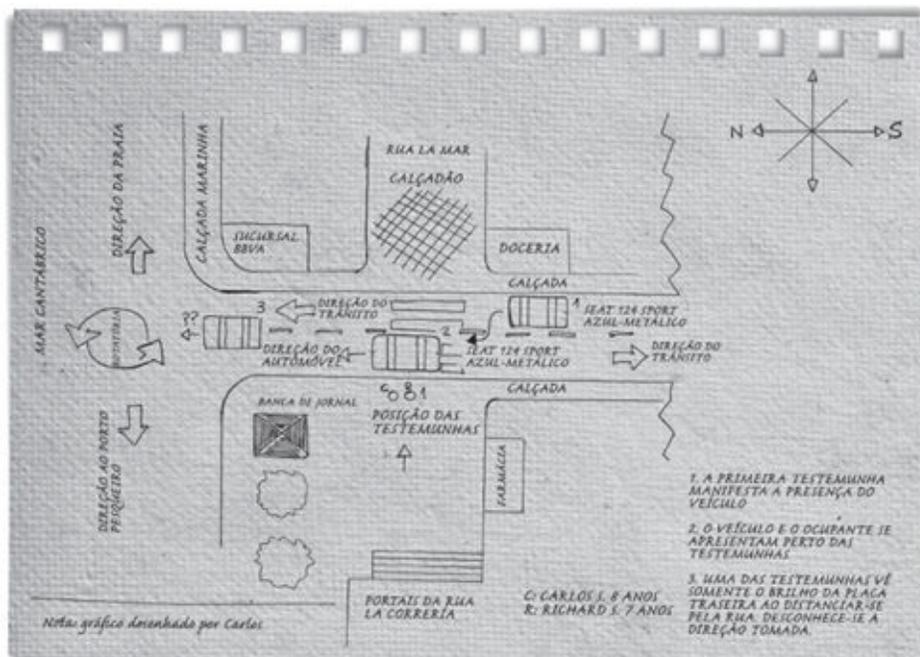
O automóvel passou diante de nós. Se tivéssemos estendido o braço o teríamos tocado...

O vidro da janela do motorista estava totalmente abaixado... Pudemos ver o estofamento...

Meu pai nos olhou...

Vestia uma camisa de manga curta com uma águia bordada. Era uma de suas camisas favoritas...

Estava corado, com a barba bem-feita, e perfeitamente penteado...



Esquema traçado por Carlos.

A visão pode ter durado quatro segundos...

Depois o carro se dirigiu em frente e seguiu caminho...

E perdemos o carro de vista... Não sabemos o que aconteceu depois...

Eu me lembro que me chamou a atenção o brilho da placa na parte traseira. Não vimos os números, mas sim aquele cintilar...

Não escutamos nenhum ruído. Foi muito estranho. Esse automóvel fazia um barulho bem característico...

Tampouco vimos sombras. O carro não produzia sombras. Isso era impossível...

O automóvel estava a uns 20 ou 40 quilômetros por hora, não mais... Parecia muito limpo...

A princípio, ficamos calados. Depois comentamos:

– Você viu o que eu vi?

– Sim – disse meu irmão...

É curioso. Apesar de ser domingo, não tinha congestionamento, nem gente. Era um dia ensolarado. Onde estavam os carros e as pessoas?...

Outra coisa me chamou a atenção – prosseguiu Carlos. – Meu pai tinha o costume de dirigir com a mão direita no volante. Nesse momento, ele o segurava com as duas...

Em nenhum momento sorriu, mas era um olhar cheio de paz...

Sei que ele nos viu...

Por isso passou à nossa frente...

E outra coisa estranha: o automóvel andava na direção proibida, ou seja, na contramão...

Não me deu a sensação de que estava morto. Ao contrário...

Chamamos minha mãe, e ela confirmou para nós que o “124”, nesse momento, estava fechado numa garagem em Madri...

A distância entre Castro e a capital da Espanha é de 400 quilômetros.

Certamente, ninguém acreditou em nós...

No mês seguinte, dezembro de 1983, Carlos voltou a ver seu pai.

Desta vez ocorreu na frente da casa da minha avó, também em Castro, na antiga estrada principal...

Vi de novo o “124” e, outra vez, na contramão!...

Eu estava só...

Era por volta das 11h da manhã...

Nesse momento, ele não me olhou...

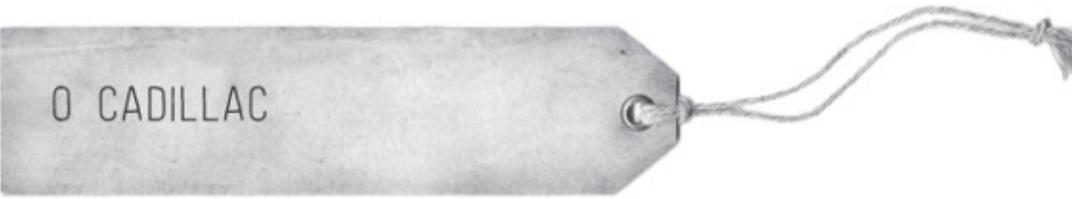
Seguiu em frente, e me chamaram a atenção duas coisas: o vidro traseiro parecia embaçado. Era possível notar as “linhas” do desembaçador elétrico. Não se podia ver ninguém no seu interior, mas tive a sensação de que ele ia com mais gente. Será que foi a respiração das pessoas que embaçou o vidro? A segunda coisa estranha para mim foi o vidro do relógio de pulso do meu pai. Também se mostrava embaçado. Ele estava com a mão direita fora do carro...

Foi esquisito, porque fazia sol e a temperatura não era baixa. Não entendo por que o relógio e o vidro traseiro estavam embaçados...

Meu pai dirigia normalmente, olhando para a estrada.

Tampouco ouvi ruídos, nem outros carros passaram...

Ignoro como o “124” desapareceu...



O CADILLAC

Eu me predispus a não fazer comentários sobre os casos aqui expostos, pelo menos até o final, mas em certos momentos, como no sonho de Verónica, acaba sendo difícil.

Resistirei...

Verónica González vive nos Estados Unidos. Tinha 26 anos quando isto aconteceu.

Eis o que ela me contou:

– Sonhei que era sábado à noite... Toda a família estava reunida na casa dos meus pais... Não me lembro do mês, mas acho que era verão... Fazia calor... Meus filhos – Alexander e Brianna – brincavam no quarto com seus primos Nicholas, Christopher e Kevin... Na minha frente estavam sentados a minha irmã, Normita, e meu cunhado, Ángel... Do meu lado esquerdo se encontrava Francisco, meu pai... Do lado direito, meu esposo, Óscar... Norma, minha mãe, estava atarefada, andando de lá para cá na cozinha... Acho que estava fazendo café... Todos nós estávamos muito felizes...

“Assim que terminamos a sobremesa, bateram à porta... Mamãe foi abrir... Surpresa! Ali estava a minha avó, Floralia Alonso... “Como é possível?”, disse para mim mesma no sonho... Minha avó tinha morrido há dois anos... Com ela, à sua esquerda, se apresentava um sacerdote ou monge...

“Eu não o conhecia.

“Minha mãe, chorando, a abraçou e a levou até a sala de jantar... Ninguém podia acreditar que estivesse ali... E a vovó abraçou e cumprimentou a todos...



Verónica. (Cortesia da família.)

“Quando terminou, sentou-se ao meu lado... Estava feliz... Eu olhava para ela e chorava... Abracei-a... Tentava inclusive sentir o seu perfume... Toquei seu rosto para confirmar que era ela...

“Era ela!... Tinha um corpo físico!... A vovó sorria e me abraçava...” “– Macorina (era dessa forma que ela me chamava) – disse minha avó –, como está se sentindo?...”

“Eu tinha sofrido recentemente uma intervenção cirúrgica e respondi:

“– Vovó, fiquei muito nervosa e preocupada durante a cirurgia...” Ela sorriu novamente e replicou:

“– Sei disso, mas tudo saiu bem... Eu estava ali desde que anestesiaram você... Senti sua preocupação...”

“E comecei a dizer-lhe que eu a amava muito... Não queria que ela partisse...”

– E o monge? – eu perguntei, sem conseguir me conter.



Flora, avó de Verónica. (Cortesia da família.)

– Continuava ali, em silêncio.

– Mas, quem era ele?

– Eu não sabia e então perguntei a minha avó... Ela respondeu:

“– Você não o conhece?”

“Eu lhe disse que não...”

“– É o padre Pío...”

– Você sabia quem era?

– Não tinha a menor ideia... E a minha avó acrescentou:

“– Ele estava comigo quando operaram você... Ele faz milagres...”

“E, depois de algum tempo, Floralia anunciou:

“– Bem, tenho que ir...”

Eu os amo muito e nos veremos em breve...”

“Eu não queria que ela partisse... Tinha tantas coisas para lhe perguntar... Eu os acompanhei até a parte de fora da casa... Ali encontrei um carro, um velho Cadillac amarelo-claro... Estava estacionado na rua...”

– Você já tinha visto esse carro?

– Não.

– E o que você fez no sonho?

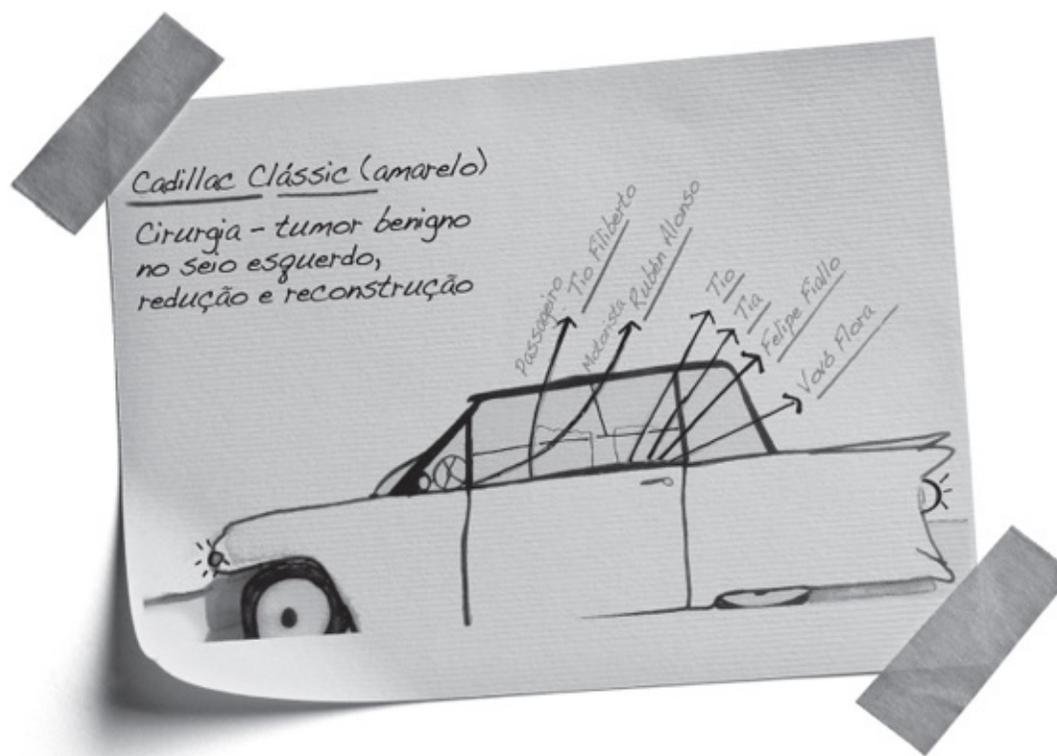
– Corri em direção ao carro... Não queria que ela fosse embora... Olhei por uma das janelas... Estava aberta... No assento da parte de trás se encontravam minha avó Flora, meu bisavô Felipe Fiallo e uns tios de Miami que eu não conhecia... A pessoa que dirigia era meu avô Rubén Alonso... Ao lado do

motorista ia o tio Filiberto...

– Mortos?

– Todos...

E Verónica prosseguiu, tão perplexa como eu:



Desenho de Verónica com a distribuição dos “passageiros” no Cadillac.

– Não podia acreditar no que via... Todos eram jovens... Minha avó aparentava ter 25 anos... Todos estavam felizes e alegres. Pareciam cheios de vida... Então, minha avó disse:

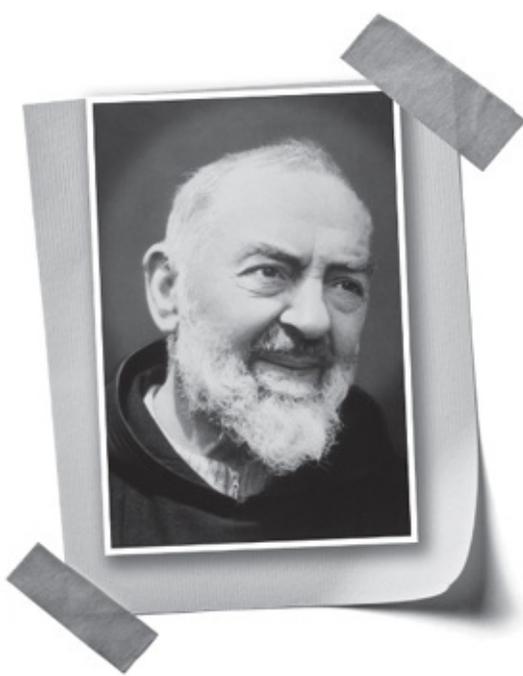
“– Temos que ir... Vamos dançar.”

“Despediram-se, o carro arrancou e se foram...”

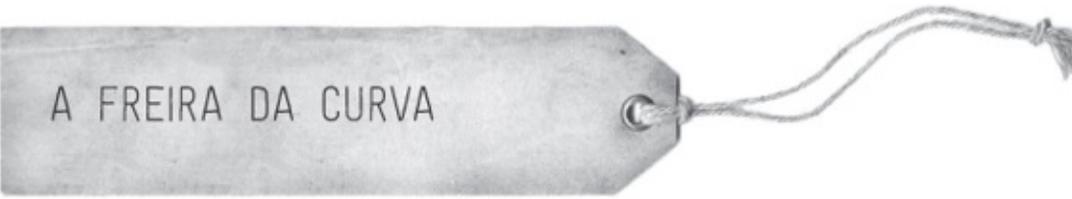
O sonho terminou aí.

Algum tempo depois, em setembro de 2006, Norma, a mãe de Verónica, mostrou uma fotografia do padre Pío para sua filha.

– Senti um arrepio... Era o sacerdote que eu tinha visto no sonho...^[1]



Padre Pío.
(Foto: © Sergio Gaudenti / Corbis Kipa.)



A FREIRA DA CURVA

Conheci Jessica em dezembro de 2012, em uma das minhas viagens aos Estados Unidos.

Quando tinha dezoito anos, a jovem viveu uma experiência que não esquecerá enquanto estiver viva. E nem depois...

Eis aqui uma síntese dos fatos:

– Eu vivia em 1996 na cidade de Pereira, Colômbia... Um dia me assaltaram na rua... Tentaram me roubar, mas eu resisti... Então, uma garota me apunhalou pelas costas... Enfiaram-me numa ambulância e perdi a consciência... Então me vi no teto da ambulância... Minha melhor amiga e o paramédico falavam... Senti um intenso cheiro de flores... Finalmente me operaram e segui em frente... Fiquei uma semana no Hospital San Jorge... No dia seguinte ao da operação comecei a vê-la...

Jessica me olhou, um pouco atordoada. Eu a tranquilizei. Eu já estava há quarenta anos escutando experiências similares.

– O caso é que todos os dias – prosseguiu –, e na mesma hora, por volta das 2h da tarde, aparecia no meu quarto uma freira... Caminhava até a janela... Depois voltava-se e dirigia-se aos pés da minha cama... Ali permanecia uma hora... Rezava o terço e me olhava... Depois fazia o caminho inverso e saía da sala...

– Você conhecia a freira?

– Não. Pensei que podia tratar-se de uma freira do hospital... Mas tinha algo esquisito naquelas “visitas”.

– Por quê?



Jessica, com a imagem da freira que a visitou em 1996. (Foto: Blanca.)

– Em várias ocasiões, a freira encontrou-se com a minha família, mas ninguém lhe prestava atenção...

Somente o meu pai a viu.

– Ela lhe disse algo?

– Não. Levava um terço nas mãos e se limitava a rezar e olhar-me... Baixava os olhos para o terço, rezava e depois levantava os olhos, observando-me... Assim permanecia pelo espaço de uma hora... Às 3h da manhã, a freira partia...

Pedi-lhe que fizesse uma descrição da freira.

– Não era muito alta...

Jessica olhou para Blanca e comentou:

– Um pouco mais alta do que ela...

Blanca mede 1,65 metro.



Estampa entregue a Jessica em 2005.

– Estava pálida, com olheiras, como se estivesse com anemia... Seu rosto era ovalado... Seus olhos eram cor de café... O olhar era muito delicado, suave... Era magra... Usava um hábito marrom e uma touca negra, para trás... O hábito vinha até o pescoço...

– Como era o terço?

– Branco, com uma cruz metálica. Parecia nácar...

– Ela mexia nas contas?

– Sim. Na hora em que ela ficava aos pés da cama, dava a volta completa no terço...

– Você a viu mover os lábios?



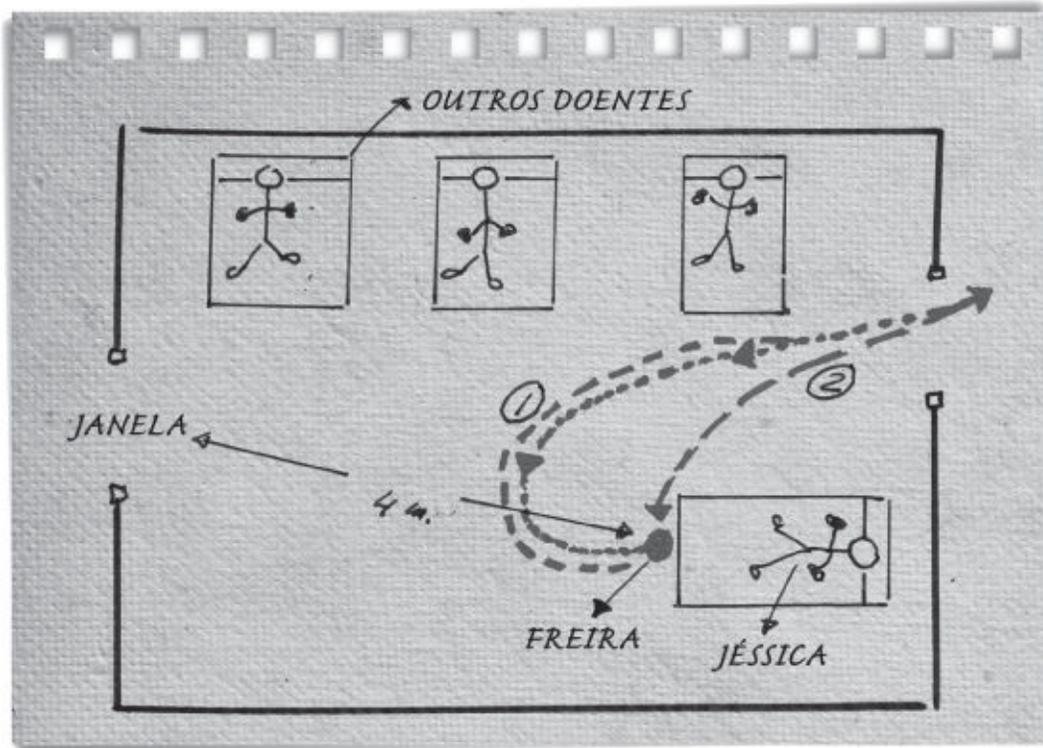
Retrato de Teresa de Lisieux, Marie-Françoise-Thérèse, conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus.

- Sim.
- Uma hora é muito tempo. Fez algum gesto?
- De vez em quando, a freira passava o peso do corpo de um pé para outro. Isso era tudo.
- Ela se despedia quando saía?
- Também não. Caminhava em direção à janela, girava e se dirigia à porta.

Pedi para Jessica desenhar um esquema do quarto e traçar o caminho percorrido pela freira. Tinha entendido perfeitamente. A freira, tanto ao entrar no aposento como ao sair, fazia uma curva absurda e desnecessária. Contudo, fiquei em silêncio.

- Como ela caminhava?
- Com passos curtos e bem devagar.
- Na sala, havia outros enfermos. Você a viu falar com alguém?
- Com ninguém.
- Era jovem ou era mais velha?
- Uns 35 anos.
- Algum outro detalhe chamou a sua atenção?

– Sim, cada vez que aparecia, o ambiente ficava com cheiro de flores. Era o mesmo cheiro que percebi na ambulância...



1. A freira caminhava em direção à janela. Traçava uma curva desnecessária e se dirigia aos pés da cama de Jessica. 2. O lógico é que caminhasse diretamente para a sua cama. Tratava-se de um holograma ou de uma projeção? Caderno de campo de J. J. Benítez.

- Você se lembra se ela se posicionou em outro lugar que não fosse aos pés da cama?
- Ela sempre fazia o mesmo caminho e terminava no mesmo ponto. Nunca mudava de lugar.
- Alguma vez ela baixou as mãos?
- Nunca. Sempre as mantinha na altura do peito, com o terço entre os dedos.
- Pestanejava?
- Sim.

Anos depois, em 2005, quando Jessica residia nos Estados Unidos, aconteceu algo que a deixou perplexa.

- Fui assistir a uma palestra. Alguém falava sobre anjos... Então uma senhora se aproximou e perguntou se eu acreditava em santos... Apontou as minhas costas e comentou: "Você tem uma freira do seu lado. É sua protetora". Pegou um santinho e mostrou-me... Fiquei petrificada... Era a freira que eu tinha visto no hospital, na Colômbia!...

Jessica me mostrou a pequena figura. Era a imagem de Teresa de Lisieux, Marie-Françoise-Thérèse, conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus.^[1]

- Tem certeza de que é a freira que visitava você?
- Cem por cento...



A ROUPA DE VIAGEM

Conheci Mariluz Barasorda em Algorta, Vizcaya, aparentemente por casualidade. Hoje sei que aquele encontro estava minuciosamente programado...

O marido de Mariluz faleceu no dia 12 de setembro de 1986, aos 78 anos de idade. Era advogado. Chamava-se Francisco José Eguillor. Todo mundo o conhecia por Patxo. Está enterrado em Derio, bem perto de Bilbao, Espanha.

Pois bem, em maio de 1987, quando o marido estava morto havia oito meses, Mariluz viveu uma experiência que a fez supor que Patxo estava no céu.

Isso foi o que ela me contou no dia 15 de novembro de 1990, ratificado em outras conversas e em sucessivas cartas:

Eu me encontrava em Madri...

Naquele dia, fui dormir tarde. Deveria ser por volta das 4h da madrugada. Isso é um dos meus costumes. Durmo pouco...

Olhei para o relógio. Dormi por uma hora...

Às 5h eu despertei...

Comecei a me sentir intranquila...

Não sou uma pessoa medrosa, mas me senti estranha. Como se alguém me observasse...

Senti frio. Muito frio. Cobri-me até o nariz...

Depois pensei... Estávamos no mês de maio. Aquele frio – congelante – não era normal...

Voltei a dormir...



Francisco José Eguillor. (Cortesia da família.)

E despertei às 6h...

O frio se infiltrava até os meus ossos...

Dormi de novo e fui despertar um pouco antes das 7h40.

Tenho o costume de fechar bem as janelas; no entanto, naquela noite, não me preocupei com isso.

Entrava luz...

“Um novo dia sem ele”, pensei...

Então eu o vi...

Era Patxo!...

Estava de pé, à minha esquerda, ao lado da cama, perto dos meus joelhos...

Posso lhe jurar que não senti medo...

Eu achei que ele estava muito lindo...

Aparentava ter uns trinta anos...

Vestia um terno marrom listado, com uma camisa branca e uma gravata...

Reconheci a roupa no mesmo instante. Era o que ele usava em suas viagens... (!)

Ele vestia essa roupa toda vez que ia para a Guiné. Foi lá que ele comprou esse terno...

Estava com o cabelo curto...

Então falou:

– *Chiquitxu* – “Pequenina”...

Era dessa forma que ele me chamava em vida...

Levantou a mão esquerda e acrescentou:

– Não se preocupe...

O gesto me chamou a atenção. Não era habitual nele...

Então, ficou calado e baixou a mão...

Assim se passaram alguns minutos...

Apenas nos olhávamos, nada mais...

Depois de algum tempo, ele disse:

– Bem, *Chiquitxu*, tenho que ir...

E eu repliquei:

– Tão rápido?... Você ficou tão pouco tempo!

E ele respondeu:

– Sim, mas...

E olhou para cima, como se perguntasse a alguém se poderia continuar ali...

Era como se alguém estivesse falando com ele...

Eu estava desconcertada...

Patxo sempre fazia o que tinha vontade de fazer. Não admitia receber conselhos de ninguém...

Então, baixou o olhar e disse-me:

– Bem, tenho que partir...

– Você voltará? – perguntei...

– Não sei – respondeu...

Era como se ele não dominasse a situação...

Voltou a olhar para cima e repetiu:

– Bem, tenho que partir... Cuide-se...



Mariluz e Patxo. (Cortesia da família.)

E desapareceu no meio de uma névoa branca...

Eu o vi ascender...

Mariluz contou que seu marido era religioso, mas não acreditava nesse tipo de presenças ou aparições. Em certa ocasião, uma avó de Mariluz prometeu que regressaria depois de morta e que a avisaria sobre a existência no além.

Patxo brincava comigo – comentou Mariluz. – Que venha a vovó! – divertia-se...

Então, eu lhe perguntei por que considerava que Patxo se encontrava no céu. Mariluz respondeu:

Na escola nos ensinaram que os que morrem sem pecado vivem eternamente e com a idade de Cristo: 33 anos...

Era essa a idade que meu marido aparentava. Por isso eu sei que ele está na glória...

Não me dispus a explicar-lhe que o Mestre não morreu com 33 anos e sim com 35. E tampouco falei sobre o absurdo assunto relacionado com os pecados. Ninguém pode ofender ao bom Deus, mesmo que queira...

Mariluz era feliz com essas crenças, e eu, naturalmente, a respeitei.

O importante era o que havia visto e o que havia sentido.

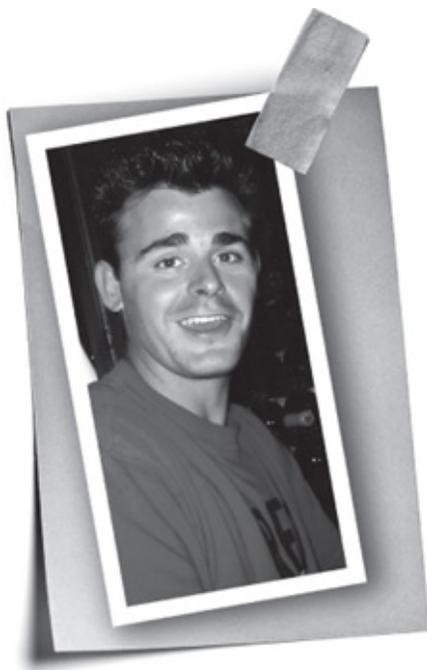
O HOMEM DA MALA

Adela Naranjo é equatoriana. Atualmente trabalha na Espanha.

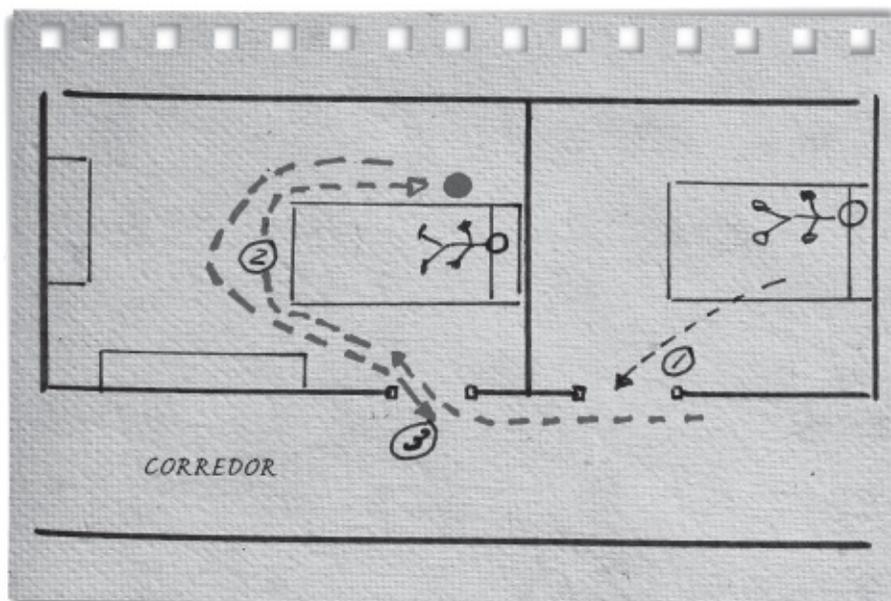
Na madrugada do dia 14 de julho de 2007, despertou de repente. Deveria ser por volta das 3h ou 4h da manhã.

Não soube por quê, mas decidiu levantar-se. Seu marido dormia ao seu lado.

Adela caminhou em direção à porta do dormitório e, de repente, o viu...



Julio Marín. (Cortesia da família.)



1. Adela subitamente desperta e vai em direção à porta do quarto. Então ela vê o jovem da mala. Ela o segue, e entram no quarto de

Concepción, a senhora de quem ela cuida. 2. Adela coloca-se aos pés da cama e observa o que o jovem faz. 3. O homem da mala sai do quarto e desaparece. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Era uma pessoa jovem...

Eu não o conhecia...

Fui atrás dele e lhe chamei a atenção, perguntando quem era...

Perguntei várias vezes, mas o jovem não respondeu...

Nem sequer se voltou...

Aparentava ter uns vinte anos...

Tinha a pele branca e o cabelo loiro...

Era um homem...

Vestia uma camisa *guayabera*^[1] branca e calça comprida, também branca...

Na mão direita carregava uma mala preta...

Dirigiu-se ao dormitório da senhora...

Quem era? Como entrou em casa? O que fazia ali?...

Entrou no dormitório da senhora, que se encontrava dormindo, e deixou a mala no chão...



Adela, com seu esposo. (Cortesia da família.)

Inclinou-se sobre ela e segurou seu rosto com as mãos...

Depois lhe deu um beijo na testa...

A senhora não despertou...

Em seguida, ele pegou de novo a mala e saiu do quarto...

Ao passar por trás de mim, senti um frio congelante. Era como um vento gélido...

Eu o segui com o olhar e o homem desapareceu...

Nesse momento, despertei. Eu me encontrava no quarto da senhora de quem cuido, de pé e agarrada à grade da cama...

Não sei o que tinha acontecido...

Fui até o corredor, mas não encontrei ninguém...

Entrei no meu quarto e acordei o meu marido, para lhe contar o que havia ocorrido...

Ele pensou que tudo tinha sido um sonho e me disse para eu me deitar. E foi o que eu fiz...

Não conseguia entender...

Para mim, foi tudo muito vívido...

Não sou sonâmbula e, curiosamente, não tive medo...

O presente caso foi relatado a mim por Evaristo Alcaraz, um bom amigo que conheço há anos. Ele ampliou os detalhes:

– Adela cuida da minha mãe, que sofre de Alzheimer há tempos. Dorme no quarto ao lado. Ao escutar o relato, fiquei surpreso e tive uma intuição: a visão era de meu sobrinho Julio. Nessa época, ele se debatia entre a vida e a morte, em consequência de uma enfermidade. A intuição não falhou. Julio faleceu 36 horas depois do “sonho” (?) de Adela. Tinha 28 anos de idade.

E Evaristo prosseguiu:

– Tudo isso teria sido nada e sem nenhum significado para mim se não tivesse acontecido o evento do livro do meu cunhado...

E continuou explicando-se:



Adela, aos pés da cama da senhora. O homem da mala se posicionou à esquerda. (Cortesia da família.)



Concepción García, mãe de Evaristo. (Cortesia da família.)

– Quatro anos e sete meses depois do “sonho”, ou seja, no dia 13 de janeiro de 2012, meu cunhado me

mostrou um livro cujo título era *Casi al desnudo* (Quase nu, em tradução livre), no qual narra as peripécias de sua vida. É um livro editado por ele mesmo, cheio de fotografias de amigos e familiares.

“Pois bem, um dia depois da noite de autógrafos, levei um livro para a casa de minha mãe. Era o dia livre de Adela e eu a substituí, aproveitando para ler o livro.

“Quando ela regressou, eu lhe deixei o livro e voltei dois dias depois.

“Então, ela comentou que havia reconhecido nas fotos a pessoa de seu sonho, ou visão.”

“– Tem certeza? – perguntei.

“E ela foi apontando, uma por uma, as fotos em que meu sobrinho Julio aparecia.”

Fiquei assombrado...

– Ela o viu em vida?

– Nunca. Desde que Adela se responsabilizou por tomar conta da minha mãe, em 2005, meu sobrinho jamais pisou na casa dela; tampouco há fotografias dele ali. Melhor dito, há duas: uma em que ele tem alguns meses de idade e outra com dois ou três anos. Era impossível que ela pudesse reconhecê-lo.

– E o que você tem a me dizer sobre a mala?

– Eu perguntei, mas ninguém soube me explicar. Meu sobrinho não usava mala.

Evaristo recordou outro detalhe importante:

– Uns dias antes do acontecimento, minha mãe estava com um resfriado muito forte. A tosse provocou catarro, mas ela não conseguia expeli-lo. Não tinha forças. Tinha que estar muito atento a ela... Pois bem, na manhã seguinte ao dito “acontecimento”, minha mãe se encontrava em perfeito estado. O muco desapareceu. Quem a curou? Foi Julio?

“ESTOU VIVO”

E volto para a magia dos sonhos...

No dia 5 de dezembro de 2012, fomos convidados para almoçar na casa de Sophía e Juan Ribot, na cidade de Miami, Flórida. Sophía é uma eminente física e matemática.



Aurora. (Cortesia da família.)

Conversamos sobre muitos temas. Um deles me fascinou.

Sophía falou sobre sua amiga Aurora G. Cruz, cantora de ópera. Atualmente ela mora em Cliffside Park, em Nova Jersey, Estados Unidos.

Aurora tinha dois irmãos. Ambos viviam em Cuba.

Um, chamado Godo, faleceu em 1950.

O outro – Nené – vivia no lado oriental da ilha, na cidade de Santiago. Era afortunado. Tinha dinheiro, casa própria e uma família. Aurora e Nené viam-se com frequência.

Em 1996, Aurora teve um sonho.

Sophía seguiu com seu relato:



Aurora e seu irmão Nené, pouco antes de morrer. (Cortesia da família.)

Godo se apresentou a ela e disse-lhe:

– Aurorita, estou vivo e muito bem... Mas, veja, Nené está enfermo, muito enfermo... Está ferido de morte... Morrerá logo.

Isso aconteceu no inverno.

Ela não entendeu o significado do sonho e me telefonou, alarmada...

Eu a escutei...

Gloria dizia:

– Isso é um disparate... Quem está morto é Godo, não Nené...

E até tinha certa razão, mas não no principal...

Nené estava vivo. Tinha 70 anos. Seu irmão, Godo, em contrapartida, estava morto fazia 46 anos...

E Aurora repetia:

– Isso é um disparate...

Refleti e disse-lhe:

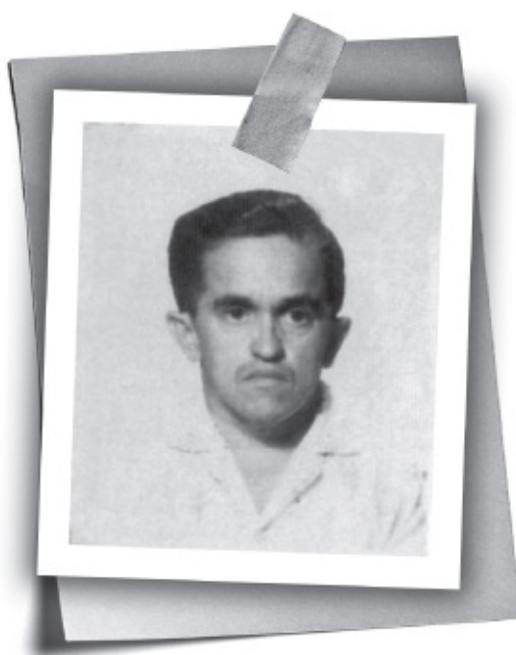
– Não, seu irmão Godo a está avisando... Você deve viajar a Cuba o quanto antes... Nené está muito enfermo e precisa de você...

Mas Aurora não aceitava...

– Nené – dizia – está bem.

E, nesse meio-tempo, recebeu um telefonema de Cuba...

Era sua cunhada. E disse-lhe:



Godó. (Cortesia da família.)



Sophía. (Foto: Blanca.)

– Sinto-me muito triste em dizer-lhe isto... Nós ocultamos de você para que não sofresse, mas chegou o momento de dizer-lhe... Nené está com câncer... Está muito mal...

Aurora ficou desconcertada...

E viajou a Santiago, para ajudá-lo no que podia...

Um dia antes de falecer, Nené exclamou, movendo a cabeça:

– Meu Deus!... Meu Deus!...

Devo esclarecer que Nené era um cético renitente...

Nesse momento, Aurora viu um fio de fumaça branca que saía pelos pés de Nené. Então soube que não lhe restava mais muito tempo de vida...

Ele morreu no dia seguinte...

Ao estabelecer contato com Aurora, em Nova Jersey, a mulher ratificou o que Sophía relatou.

De novo, a “pérola” no sonho...



NA SACADA E DE CUECA

Em uma das minhas viagens ao Panamá (maio de 1997), encontrei-me com Álvaro Marcos Menéndez Franco, escritor e filósofo panamenho.^[1]

Conversamos muito, e – não sei por quê – ele narrou duas experiências com “ressuscitados”, cada uma mais singular do que a outra.

Eis aqui a primeira:

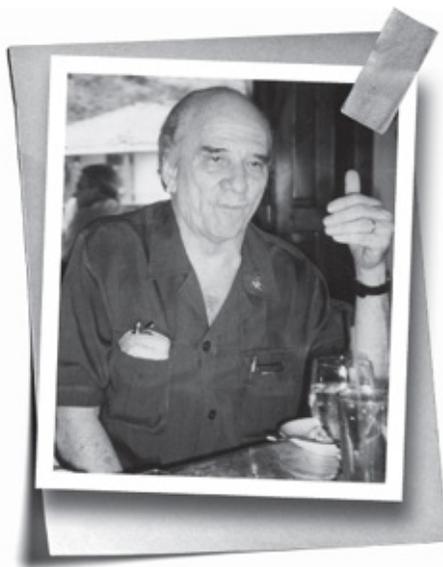
Durante a greve dos motoristas de transportes públicos no ano de 1965, eu me vi obrigado a caminhar desde o Distrito de Río Abajo, na Cidade do Panamá, até San Francisco de la Caleta...

Para chegar até a Rua 92 (antiga Rua 70), atravessei La Carrasquilla a pé...

Pois bem, ao passar pela rua transversal anterior ao lugar onde havia funcionado o Departamento de Aquecidos e Esgotos, olhei para a sacada do primeiro andar de uma velha casa de madeira, pintada de verde com fundo branco...

Que surpresa!

Inclinado sobre a sacada e olhando-me fixamente encontrava-se um político, marido da minha tia materna Elva Ticiola Franco...



Álvaro Marcos Menéndez foi diplomata antes da invasão do Panamá. (Foto: Blanca.)

Era o bacharel Carlos Alvarado Alemán, falecido em outubro do ano anterior (1964)!...

Alvarado foi um advogado que se destacou nos assuntos de educação...

Foi casado com minha tia por 35 anos...

Eu vivi com eles no interior do país entre 1946 e 1948...

E o conhecia muito bem...

Ele estava sem roupa, somente de cueca. O que chamamos aqui de “flanela branca”...

Estava com óculos – parecidos com os óculos de Gandhi – sobre a ponta do nariz e, como eu lhe disse

antes, olhava-me atentamente...

Senti os pelos do meu corpo se arrepiarem e continuei caminhando...

Na realidade, corri até o perder de vista na Via Belisario Porras...

Não tenho a menor dúvida: era ele!...

Dias depois, comentei o que houve com a viúva...

Elva me olhou fixamente e manifestou:

– Em 1936, meu marido Carlos trabalhava no comando da Polícia Nacional, aqui no Panamá, e uma noite, nessa casa onde você disse que o viu, enfrentou uns malfeitores... Meu marido acabou ferido na cabeça...

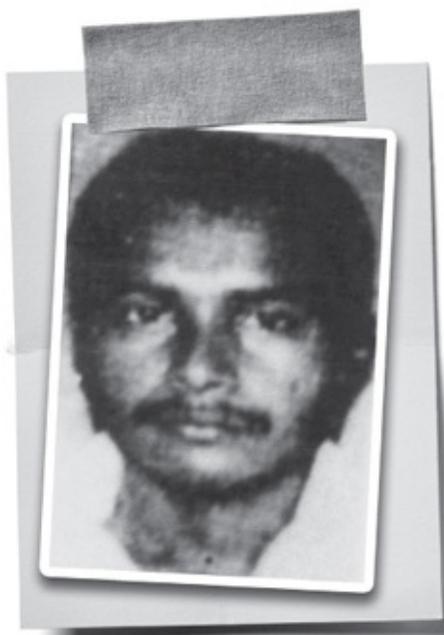
A segunda vivência de Álvaro registrou-se anos mais tarde. Tampouco ele a esquecerá...

Aconteceu em 1970...

Nessa data, entrou em vigor uma anistia política no Panamá, e eu pude sair da prisão...

Certo dia, decidi pegar um pequeno ônibus, dos que faziam a rota da Praça 5 de Mayo até Balboa...

Minha intenção era ir até o popular café dos políticos, o Coca-Cola...



Teodoro Palacios, morto na cadeia de Coiba, no Pacífico, a trinta horas do Panamá. (Cortesia da família.)

E, ao me dispor a subir no ônibus, dei de cara, descendo do veículo, com um velho e excelente amigo...

Era Teodoro Palacios, líder sindical e nativo de Colón...

Teodoro foi um dos líderes da Marcha del Hambre y la Desesperación...^[2]

Fomos presos pelas autoridades do Panamá em 1963, quando ambos regressávamos de Havana...

Esse acontecimento nos uniu muito. Éramos bons amigos...

Eu afavelmente o cumprimentei. Fazia muitos anos que não o via...

Quis abraçá-lo, mas ele se esquivou...

E me olhou com um olhar estranho, como se eu lhe fizesse recordar alguém que ele odiava...

E desapareceu...

Entrei no ônibus, seriamente preocupado...

O que eu havia feito a ele?

Dias depois, fui conversar com um sacerdote, amigo meu, e contei-lhe o que houve no ônibus...

O homem me olhou com incredulidade e expressou:

– Não é possível... Palacios morreu em junho na Colônia Penal da Ilha de Coiba... Eles o penduraram de cabeça para baixo e o golpearam com um taco de beisebol...

Estávamos em outubro... Ele morrera em junho!... Como pude vê-lo descendo do ônibus?...

Teodoro vestia *guayabera* azul-clara e calça comprida escura. Não me lembro de ter visto seus pés...



BANANAS MADURAS FRITAS

Norma Alonso Padrón tinha nove anos quando vivenciou o acontecimento que me contou. Agora tem 63 anos, e continua se lembrando dele com perfeição.

Isto foi o que ela me contou:

– Aconteceu em Cuba, na localidade de Camagüey...

“Naquele ano (1958) saímos de férias e fomos para um pequeno povoado de Matanzas. Chama-se Pedro Betancourt. Era costume. Minha irmã Lina e eu passávamos o verão ali, de julho a setembro...

“Lina ficava na casa da vovó e eu ficava alojada na casa da minha madrinha...

“Pois bem, em frente à casa da madrinha, na Rua Colón, vivia uma senhora já bem mais velha, de uns setenta anos, a que chamávamos de Mamita. Seu sobrenome era Echezabal...

“Mamita tinha três filhos, mas já eram mais velhos que nós...

“E acabou criando laços de afeto comigo...

“Tratava-me como uma filha...

“Eu passava por sua casa constantemente, ou ela vinha à minha e me presenteava com uma das minhas sobremesas favoritas: bananas maduras fritas...

“Eu lhe falava sobre os garotos de que gostava e ela ria...

“Ao acabar o período de férias, regressamos para Camagüey...

“Três meses depois, em dezembro, não me lembro exatamente da data, aconteceu ‘aquilo’...”

“Morávamos na Rua San Rafael, no número 648...

“Uma noite, por volta das 9h, de repente acordei...

“Minha irmã Lina dormia comigo...

“Comecei a chorar, mas não sabia por quê...

“Lina dormia profundamente...

“Tudo estava escuro...

“E, muito assustada, fui para o quarto dos meus pais...

“Não estavam...

“Então corri para a porta da rua e comecei a gritar...

“Vi chegar Otilio Rodríguez, compadre dos meus pais, que me perguntou o que estava havendo...

“Expliquei que me encontrava só, e então ele tentou me consolar...

“Otilio disse que meus pais tinham ido para a casa de Elda, uma vizinha, porque ela não estava se sentindo bem.

“Meus pais e Elda preparavam os presentes de Reis...

“Estávamos nisso quando algo – não sei explicar – me obrigou a olhar para trás, no interior da casa...

“Então eu a vi...

“Era Mamita, a das bananas!...

“Estava ali, coisa de 3 metros de onde eu estava, com sua roupa de sempre...”

Eu a interrompi:

– Que roupa?

– Usava um vestido branco que ia até abaixo dos joelhos, de manga curta. Estava com seu cinto de costume...

– Você viu seus pés?

– Sim. Calçava seus sapatinhos de velha...

E Norma continuou o relato:

– Tinha luz ao seu redor...

“Sorria...

“Levantou a mão direita e me cumprimentou...

“Bem, foi isso o que eu pensei naquele momento...

Voltei a interrompê-la:

– Como era essa luz?

– Branca...

Norma hesitou.

– Eu diria que em Mamita tudo era luz. Resplandecia, mas era possível ver as suas feições.



Norma Alonso Padrón. (Foto: Blanca.)

Insisti no assunto da luz. E Norma pormenorizou:

– A luz sobressaía do corpo como que a meio metro.

– Partia do próprio corpo?

– Isso mesmo.

– A luz se projetava meio metro?

– Correto.

– E qual era a sua aparência?

– A de sempre: magra e com um coque. Era uma pessoa muito humilde... Seu sorriso era diferente...

– Por quê?

Norma não soube explicar. Limitou-se a dizer:

– Era um sorriso espetacular...

Eu a deixei continuar.

– Mamita estava no ar. A cerca de 30 centímetros do chão...

– Tem certeza disso?

– Absoluta.

Lembrei-me do caso de Medina, o guarda-civil. Seu falecido avô também flutuava. Como era possível semelhante coincidência? Medina não conhece Norma nem Norma conhece Medina...

– A luz cintilava...

– A casa continuava escura?

– Totalmente.

– Você poderia dizer que era um corpo com volume?

– Sim.

E Norma prosseguiu:

– Ao vê-la, comentei com Otilio: “Veja, a Mamita está ali!...”

“Mas ele não a via. Olhava para todos os lados e perguntava:

“Onde?...”

“Eu, então, caminhei em direção a ela...”

“Mas eu nunca a alcançava...”

“Mamita retrocedia...”

“E foi se afastando, em direção à cozinha...”

“Continuava com a mão direita erguida, cumprimentando...”

“Então desapareceu...”

– Ela caminhava?

– Não sei, eu só a via deslizar para trás.

– Por quanto tempo você pôde vê-la?

– Segundos. Quando muito, um minuto.

– E o que houve depois?

– Nessa noite, nada. Despedi-me de Otilio, disse-lhe que já não tinha mais medo e fui para a cama.

– Mais alguém viu Mamita?

– Ninguém, que eu saiba. Minha irmã não despertou.

Norma continuou a narração:

– No outro dia, por volta das 16h, Lina e eu voltávamos do colégio...

“Regressávamos a pé...”

“E ao chegar perto de casa vimos mamãe lavando...”

“Nos aproximamos para cumprimentá-la e mamãe enfiou a mão em um dos bolsos do avental...”

“Tirou um papel azul...”

“Era um telegrama...”

“E disse:

“– Veja, leia isto...”

“– O que foi? – repliquei. – Mamita morreu?”

“Minha mãe me olhou, desconcertada. E perguntou:

“– Como você sabe?”

“Respondi:

“– Porque ontem à noite ela veio se despedir de mim...”

“Depois li o telegrama. Dizia: ‘Mamita morreu’. E mencionava a hora, a mesma em que eu a havia visto...”

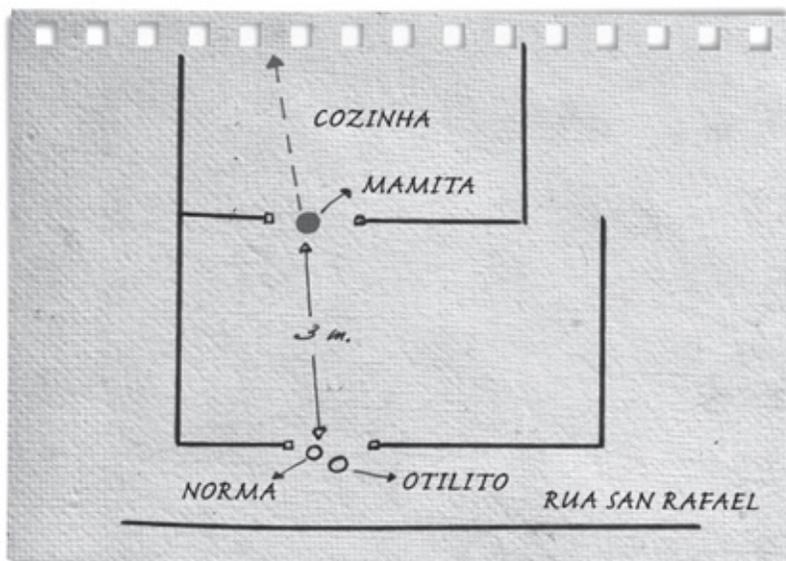
“Quem enviava o telegrama era Cari, uma das filhas de Mamita...”

“Fiquei triste, mas ao mesmo tempo senti paz...”

“Mamita está viva...”

Fui consultar o mapa de Cuba.

De Pedro Betancourt, perto de Matanzas, a Camagüey, onde teve lugar o ocorrido, a distância é de mais de 600 quilômetros (em linha reta).



Aparição de Mamita na casa de Camagüey. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Fiquei novamente maravilhado...

Contudo, a experiência de Norma não terminou aí.

Em 1978, quando morava em Miami, vinte anos depois, aconteceu algo igualmente inexplicável (para a razão).

– Eu me encontrava no hospital, trabalhando. Preparávamos uns eletros...

“Elena Montano, uma mulher muito especial, estava comigo...

“E, de repente, minha companheira fez um comentário:

“– Ai! Que cheiro de banana madura frita!...

“Eu não sentia o cheiro de nada...

“Nós nos encontrávamos no primeiro andar. A cozinha ficava no nono andar. Não podia ser. Nos hospitais norte-americanos, além disso, não se faz comida latina...

“Passaram-se alguns minutos e Elena perguntou:

“– Quem é Mamita?...

“Fiquei dura...

“Não disse nada e ela a descreveu:

“– É uma mulher alta, magra, vestida de branco, com meias e sapatos de senhora...

“Eu estava desconcertada...

“E continuou:

“– Tem o cabelo para trás, em um coque...

“Era Mamita! Ela estava descrevendo Mamita...

“E Elena disse:

“– Está ao seu lado... Disse-me que ela sempre está com você.”

Meses depois da conversa com Norma, em Miami, pude entrar em contato com Elena Montano.

É psicóloga.

Vive no Tennessee, nos Estados Unidos.

Perguntei-lhe sobre o caso “Mamita” e ela confirmou o que Norma havia exposto, acrescentando o seguinte:

– Eu tinha visto a senhora uma semana antes do ocorrido no hospital... Perambulava pela minha casa... Minha mãe também a viu, mas, assustada, cobriu-se com o lençol... A senhora vestia roupa branca... Ficava em pé, no meu dormitório, contemplando-me... Até que um dia eu me cansei... Sentei-

me na cama e perguntei-lhe: “O que a senhora quer?”... E ela respondeu: “Sou Mamita. Conheço Norma e quero que diga a ela que reze por mim e ponha flores brancas de que eu tanto gosto”... E desapareceu... O restante, o senhor já sabe.

– Você disse que a via em sua casa?

– Sim, pelo menos durante uma semana...

– Mas, como pode ser? Mamita estava morta...

– Tenho essa faculdade – respondeu Elena. – Vejo coisas que os demais não veem...

Elena, de fato, pelo que pude averiguar, é uma pessoa muito especial.

– Mamita falou com sua mãe?

– Sim, e disse-lhe o mesmo sobre as flores...

– Você disse que, quando trabalhava com Norma no hospital, sentiu cheiro de banana madura frita...

– Verdade. E Mamita estava ali, ao lado de Norma.

– Como estava vestida?

– Da mesma forma que eu a vi em casa: roupa branca, com o cabelo para trás, preso em um coque. Foi

então que Norma me contou a história. Eu não sabia de nada do que acontecera em Cuba...

Em relação às flores brancas, Norma esclareceu o mistério: Mamita tinha o hábito de enfeitar a mesa da sua casa com um jarro cheio de flores. Fazia isso semanalmente.



A ROUPA EMITIA LUZ

Eu a chamarei de Odalis...

É uma mulher austera, de poucas palavras.

Um dia, nos Estados Unidos, contou-me a seguinte experiência:

Eu vivia na época em North Planfield, em Nova Jersey...

Estava divorciada...

E, na madrugada do dia 23 de outubro de 2009, aconteceu algo maravilhoso...

Dormia placidamente...

Eu sempre durmo muito bem, sem despertar para nada...

E por volta das 5h da madrugada eu o vi...

Era meu ex-sogra...

Estava sentado na beira da cama, do lado direito...

“Mas, como pode ser?”, disse a mim mesma. Silvio Morales, meu ex-sogra e a quem eu chamava de “tio”, encontrava-se nessa época na cidade de Miami, a muitos quilômetros dali...

Ele estava vestido com roupa branca...

Era uma espécie de túnica com capuz...

Suas mãos apareciam no colo...

Olhava-me com um sorriso muito doce...

Havia muita paz nele...

– Olá! – disse-me.

Eu estava com os olhos semicerrados. E sabia que, se abrisse os olhos e falasse, ele desapareceria. E eu não queria que ele partisse...

Fazia seis meses que eu não o via...



Odalis. (Foto: Blanca.)

Seus familiares o haviam internado por causa de um câncer, lá em Miami...

Eu, até então, o visitava quase diariamente. Nós nos dávamos muito bem. Nós nos conhecíamos desde que eu era criança...

Ele já havia sido hospitalizado quatro ou cinco vezes, contudo sempre se recuperava...

Naquela noite, tinha um halo de luz ao seu redor...

Era físico! Tinha um corpo material! Ou foi isso que me pareceu. Estava a meio metro de mim. Eu poderia tocá-lo, mas me contive...

E, depois de um ou dois minutos, desapareceu...

Posso jurar que não foi um sonho. Eu não costumo recordar os sonhos depois de acordar...

Voltei a dormir e, ao acordar, me senti muito bem. Foi um doce despertar...

E por volta das 7h da manhã contei o que ocorreu para minha companheira de casa. Ela dormia no terceiro andar, e eu no sótão...

E me lembro de que lhe disse: “Assim que eu puder, viajarei a Miami para visitá-lo”...

Pois bem, ao meio-dia, a filha de Silvio me telefonou. O “tio” tinha morrido naquela manhã...

Deixei que Odalis falasse, e posteriormente a interroguei:

– Fale-me da luz que ele emitia...

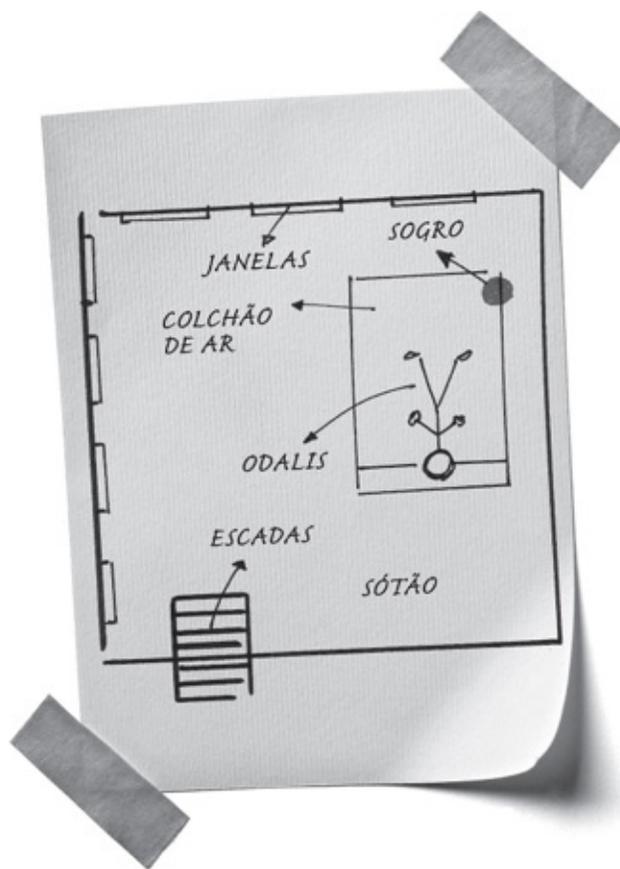
– Era tênue, porém suficiente para vê-lo. O quarto em que eu dormia se encontrava no sótão, e ainda não tinha amanhecido. Tudo ainda estava escuro.

– Você disse que ele usava um capuz...

– Um capuz que cobria a sua cabeça, mas eu podia ver seu rosto e parte do cabelo.

– Usava óculos?

– Sim, mas nesse momento não estava usando. Isso me chamou a atenção.



Caso Odalis. Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Ele disse algo mais?

– Não, mas eu interpretei seu maravilhoso sorriso como se dissesse que estava tudo bem e que ele se alegrava em poder voltar a me ver.

– Como era a túnica que ele usava?

– Tinha mangas longas. A roupa parecia emitir luz.

– E qual foi a sensação que você teve?

– De vida. Estava vivo. E interpretei como se ele tivesse dito: “Estou bem”.

– Vamos voltar à roupa. Parecia bem passada?

Odalis olhou-me, perplexa. Puxou pela memória e replicou:

– Sim, estava muito bem passada. Tanto a túnica como o capuz.

– Você observou se ele respirava?

– Francamente, não prestei atenção nisso. Não sei dizer...

– Quanto tempo ele deve ter ficado sentado na beira da cama?

– Tampouco poderia dizer. Pode ser que bastante. Eu o vi ao entreabrir os olhos, mas provavelmente já deveria estar ali por algum tempo.

– Sentiu o peso do corpo na cama?

– Não. E isso é igualmente estranho...

– Por quê?

– O colchão era de ar. Teria que ter percebido o peso. É lógico que deixaria alguma marca. E não foi isso que aconteceu.

– Qual era o aspecto físico dele?

– O de sempre, mas cheio de vida...



UMA CRUZ NO PEITO

E, de novo, o fenômeno da luz...

Os corpos radiantes!

O presente caso me foi relatado por Jesús Antonio Pano Dorado.

Ele vive em Madri.

Meu irmão Juan Carlos (Aco) e eu, dormíamos no mesmo quarto, em duas camas separadas por uma mesinha... Em frente às camas está um armário...

A conversa foi testemunhada por María Teresa, mãe de Jesús Antonio e Juan Carlos, seu irmão...

Nosso pai havia falecido no dia 10 de setembro de 2010... Tinha 77 anos de idade...

Pois bem, depois de dois ou três dias da sua morte, eu o vi...

Aconteceu na metade da noite...

Deveriam ser entre 2h e 3h...

Não sei dizer se eu estava acordado ou dormindo. Não me lembro...

O caso é que ouvi uma voz...

Mais do que uma voz, um sussurro...

E escutei meu nome: "Nono!... Nono!" ...

Era dessa maneira que me chamavam em casa...

Isso foi repetido várias vezes, como se alguém quisesse me acordar...

Quando abri os olhos (insisto: não sei se foi um sonho ou realidade), vi uma pessoa de pé, ao lado da cama do meu irmão. Exatamente aos pés da cama...



Jesús Antonio, pai de Nono e de Aco. (Cortesia da família.)

Eu estava com a cabeça reta e tive que incliná-la ligeiramente para a direita...

Era o meu pai! Era ele!...

Vestia uma túnica de pano, bem branca, com uma cruz no tórax em relevo...

A cruz abarcava todo o peito e se perdia na parte inferior...

Embora tivesse volume corporal, tudo nele era luz, uma luz muito branca, semelhante ao que uma lanterna de LED emite, porém com uma diferença muito importante: não incomodava a vista...

Curiosamente, não senti medo...

Era ele, com o aspecto de uma pessoa mais velha!...

As partes visíveis do corpo (cabeça e mãos) – já que o restante estava oculto pela túnica – eram transparentes, mas com essa luz branca e maravilhosa em seu interior...

Não é fácil descrever...

A túnica também, de um branco imaculado, resplandecia em consequência da luz que nascia de seu interior...

Insisto: toda a luz emanava dele...

Estava de pé, como eu lhe dizia, com os braços ligeiramente estendidos e as palmas das mãos abertas, voltadas para cima...

Pude observá-lo durante alguns instantes...

Não disse nada...

Aí se conclui a visão...

Não me lembro de mais nada. Não o vi partir...

Quando eu sonhei posteriormente com ele, o sonho foi diferente e sujeito aos cânones habituais dos sonhos. Nada a ver com o que “vi” naquela noite...



Jesús Antonio Pano (Nono). (Foto: Blanca.)

Nono se dispôs, gentilmente, a responder a todas as minhas perguntas.

Comecei pelo assunto da voz.

– Era a voz de seu pai?

– Foi um sussurro, mas o timbre não tinha nada a ver com a voz do meu pai.

Nono tentou recordar e acabou movendo a cabeça negativamente, ao mesmo tempo que declarava:

– Não posso assegurar que fosse a voz do meu pai em vida, mas era ele...

– Por que você tem tanta certeza?

– Porque reconheci seus traços. Era ele! Apresentava a mesma aparência de quando morreu.

– Fale-me da cruz que você viu no seu peito...

– Parecia em relevo, como se fosse bordada. Abarcava todo o tórax e se perdia na parte de baixo...

– Você viu os pés dele?

– A cama do meu irmão impedia.

– A cruz era de que cor?

– Também branca, de uns 6 ou 8 centímetros de largura.

– Usava capuz e cinto?

– Não.

– Ele olhou para você em algum momento?

– Não. Manteve o olhar fixo em meu irmão.

– Como estava o seu semblante?

– Sério, como se estivesse preocupado.

– Você disse que ele estava com as mãos abertas...

– Verdade.

– A que distância estava de você?

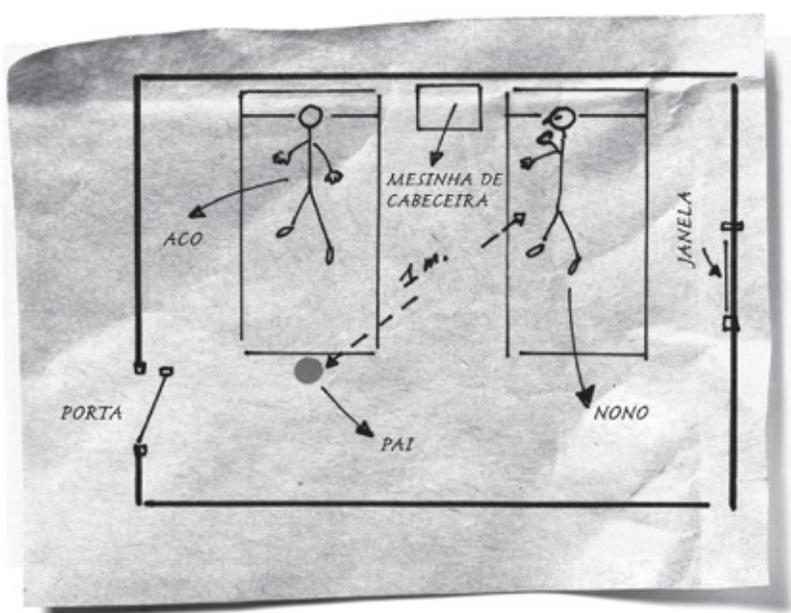
– Um metro, aproximadamente.

– Isso quer dizer que você o contemplou com clareza...

– Totalmente nítido.

– Você observou se ele apresentava as linhas típicas das palmas das mãos?

Nono puxou pela memória.



Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Não havia linhas nas mãos, mas era possível distinguir seus dedos com perfeição. Insisto: tudo era luz.

– Fale-me da luz que brotava do seu interior...

– Não é fácil explicar. O corpo tinha volume, mas eu diria que não era matéria, pelo menos como conhecemos.

Nono se deteve por alguns instantes, tentando encontrar as palavras exatas. Não sei se conseguiu.

– Tudo era luz – arrematou. – A cor da pele, por exemplo, não existia.

– Você poderia dizer que se tratava de um holograma?

– Poderia ser...

– Você se lembra se a luz se irradiava fora do perímetro do corpo?

– Não ia muito além da superfície, com exceção da região da nuca. Aí havia mais luz.

– Você observou se ele usava joias ou alianças?

– Não usava nada.

– O curioso – interveio Juan Carlos – é que o enterramos com duas alianças: a de casamento e a do aniversário de cinquenta anos de casado.

María Teresa, a mãe, também usava as duas alianças de ouro. E mostrou-me, feliz.

– Quanto durou a visão?

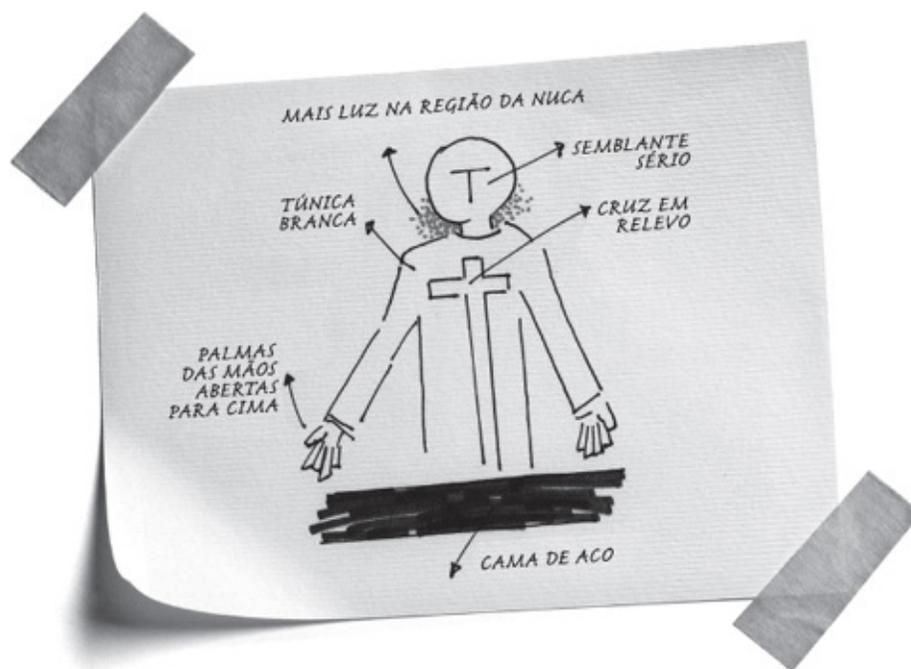
– Ao redor de cinco segundos.

– Você tem ideia de como ele desapareceu?

– Sinceramente, desconheço. Talvez eu estivesse acordado, e acabei dormindo. Não sei...

E Nono assinalou outro feito inexplicável:

– Sou uma pessoa extrovertida e sempre conto em casa o que acontece comigo ao longo do dia. Pois bem, o evento sobre a presença do meu pai não foi comentado com ninguém. Eu recordava, mas era como se alguém ou algo me obrigasse a manter silêncio. Até que um dia, ao ver minha mãe entristecida por causa da ausência do meu pai, decidi contar a experiência. E disse-lhe que não se preocupasse, ele estava bem. Eu o havia visto.



Todo o “corpo” era luz. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Duas ou três semanas depois da visão, ambos os irmãos tiveram uma experiência comum. É Juan Carlos quem passa a relatar:

– Numa manhã, logo depois da experiência que Jesús Antonio acaba de relatar que viveu, ocorreu outro fato extraordinário para o qual não temos encontrado uma explicação lógica.

“Nós havíamos nos levantado para ir trabalhar. Era um dia normal, como tantos outros...”

“Sempre, quando já estávamos arrumados e prontos para sair, tínhamos por costume revisar minuciosamente a casa. E assim fizemos.

“Pois bem, quando nos encontrávamos na sala, prontos para partir, escutamos algo que nos fez retroceder. Caminhamos até o corredor que faz a ligação com os quartos.

“Havíamos escutado: eram passos...”

“Os passos do meu pai! Eram inconfundíveis!

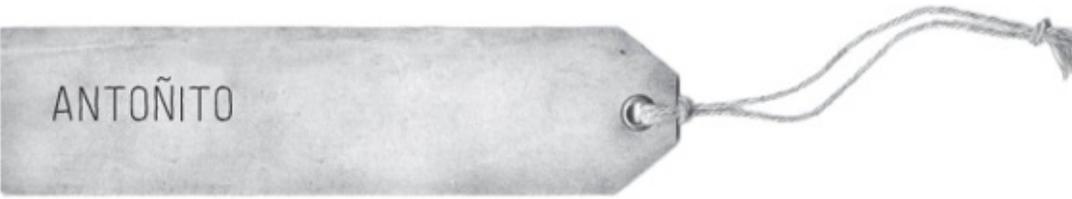
“Estávamos habituados com eles. Eram os passos do meu pai quando ele se levantava para ir ao banheiro.

“Pensamos que podia ser a nossa mãe. Não, não era...”

“Ela estava em seu quarto, dormindo.”

Ao perguntar sobre a experiência que tiveram, os irmãos Pano Dorado coincidiram:

– Nosso pai vive e é feliz.



ANTOÑITO

Em 1944, Mo tinha quatro anos.

Não estou autorizado a revelar sua identidade. É um homem muito popular em Sevilha, Espanha.

Ele se lembra de Antoñito.

Foi sua mãe – a quem chamarei de Luisa Barrado – quem lhe contou a singular experiência.

Conheci Mo em agosto de 1983 na localidade de Conil, em Cádiz, Espanha. Ali ele me contou o que acontecera em 1944, pela primeira vez. Meu saudoso amigo, hoje falecido, me acompanhava: Rafael Vite, do município de Vejer, em Cádiz. Três anos depois, em 1986, voltamos a nos encontrar, e ele relatou a experiência pela segunda vez. Não observei nenhuma contradição.

Finalmente, em setembro de 2012, eu o visitei novamente. Dessa vez foi em sua casa, na cidade de Sevilha. Sua mulher estava presente.

Essa terceira narração foi idêntica às anteriores.

Não havia dúvida.

O caso era autêntico.

Em síntese, isto foi o que ocorreu:

Morávamos na Rua María de Pineda, 14, em Sevilha...

Eram tempos de extrema pobreza...

Antoñito era um homem já com idade avançada...

Mo sorriu e explicou:

Ele tinha quarenta e poucos anos, mas para mim, que estava com quatro, parecia ser muito mais velho...

Vinha em casa e ajudava. Por vezes pintava...

Minha família lhe tinha grande estima...

Minha mãe me disse que o homem estava com alguma enfermidade no peito...

Um dia ele apareceu em casa e pediu para minha mãe uma roupa usada. Minha mãe lhe deu uma...

Ao que parece, ele precisava dela para dar entrada no hospital...

E ficou dois ou três dias sem aparecer...

Minha família se inteirou depois do que havia acontecido...

Antoñito tinha ingressado no que então se conhecia como o Hospital do Sangue, hoje inexistente...

Uma noite, já de madrugada, minha mãe o viu no quarto...

Meu pai não acordou...

Antoñito vestia a roupa que minha mãe havia lhe dado...

Ela me disse que o seu corpo estava iluminado...

Ele lhe agradeceu pela roupa e despediu-se...

No dia seguinte, por volta das 9h da manhã, bateram à porta e deram a notícia: Antoñito falecera nessa mesma madrugada, mais ou menos às 3h...

Foi a hora em que ele se apresentou no quarto de meus pais...

Perguntei a Mo sobre a luminosidade que Antõito emitia. Ele disse o que lhe contaram:

Mostrava a metade superior do corpo com luz...

O restante não era visível...

Lamentavelmente, Luisa, a mãe de Mo, faleceu em julho de 1970. Não tive a oportunidade de entrevistá-la e aprofundar o caso.

Entretanto, Mo teve outras experiências...

Uma delas o marcaria para o resto de sua vida.

Ele me contou sobre esta quando eu o conheci, no verão de 1983. Vite foi testemunha.

Nesse mesmo ano de 1983, Mo teve um sonho que não soube explicar:

Vi uma árvore, relatou. E na árvore, nos ramos, lá em cima, estavam meus filhos...

Não sei o que faziam ali...

Um deles, de repente, caiu...

Ria ao cair...

Estava vestido de uma forma estranha...

Nesse momento do sonho, pensei que ele estivesse vestido como soldado, mas não...

Pensei muito sobre isso, mas não encontrava uma explicação...

Talvez, nem tivesse...

Mo enganou-se.

Nos sonhos sempre há uma “pérola”...

Durante um tempo, pensei que o sonho fizesse referência a minha árvore genealógica...

Mas não me pareceu ter sentido.

Três anos mais tarde, em agosto de 1986, um dos filhos de Mo perdeu a vida quando praticava mergulho nas águas de Trafalgar, em Cádiz.

Da terceira experiência – não menos insólita – eu me ocuparei mais adiante.

SUSPENSÓRIOS
DE COR VINHO

Pode ser que eu esteja equivocado. Não sei...

No tema dos “ressuscitados”, os testemunhos dos médicos sempre me pareceram especialmente atrativos. Vejamos um que me impactou:

José Aldrich é um reconhecido reumatologista.

Vive nos Estados Unidos.

Mantive várias conversas com ele.

Eis aqui uma síntese de sua vivência, que foi muito especial:

– Meu pai – relatou José – chamava-se José Joaquín Aldrich Fábregas. Era médico também...

“Faleceu no dia 6 de setembro de 1998, às 5h30...”

“Eu estava com ele...”

“A causa da morte foi uma arritmia cardíaca...”

“Nesse dia, mais ou menos por volta do meio-dia, quando acompanhávamos minha mãe até sua casa, meu pai se apresentou...”

“Minha mãe se sentiu cansada e decidiu sentar-se em um banco...”

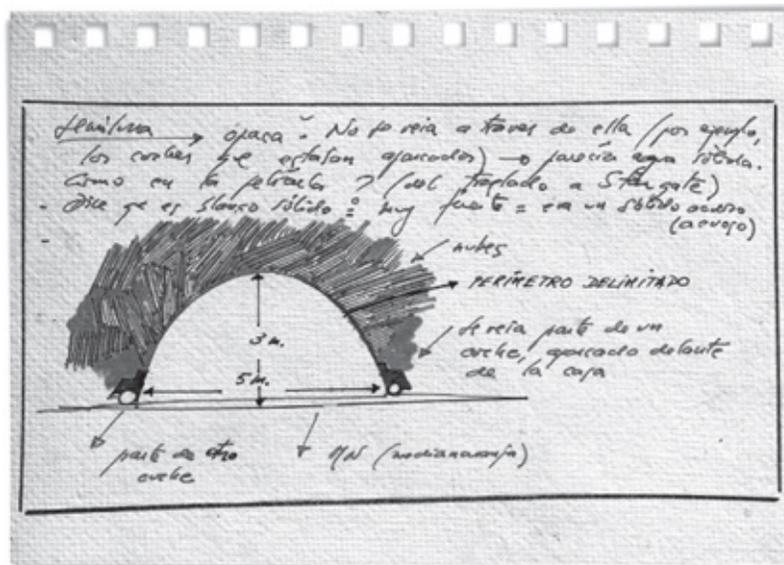
“Nós nos encontrávamos em um corredor envidraçado...”

“Então, na rua, eu vi uma grande luminosidade...”

“Era uma espécie de meia laranja de cor branca, muito intensa...”

“Estava no chão...”

“Deveria medir 4 ou 5 metros de diâmetro e 3 de altura...”



Caderno de campo de J. J. Benítez.

“Aquilo estava muito perto do corredor...”

“E ali descobri meu pai, entre a semiesfera e os vidros do corredor...”

“Estava me olhando...

“Fiquei perplexo. Fazia sete horas que tinha morrido...

“Ele parecia feliz...

“Levantou o braço esquerdo e me lançou um beijo...

“Esfreguei os olhos, pensando que estava tendo visões. Mas não. Aquilo era real...

“Depois ele ergueu o braço direito, despedindo-se...

“Deu meia-volta e se dirigiu para a cúpula luminosa...

“E aí desapareceu...”

– Vamos por partes – interrompi. – Como era a meia laranja?

– Luminosa, de um branco forte, mas se podia olhar sem ferir os olhos.

Pedi novamente as dimensões e Aldrich repetiu o que havia dito: 4 ou 5 metros de diâmetro e outros 3 de altura, aproximadamente. O pai encontrava-se a 5 metros de José.

Eu lhe pedi que desenhasse o corredor e a posição dessa “meia-lua”, assim como a localização do pai. Como eu já disse, compreendo somente o que posso desenhar...

– Era uma cúpula (?) muito singular – acrescentou Aldrich. – Era opaca, não se via através dela. Por trás havia carros estacionados na rua, mas não era possível distingui-los.

O médico procurou algo similar para continuar a explicação.

– Parecia água sólida. Você se lembra do filme *Stargate*?

– Sim.

– Então, por isso perguntei... Era como um sólido aquoso.

– Qual foi a impressão que você teve?

– Não interpretei isso como um veículo. Para mim, mais parecia um “portal”... Uma forma de passar de um lado para o outro.



Dr. Aldrich (à esquerda) com seu pai. (Cortesia da família.)

– Você está pensando em outra dimensão?

– Sim.

– Vamos começar de novo. Seu pai havia falecido e você se encontrava na casa de sua mãe...

– Isso mesmo. Minha mãe sofria de um severo Alzheimer. Meus irmãos e eu estávamos acompanhando-a. E por volta do meio-dia ou meio-dia e meia, quando atravessamos o referido corredor envidraçado, minha mãe se sentiu cansada e optou por sentar-se em um banco.

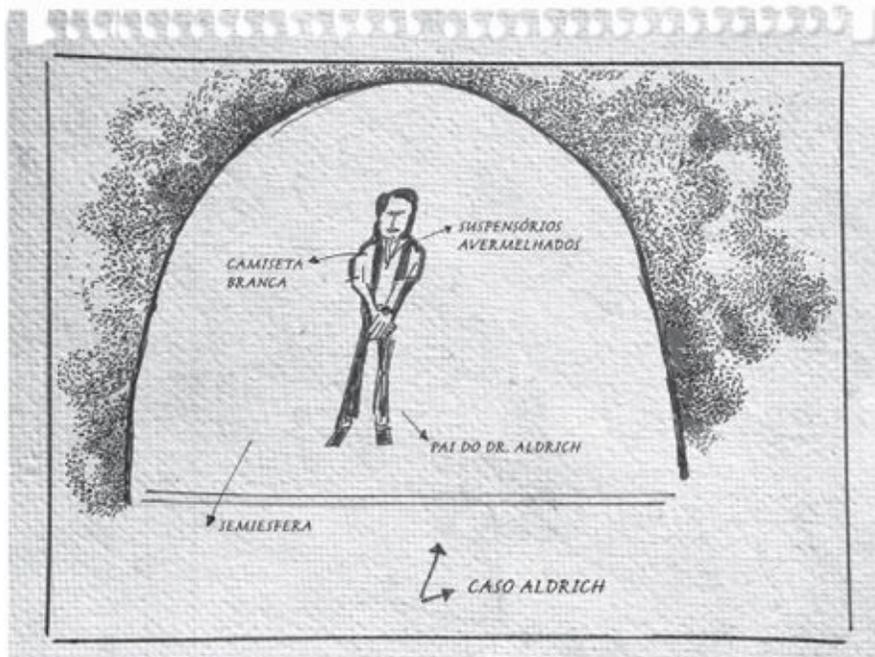
– Chovia?

– Não, mas havia nuvens altas no céu, de tempestade. Foi nesse momento, ao sentar-se, que eu vi a meia laranja. Estava muito perto de casa. E ali, entre a cúpula luminosa e o corredor, meu pai se apresentou...

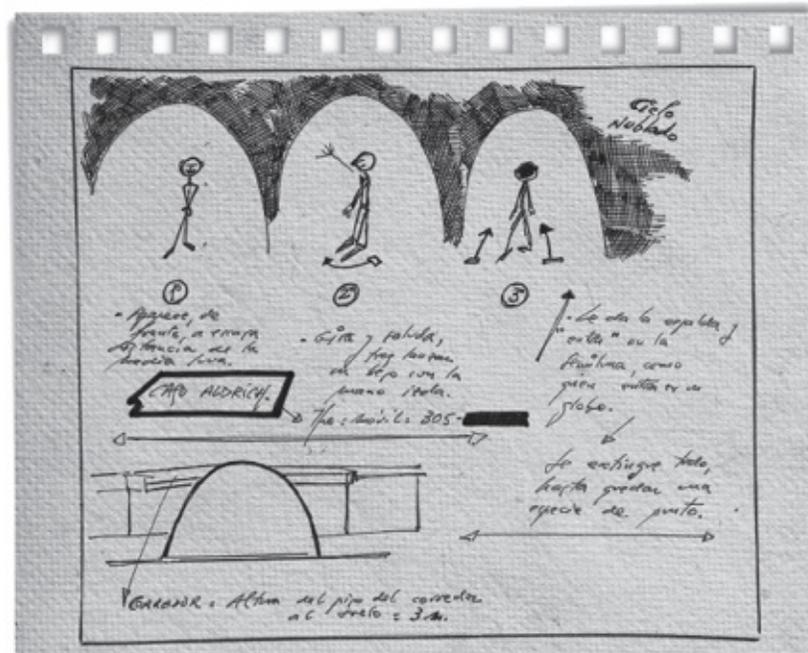
– Ele morreu às 5h30...

– Isso mesmo. Eu estava com ele. E eu o acompanhei até às 8h da manhã.

– E você me disse que seu pai estava feliz...



Caderno de campo de J. J. Benítez.



Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Mostrava um enorme sorriso, como se fosse o dia mais feliz de sua vida.

Aldrich pensou no que ia dizer e se expressou com total segurança:

– Se há algo que me deu tranquilidade foi essa sua expressão facial de felicidade. Tinha tudo: beleza, amor, paz... Sinto muito: não sei descrever.

– Em que momento você o viu pela primeira vez?

– Quando ajudava minha mãe a se sentar. Como eu disse, esfreguei os olhos. Ali estava ele, do outro lado do vidro, olhando-me. Tinha os braços caídos e a mão esquerda sobre a direita. O sorriso era maroto, como de alguém que sabe que irá me fazer uma surpresa...

– Fale-me de sua aparência.

– Aparentava uns 45 anos. Meu pai tinha 82 quando faleceu. Eu o vi em plena forma. Cabelo preto, com alguns fios brancos, bigode ligeiramente branco e os dentes, perfeitos, como os seus...

– Não entendo.

– Ao morrer, meu pai usava dentadura postiça. Não havia separação entre os dentes. Quando eu o vi, depois de morto, sim, essas separações existiam. Os dentes, portanto, eram os seus.

– Como estava vestido?

– Usava uma camiseta polo branca, de manga curta, com gola e botões. Sua calça comprida era bege, com suspensórios. Eram seus suspensórios habituais, muito chamativos: avermelhados (cor de vinho), de 4 ou 5 centímetros de largura, e faixas exteriores também cor bege.

– Ele usava suspensório aos 45 anos?

– Não. Isso foi algo que me pareceu estranho. Começou a utilizá-los aos setenta, quando começou a perder peso.

– E os sapatos?

– Pretos, do tipo mocassim, com meias brancas.

– Houve algo em sua vestimenta que lhe chamou a atenção?

– Fora os suspensórios, a camiseta polo. Ele não usava roupas que não tivessem bolsos. Ele gostava de carregar uma caneta-tinteiro... E outro detalhe: a roupa parecia estar muito bem passada. Isso não era habitual nele. Era muito descuidado.

– Você poderia dizer que, fisicamente, ele estava melhor?

– Sem nenhuma dúvida. E também mentalmente.

– Usava alguma joia?

– Não vi a corrente que costumava levar pendurada no pescoço. Tinha um pingente de uma imagem da Virgen del Carmen. Sim, notei o relógio de pulso no punho esquerdo, como sempre.

– Aliança?

– Acho que não estava com ela.

– Como era a textura da pele?

– A que corresponde à de uma pessoa com a idade de 45 anos. Aldrich lembrou-se de outro dado, algo que considerou importante:

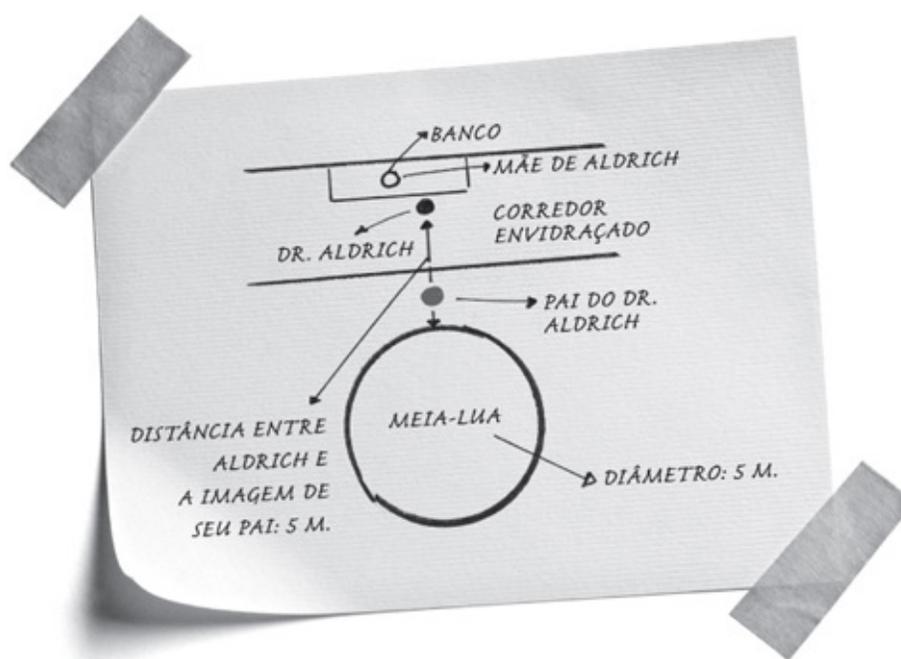
– Não havia sombras...

– Como?

– Não havia sombras. Nem dele nem da cúpula.

– E o que houve depois?

– Enquanto eu esfregava os olhos, ele girou ligeiramente para a sua direita, levantou a mão esquerda e me lançou um beijo.



Caderno de campo de J. J. Benítez

– Ele tinha o hábito de fazer isso?

– Não. Fez isso apenas uma vez: quando eu estava partindo para Cuba. Depois, como eu lhe disse, levantou o braço direito e se despediu. Deu meia-volta e caminhou em direção à meia laranja luminosa. E desapareceu.

– Seu pai entrou na cúpula luminosa?

O doutor hesitou.

– Não tenho certeza. Ao entrar (?) ele desapareceu, e a meia-lua se tornou menor ou foi atrás do meu pai. Não sei exatamente.

– Seus irmãos estavam ali. E sua mãe também. Alguém viu algo?

– Que eu saiba, não. Ninguém disse nada, nem eu. Meu irmão lembra, sim, algo que lhe chamou a atenção: a maneira como eu esfregava os olhos.

– Quanto tempo pode ter durado a visão?

– Cerca de vinte segundos.

– Você diria que seu pai continua vivo?

– Com absoluta certeza.

Duas semanas após a morte do seu pai, o Dr. Aldrich regressou à sua clínica, e aconteceu algo não menos surpreendente:

– Recebi uma paciente – resumiu o doutor. – Eu a atendi, e notei que ela, ao partir, chorava...

“Isso me deixou preocupado...”

“Na mesma tarde telefonei para ela e perguntei-lhe o que estava acontecendo...”

“A mulher explicou que, durante a consulta, tinha visto um homem ao meu lado...”

“Durante a consulta eu estava só. Ninguém me acompanhava...”

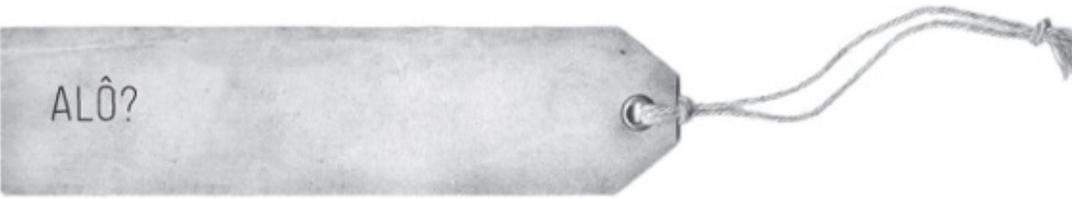
“Porém, ela insistiu...”

“Eu pedi que ela o descrevesse...”

“Descreveu meu pai, tal como eu o havia visto na casa da minha mãe...”

“Falou inclusive dos suspensórios cor de vinho...”

“O telefone quase caiu da minha mão...”



ALÔ?

Estudei sobre o assunto durante anos...

Sobretudo na década de 1980.

Podem os mortos se comunicar por telefone com os vivos?^[1]

As pesquisas de Rogo e Bayless, no século passado, me fascinaram. Fiquei tão surpreso como eles, que conseguiram reunir quatrocentos casos.

O padrão é uma chamada telefônica breve e uma conversa com alguém que está morto. Depois, ao conferir na companhia telefônica correspondente, a dita chamada não aparece nos registros.

Durante quarenta anos prestei uma especial atenção a esses casos de “ressuscitados”. As surpresas têm sido importantes...

Vou me limitar a expor algumas dessas vivências, simplesmente impossíveis.

Em dezembro de 1997, eu andava investigando óvnis (como sempre). Pois bem, de repente, alguém me falou de EA (nome fictício). Havia tido uma curiosa experiência...

Não tive tempo para ir até sua casa em Múrcia.

Isto foi o que EA declarou:

Aconteceu em março deste mesmo ano (1997)...

Meu pai faleceu em outubro de 1996...



O objeto saiu da nuvem branca (à esquerda) e entrou na negra. Entre ambas poderia haver 100 metros. As nuvens se encontravam a 500 metros de altura. Um “caça” apareceu em segundos.

Eu estava na casa da minha mãe...

Deveria ser em torno das 4h ou 5h da tarde, e me sentei na mesma cadeira em que meu pai costumava

se sentar...

Queria ver um vídeo sobre o fenômeno óvni...

Ele me fora entregue quando comprei a revista *Óvni* ...

Meu aparelho estava quebrado, e optei por ver o dito vídeo na casa da minha mãe...

Levantei-me para ligá-lo, e nisso o telefone fixo tocou...

Tirei o fone do gancho e disse:

– Alô?... Pois não...

Ninguém respondeu.

Durante alguns segundos escutei apenas silêncio. Era como um vazio...

E acabei desligando...

Não dei a menor importância, e dediquei-me a assistir ao vídeo...

Passaram-se trinta e cinco ou quarenta minutos...

Ao terminar, logo ao finalizar o documentário, o telefone voltou a tocar...

E perguntei de novo:

– Alô?...

A resposta foi a mesma: silêncio.

Desliguei e, quase imediatamente, sem saber por quê, olhei pela janela...

No céu, não muito longe, havia uma nuvem branca e algodoadada...

Logo em seguida, vi sair um objeto da dita nuvem...

Era alongado e estreito como um bumerangue...

Lentamente ele foi se aproximando de outra nuvem, muito mais escura...

Entrou nessa segunda nuvem e desapareceu...

Após o “bumerangue” se ocultar na nuvem escura, vi aparecer um avião militar, um caça...

Voou por cima da nuvem branca e acabou desaparecendo da minha vista...



José A. Melgarejo, pai de EA. (Cortesia da família.)

Fiquei ali durante algum tempo, perplexo, porém o objeto não apareceu...

Possivelmente ficou dentro da nuvem negra...

Naturalmente, o objeto em forma de bumerangue não era nada conhecido...

Simplesmente, era um óvni...

A princípio, embora surpreso, não relacionei a visão do óvni com as chamadas telefônicas...

Somente depois, ao conversar com minha mulher sobre o que acontecera, ela me fez recordar algo importante que eu tinha esquecido: meu pai e eu tínhamos um costume. Avisávamos um ao outro quando

sabíamos de algum programa de óvnis. Usávamos o telefone. Não importava se fosse no rádio, na televisão, uma notícia ou uma reportagem num jornal ou em uma revista...

O primeiro que ficava sabendo telefonava para o outro...

Agora penso que as chamadas telefônicas foram um aviso do meu pai...

Ele queria que eu visse aquele objeto...

Dessa forma, ele me deu a entender que continua em “outra parte”...

E eu me pergunto: será que pode ser também uma forma de dizer a seu filho: “Estou bem”?

Quem sabe...

A CHAMADA TELEFÔNICA
QUE NUNCA EXISTIU

A seguinte história me foi relatada no verão de 2012. O protagonista, ao qual chamarei de Raúl, contou o seguinte:

Aconteceu em julho de 2000...

Eu tinha uma avó. Na realidade, uma tia-avó...

Chamava-se Celia...

Vivia no México, na capital...

Tínhamos uma conexão especial...

Desde criança eu ia todas as tardes para a sua casa. Ela me dava aulas...

Em 1994 saí do México. Cheguei à Europa e perdi o contato com ela...

Tal como prometi, fui lhe enviando cartões-postais dos lugares que visitei...

Foram mais de trezentos...

Mas o contato, como eu disse, foi se rompendo...

Não voltei a falar com ela...

E chegou julho de 2000...

Numa sexta-feira, dia 28, eu e a pessoa com quem estava me relacionando fomos dar um passeio de fim de semana...

Permanecemos fora de Paris até dia 30 de julho, domingo...

E, ao regressar para casa, notamos que a secretária eletrônica piscava...

Alguém havia deixado uma mensagem no telefone...

A princípio não reconheci a voz...

Soava com eco e de forma estranha...



Celia, com seu marido e dois dos seus filhos. (Cortesia da família.)

A gravação durava meia hora...

Finalmente soube que era da minha tia-avó Celia...

Dizia-me mil coisas: “Olá, filhinho!... Faz tempo que venho pensando em você”...

Ela me recordava dos muitos postais que recebera e dizia que os mostrava, orgulhosa, para seus parentes...

Escutei a mensagem várias vezes...

Era incrível...

Eu estava havia seis anos na Europa e nunca tínhamos nos falado. E perguntei-me: “Como ela conseguiu meu telefone?”.

Telefonei para a minha mãe no México, no DF, e ela me assegurou que isso não podia ser...

“Celia”, disse, “morreu na semana passada.”

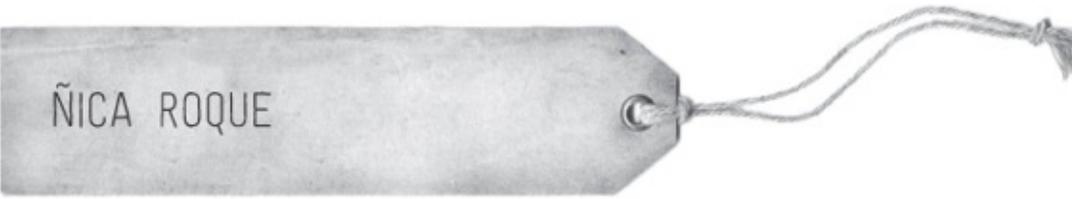
Minha tia-avó tinha falecido no dia 27 de julho, quinta-feira. Quer dizer, um dia antes da nossa viagem...

A mensagem, portanto, teve que ser gravada a partir da noite de sexta-feira, 28, e antes do nosso retorno no domingo, dia 30...

Quando fiz as averiguações pertinentes na companhia telefônica Telmex, no México, o telefonema em questão não estava registrado. Nunca existiu. Ninguém telefonou nesses dias do DF mexicano para o número de Raúl, em Paris.

Mistério.

Raúl procurou a fita com a gravação de Celia, mas não conseguiu encontrá-la.



ÑICA ROQUE

O acontecimento que me disponho a narrar a seguir teve lugar em Miami. Era o ano de 1980.

Protagonistas: Gloria Carballo (falecida), a Srta. Quesada, e naturalmente, Ñica Roque.

Em maio de 1980, a Srta. Quesada chegou a Miami...

– Estava fugindo do regime castrista... Minha tia Gloria me acolheu em sua casa... Era na Rua 111 com a 52... Foi onde recebeu a incrível chamada telefônica...

Eu lhe pedi que prosseguisse, com ordem.

– Nessa época – continuou – eu estava ocupada com os trâmites burocráticos para conseguir residência nos Estados Unidos.

Fez outra pausa e esclareceu:

– Minha tia Gloria era uma mulher fora de série, com uma memória prodigiosa. Lembrava-se de nomes e datas do século anterior. Morreu com 92 anos...

Quesada simplificou:

– Não tinha cabeça: tinha um vídeo...

E continuou, rapidamente:

– Não sei se foi nesse mesmo mês de maio (1980) que, ao regressar para casa, minha tia me disse:

“– Uma tal de Ñica Roque telefonou... Perguntou por você... Debaixo do telefone está o endereço e seu número... Telefone para ela.

“– Ñica Roque? Não sei quem é.

“– Isso foi o que ela disse... Ñica Roque. Está anotado.

Então pensei em Antonia Rodríguez, uma companheira de lutas em Cuba.



Gloria Carballo (na televisão). A seu lado, a Srta. Quesada. (Foto: Blanca.)

– E o que tem a ver Antonia Rodríguez com Ñica Roque?

Quesada olhou-me com espanto. E berrou:

– Na minha terra, as pessoas que levam o nome de Antonia são chamadas de Ñica...

Compreendi.

– Dirigi-me para o telefone e li o que minha tia tinha escrito:

“Ñica Roque. 3024 S. W. 8 Street. A-142 Mobil Home. Telefone: 643-2966”.

– Será que você não se enganou e quem ligou foi Ñica Rodríguez?

– Não – respondeu minha tia com uma santíssima paciência. – Foi Ñica Roque.

– Não conheço nenhuma Ñica Roque.

– Então telefone para ela, caramba...

“Telefonei para ela naquele mesmo instante, mas ninguém respondeu. Então eu deixei pra lá.”

Atrevi-me a interrompê-la:

– Ñica deixou uma mensagem gravada?

– De fato.

E a senhorita continuou:

– E então, passou um mês. O papelzinho no qual minha tia havia escrito os dados de Ñica Roque se perdeu.

– O que houve?

– Creio que o vento levou, suponho... E depois de um mês, mais ou menos, quando passava o aspirador de pó, encontrei o tal papelzinho. Então comentei com Gloria:

“– Encontrei o telefone e o endereço de Ñica Rodríguez.

“Ela reagiu e exclamou:

“– Ñica Rodríguez não... Ñica Roque.

“Telefonei novamente. Dessa vez atendeu um senhor. Parecia ser um idoso.

“Expliquei-lhe que estava procurando por Antonia Rodríguez...

“– Ñica Roque! – sussurrava minha tia por detrás de mim.

“– Não, ela não vive aqui – respondeu o senhor.

“– É que ela telefonou para minha tia e deixou seu nome e seu endereço.

“E então eu lhe passei os dados...

“– Sim, efetivamente – comentou –, eu vivo num *trailer*.”

LISTA	DIR	6422999	DULCE M GONZALEZ	6	6498623	MANUEL BARRE
NS EXILE	NP	6428093	SIDNEY HURSCH	9	6495964	DANIEL BARRI
FURN	NP	6424355	MARIA IZQUIERDO	8	6436022	RAFAEL BECOU
FURNITRE	NP	6422966	*LA COMPLACIENT MKT	6	6493556	JUANA BELLO
FURN	NP	6425607	JOSE LORA	6	5413622	BLANCA M BER
NP			*LOS VILLARENS MKT	6	6439811	HAROLD A BOU
ETERIA	NP	6431667	MIRIAM LUGO	2	6497019	A M BRANT
NP			MARIA A MAREAN	5	6424622	HAROLD BREND
JEWELRY	NP	65412721	BALDOMERO MARTINEZ	4	6422581	MRS ROBERT B
NP			ROBERTO MINAGORE	3	5410402	EMORY C BROW
A FLORIST	NP	6428881	ROSA MONTERO	6	6491610	L E BURKHARE
NP			NELIDA PEREDA	4	6432313	GREGORIO CAS
DIO	NP	6422471	JESUS RENTERO	3	6496225	ANGEL CASTRO
DIO	NP	5410103	JOSE ROQUE	5	6432268	MARY CASTRO
N CASTLLA	NP	6433963	N E RYAN	2	6432966	R M COSTLOW
N CASTLLA	NP	6490863	EDMUNDO SANCHEZ	5	6431412	INES CUEVAS
CE STA	NP	6428242	OSVALDO SARIOL	3	6421464	RIGOBERTO DE
LARRAGA	NP	6423773	SVEN STEFFNER	2	6435470	LUCILLE DRUK
ROEZ-LERA	NP	6423773	ANNA TAPANES	6	6499902	FE ECHAVARRI
EZ-CUE	NP	6423773	HELEN TAYLOR	5	6495453	BESSIE P ELL
RONA	NP	6423773	EDUARDO TORRES	6	6436834	ARACELIO ESC
ROCERIES	NP	6423961	LOUIS J VARNERIN	8	6499843	ROSA ESTRADP
INS INC	NP	6492311	AURILIO VAZQUEZ	3	5411494	ELENA FELATE
NS AGNCY	NP	6492311				JOSE L FERRA
NDERMTR	NP	6494418				PEDRO FERRER
STAIRANT	NP	6423323				RENE A FIGUE
YNALDO	NP	6493027				AMELIO GALBA
LLANO	NP	6420769				ERIS GARCES
CCI INS	NP	6494418				NIGUEL GARC
TAG AGY	NP	6425041				NIGUEL GARC
ELECTRNC	NP	6427566				CANDELARIA R
E TV SRV	NP	6427566				DORA GILL

Assinalado com uma flecha o nome do viúvo e seu telefone, segundo consta na lista telefônica de 1978 em Miami. (Foto: Virgílio Sánchez-Oejo.)

“Adiantei-me e lhe disse:

“– Não se trata de uma brincadeira, senhor...

“– Eu sei – respondeu ele – eu sei disso...

“– Eu vou ser muito sincera – acrescentei. – Ela foi uma presa política como eu. Por isso tenho interesse em localizá-la. Se ela telefonou é porque está em Miami...

“– Eu vivo só... E já faz tempo.

“– Bem, senhor, como eu faço para localizar a Ñica?

“Veja só: foi a primeira vez que eu mencionei a palavra ‘Ñica’ na conversa. E o homem perguntou alarmado:

“– A senhora disse: “Ñica”?”

“– Sim – respondi –, o senhor sabe, as pessoas que levam o nome de Antônia nós as chamamos de “Ñica” em Cuba e...

“– Um momento... Minha esposa se chamava Ñica.

“– Mas não é a Ñica que estou procurando – respondi. – Quero localizar Ñica Rodríguez.

“– Tem razão. Minha esposa se chamava Ñica Roque, mas ela morreu faz dois anos...

“Fiquei paralisada.

“Chamei minha tia:

“– Gloria, este senhor é o viúvo de Ñica Roque! Como é que você pode dizer que falou com a esposa? Ela está morta!

“– Sim – replicou a tia –, foi Ñica Roque que telefonou. Aí está a gravação...

“Gloria falou com o viúvo e explicou o que havia acontecido.”

– Vamos ver se eu entendi – interrompi. – Ñica Roque morreu em 1978...

– Ñica Roque estava enterrada havia dois anos.

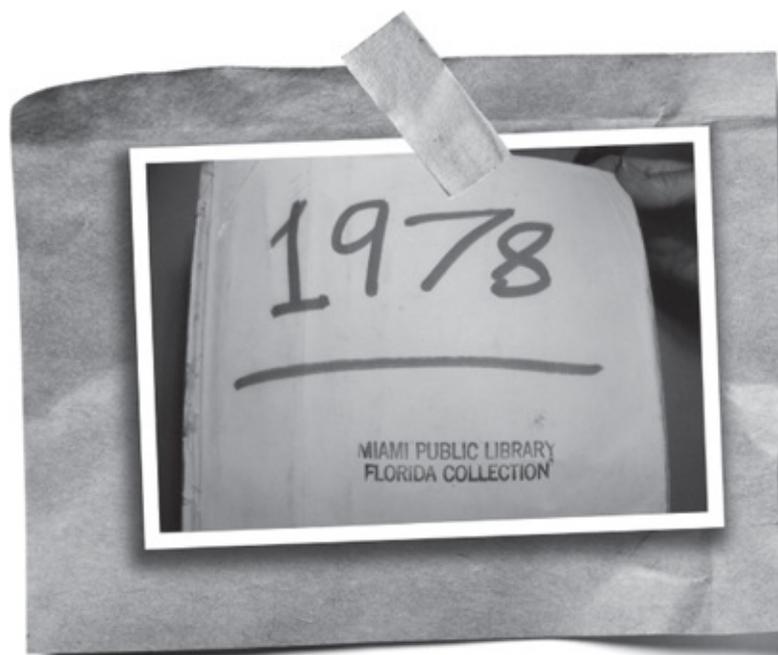
“E voltei a falar com o viúvo...

“– Isso tudo é muito estranho! – comentou.

“– Mal posso acreditar – disse-lhe. E perguntei-lhe: – O senhor acredita na vida depois da morte?

“– Não senhora... Eu sou testemunha de Jeová.

Algum tempo depois, a Srta. Quesada visitou o lugar de onde Ñica Roque tinha telefonado. Tudo tinha sido demolido.



Lista onde foi encontrado o nome e o telefone de José Roque. (Foto: Virgilio Sánchez-Ocejo.)

- Não pude localizar o viúvo, mas gravei em um vídeo minha tia, narrando o ocorrido.
- Qual a idade que esse senhor poderia ter?
- Por volta dos setenta anos.

Em 2012, Nelly González e Virgilio Sánchez-Ocejo levaram adiante algumas investigações e confirmaram o que foi exposto por Gloria Carballo e pela Srta. Quesada. E encontraram, inclusive, o nome e o telefone do viúvo: José Roque.

Lamentavelmente, o dito telefone aparece desconectado. Isso pode significar que José Roque tenha falecido, e não há muito tempo. E explicaria por que o número telefônico não tinha sido transferido para outro usuário. Também pode ser que ele viva em outro lugar. Segundo os cálculos da Srta. Quesada, José Roque poderia ter hoje por volta de cem anos...

E eu me fiz algumas perguntas:

Por que Ñica Roque usou o sobrenome do seu marido?

A resposta é óbvia. Se tivesse usado o seu, Nelly e Virgilio não teriam êxito em suas pesquisas. Simplesmente, não constaria na lista.

Por que a falecida Ñica telefonou para uma desconhecida e deu seu endereço e telefone?

A única coisa que me ocorre é o seguinte, mesmo que aparentemente absurdo: “Alguém” está acima do tempo e do espaço. “Alguém” sabia que, 32 anos mais tarde, um investigador iria se reunir com a Srta. Quesada. “Alguém” sabe que este livro está agora em suas mãos...

Como eu digo: tudo planejado.



“DIGA A SEU PAI
QUE ATENDA, RÁPIDO!”

Aquele sábado prometia ser um dia agradável, mas não foi... Leyre, a protagonista deste acontecimento, tinha na época quinze anos.

Eu soube da história, em primeiro lugar, por Pepe Azpiroz, veterano jornalista espanhol e pai de Leyre.

Depois pude conversar com ela:

Isto foi o que ela me contou:

Aconteceu na primavera de 1990...

Vivíamos na serra de Madri...

Era um sábado (não lembro a data exata)...

Era por volta das 10h, e eu estava no andar térreo da casa...

Tinha acabado de tomar o café da manhã...

Meus pais continuavam no andar de cima, em seu quarto...

Ander, meu irmão, estava na sala. Vendo televisão...

Nisso, o telefone tocou...

Em casa, nós tínhamos somente um telefone fixo. Estava no hall, perto da escada pela qual tínhamos acesso aos quartos no andar de cima...

Eu voltava da cozinha e ia para a sala...

Nesse instante, ao passar ao lado do telefone, ele tocou...

Eu atendi e perguntei:

– Alô?

E alguém respondeu:

– Diga a seu pai que atenda, rápido...

Nesse momento, reconheci a voz do meu avô Miguel...

Era uma voz difícil de esquecer...

Falava de uma maneira especial, balbuciando. Na Guerra Civil Espanhola lhe dispararam um tiro no pescoço, e isso lhe afetou a mandíbula...

Fiquei paralisada de puro medo...

Miguel Azpiroz Garaicoetxea, meu avô, tinha falecido em 1985...

Ele estava morto!

E respondi, como pude:

– Ele está dormindo...



Pepe Azpiroz. (Foto: Blanca.)

– Diga-lhe que atenda, rápido – respondeu ele...

Tinha certeza de que era o meu avô, mas perguntei:

– Quem é?

E ele respondeu:

– Quem mais poderia ser?!?... O vovô!...

– Um momento – disse-lhe...

Eu estava morta de medo...

Deixei o telefone sobre a mesinha e corri para o quarto dos meus pais...

E comecei a chorar...

– Papai! Papai!... O vovô está no telefone!...

Meu pai se encontrava na cama, meio dormindo. Não entendia nada...

E insisti, entre lágrimas:

– O vovô está chamando pelo telefone!... Eu juro que é ele!... Vá depressa!

Minha mãe reagiu e disse-lhe que descesse para ver o que estava acontecendo...

Dava sinal de ocupado. Tinham desligado o telefone...

Minha mãe me tranquilizou, e, quando meu pai voltou para o quarto, tentaram me convencer de que o autor do telefonema talvez tivesse sido uma pessoa de mais idade. Talvez tivesse se enganado na hora de discar...

Nunca quisemos conversar sobre o assunto...

Eu sei que é verdade e que a voz era do vovô...

– Você está dizendo que seu avô Miguel faleceu cinco anos antes do telefonema...

– Sim. Eu tinha onze anos, mas me lembro muito bem dele, sobretudo da sua voz. Era inconfundível...

– Onde ele foi enterrado?

– Em Puente de los Fierros, no alto do porto de Pajares. Era a cidade de sua mulher. Ele era navarro.

– Você tinha um bom relacionamento com seu avô?

– Sim, embora não nos víssemos muito. Ele vivia em Astúrias e eu em Madri.

– E o tom de sua voz, ao telefone, era carinhoso?

– Não. Na verdade me pareceu um pouco hostil e aflito.

– Como se estivesse com pressa?

– Sim.

– Ele em vida usava a palavra “rápido” com frequência?

– Eu diria a você que não. Era um homem bastante tranquilo e carinhoso. Eu me lembro sempre dele de bom humor. O tom de sua voz no telefone não era o seu habitual.

Perguntei a Leyre sua opinião sobre o acontecimento.

– Durante anos preferi esquecer – respondeu. – Provavelmente trata-se de um conjunto de casualidades, e, se não for isso, sinto pena que não tenha sido o meu pai que tenha atendido ao telefone. Tenho certeza de que faria tudo para poder falar com ele.

A CAPITÃ

Angelina Portilla, cujo apelido era “a Capitã”, não saiu de Porto Rico nos últimos oito anos de sua vida. Não tinha telefone celular, e, no entanto, naquele 19 de março de 2000...

Mas é melhor que eu comece pelo princípio esta não menos assombrosa história.



Angelina Portilla, a Capitã. (Cortesia da família.)



Luis e Magaly. (Foto: Blanca.)

A história me foi relatada por Luis Carrazona, filho da Capitã, e por Magaly, esposa de Luis. O casal vivia em Miami.

– Minha mãe – esclareceu Luis – tinha 94 anos, mas sua cabeça era um luxo...

“Ela vivia em San Juan, em Porto Rico...

“Eu falava com ela todos os domingos...

“Não tinha celular. Usava sempre o telefone fixo...

“Porém, no dia 17 de março de 2000, após falar com ela, minha mãe faleceu...”

– Fomos para Porto Rico – interveio Magaly – e assistimos ao funeral e ao enterro...

“Ela foi enterrada no Cemitério de Portacoeli, em Bayamón, perto de San Juan...

“E regressamos para o hotel...

“Era dia 19 de março. Calculo que deveriam ser por volta das 19h...

“Subi para o quarto. Estava cansada...

“Estava sozinha...

“E, de repente, o celular tocou...



O telefonema de Miami para o celular de Magaly não consta.

“Pensei que fosse minha filha que vive em Miami. Que não pôde viajar para Porto Rico porque tinha que cuidar do seu bebê...

“Estava fazendo outras coisas e demorei um minuto para chegar até o telefone...

“Já tinham desligado...

“Olhei para o número e, de fato, era o da minha filha...

“Acionei a tecla para escutar e fiquei dura como pedra...

“Tinha uma mensagem. Dizia assim: ‘Magaly... É Angelina... Eu sei que vocês estão preocupados porque não podem se comunicar comigo, mas quero que saibam que estou bem’.

“Meu Deus! Era Angelina, minha sogra!...

“E a gravação, não sei como, nem por quê, perdeu-se...

“Um mês depois, felizmente, consegui recuperá-la...

“E o meu marido pôde escutar a voz de sua mãe...

“Depois, desapareceu definitivamente...”

– Vamos ver se eu entendi – comentei. – Sua mãe faleceu no dia 17 de março de 2000.

Luis e Magaly assentiram.

– Dois dias depois, dia 19, no começo da noite, Magaly recebe uma chamada no seu telefone celular...

– Correto – respondeu Magaly. – Mas não era o número da Capitã. O que apareceu no celular era o número do telefone fixo da minha filha, a de Miami.

– A Capitã não tinha telefone celular...

– Não, sempre usava o telefone fixo da sua casa. Eu fiz algumas comprovações – acrescentou Luis –, e

pude verificar que o telefone da minha mãe não estava com defeito.

Naturalmente, a filha de Magaly, a que vive em Miami, nunca telefonou para o celular de sua mãe...

“SOU EU, O VOVÔ!”

A primeira vez que eu recebi uma notícia desta história faz muito, muito tempo...

Eu a li na revista *Enigmas*.

Anos depois, no dia 27 de setembro de 2003, numa visita à Cantábria, Espanha, Mariano Fernández Urresti, veterano investigador e uma ótima pessoa, autor de reportagens na revista *Enigmas*, voltou a comentar comigo sobre o evento.

A história, basicamente, é a seguinte:

Visitei várias vezes aqueles monges – conta Mariano –, e ali conheci o irmão Rafael...

Era um outono diferente na Cantábria. Não chovia...

O mês de setembro de 1989 será recordado pela seca que a região sofreu...

Porém, aquele dia 29 de setembro também será recordado por outro motivo...

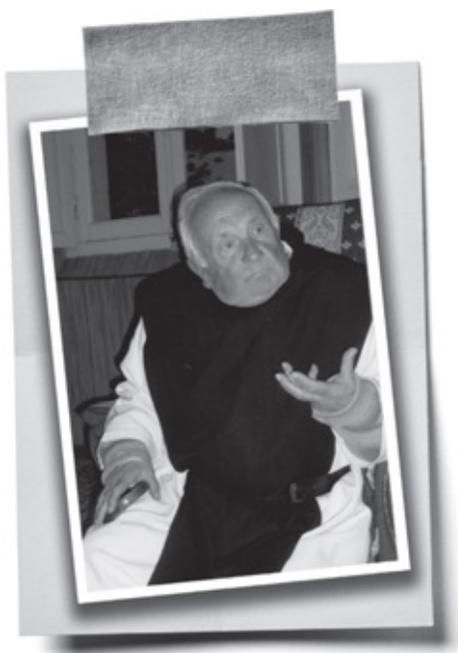
O irmão Rafael é amigo de quem escreve isto. Eu o conheci por casualidade, quando visitava sua comunidade...

O motivo de minha visita era alheio ao que depois ele me contaria...

Os monges se dedicavam à oração e ao trabalho...

Rafael, natural de Alicante, é monge há 28 anos...

A tranquilidade do mosteiro foi quebrada naquele mês de setembro...



O irmão Rafael. (Foto: Blanca.)

O escritório em que o irmão Rafael trabalhava recebeu uma série de chamadas telefônicas de origem misteriosa...

– Ao atender ao telefone era possível sentir a presença de alguém do outro lado da linha – comentou o irmão Rafael...

Inclusive se escutava quando alguém desligava o aparelho...

Os irmãos perguntavam, mas ninguém respondia...

Isso acontecia pela manhã e pela tarde...

E assim foi durante vários dias...

Foi o assunto do convento...

E chegou o tal dia 29 de setembro...

Anoitecia quando o telefone tocou uma vez mais...

O irmão Rafael atendeu e escutou uma voz metálica e distante...

Parecia a voz dos que sofreram intervenção cirúrgica na laringe...

E a “voz” se identificou. Disse ser o avô e cumprimentou o irmão Rafael...

A voz, segundo Rafael, era a de seu pai, falecido anos antes...

Chamavam o pai de “vovô”...

– Não resta dúvida – expressou o irmão Rafael. – Era meu pai...



Luis Mira telefonou depois de morto. (Cortesia da família.)



Abadia de Viaceli, em Cóbreces, Espanha. (Foto: Blanca.)

E todos acreditaram compreender o motivo das misteriosas chamadas telefônicas...

O pai de Rafael – o vovô – falecera num 12 de setembro. Incompreensivelmente, a data tinha sido esquecida pelo religioso...

– Meu pai – disse Rafael – quis lembrar-me.

Em novembro de 2012, com as pistas proporcionadas por Mariano, eu me desloquei até a Abadia Cisterciense de Cóbreces, na Cantábria. Desejava saber se o irmão Rafael continuava no mundo dos vivos...

Surpresa!

O monge – Rafael Mira –, de 78 anos, estava vivo...

Recebeu-nos e confirmou o que foi publicado na revista *Enigmas*, acrescentando alguns detalhes novos.

Por exemplo:

Nesse dia, era a sua vez de trabalhar no setor de laticínios da abadia...

Os monges, no trabalho, faziam turnos...

Desceu pela tarde para recolher o dinheiro da arrecadação...

Foi então que viu a luz vermelha do telefone...

Tirou o fone do gancho e perguntou: “Alô?...”

E alguém respondeu: “Sou eu, o vovô...”

Era uma voz rouca, como a de alguém que tivesse operado a garganta...

O irmão Rafael se assustou...

A “voz” continuou falando, mas Rafael não entendeu...

Saiu correndo e foi contar para o abade...

O pai de Rafael – Luis Mira Chinchilla – faleceu no dia 12 de setembro de 1985. Está sepultado em Almoradí, Alicante. Tinha 81 anos de idade.

Portanto, a chamada telefônica se produziu quatro anos depois do falecimento.



ALGUÉM DO OUTRO
LADO ESTÁ MENTINDO

Manuel Romero Hume foi um amante da aviação.
O destino, no entanto, quis que ele fosse marinheiro.
Chegou a ser capitão de fragata.

Em 1960, em Sevilha, viveu uma experiência – como posso dizer... – que modificou sua forma de pensar.

Liana, a sua filha, foi quem me narrou o que aconteceu:

Meu pai era marinheiro por vocação e aviador por paixão...
O seu negócio era navegar, mas sentia uma atração irresistível por voar...

Havia navegado os mares com todo tipo de embarcações: à vela, a motor, em convés de madeira ou de ferro...

Nunca consultava a previsão meteorológica. Para ele era suficiente observar o horizonte e respirar fundo...

Mas voar, isso o deixava alucinado...

Formou-se piloto na escola de Alcantarilla, em Múrcia...

E conseguiu o título e experiência durante a Guerra Civil Espanhola...

Em seguida se tornou capitão da marinha mercante...

Ao terminar seus cursos, escolheu a reserva naval, fazendo disso sua carreira...

Eles o destinaram para o comando da Marinha de Sevilha...

Foi capitão do Porto. Seu trabalho era despachar os navios...

Fez bons amigos por lá. E desfrutou de uma existência como havia pedido aos céus...

Ele se considerava uma pessoa feliz...



Entre seus amigos mais chegados, constava Guillermo Cala Pina, um excelente piloto...

Um dia, era 12 de agosto de 1960, Guillermo visitou meu pai em seu escritório...

E o convidou para voar nessa mesma manhã...

Tinha adquirido um pequeno avião, e um piloto francês iria treiná-lo para guiar o “brinquedo”...

Meu pai não cabia em si de satisfação...

Mas Guillermo foi assertivo:

– Manuel, você tem que estar preparado ao meio-dia e meia. Eu passarei aqui para levá-lo. O piloto que vai me ensinar regressará para a França nesta mesma tarde.

E insistiu:

– Sejam pontuais...

– De acordo – respondeu meu pai. – Estarei esperando.

Guillermo partiu, prometendo voltar um pouco mais tarde...

Manuel olhou para seu relógio. Marcava 11h20.

E voltou então a cuidar de seus documentos...

De repente, o telefone tocou...

Meu pai atendeu e escutou uma voz que não conseguiu identificar...

A voz lhe disse:

– Manuel... Você sabia que seu amigo Alberto Fernández acabou de morrer de infarto?...

– O Alberto?... Morreu?...

Meu pai ficou desconcertado.

– Quem está falando? – perguntou...

Nesse instante, a comunicação foi cortada...

– Caramba! – exclamou Manuel, dirigindo-se para Carmen Valari, sua secretária. – Não somos nada...

E acrescentou:

– Ontem mesmo estive com Alberto para consultá-lo sobre um assunto relacionado com um barco russo que está para ancorar em Sevilha. Ele parecia tão cheio de vitalidade...

Levantou-se da cadeira e comentou:

– Carmen, cuide desses documentos. Tenho que ir à casa de Alberto. É perto. Volto logo.

Pegou o chapéu e notificou sua secretária:

– Se o Sr. Cala Pina vier, comunique-lhe o que ocorreu... Por favor, peça que espere...

E rapidamente saiu...

Chegou à residência do “finado” e subiu as escadas com os pensamentos desordenados...

– Pobre Alberto! – murmurou para si mesmo. – Nem sei o que direi para sua mulher...

Bateu à porta sem energia e esperou...

Ao abrir-se a porta, ele encontrou seu amigo Alberto com uma cerveja na mão...

Meu pai quase perdeu o equilíbrio...

– Manolo! Diga, homem! – e o convidou para entrar. – Mais problemas com o barco russo?

– Deixe pra lá esse assunto do barco russo, Alberto! Você está bem? – perguntou meu pai inseguro...

– Você não está vendo que estou com uma cerveja geladinha na mão? Vamos, entre! Luisa está cortando queijo. Tome uma bebida...

– Veja só, Alberto – comentou meu pai como pôde. – Acabaram de me telefonar e me deram a notícia de que você tinha sofrido um infarto...

va avenida de los Héroes del Balcáres de esta ciudad. Uno de ellos, Juan Acedo Oliva, fue extraído con vida, aunque se encuentra en grave estado. El otro, Manuel Palma Vila, de cincuenta años, no resultó en el accidente.—Cifra.

SE ESTRELLA UNA AVIONETA EN TABLADA

Sevilla 12. En la base aérea de Tablada se ha estrellado una avioneta francesa "F. O. B. N. R.", que realizaba un vuelo de pruebas después de una reparación. Al parecer, el motor se paró cuando la avioneta se hallaba en el aire. Periclitó en el accidente los dos ocupantes del aparato. H. Raymond Morin y Guillermo Cala Pina.—Cifra.

INCENDIO EN UN PUEBLO GRANADINO
Granada 12. En una casa del pueblo de Chilar Vega se declaró un violento in-

FATIMA

Salidas

LOUDE

Salidas

ANDORR

Salidas

CANTABR

Salidas

ESCAPAI

Salidas

VACACIO

Salidas

Solicite en

VIAJ

"INIE

Avenida

Nota do ABC de Sevilha, informando sobre o acidente no qual pereceu Guillermo Cala Pina, de 41 anos de idade.

Alberto caiu na gargalhada...

– Era um amigo ou inimigo?

– Agora que você está perguntando, não sei... A ligação foi cortada...

– Você é um bom amigo – expressou Alberto. – Sei que anda muito atarefado, mas... Luisa! Traga-nos um copo! Temos que brindar minha ressurreição!...

– Fico contente de ver você assim – replicou meu pai –, mas tenho que regressar para o escritório. Ao meio-dia e meia, meu amigo Guillermo Cala Pina vai até lá para me pegar... Vamos testar um aviãozinho que ele acabou de comprar.

Alberto ergueu o olhar em direção a um relógio de parede...

– Temos tempo ainda... Faltam dez para o meio-dia. Tomamos um copo e depois então você vai...

Começaram a brincar, mais relaxados, especulando sobre a misteriosa chamada telefônica...

E acabaram se envolvendo de novo no assunto do navio russo...

E o tempo passou, inexorável...

Meu pai, de repente, consultou o relógio...

– Meu Deus!... São vinte para a uma!

Agarrou seu chapéu, deu um beijo em Luisa, abraçou seu amigo e rapidamente saiu da casa...

Desceu os degraus de dois em dois.

Pegou um táxi e voou para o Comando da Marinha...

Ao entrar em seu escritório, Carmen, sua secretária, lhe disse:

– Sinto muito... O Sr. Cala Pina chegou pontualmente como o combinado e esperou por dez minutos...

Bem, acabou indo embora... O piloto estava com pressa... Disse que irá lhe telefonar para marcar outro dia para voar... Talvez no próximo fim de semana...

E meu pai, contrariado, mergulhou no seu trabalho...

À tarde, já a ponto de finalizar a jornada, Ramos Izquierdo, chefe e amigo de meu pai, entrou no escritório de Manuel...

E lhe disse:

– Sinto muito por seu amigo Guillermo Cala Pina...

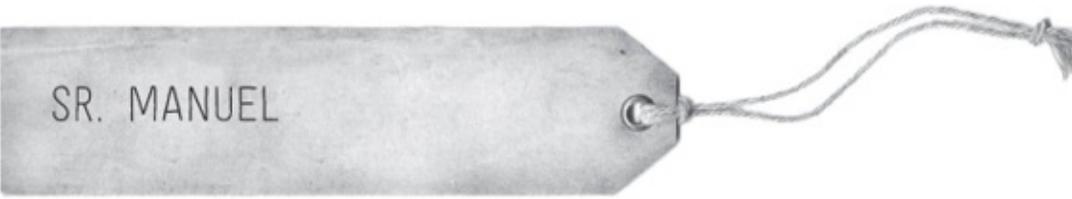
– Sem problemas – replicou meu pai. – No próximo fim de semana voaremos.

– Ainda não lhe contaram nada?

Meu pai olhou para seu chefe sem compreender...

– Guillermo e seu piloto – anunciou Ramos – se acidentaram com o avião. Morreram...

Manuel Romero nunca soube quem lhe telefonou naquela manhã.
A verdade é que o tiraram do caminho, salvando-o de uma morte certa.



SR. MANUEL

Dane (nome fictício) não esquecerá aquela viagem enquanto viver, nem depois...

Isso foi narrado por ela certa vez:

Em agosto de 1998, após eu me graduar como administradora de empresas, decidi viajar para a cidade de Miami, para a casa da minha mãe...

Já fazia tempo que meu esposo trabalhava em Greenville, na Carolina do Sul...

Eu queria vê-lo e também minha filha, de dois anos de idade...

Assim, planejamos tudo...

Viveríamos, como disse, na casa da minha mãe. Eu procuraria um trabalho e nos estabeleceríamos por lá.

Depois, quando pudéssemos, meu esposo e eu nos reuniríamos em Miami e começaríamos uma nova vida...

Foi uma decisão em comum acordo. Eu falei muitas vezes com ele...

Mas o tempo foi passando e as esperanças começaram a se desvanecer...

Eu não conseguia trabalho, e meu marido, embora conversássemos todas as noites, tampouco ajudava. Não enviava o dinheiro necessário para nosso sustento nem fazia esforço para vir nos ver...

Greenville fica a doze horas de carro de Miami...

Passei uns meses horríveis...

Meu marido não agia com clareza...

A única coisa que eu sabia era que ele trabalhava em uma determinada empresa...

Dizia que vivia num quarto alugado com uma família espanhola e que ali não havia telefone...

Eu tinha que chamá-lo, por isso, no telefone da empresa...

Minha cabeça estava um redemoinho...

As dúvidas me devoravam...

Eu estava muito apaixonada...

E em dezembro desse ano, 1998, tomei uma decisão...

Viajaria para Greenville de surpresa...

Fiz as malas e disse para minha mãe que Abel, meu marido, estaria me esperando...

Tudo inventado...

Minha mãe foi até a estação dos ônibus para se despedir de nós, e fiz de tudo para dissimular...

Eu lhe disse que estava muito feliz porque estava a ponto de me reunir com meu marido. Mentira...

As dúvidas me consumiam...

E já no ônibus pensei que fosse morrer. Pedi a Deus que me acompanhasse e dirigisse meus passos naquela aventura...

E creio que Ele assim fez...

O ônibus saiu na manhã do dia 15...

E foi parando em numerosas cidades. E ali subiam mais pessoas...

Comecei a entrar em desespero. Pensei que fosse uma viagem sem paradas, mas não...

E foram subindo pessoas de diferentes idades e níveis sociais...

Eu, junto com minha filha, continuava assustada...

Não dormi a noite toda...

Cada vez que entravam passageiros, eu pegava minha filha e ia para a parte dianteira do ônibus, mais perto do motorista. Desse jeito, me sentia mais segura...

E vi amanhecer...

A paisagem foi mudando...

Vi ranchos, cavalos e árvores...

Isso me distraiu por um tempo...

As paradas continuavam, e as pessoas também continuavam subindo...

E eu pensava: “Nós vamos nos ajustar... Estaremos os três juntos... Não importa que seja um pequeno quarto alugado... Vou procurar um trabalho e ajudarei com os gastos”...

Em uma das paradas subiu um senhor, já com avançada idade...

Era alto, de cabelos brancos...

E sentou-se ao meu lado, do outro lado do corredor...

A princípio, não lhe prestei muita atenção...

Seu olhar era de pura bondade...

Ele sorriu para mim...

Eu respondi com outro sorriso e sutilmente percebi que ele se interessou por minha filha. Logo, perguntou sua idade...

Daí, começamos a conversar...

E, sem me dar conta, fui lhe explicando a situação...

E falei sobre minhas dúvidas e a desconfiança em relação ao meu marido...

Ainda me pergunto por que agi assim. Eu não o conhecia de lugar nenhum. Isso também não é meu hábito...

Disse que se chamava Manuel...

Havia algo nele que me inspirava segurança.

Sentia-me bem ao seu lado. Proporcionava paz. Sabia escutar...

E continuamos conversando.

De repente, ele perguntou:

– Você tem lápis e papel?...

Disse-lhe que sim...

– Anote meu número de telefone – comentou –, se por acaso surgirem desilusões.

E assim fiz. Abri a agenda e tomei nota do que ele disse...

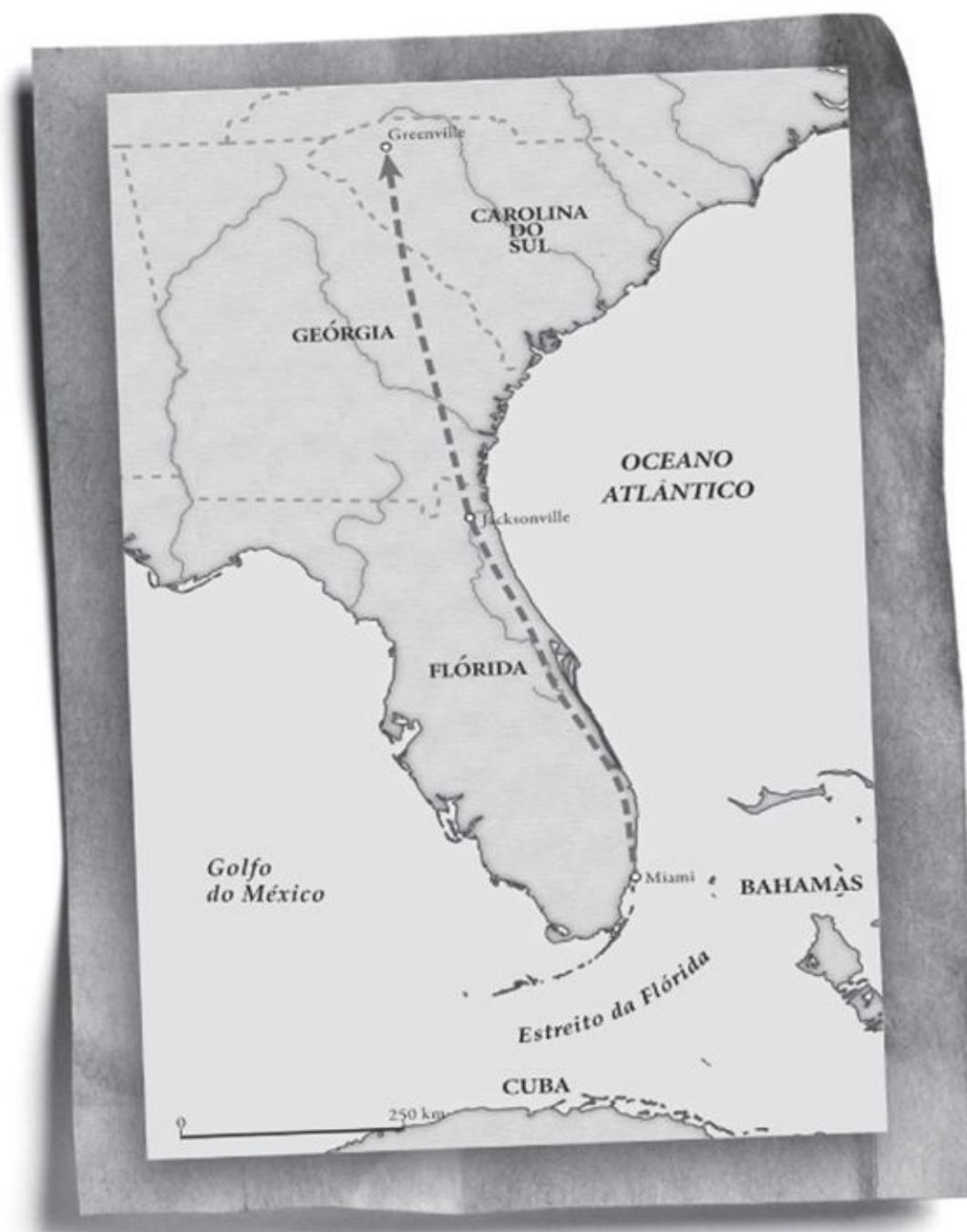
A verdade: eu fiz isso meio como uma obrigação, sem mais...

E, ao chegarmos a Greenville, descemos do ônibus e fui buscar as malas...

O homem desceu comigo, e, quando estendi a mão para despedir-me, deixou-me com a mão no ar e comentou:

– Eu a esperarei aqui... Telefone para seu marido... Eu cuidarei da sua bagagem...

Não sei por quê, mas obedeci...



O Sr. Manuel subiu no ônibus no meio do caminho entre Miami e Greenville. Percorreu, no total, de 500 a 600 quilômetros.

Respirei fundo. Havia chegado o momento da verdade...

Tomei minha filha pela mão e me dirigi para os telefones da estação.

Ali ficou o Sr. Manuel, com as mãos nas costas, bem ereto, com as malas aos seus pés...

Deveria ser por volta das 13h quando disquei o número da empresa do meu marido...

Ele atendeu, e, emocionada, eu o cumprimentei...

– Meu amor – respondeu –, telefonarei para você à noite. Agora estou muito ocupado... Eu telefono para você...

– Não é necessário – respondi. – Não é preciso mais me telefonar...

– Por quê?

E então respondi com muito medo:

– Porque estou aqui, em Greenville...

Fez-se um longo silêncio...

E ele me perguntou novamente:

– De que Greenville você está falando?

E esclareci que estava na cidade, na estação de ônibus, e que podia ler no letreiro da rua onde me encontrava: Greyhound, em McBee.

Novo silêncio...

Ele respondeu que eu deveria regressar imediatamente para Miami... Isso partiu meu coração...

E comecei a chorar...

Eu lhe disse que tinha somente trinta dólares e que, se ele queria que eu voltasse, teria que vir até a estação, dar as caras e entregar-me o dinheiro necessário para retornar a Miami...

Sentia-me perdida, traída e abandonada...

Ao mesmo tempo, não entendia nada...

Desliguei o telefone e caminhei lentamente até o lugar onde o Sr. Manuel aguardava...

Aproximei-me e ele disse:

– Minha garota... Isso faz parte das decepções da vida...

Eu, abraçada com minha filha, chorava desconsoladamente...

Então ele interveio de novo e comentou:

– Vamos nos sentar... Ele virá... Dê-lhe alguns minutos... Vamos esperar sentados...

Nós nos sentamos...

O Sr. Manuel cruzou as pernas, pegou um jornal e começou a ler.

Eu senti que passou uma eternidade...

Meu Deus! O que poderia eu fazer em uma cidade estranha, sem dinheiro e com uma criança tão pequena?...

Passaram-se vinte minutos...

E vi o meu marido entrar na estação de ônibus...

Enchi-me de alegria. O sofrimento desapareceu...

Abraçamo-nos, e eu o apresentei para meu amigo...

Deram-se as mãos, e o Sr. Manuel, olhando para os olhos de Abel, disse-lhe:

– Jamais, nunca mais faça sofrer a mulher que Deus lhe deu como companheira. Ela tem um bom coração...

Meu marido e eu voltamos a nos abraçar...

Então, quando me voltei para me despedir e lhe agradecer, o Sr. Manuel desaparecera...

Parecia que a terra o tinha tragado...

Nunca consegui explicar para onde ele foi...

E ali comecei a minha odisséia...

A intuição nunca engana...

Meu marido não era flor que se cheirasse. Tinha outras mulheres...

Descobri as traições e infidelidades.

Senti-me novamente sozinha e perdida...

Mas minha família não sabia de nada.

Passaram-se alguns meses, e a tristeza me envolveu por completo...

Foi então que recordei das palavras do Sr. Manuel: "... se surgirem decepções..."

Disquei o número telefônico que ele havia me dado e quem atendeu foi uma senhora...

Queria lhe explicar minha situação e dizer que eu estava regressando a Miami...

A mulher ouviu minhas explicações e pensou que eu estava louca ou brincando...

Eu lhe disse que não era brincadeira, e a mulher pediu que eu o descrevesse...

E assim o fiz...

A senhora, então, começou a chorar...

O Sr. Manuel, seu marido, tinha falecido cinco anos atrás...

Entrevistei Dane em dezembro de 2012, e ela confirmou o que foi relatado:

O homem era alto, de cabelos ondulados...

Tinha um pouco de cabelo branco e bigode...

Sua tez era clara, e as mãos, longas como as de um pianista...

Usava calça comprida preta e uma *guayabera* branca...

Os sapatos eram escuros...

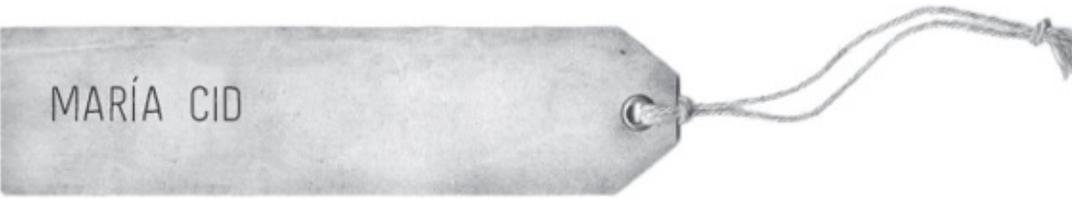
Tudo parecia perfeitamente bem passado...

O Sr. Manuel – segundo Dane – entrou no ônibus na manhã do dia 16. Não levava bagagem e permaneceu no veículo pelo espaço de seis horas, aproximadamente. Percorreu 500 quilômetros na companhia da mulher.

Disse ser hondurenho ou salvadoreño. Não me lembro muito bem.

Não guardei o número do telefone. Já se passaram muitos anos...

Não sei por que ele não quis me dar a mão. Para meu marido, sim, ele deu a mão...



MARÍA CID

María Cid Domínguez nasceu em 1896.

Foi uma *barbateña*^[1] como poucas.

Sua força moral era inesgotável.

Sua voz era potente e clara.

Era a mais velha de cinco irmãos.

Soube dar rumo à família e a fez seguir em frente.

Tornou-se armadora de barcos.

Viajava de trem até Barcelona, Alicante e outras cidades em busca de provedores de redes, cortiças e demais instrumentos ou coisas necessárias para a pesca.

Nada a detinha.

E sabia dividir o trabalho com a leitura. Toda tarde sentava-se à porta de casa e lia em voz alta. Ali ao seu lado se reuniam amigos e parentes e quem desejasse escutar suas histórias.

Casou-se muito jovem e foi a cabeça pensante do seu lar.

Mas um dia sua felicidade acabou...

Entrou em trabalho de parto. Era seu sexto filho. O menino morreu, e María Cid faleceu poucos dias depois. Tinha 43 anos de idade. Isso aconteceu no dia 20 de novembro de 1939.

Seu espírito, no entanto, ficou presente na família. Cada vez que era preciso tomar uma decisão, os homens e as mulheres pensavam nela. María continuava sendo a alma da casa.

E o tempo passou...



María Cid. (Cortesia da família.)

Entretanto, onze anos depois, em setembro de 1950, a tripulação de um pesqueiro com base em Barbate e que batizaram como *María Cid*, em memória da grande lutadora, viveu uma experiência grave

e insólita.

Deveria ser por volta das 6h da manhã...

O *María Cid* esteve pescando nos pesqueiros^[2] marroquinos, como era de costume...

Saiu de Tânger, no Marrocos, rumo a Barbate, e se viu surpreendido por um forte temporal vindo do sudeste...

O barco tinha boa navegabilidade e conhecia bem os vendavais...

O capitão – Diego Varo – era um dos filhos da lendária *María Cid*...

E, então, o motor falhou...

O pesqueiro ficou à deriva e à mercê do temporal...

A tripulação ficou nervosa...

E, nisso, alguém deu um aviso: um navio mercante se aproximava do *María Cid* direto para uma colisão...

O pânico foi geral...

O navio mercante poderia afundá-los...

O motor não respondia...

E os marinheiros, desesperados, lançaram-se à água...

Foi então que Diego Varo conteve seus homens...

– Minha mãe está na ponte de comando! – gritou ele, ao mesmo tempo que mostrava a cabine do timoneiro. – Acalmem-se!

Isso mesmo. *María Cid* estava no timão. Vestia uma capa de chuva verde...

O barco então recuperou o motor e se esquivou do cargueiro...

Quando a tripulação reagiu, a “timoneira” tinha desaparecido...

Horas depois o pesqueiro entrava em Barbate, com todos sãos e salvos...

A notícia correu como pólvora: a *Virgen del Carmen* e *María Cid* tinham feito um milagre...



O *María Cid*, saindo do porto de Barbate. (Foto: Lemos.)



Diego Varo Cid, capitão do *María Cid* e filho de María Cid. (Cortesia da família.)

Em 2 de novembro, Dia de Finados, o padre López Benítez, pároco da Igreja de San Paulino, celebrou uma missa em agradecimento pelas graças alcançadas.^[3]

O que o povo não soube é que nessa madrugada, na mesma hora em que o *María Cid* se encontrava em apuros, a dita localidade de Barbate registrou outros acontecimentos, não menos misteriosos...

O primeiro foi vivido por Antonia Varo, também filha de María Cid.

Ocorreu na Rua Vázquez Mella, perto da praia...

De repente, por volta das 6h da manhã, ela foi despertada por uma mulher. Encontrava-se ao pé da cama...

O marido de Antonia se encontrava na padaria, trabalhando...

A mulher fez sinais para que ela levantasse...

Antonia, alarmada, obedeceu...

E a mulher saiu da casa...

Antonia a viu descer à costa...

Estava vestida de negro, com o cabelo preso. Pensou que fosse a senhora da limpeza...

E a mulher de negro entrou na casa de sua irmã Ana, na mesma Rua Vázquez Mella...

E Antonia se dirigiu para lá...

Ao entrar na residência, descobriu que Ana estava acordada.

– Uma senhora – disse ela – acaba de me despertar.

Horas depois, quando Pepita apareceu, a verdadeira mulher da limpeza, as três ficaram confusas. Pepita jurou por tudo o que é mais sagrado que não havia despertado ninguém e que acabara de sair de sua casa...

Quem era então a mulher de negro e cabelo preso que acordou Antonia e Ana?

María Cid se vestia assim.



Da esquerda para a direita: Antonia Varo Cid, Juan Márquez (marido de Antonia), Ana e Pepa, irmãs de Antonia. (Cortesia da família.)

Nessa mesma madrugada, na hora do possível acidente com o pesqueiro, e da misteriosa presença da mulher de negro, uma terceira irmã de Varo, Pepa, que morava na cidade de Sevilha, acordou sobressaltada...

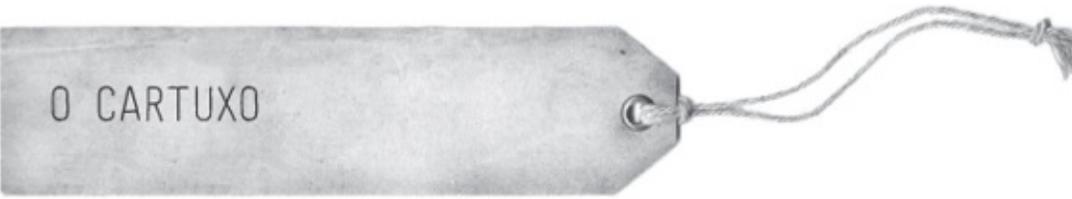
E pensou: “Alguma coisa aconteceu com a minha família”...

Não se equivocou.

Barbate se encontra a 180 quilômetros de Sevilha...

Nessa manhã, como disse, o *María Cid* chegou ao porto.

Os feitos me foram relatados por Pepa Varo, María José Reyes e Cándida Márquez, filha e netas de María Cid, respectivamente.



O CARTUXO

Esta não menos desconcertante história nasceu, para mim, no dia 2 de junho de 1992 em La Coruña, Espanha. Eu andava, como sempre, atrás de pistas sobre óvnis...

Leio o que está escrito no caderno de campo correspondente:

... Dia 2 de junho de 1992. Terça-feira.

Chamadas telefônicas às 9h30 para localizar Luis Saavedra. Ficou combinado nos encontrarmos às 13h no Cantón, um bar na Praça de la Mina. Disse que se lembrava do assunto.

Ato seguido, telefonema para a Xunta de Galicia (Governo Regional da Galícia), em Santiago de Compostela, para tentar localizar o navio *Chilreu*, com base em Ferrol. Seu comandante, Darío Lanza... Ao que parece, depois de me passar de um telefone ao outro, ninguém sabe nada desse caso do óvni. (!)

Telefonema para o tenente-coronel Ángel Bastida, da Inteligência, para marcar uma reunião em Madri. Não está. Devo voltar a chamar mais tarde...

Localizo, finalmente, o comandante Darío Lanza, em Ferrol. Combinamos um encontro para amanhã, quarta-feira, no Arsenal de Ferrol.

Chamada telefônica para Joaquín Garat. Ficou de nos encontrarmos em sua casa (Ferrol) entre as 12h30 e as 13h.

Localizo (!) Antonio Murga em Pontevedra. Ficou de telefonar esta noite para tentar uma entrevista amanhã à tarde.

Nada mal. Vamos dar três batidinhas na madeira...

E, nessa manhã-tarde, como estava previsto, às 13h, fui para o bar Cantón.



posse. Diplomata em Washington (2 de março de 1925). Terceiro secretário no Ministério (29 de março de 1927). Idem na comissão, na Secretaria Particular do Rei (15 de setembro de 1927). Segundo secretário em La Paz (6 de abril de 1929). Não tomou posse. Excedente voluntário (6 de maio de 1929). Licenciado em Direito. (Cortesia do Sr. Juan Pedro de Soto.)

Chovia, embora a temperatura estivesse agradável.

Luis Saavedra, especialista da IBM, é um homem aberto e simpático. Conversamos muito e falamos sobre óvnis.

Na metade da conversa, *en passant*, ele mencionou a história de um parente seu. Havia tido algum tipo de encontro (?) com uma estranha mulher, numa curva.

Não dei a menor importância para o assunto. Desses casos – a mulher da curva – tinha investigado meia dúzia. Esse assunto definitivamente não me atraía.

Mas Luis insistiu. Algo estranho tinha acontecido...

E anotei o nome e o telefone da pessoa que podia orientar-me. Chamava-se Pilar Maldonado e era mãe de Luis.

Prometi telefonar.

E assim fiz.

Cinco dias depois, já em Madri, “algo” me obrigou a telefonar para Pilar Maldonado.

Bem, não entendi na época (pelo menos agora, sim). O caso da “senhora da curva” não era prioridade. E, no entanto, telefonei para Pilar. Ela me recebeu no mesmo domingo, 7 de junho, ao meio-dia em sua casa, em Torrejón.

Pilar tinha então 84 anos.

E começou a conversa com uma advertência que eu não soube avaliar:

– Estimado amigo: não minto nunca e menos ainda agora, que já estou perto do final...

Luis estava errado. A experiência que sua mãe relatou não tinha relação com a célebre “mulher da curva”. Se cabe dizer, era muito mais apaixonante...

Aqui está, em síntese, o que foi narrado por Pilar Maldonado:

O protagonista – afirmou – era um primo meu...

Era um Domecq. Chamava-se Jorge...

Domecq era marquês...

E um dia conheceu em Málaga uma linda senhorita.

A garota, bem jovem, chamava-se María Luisa... María Luisa Treviña...

Ela era de Granada...

Estou falando de algo que ocorreu há muitos anos...

Bem, e começaram a sair...

Eles se gostavam...

Da última vez que saíram, ela esqueceu um *pañolón*...^[1]

Domecq voltou no dia seguinte à casa de María Luisa. Queria devolver o *pañolón* ...

A garota tinha morrido anos atrás...

Isso foi o que os familiares disseram...

O marquês viu as fotos de María Luisa. Não havia dúvida. Era ela...

E contou-me que, na última tarde em que eles se encontraram, ela lhe disse:

– Somos uns inúteis... Iremos para o céu com as mãos vazias...

Isso aconteceu no verão de 1947...

Pouco depois, meu primo tomou a decisão de deixar tudo e se tornar cartuxo...^[2]

Naquela conversa, enquanto eu tomava notas, cometi vários erros:

A saber:

1. A história do cartuxo não me pareceu urgente. E a deixei repousar. Deveria ter perguntado muito mais.
2. Escrevi equivocadamente o sobrenome da senhorita. Não era Treviña e sim Trevilla. Isso, chegado o momento, provocaria lentidão e atrasos na investigação...
3. Ao falar do seu primo, Pilar Maldonado também cometeu um erro. Não se chamava Jorge...

E o Destino, como sempre, aguardou.

Assim, transcorreram vinte anos.

E, em 2012, quando o Destino tocou em meu ombro, fazendo-me saber que havia chegado o momento de escrever *Estou bem*, a história do cartuxo regressou, porém verde, verdíssima...

Deus meu! Que desastre!



María Luisa Trevilla, falecida em 25 de novembro de 1934. (Cortesia da família.)

O cartuxo estava morto.

A Srta. Trevilla, mortíssima. Sua família também...

E minha informante – Pilar Maldonado –, falecida.

Não tinha opção. Tinha que começar do zero.

E assim fiz.

As pessoas que me conhecem sabem que não me rendo facilmente.

Não sou muito inteligente, mas Deus me deu de presente a constância e a determinação.

E assim foi: abri três frentes.

Investigaria os cartuxos, os Domecq e os familiares de María Luisa Trevilla, ao menos os que ficaram...

E coloquei mãos à obra, com a inestimável ajuda de Blanca, minha mulher, Lara, minha filha, e Fernando Sierra, seu marido. Repartimos o trabalho.

Lara passou um pente-fino na Ordem dos Cartuxos.

Aqui vai uma síntese do seu achado:

Lara se dirigiu à Ordem dos Cartuxos de Montealegre e perguntou pelo monge Jorge Domecq. A resposta me deixou mais confuso:

Valência: Cartuxos da Porta Coeli (de Saragoça foi transferida para Valência). Falou com o padre prior e o mestre dos noviciados...

Bom dia, de novo.

Deve existir uma confusão, pois precisamente eu sou um dos que veio de Aula Dei (Saragoça) e conheço o padre ao qual faz referência. O dito padre (Jorge), que partiu para a Argentina, tem outro sobrenome, que não é Domecq.

Talvez o nosso padre prior tenha misturado os nomes e sobrenomes de diferentes pessoas.



O prior de Miraflores, frei Agustín María, com J. J. Benítez. (Foto: Agus P. Aguirre.)

O único Domecq que tivemos nos últimos anos foi o famoso conde, mas já se passaram uns vinte anos de seu falecimento, e não se chamava Jorge...

Este foi o erro de Pilar Maldonado.

Em outra comunicação, a Ordem dos Cartuxos dizia o seguinte:

Agora fica a dúvida sobre qual monge lhe interessa, se é o padre Jorge (não Domecq), que esteve em Aula Dei e partiu para a Argentina, ou o padre Domecq (não Jorge), que nunca esteve em Aula Dei e faleceu já há muitos anos... Em todo caso, não se trata de Jorge Domecq...

A confusão estava feita, como eu disse.

E pensei, seriamente, em ir até a Argentina. Falaria com o padre Jorge. Mas algo me conteve. E foi outra comunicação da Ordem dos Cartuxos de Valência. Assim dizia:



Ordem dos Cartuxos de Miraflores, na qual o conde ingressou. (Foto: Agus P. Aguirre.)



Obituário de María Luisa Trevilla. Se for verdadeira a história de sua relação com o Sr. Pedro Soto y Domecq, o “acontecimento extraordinário” teve seu lugar quando María Luisa estava morta havia treze anos.

Falei com Pablo, da Ordem dos Cartuxos de Burgos. Ele disse que tem um registro de um tal Agustín Soto Domecq. Pediu-me que eu escrevesse para o padre prior...

Decidi arriscar-me. Deixei tudo e viajei para a Ordem dos Cartuxos de Miraflores, em Burgos, no norte da Espanha. Tinha que esclarecer algumas das muitas incógnitas. Seria Agustín Soto Domecq o cartuxo da história?

No dia 11 de novembro de 2012 fui recebido pelo prior de Miraflores, Agustín María Royo.

O monge, amabilíssimo, escutou a história até o final, mas disse que não sabia de nada sobre esse assunto.

Minha alegria foi pelo ralo da pia...

O padre Agustín María confirmou a existência de um Domecq na Ordem dos Cartuxos...

Assustei-me.

– Mas isso já faz muito tempo – sorriu.

O Domecq em questão não se chamava Agustín, e sim Pedro.

Tinha entrado em Miraflores em 1947. Depois chegou a ser prior da Ordem dos Cartuxos de Évora, em Portugal. Faleceu em Valência em 1980. E ali está enterrado.



Maria Luisa Trevilla morreu em Madri em novembro de 1934. Está enterrada ali. Estava com 21 anos de idade. O “acontecimento extraordinário” registrou-se em Málaga, em 1947. (Foto: Fernando Sierra.)

Pilar Maldonado, minha informante, estava certa. O conde ingressou na Ordem dos Cartuxos em 1947.

E o prior de Miraflores prometeu investigar o assunto entre os monges veteranos da Ordem dos Cartuxos, alguns deles companheiros de Pedro Soto Domecq, conde de Puerto Hermoso.

Poucos dias depois, como bem prometeu, o prior de Miraflores fez chegar até mim o currículo religioso do Sr. Pedro.^[3] Nele se confirmava a data de ingresso na Ordem (1947), assim como a de sua morte: 28 de agosto de 1980 em Porta Coeli (Ordem dos Cartuxos de Valência).

Fernando Sierra, por seu lado, levou adiante a missão de encontrar o currículo profissional do conde, até o momento de sua entrada na Ordem dos Cartuxos. O Sr. Pedro Soto Domecq tinha sido diplomata, tal como adiantou o prior de Miraflores. Foi licenciado em ciências econômicas e era advogado. Trabalhou na Secretaria Particular do rei Afonso XIII, e, ao chegar à República, “para não servi-la”, renunciou à carreira diplomática, colocando-se ao comando dos negócios e das vinícolas das famílias Domecq.

Era um milionário, solteiro, que perseguia Manolete onde fosse tourear. Viajava sempre em Rolls-Royce.

A informação que Pilar Maldonado proporcionou continuava sendo de “primeira classe”...

E continuaram chegando notícias da Ordem dos Cartuxos de Miraflores em Burgos.

Nesse mesmo mês de novembro de 2012, o padre prior anunciava-me o seguinte:

Meu caro Sr. Juan José:

Nosso arquivista tem procurado cuidadosamente e não encontrou nada referente ao assunto que o senhor investiga sobre o Sr. Pedro Soto Domecq. Envio-lhe a ficha de nosso livro-registro, na qual encontrará, minuciosamente resenhados, todos os dados de interesse. Não encontramos nenhuma foto dele, apenas um recorte de um jornal dos anos 1950, em que aparece acompanhado do núncio apostólico Mons. Antoniutti em sua visita a nossa Ordem. A qualidade da foto, como o senhor poderá constatar, é péssima, porém, é a única que temos.

Na Ordem dos Cartuxos ninguém escutou sobre o relato que o senhor me contou. Há dois irmãos que rondam os noventa anos, os irmãos Carlos e Luis, que o conheceram bem. O irmão Carlos esteve com Sr. Pedro na Ordem dos Cartuxos de Évora e nunca escutou esse relato. O irmão Luis nos disse que, na origem de sua vocação, houve algum fenômeno extraordinário, mas não sabe em que consistiu.

Desconhecia completamente a história que o senhor me referiu...

A frase do frei Agustín María (melhor dizendo, o irmão Luis) deixou-me perplexo: “... na origem de sua vocação, houve algum fenômeno extraordinário...”

A que se refere o irmão Luis? O que ele entendia por “fenômeno extraordinário”?

A carta do prior assim finaliza:

... O arquivista, que também conheceu o Sr. Pedro, disse que ele era uma pessoa extraordinariamente discreta. Nunca falava sobre sua família nem de sua vida passada. De qualquer forma, se a história de fato aconteceu, parece ser que somente o confessor a conhecia, já que nunca revelou à comunidade.

Isso é tudo o que eu pude averiguar.

Pensei em regressar a Burgos e interrogar o irmão Luis. E já estava a ponto de partir quando chegou uma nova mensagem do prior de Miraflores:

Se alguma vez o senhor viajar para Burgos – dizia –, não há nenhum inconveniente que fale com o irmão Luis, mas não creio que irá acrescentar nada à sua investigação, já que ele mesmo me disse que nunca falou sobre este tema com o Sr. Pedro. Esse irmão esteve por muitos anos em nossa Ordem dos Cartuxos de Defensión de Jerez (Ordem esta que cerrou suas portas faz poucos anos) e, quando disse que na origem da inesperada decisão do Sr. Pedro de entrar na Ordem dos Cartuxos houve um feito extraordinário, isso faz eco ao que se dizia em Jerez e que por força também chegou à Ordem dos Cartuxos jerezana, mas sem saber exatamente em que consistiu esse feito extraordinário...

Suspendi a viagem.

O prior tinha razão. Não valia a pena deslocar-me até Burgos para isso.

Mas, na minha mente, ficou flutuando a notícia do “acontecimento extraordinário”.

Pilar Maldonado estava certa...

E o tenaz e rigoroso frei Agustín, de Miraflores, continuou enviando informação. A verdade é que me fez um enorme favor. Revolveu a Ordem dos Cartuxos de Valência e de Évora e o resultado foi interessante.

Em Porta Coeli, Valência – escrevia –, há dois monges de idade avançada e que foram companheiros do Sr. Pedro. Não sei se o prior daquela casa lhe permitiria falar com eles. De qualquer forma, eu vivi onze anos com eles em Porta Coeli e mais de uma vez ouvi-os contar anedotas de Pedro: que o Mestre o tratou de forma muito dura, durante os primeiros anos de noviciado em Miraflores, para testar sua vocação. Que uma vez chegou do passeio semanal com os pés ensanguentados por causa dos sapatos (que são fabricados na Ordem dos Cartuxos, e cada sapato tanto valia para o pé direito como para o pé esquerdo) e pediu ao padre mestre que lhe proporcionasse uns sapatos apropriados para o passeio e que o padre mestre respondeu: “Para que veio à Ordem dos Cartuxos, para viver como um filhinho de papai ou fazer penitência?” Nunca escutei falar sobre a história que o senhor me contou, nem sequer ouvi dizer que a origem da sua vocação tenha sido por causa de um feito extraordinário. Por isso não acredito que possam ajudá-lo muito em sua investigação...



Lara Benítez, ao lado da tumba da família Trevilla. (Foto: Fernando Sierra.)

Finalmente, por um pedido meu, o prior de Burgos consultou o responsável da Ordem dos Cartuxos em Évora, Portugal.

Conhecia a história do *pañolón*?

Segundo o currículo, o conde foi prior daquela casa. Quem sabe alguém escutou ou soube de algo...

As gestões do frei Agustín deram frutos.

No dia 22 de novembro, ele me remetia o seguinte:

Meu prezado Juan José:

Não sei se estará viajando à América. De qualquer modo, eu lhe envio a resposta do superior da pequena comunidade da Ordem dos Cartuxos de Scala Coeli, Évora, que conheceu muito bem o Sr. Pedro. Inclusive me envia uma breve biografia dele (veja documento anexo).

Ele me responde o seguinte: “É a primeira vez que escuto essa lenda, porém, por vários caminhos, me chegou outra, que contei ao Sr. Pedro aqui e ele riu. É a seguinte: eles saíam de uma reunião de amigos e chovia. Acompanhou-o uma amiga até a sua casa (outros dizem namorada), aristocrata como ele, e para atravessar o jardim, do carro até o palacete, deixou-lhe sua capa. Pouco depois, soube da morte da garota e foi ao cemitério, para rezar em sua tumba, e viu a tumba coberta com sua capa. A história é superior à lenda. Ele me contou que deixou, sim, um amor humano, porém, por amor a Deus. Anexo uma breve biografia escrita por mim, para seus sobrinhos, na qual faço alusão a essa lenda.^[4] O Sr. Pedro não escreveu nada sobre si mesmo e fugia dos jornalistas que o procuravam”.

A alusão do prior de Évora a uma história parecida a que Pilar Maldonado me contou deixou-me pensativo. Nem Pilar nem eu estávamos totalmente fora dos trilhos.

E qual foi a reação do conde?

Não negou. Simplesmente caiu na risada, segundo o monge.

Que cada um tire suas próprias conclusões...

Naturalmente, continuamos com as pesquisas.

Interrogamos 12 Domecq e mais 41 Trevilla. Ninguém sabia de nada, ou não quiseram se comprometer, falando alguma coisa.

A investigação continua em aberto.



O MORTO FALAVA COM
SOTAQUE DA ANDALUZIA

A manhã de sexta-feira, 3 de agosto de 1979, foi ensolarada e quente.

Eu acabava de chegar de Barbate.

Era tempo de férias.

Assim consta em meu caderno de campo...

Naturalmente, nessa manhã eu estava alheio ao que acontecia no centro da cidade, a 500 metros da minha casa.

Foi depois, meses mais tarde, que recebi a primeira notícia do singular evento ocorrido em Cristamar, uma vidraçaria no centro.

Fiquei desconcertado.

E foi registrado em plena luz do dia...

Abaixo, o resumo dos fatos:

Na verdade, tudo aconteceu em pouco mais de cinco minutos. No primeiro momento, o fato passou despercebido. Cristamar é uma vidraçaria que também aceita pedidos de cortinas e se encontra na avenida, em pleno centro de Barbate.

Nessa ensolarada e agradável manhã, como dizia, o encarregado da vidraçaria – Juan F. Benítez – viu entrar na loja um jovem de estatura mediana. Juan supôs que se tratasse de um cliente.

E o recém-chegado, após um sucinto cumprimento, foi diretamente ao ponto.

Desejava fazer uma solicitação.

Juan, que nesse momento encontrava-se sozinho na vidraçaria, abandonou momentaneamente suas atividades e se dispôs a tomar nota do pedido.



Juan F. Benítez recebeu o jovem, que havia morrido sete meses antes. (Foto: J. J. Benítez.)

A conversa não foi nada fora do comum.

– Entendo – esclareceu o responsável –, trata-se de tirar medidas para a colocação de uma cortina...

Onde?

E o jovem respondeu:

– Na casa do guarda-florestal.

Juan refletiu. Na cidade havia dois guardas-florestais.

– Em que casa? – perguntou.

O jovem detalhou, e Juan replicou:

– Combinado. Conheço o lugar. Fica na entrada da cidade...

E num segundo, depois de uma rápida despedida, o cliente deu meia-volta e percorreu os 5 metros que separavam o responsável pela loja e a porta da rua. Juan o viu distanciar-se e, sem mais, retornou ao trabalho.

O assunto, de fato, foi o mais normal possível. Aquele tipo de solicitação é que faz entrar o pão nosso de cada dia...

Segunda-feira, dia 6, por volta das 13h, um segundo empregado da Cristamar – Alba – foi à casa do guarda-florestal. Quem lhe atendeu foi uma das filhas.

Ninguém sabia do pedido.

Alba, confuso, lembrou-se do fato ocorrido na sexta-feira pela manhã.

Ninguém havia feito nenhuma solicitação...

Quando a senhora da casa regressou, perguntou sobre a pessoa que fizera a solicitação, mas Antonio não soube responder. Fora Juan, seu companheiro, quem recebera o pedido.

E a mãe ficou de passar pela vidraçaria para esclarecer o assunto.

E assim foi.

A esposa do guarda-florestal foi a Cristamar, e Juan lhe deu toda sorte de explicações sobre o jovem que havia feito o pedido.

A senhora teve um pressentimento.

Depois de alguns dias, ela voltou para a vidraçaria com várias fotografias de seus filhos.

Mostrou-as para o empregado, e Juan, sem hesitar, reconheceu uma das imagens.

– Este é o jovem que fez a solicitação.

– Você tem certeza?

– Absoluta – sentenciou o vidraceiro.

As lágrimas começaram a saltar dos olhos da senhora. O jovem em questão era seu filho, Miguel López Sepúlveda, de trinta anos de idade...

Havia morrido em um acidente de trânsito no dia 22 de dezembro de 1978, no quilômetro 64 da estrada de Ubrique que vai para Los Barrios, em Cádiz, Espanha.

Fazia sete meses que se encontrava sepultado em Barbate...

Pouco a pouco, fui interrogando os protagonistas. Conversei com eles separadamente.

– Era um jovem de 1,70 metro – declarou Juan F. Benítez. – Usava uma camisa clara e calça jeans...

– Você o conhecia?

– Não.

– Cumprimentou-o com a mão?

– Não. Bem, também não é costume fazer isso quando se entra em uma vidraçaria...

– Você pode reconstituir a conversa?

– Ele me cumprimentou, e eu respondi:

“– Em que posso ajudar?”

“Então disse que desejava fazer um pedido...”

“– É uma cortina – disse. – Na casa do guarda-florestal.”

“– Qual delas? – perguntei.”

“– A que fica mais acima – e apontou em direção à entrada da cidade.”

Compreendi.

– Tinha sotaque andaluz?

– Não me lembro bem, creio que sim...

Juan ficou em dúvida.

– Então anotei aqui mesmo, sobre a mesa de corte...

– O que ele fez enquanto você anotava?

– Guardou silêncio e esperou. Ao terminar, despediu-se, deu meia-volta e foi embora...

– Ele caminhava normalmente?

– Sim.

Alba, ao ser entrevistado, confirmou o que eu já sabia.

– No começo da tarde de segunda-feira, por volta das 13h30 ou 14h, fui até a casa. E perguntei pela cortina em questão...

– Quem recebeu você?

– Uma de suas filhas. A esposa não estava naquele momento. Chegou depois...

– E o que aconteceu?

– Que ninguém sabia do pedido. Nem a filha nem a mãe. Percebi que elas me olhavam com estranheza.

Resumindo, já que eu estava ali, a senhora pediu que tirasse a medida da cortina. E assim fiz.

– Aconteceu mais alguma coisa?

– A senhora insistiu. Queria saber quem tinha feito o pedido. Eu não tinha como responder. Quem recebeu a solicitação foi meu companheiro. Então, eu lhe disse que fosse até a vidraçaria e perguntasse a ele.

Isso foi o que fez Isabel Castañeda González, a esposa do guarda-florestal.

– Tive um pressentimento – contou. – Dois dias antes, no sábado, 4 de agosto, enquanto almoçávamos, meu marido, minha filha e eu fizemos um comentário: “Entram muitas moscas na cozinha. Deveríamos colocar uma cortina de tirinhas de madeira”... Mas não pensamos nessa vidraçaria, nem em nenhuma.

– Não entendo...

– Se fôssemos fazer essa cortina, que acabamos não fazendo, teríamos pedido a Perea, um homem que trabalha com isso.

Fui buscar na memória.

O pedido foi feito sexta-feira, 3 de agosto. A família do guarda-florestal fez o comentário no sábado dia 4 de agosto, e o rapaz foi tirar as medidas na casa de Alba na segunda-feira, dia 6 de agosto.



Da esquerda para a direita: Alba, Paco Benítez, dono da vidraçaria, e Juan F. Benítez, que recebeu o pedido. (Foto: J. J. Benítez.)

Assombroso.

A mulher prosseguiu:

– Quando o rapaz da vidraçaria chegou para tirar as medidas, eu não estava em casa. Quem o recebeu foi minha filha, Adela. Com ela estavam Carmen, La Levante^[1], e uma senhora de Málaga. Minha filha pensou que quem havia feito o pedido tinha sido eu. Mas, como já disse, eu não fiz nenhum pedido. Questionei Antonio, meu marido, quando chegou para almoçar. Contudo, ele tampouco tinha feito qualquer solicitação para quem quer que fosse. Bem, de qualquer jeito, o rapaz ficou de voltar em coisa de dois ou três dias, com a cortina.



Miguel López Sepúlveda, que faleceu sete meses antes do seu aparecimento. (Cortesia da família.)

– Por que a senhora diz que foi uma intuição?

– Não sei. A ideia me veio de repente. Desci até a vidraçaria e perguntei. Juan explicou como era o jovem e como estava vestido. Não tive dúvidas. Era ele, era Miguel... Voltei para casa, peguei uma foto do meu filho e voltei para a vidraçaria. Juan viu a foto, mas não reconheceu o jovem que o havia visitado.

– Não o reconheceu?

– Não, e há uma explicação para isso: a foto era da época do “serviço militar”... Então deixei passar uns dias e depois de um mês, mais ou menos, voltei para a vidraçaria Cristamar com três fotos mais recentes. Eram dos meus filhos. Juan as olhou e apontou para uma delas.

“– Você tem certeza? – perguntei.”

“– Absoluta. Foi este aqui que entrou na vidraçaria.”

“Era meu filho Miguel!”

– Como ele morreu?

– Quem estava na direção era outra pessoa. Caíram em um rio...

Miguel López Sepúlveda trabalhava como técnico florestal.

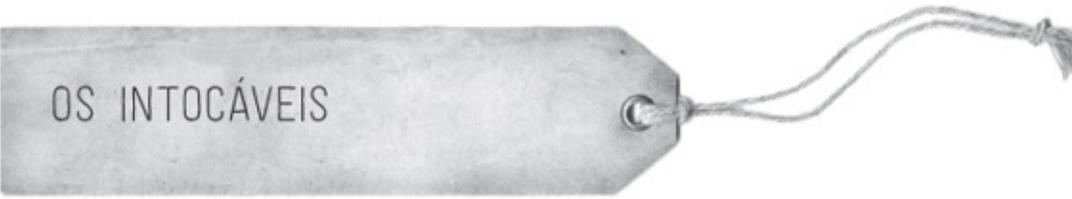
– Ao entrar na vidraçaria, ele usava a mesma roupa que vestia no dia do acidente?

– Segundo o que foi contado por Juan, não. No dia da vidraçaria, vestia uma camisa de manga curta, clara, com listrinhas de cor bege, e calça jeans. Essa roupa está pendurada, guardada na minha casa.

Claro, verifiquei o acidente e a tumba onde Miguel está enterrado.



A cortina de tirinhas de madeira na porta da cozinha da casa do guarda-florestal. (Foto: J. J. Benítez.)



OS INTOCÁVEIS

Eu a chamo de Capitã América.

Eu a conheci nos Estados Unidos.

Sua personalidade é endiabrada, mas tem um coração de puro ouro maciço.

Sua dureza se deve, em parte, aos horríveis catorze anos que passou nas prisões castristas.

Durante esse tempo, América viveu uma experiência para a qual não tem explicação.

Assim ficou registrado no meu gravador:

– Minha mãe chamava-se Elisa Carballo...

“Era uma mulher muito espiritualizada...”

“Eu fui presa em janeiro de 1964 por conspirar contra o regime de Fidel Castro...”

“Rapaz – e me fulminou com o olhar –, estes dados são importantes para compreender o que se passou...”

Assenti. E coloquei meus cinco sentidos nas datas ditadas pela Capitã América.

– Eu a vi viva pela última vez no dia das Mães desse ano de 1964...

“Eu estava na prisão nacional de mulheres, em Guanajay, na província de Pinar del Río...”

“No total, eram quatro mil presas...”

“E lembro-me de que, em meados de maio de 1965, alguém me trouxe um presente: cinco maços de cigarro...”

“Foram os cigarros mais importantes da minha vida...”

“Quem os enviou foi minha mãe...”



Elisa Carballo. (Cortesia da família.)

“A frente de cada maço de cigarros aparecia assinada e com uma dedicatória: ‘Para América’...

“Quem assinou foi minha mãe...

“Eu os chamava de ‘intocáveis’...

“Era a única lembrança da minha mãe. Não tinha nada mais dela...

“E jurei conservá-los. Não os fumaria jamais...

“Dois meses antes da morte de minha mãe, isso quer dizer, em abril de 1965, transferiram-me de pavilhão...

“Era um lugar de segurança máxima...

“Ali eu não tinha direito ao cigarro habitual, que a guarda proporcionava, nem a visitas...

“Era uma cela de 3 metros por 2, na qual convivíamos três ou quatro prisioneiras...

“Um lugar horrível...

“E chegou dia 4 de junho...”

Perguntei, timidamente: – De 1965?

A Capitã América me observou em silêncio. Li seus pensamentos: “Esse espanhol é um idiota...”

– Claro, rapaz...

E continuou:

– Nesse dia, 4 de junho de 1965, minha mãe morreu...

“Aqueles castristas mal paridos me transferiram para a cidade de Matanzas e permitiram que eu assistisse ao velório durante três horas...

“Isso foi tudo...

“Depois, me levaram de volta para a prisão...

“Cheguei destroçada...”



América, no momento de chegar aos Estados Unidos. (Cortesia da família.)

“E cometi um erro...

“Acabei quebrando a promessa que fiz para minha mãe...

“Examinei a *jaba* (bolsa de pano) e encontrei os “intocáveis”...

“Comecei a fumá-los ali mesmo...

“Cada maço durou quatro ou cinco dias. No dia 20 de junho, se é que me lembro bem, tinha terminado tudo...

“Foram vinte dias de calvário...”

“Cada vez que fumava, lembrava-me da minha mãe e da promessa não cumprida...

“Pois bem, a vida seguiu, e no mês de julho...”

América fez uma pausa e me contemplou, com expectativa.

Entendi e repliquei:

– 1965...

Assentiu e prosseguiu:

– Em julho de 1965 recebi a visita de minha irmã Andrea. Ela vivia em Matanzas, na Rua San Severino, esquina com Zaragoza...

“E contou algo incrível...”

“Tínhamos uma vizinha. Chamava-se Nati. Éramos muito boas amigas...”



A Capitã América com J. J. Benítez. (Foto: Blanca.)



Ilha de Cuba.

“Nati vivia em outra quadra...”

“Ela era cabeleireira.

“Pois bem, dias depois da morte da minha mãe...”

A Capitã América voltou a olhar-me e esperou.

Apressei-me em responder:

– Dia 4 de junho de 1965...

Deu-se por satisfeita e prosseguiu:

– Dias depois desse 4 de junho, Nati teve um sonho. Foi um sonho estranho...

“Nati contou-me o seguinte: ela e Roberto, seu marido, no sonho, estavam no Parque de la Libertad, em Matanzas...”

“Iriam tomar um ônibus que os levaria para Pinar del Río...”

“Ali, como você sabe, fica o presídio de mulheres...”

“E de repente, no sonho, Elisa, minha mãe, apareceu...”

“E perguntou:

“– Você vai para Pinar del Río?”

“– Sim – respondeu Nati. – Elisa, você deseja algo?”

“E minha mãe explicou:

“– Quero pedir-lhe um favor... Que faça este pacotinho chegar a minha filha.

“E Nati pegou o pacote e respondeu:

“– Claro, Elisa, claro... Com o maior prazer.

“E minha mãe acrescentou:

“– Diga-lhe que eu a amo muito...”

“Subiram no ônibus, e Nati disse para seu marido:

“– Eu vou abrir porque ela (América) está presa... Eu não sei se isso pode lhe trazer complicações...”

“E Nati, no sonho, abriu o pacotinho...”

Percebi que a Capitã América se emocionava.

– Eram cinco maços de cigarros!...

– Da mesma marca dos “intocáveis”?

– Idêntica.

– Alguém da sua família, ou Nati, sabiam que, segundo você, ela havia quebrado a promessa feita para sua mãe?

– Ninguém sabia.

– E como você interpreta o sonho de Nati?

– Como um aviso do céu... Ao ouvi-lo, caí em prantos. Minha irmã não sabia o motivo. Era uma mensagem da minha mãe. Uma mensagem profunda e espiritual. Ela quis dar a entender que não deveria me preocupar por algo tão insignificante, em relação à promessa quebrada. O importante é que ela está viva e que me ama.



“POR QUE VOCÊ
ME ENTERROU AQUI?”

Com aquele telefonema, às 23h30, daquela quinta-feira, 30 de abril de 1992, começou para mim uma das histórias de “ressuscitados” mais estranhas que conheci.

Nós vivíamos então no País Basco, Espanha.

E, como disse, já tinha passado das 23h, quando o telefone tocou.

Era Marian Restegi, uma amiga.

Achei estranho que telefonasse tão tarde.

Algo deveria estar acontecendo...

Entretanto, será melhor que eu transcreva o que anotei nessas datas no meu caderno de campo. Desse modo, evitarei erros.

Assim diz:

Quinta-feira, 30 de abril de 1992.

Marian telefona. Blanca atende. Olho para o relógio. O que está havendo? É quase meia-noite...

Blanca me passa o telefone e comenta: “Ela está muito nervosa. Não entendo...”.

Marian fala atropeladamente. De vez em quando se detém e chora.

Que diabos está acontecendo?

Fala alguma coisa sobre um sítio e um ancião morto. Diz que escapou da tumba e que bateu na porta do homem que o enterrou...

Marian continua chorando.

Fico sério.

Combinamos de nos ver no dia seguinte.



Blanca e eu comentamos que não era normal que Marian telefonasse àquela hora. Além disso, tão nervosa e contando uma história que não tinha nem pé nem cabeça...

Sexta-feira, 1º de maio de 1992.

Após apanhar meu filho Ivan no ônibus de Pamplona, vou para a cidade de Marian. Ali me esperam Felipe (ATS), Mikel, Marian e José, seu namorado. Todos são amigos.

Trancamo-nos no escritório de Felipe, e Marian, mais calma, conta a seguinte história:

No dia anterior, quinta-feira, receberam estranhos telefonemas do sítio de tios de José...

O sítio em questão é de propriedade de Ángel Basarrate (nome fictício) e de sua mulher, Begoña Gallastegi...



Begoña (à esquerda) e sua filha, testemunhas do acontecimento. (Foto: J. J. Benítez.)

Ángel é o coveiro da região...

Na quarta-feira, 29, havia falecido um ancião em uma das residências da localidade...

E foi enterrado no dia seguinte, quinta-feira, por volta das 16h...

O ancião, ao que parece, não tinha família...

Os funcionários enterram o homem, e, quando ele já está quase sepultado, aparece um filho do morto...

Quer que o enterrem em Santurce...

O coveiro lhe diz que compareça à Prefeitura, e termina de sepultar o ancião...

Uma senhora, vizinha do povoado, assiste à cena...

Terminado o enterro, Ángel, o coveiro, regressa a seu sítio e vai podar a grama.

Marian permanece no sítio até as 17h15.

Às 17h30, aproximadamente, batem à porta...

Begoña abre. Sua filha pequena a acompanha...

Na porta se encontra um ancião...

Veste um suéter vermelho e uma calça comprida escura...

Está cheio de terra, da cabeça aos pés...

É um homem muito magro...

O ancião pergunta pelo coveiro...

Begoña, a mulher do coveiro, diz que ele está lá fora, cortando a grama.

A mulher e a menina vão ao lugar onde Ángel está e lhe dão o aviso...

Quando os três regressam, o ancião pergunta ao coveiro: “Por que você me enterrou aqui?”

A história termina aí...



Cova 58. O caixão contendo os restos de J. Suárez foi desenterrado horas antes da nossa visita à tumba. (Foto: J. J. Benítez.)

O ancião, não sabem como, desaparece...

Begoña tinha previsto ir esta tarde, ou começo da noite, por volta das 19h, a Guernica. Queria comprar uma cabra...

Quando fui embora do sítio, por volta das 17h15 – prosseguiu Marian –, Begoña estava se arrumando...

Por volta das 21h, telefonei para o sítio. Quem atendeu foi Begoña...

Senti que ela estava muito mal, nervosa e assustada...

A menina chorava...

Podia ouvi-la pelo telefone...

E Begoña contou a história que acabo de relatar...

Ángel, seu marido, estava em casa. Quis falar com ele, mas, apesar dos repetidos pedidos da mulher, ele não quis atender...

Pouco depois, Felipe, Mikel e eu mesma fomos para o sítio.

Eu sabia que tinha acontecido algo, e grave...

O comportamento de Begoña não era normal...

Pois bem, para meu assombro, Begoña disse que tudo era uma brincadeira...

Naquela noite, Felipe e José foram até o cemitério e comprovaram que a tumba do ancião estava vazia...

A terra fora amontoadada no exterior...

E encontraram, no fundo da cova, um parafuso intacto e um fragmento de madeira, possivelmente do ataúde...

Tiraram fotos...

A história – continuo lendo o caderno de campo – me parece cada vez mais absurda.

Naquela tarde fomos ao cemitério do povoado, e verifiquei o que Marian contou. A sepultura 58 estava vazia. Tirei fotos e inspecionei a cova. Está claro que alguém – logicamente o coveiro – enterrou o

ataúde e voltou a retirá-lo.

Estou confuso.

Chove.

Encontro outro pequeno fragmento de madeira. É provável que tenha se desprendido do caixão, ao cavar ou ao extraí-lo.



Mikel (à esquerda) e Felipe, momentos antes de abrir o caixão no depósito de cadáveres de Santurce, Vizcaya. (Foto: J. J. Benítez.)

E eu me pergunto: Por que retiraram o ataúde? Que eu saiba, é preciso ordem judicial. As exumações não são uma coisa fácil. Tem que existir uma poderosa razão. Mas, qual?

Felipe, Mikel e eu saímos do povoado e nos dirigimos à funerária que se ocupou do enterro e do posterior traslado (?) do cadáver.

Mostram-nos papéis porque acham que somos policiais (!).

O falecido chamava-se J. Suárez. Tinha 78 anos de idade. Eles me deixam ler a certidão de óbito. Viúvo. Natural de Sevilha. Faleceu dia 29 de abril 1992 às 6h (supõe-se que sejam 6h da manhã). Parada cardiorrespiratória.

A ordem de exumação não aparece.

O dono da funerária desconfia (com razão).

Confirma que o cadáver está na funerária. Eles o desenterraram ontem, dia 30, “a pedido da família” (!). Hoje, 1º de maio, eles o transferiram para o cemitério de Santurce, localizado a 20 quilômetros do lugar onde foi sepultado inicialmente.

Mostram o certificado da Saúde Pública e outros documentos. Não vejo a dita ordem de exumação.

Regresso para a casa de José, namorado de Marian.

Às 21h, José e eu vamos para o sítio. Ángel é seu tio.

Tenho que ver a cara do coveiro e falar com ele.

Ángel é um tipo amável, mas desconfiado, como bom caseiro basco.

Conversamos e conversamos. Dou-lhe mil voltas ao assunto do ancião que bateu à porta do sítio.

Negativo.

Ángel nega tudo. Fala que foi uma brincadeira.



O cadáver aparecia coberto de terra, como descreveu a mulher do coveiro. (Foto: J. J. Benítez.)

Conversamos até as 22h10.

Ele explica que a funerária chegou por volta das 18h30 de quinta-feira, 30, e que o ajudaram a carregar o caixão.

Insisto no motivo da exumação. Repete e repete: “Foi coisa da família”.

Eu o vejo preocupado e confuso.

Não quero esticar a corda. Acredito que Ángel esteja mentindo. Deixarei o assunto para mais adiante...

Sábado, 2 de maio.

Às 9h nos reunimos na ponte suspensa de Las Arenas. Felipe, Mikel e eu estamos dispostos a chegar ao fundo desse obscuro labirinto.

Entramos no cemitério de Santurce.

Às 10h, sem nenhuma autorização, entramos no depósito de cadáveres.

Ali está o ataúde de J. Suárez, tal como anunciaram na funerária.

É preciso abri-lo...

Tenho que averiguar de que cor é a sua roupa.

Levantamos a tampa e aparecem os restos de um homem muito magro, com um suéter cor vinho e calça comprida azul-escuro.

Minhas mãos começam a tremer.

Deus Santo! É a descrição feita pela mulher do coveiro.

Mas ainda há mais.

Felipe indica o rosto, as mãos e a roupa! Estão cheios de terra!

Begoña também disse isso.

Tiramos fotos. É o suficiente. Fechamos o ataúde e saímos do depósito. Nós três estamos pálidos.

Pouco depois se apresenta a família de J. Suárez.

Invento uma desculpa e falo com eles. Ninguém solicitou o traslado do corpo, embora reconheçam que “ele desejava ser enterrado junto com sua mulher, em Santurce”.

E lembrei-me das palavras do ancião quando se apresentou – supostamente – para o coveiro, sua esposa e filha: “Por que você me enterrou aqui?”

A família, naturalmente, não sabe o que aconteceu na tarde do dia 30 de abril, no sítio de Ángel e

Begoña.

Realmente, estou confuso.

Às 11h da manhã, acontece o segundo enterro de J. Suárez. Deposito uma rosa vermelha sobre o ataúde. O vento gelado chega ao coração. Que mistério é este?

A família de J. Suárez chora.

Ao meio-dia me reúno, em segredo, com um dos meus contatos na funerária. A mulher conta o que houve.

Ontem mentiram, como eu supunha.

Ao que parece, e segundo Iris (nome fictício), tudo se deveu a um telefonema de Ángel, o coveiro. Estava agitadoíssimo. E pediu que tramitassem as permissões para tirar o caixão. Assim o fizeram (?):

Às 18h30 de quinta-feira, dia 30, ajudaram a tirar o ataúde.

Às 19h chegou o carro da funerária e levou o cadáver.

Eles o colocaram na geladeira da funerária e, no dia seguinte, sexta-feira, 1º de maio, horas antes da nossa visita, transferiram o corpo para o cemitério de Santurce.

O resto eu já conheço, ou quase...

E chego à conclusão (provisória): o casal e a menina realmente viram o ancião, assustaram-se, e Ángel, temeroso que pudesse acontecer algo com sua família, fez o possível e o impossível para que o caixão fosse trasladado para Santurce. Essa pode ser a ordem ou petição do falecido J. Suárez ao coveiro.

A experiência teve seu lugar, segundo todos os indícios, entre as 17h30 e as 18h de quinta-feira, 30 de abril de 1992. O ataúde foi desenterrado às 18h30 e transferido às 19h.

É evidente que Ángel tinha que estar muito alterado para solicitar o que solicitou...

O cemitério se encontra a 200 metros do sítio.

Em diferentes ocasiões tentei que tanto Ángel quanto Begoña me contassem o que houve. Até o dia de hoje tenho fracassado. Mas a investigação – como não poderia ser diferente – continua aberta...



Segundo enterro de J. Suárez em Santurce. (Foto: J. J. Benítez.)

CRONOLOGIA DO ACONTECIMENTO

- Dia 29 de abril de 1992, quarta-feira, às 6h da manhã, falece J. Suárez numa pequena

localidade do País Basco, Espanha.

- Ele é enterrado dia 30 de abril, quinta-feira, às 16h no cemitério da cidade.
- Registram-se estranhos telefonemas.
- Por volta das 17h30 batem à porta do sítio e se apresenta um ancião com a cara e a roupa cheias de terra. Pergunta pelo coveiro.
- Às 21h, Begoña conta o que houve para Marian, namorada do seu sobrinho José.
- Nessa noite de quinta-feira, 30 de abril, José e Felipe comprovam que a tumba está vazia.
- Às 23h30, Marian telefona para J. J. Benítez.
- Dia 1º de maio, sábado, ocorre o segundo enterro de J. Suárez.

“COMO O SENHOR
VAI PA GRANÁ...”

Adriano é um policial espanhol. Um bom policial...

Já está há anos trabalhando nesse serviço.

Ele acreditava que já tinha visto de tudo, mas não...

O ocorrido na noite do dia 1º de fevereiro de 1993 não tem precedente para ele.

Dez anos depois do acontecimento, consegui contatar Adriano.

Os arranjos quem fez foi o Dr. Moli, meu penúltimo amigo. Moli soube do caso e me avisou. E sentiuse incômodo ao narrar a experiência do policial.

Eis aqui, em síntese, as palavras de Adriano:

Naquele dia saí do bar Montoro por volta da meia-noite...

O Montoro se encontra na Praça de Gracia, no centro da cidadezinha de Albuñuelas, em Granada...

Estava me preparando para regressar a minha casa, na cidade de Granada...

Cheguei à viatura e ali estava...

Eu o vi no assento do copiloto...

E pensei: “Como entrou? Poderia jurar que a picape estava trancada!”.

Era o Sastre, meu compadre...

Entrei no carro, e se desenvolveu o seguinte diálogo:

– O que faz aqui, *cumpadi*?

– Vi o carro, e como o senhor vai *pa Graná* ... então, me deixa no cruzamento de Armilla.

José Jiménez Jiménez, o Sastre, vivia em Armilla, bem perto de Granada...



José Jiménez Jiménez com sua bengala e com o “mascote” de sempre, o chapéu. (Foto tomada da tumba.)

E eu lhe respondi:

– Não, homem... Eu o deixo em Armilla.

Passaram-se alguns minutos em silêncio...

Eu notei o frio, estava muito frio...

– Quer um cigarro? – perguntei-lhe. A verdade é que eu não sabia o que dizer.

– Não – respondeu o Sastre –, eu fumo Ducados...

E não houve mais conversa...

Ao chegar ao semáforo, ao pé da antiga Estrada Nacional N-323, parei a viatura.

Olhei para a esquerda, para ver se por acaso vinha algum veículo...

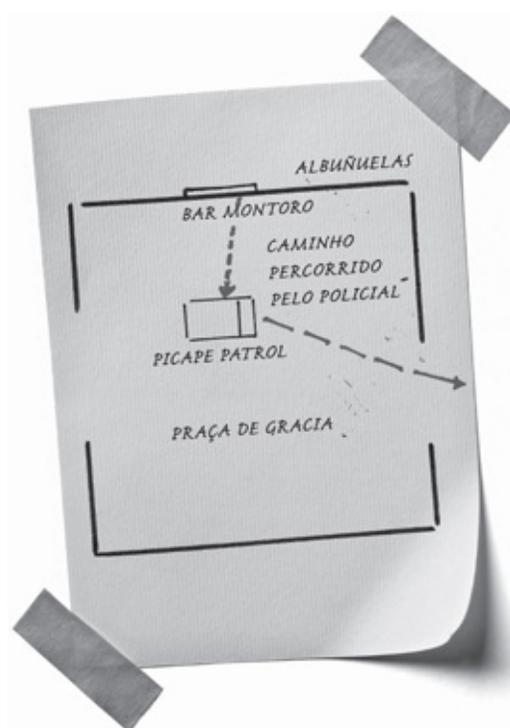
Depois à direita...

Deus! Que susto!...

O Sastre não estava mais! Tinha desaparecido!...

Eu não sabia como explicar...

Ninguém abriu a porta. Eu teria ouvido...



Caderno de campo de J. J. Benítez.



O Dr. Moli em frente à tumba de José Jiménez, o Sastre. (Foto: J. J. Benítez.)

Além do mais, todas as trancas estavam ativadas. Todas as portas estavam fechadas...

Naquele instante, eu não dei a menor importância...

Pensei que o homem houvesse mudado de ideia...

Talvez tivesse descido sem que eu percebesse...

Olhei e olhei novamente, mas não o vi...

A estrada estava deserta...

No dia seguinte, me deram a notícia: o Sastre tinha falecido no dia 30 de janeiro...

Isso quer dizer que falei com ele 48 horas depois de sua morte...

Na semana daquela entrevista, o Dr. Moli conseguiu a certidão de óbito de José Jiménez Jiménez. O policial falava com razão. A morte de seu compadre aconteceu às 22h do dia 30 de janeiro de 1993, no povoado de Armilla, Granada. Tinha 83 anos de idade. Consta que foi sepultado em Armilla.

E tentei encontrar as conexões.

– Onde estava a caminhonete da polícia?

– Bem perto do bar – respondeu o policial.

– Você a deixou trancada?

– Sinceramente, não me lembro... É possível que estivesse aberta.

– Quando você viu o Sastre, ele estava com o cinto de segurança?

– Não, nem sequer o colocou depois.

– Você comentou sobre o frio...

– Sim, foi ao entrar na picape. Senti frio, muito frio.

– Era o mesmo frio que estava na rua?

– Não, o do interior do carro era diferente, mais intenso.

– Quanto tempo durou esse frio?

– Até o Sastre desaparecer.

– Você se lembra da roupa do seu compadre?

– Não, somente de seu “mascote” negro. Sempre o levava com ele.

– E a bengala?

– Sempre a usava em vida, mas nessa ocasião não estava com ela.

– Quanto tempo permaneceu no interior da viatura?

– O trajeto, desde a cidade até o semáforo, é de uns 15 quilômetros. Calculo que precisei de vinte minutos, mais ou menos.

– Que tipo de relação ele tinha com você?

– Muito boa. Eu gostava muito dele e ele de mim.

– Observou alguma anomalia no veículo?

– Nenhuma. Tudo funcionou perfeitamente.

– Chegou a fumar?

– Não, ele recusou o meu cigarro.

– Você diria que era a sua voz?

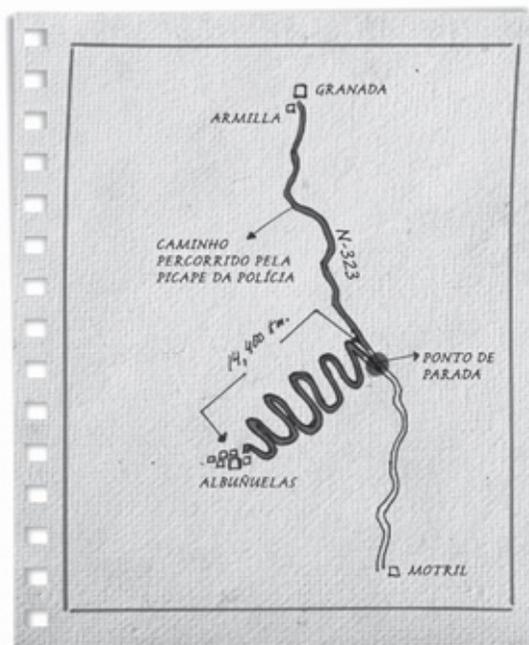
– Sim. Em realidade, salvo o estranho frio, tudo estava normal. Àquela altura, eu não sabia que ele tinha morrido. Para mim pareceu esquisito que estivesse ali, àquela hora, mas também não perguntei o motivo. Ele nasceu em Albuñuelas e tinha vivido no bairro alto, coisa de 1 quilômetro do bar Montoro.

– Quanto tempo ele pode ter ficado no interior da viatura?

– Não tenho ideia.

– Ele se segurava quando você fazia as curvas?

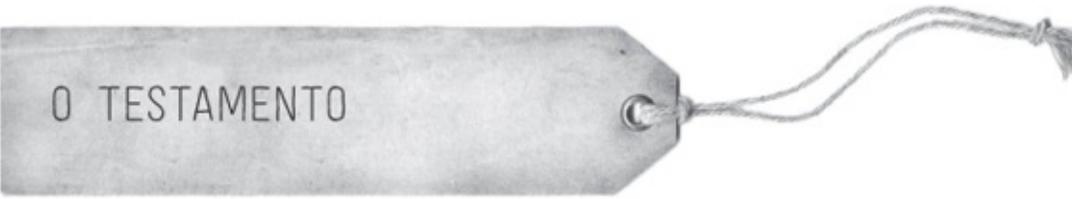
– Sim...



O Sastre, já falecido, “viajou” na picape desde Albuñuelas até o semáforo existente na N-323. No total, quase 15 quilômetros. Caderno de campo de J. J. Benítez.

Horas depois da conversa com Adriano, Moli e eu fizemos o caminho que o policial fez com sua caminhonete, desde o bar Montoro até o referido semáforo. A estrada é difícil, com dezenas de curvas. A uma velocidade prudente, precisamos de dezoito minutos para andar os 14 quilômetros e 400 metros. Em outras palavras: o morto permaneceu no interior do veículo pelo espaço de tempo de dezoito minutos, no mínimo. Provavelmente mais.

A distância entre Armilla e Albuñuela, em linha reta, é de 50 quilômetros.



O TESTAMENTO

Mo (nome fictício), a quem me referi nas páginas anteriores, viveu em 1976 uma experiência especialmente positiva.

Contou-me essa história várias vezes.

Eis aqui suas palavras:

– Meu pai faleceu no dia 28 de setembro de 1976, em Sevilha...

“Nós morávamos ali...

“Tínhamos uma velha casa, bem no centro da cidade...

“Quando meu pai morreu, ela ficou fechada...

“Ele fez testamento, mas não tínhamos a menor ideia de onde estava guardado. Também não sabíamos em qual cartório havia sido feito.

“Um dia meu irmão chegou e comentou que era necessário procurar a documentação...

“Ele tinha razão...

“E assim o fizemos...

“Procuramos em toda a casa por dias...

“Mas o testamento não aparecia...

“Em novembro, dois meses depois da morte do meu pai, estávamos como no princípio. Os documentos continuavam desaparecidos...

“E eu me lembro de que uma noite, depois de uma intensa busca, fui dormir...

“Tive um sonho...

“Foi incrível e maravilhoso...

“Vi meu pai...

“Encontrava-se no seu escritório, sentado diante da sua mesa...



Mo. (Cortesia da família.)

“Tudo estava como eu recordava...

“A madeira, a sala, a janela e a grade que a protegia: idênticas...

“Uma coisa me chamou a atenção no meu pai: parecia ser mais alto do que foi em vida...

Vestia sua roupa de costume, impecável...

E disse-me: “Preste atenção ao que eu vou lhe dizer... É preciso arrumar essa situação... O testamento que você está procurando está no meu escritório... É preciso examinar a pasta que está sobre a mesa... Lembre-se: é uma pasta verde... Abra o forro, e o documento está ali... Em seguida, arrume-o novamente... Isso vai mudar muita coisa”.

E o sonho terminou aí...

Acordei às 5h da manhã, telefonei para o meu irmão e fui para a casa...

O testamento, de fato, estava escondido no forro da pasta verde, tal como meu pai dissera no sonho...

Eu lhe fiz apenas uma pergunta:

– Era um testamento importante?

Mo assentiu.

– Sim, era sim. E graças ao sonho resolvemos o problema.

“NINGUÉM ACREDITOU
EM MIM”

Naquele sábado, 1º de dezembro, eu havia combinado de encontrar-me em Madri com Mayra al Shadily.

Era a testemunha de um interessante caso de óvni ocorrido na América.

E tivemos uma primeira entrevista.

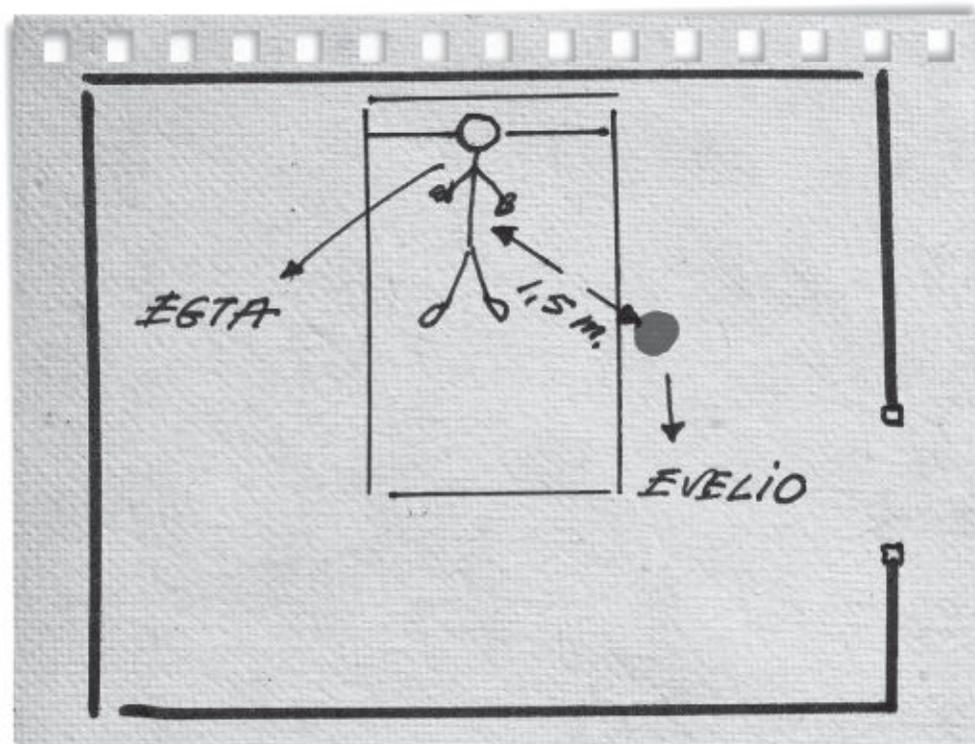
Ao terminar, quando nós nos despedíamos, Mayra, que sabia do meu interesse pelos “ressuscitados”, apontou para sua irmã Egta, que nos acompanhava em silêncio, e comentou:

– Ela viu um tio nosso, falecido...

E escutei outra experiência, aparentemente impossível:



Egta. (Foto: Blanca.)



Caderno de campo de J. J. Benítez.

– Meu tio – explicou Egta – chamava-se Evelio Rivas...

“Faleceu no dia 13 de dezembro do ano 2000...

“Um micro-ônibus o atropelou ao sair da estrada...

“O veículo capotou e caiu sobre o meu tio, esmagando-o...

“Não se pôde fazer nada por ele...

“Morreu a caminho do hospital...

“Não pudemos nem falar com ele...

“O acontecimento teve lugar em Chinandega, Nicarágua...

“Pois bem, durante dez dias a família procurou o testamento, mas não o encontraram...

“Estavam desesperados. Sabiam que Evelio guardava dinheiro, porém, não sabiam onde...

“Colocaram a casa de pernas para o ar, mas nada de encontrar...

“E um dia, mais ou menos umas duas semanas depois de sua morte, fui deitar para tentar dormir...

“Mas, não cheguei a dormir...

“Então, vi meu tio Evelio...

“Estava ao meu lado esquerdo, perto da cama...

“Usava a camisa que vestia quando faleceu.

“Ele me chamou:

“– Egta!... Egta!...

“Assustei-me...

“Então ele falou:

“– Diga a Edelmira que vá ao banco e saque esse dinheiro...

“E me deu o nome do banco e o número da conta. Tinha seis dígitos. Edelmira era sua mulher...

“E, então, desapareceu...

“Na manhã seguinte, contei a todos em casa, mas ninguém da família acreditou em mim...”



Evelio. (Cortesia da família.)

– Você se lembra do número da conta?

Egta negou com a cabeça. E acrescentou:

– Esqueci logo depois.

– Foram ao banco?

– Que eu saiba, não.

– O dinheiro, então, continua ali...

Egta e Mayra encolheram os ombros.

– Quem sabe...

– Tem certeza de que era o seu tio?

– Absoluta. Estava de pé e vestia uma camisa de manga longa e calça clara.

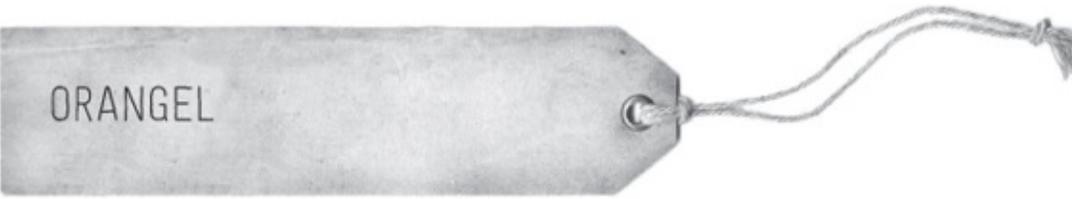
– Era a sua voz?

– Sim, embora não movesse os lábios. A voz, no entanto, chegava até a minha cabeça.

– Você está me dizendo que usava a mesma camisa de quando ele faleceu. Estava manchada de sangue?

– Não, eu a vi limpa e bem passada.

Não fiz mais perguntas.



ORANGEL

Beatriz Teresa Borges teve mais sorte que Egta e sua família.

Eu soube da presente experiência por Beatriz Margarita, filha de Beatriz Teresa. Depois tive a sorte de conversar com a protagonista. A conversa, como é de meu costume, foi gravada.

E não é por casualidade que o caso de Beatriz Teresa tenha ficado para o final de *Estou Bem*. O leitor – sei disso – descobrirá por quê...

Eis aqui, sintetizado, o diálogo com a Sra. Borges:

– Meu ex-marido, Orangel, morreu no dia 7 de setembro de 1988 na Europa. Foi diplomata. Divorciamos-nos em 1978, mas nos dávamos bem. Meses antes de falecer, ele visitou-me. Eu já havia me casado com outra pessoa. Creio que ele sabia que seu final estava próximo. Pediu-me perdão. Eu também lhe pedi que perdoasse meus defeitos; pois bem, em abril de 1989, sete meses depois de sua morte, tive uma experiência muito estranha...

Fui todo ouvidos.

– Encontrava-me em casa, no norte da cidade de Santo Domingo, na República Dominicana. Era no período da tarde. Tinha terminado de almoçar e sentei-me na sala.

– Você estava só?

– Sim, estava começando a costurar...

– Você se lembra se havia animais na casa?

– Não havia... E, de repente, senti algo estranho.

Beatriz Teresa procurou as palavras.



Orangel e Beatriz Teresa. (Cortesia da família.)

– Não é fácil explicar. Foi como um ímã. Algo me obrigou a olhar para a parede em frente. Então eu vi uma luz... Era muito bonita... Estava a cerca de 1,70 metro do chão... Permanecia ao lado do abajur, de

pé, perto do canto da sala.

– Algo a obrigou a olhar? Tem como ser mais concreta sobre isso?

– Foi como se estivessem me chamando... Mas ali não havia ninguém. Olhei ao meu redor e em direção às janelas. Não vi nada, apenas a luz daquele canto.

– Você estava usando óculos?

– Não.

A mulher continuou:

– E nesse lugar, onde se encontrava a luz, começou a formar-se uma névoa. Era branca... Fiquei desconcertada, mas sentia-me inexplicavelmente calma... Olhei sem saber o que fazer... Era uma névoa que se formava de dentro para fora... Expandia-se... E foi tomando consistência...

– Você sentia medo?

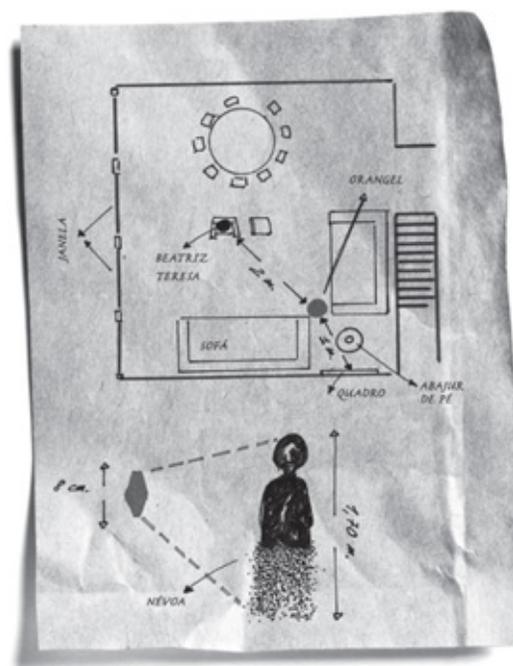
– Não. Estava em paz e fascinada ao mesmo tempo. E pensei: “Algo de bom vai acontecer”.

– E a luz?

– Continuava ali, sobre a parede, bem perto do canto.

– Pode descrevê-la?

– Não tenho palavras. Não era uma luz que eu conhecesse. Era brilhante e transparente... Tinha certa semelhança com a luz que uma pessoa vê através das nuvens...



Aparição de Orangel na casa de sua ex-mulher, Beatriz Teresa, na cidade de Santo Domingo (República Dominicana). Ao que parece (imagem inferior), a figura se converteu em uma pequena e brilhante luz. Caderno de campo J. J. Benítez.



Gustavo Matheus, com a documentação entregue a J. J. Benítez. (Foto: Blanca.)

– Essa luz machucava os olhos?

– Não, de jeito nenhum. Ao contrário, era muito agradável.

– O abajur de pé estava aceso?

– Não.

– Entrava luz pela janela?

– Sim, muita... E perguntei-me: “O que é isso?” ... Não sabia o que pensar... Então, antes de começar a racionalizar, a névoa foi se transformando em uma pessoa...

Beatriz Teresa olhou-me e, suponho, esperou uma reação de ceticismo. Não foi essa a minha reação. E a mulher prosseguiu, mais tranquila.

– Formaram-se os traços do meu ex-marido... Começou pela cabeça e continuou até a cintura.

– E da cintura para baixo?

– Névoa e luz, mas bem concentradas.

– Como você soube que era Orangel?

A pergunta era estúpida, mas eu tinha que fazê-la.

– Vivi com ele por muitos anos. Eu o conhecia muito bem. A imagem se apresentou como se estivesse coberta por um véu, mas era possível distinguir suas feições... E começou a falar...

– Um momento – interrompi novamente. – Quanto tempo pode ter demorado desde que você viu a luz que formou a figura?

Ela calculou e declarou com segurança:

– Um minuto, aproximadamente.

– Qual era a aparência dele?

– Aparentava estar com 40 ou 45 anos, não mais do que isso... Ele morreu aos 71 anos... Parecia bem... Muito contente... Parecia pleno de suas faculdades... Estava com todo o seu cabelo e bem negro...

– Com a barba feita?

– Perfeitamente.

– Houve algo que lhe chamou a atenção?

– Duas coisas: a pinta que tinha na maçã do rosto, do lado direito, já não estava mais ali. E segundo: a pele era mais clara do que o normal.

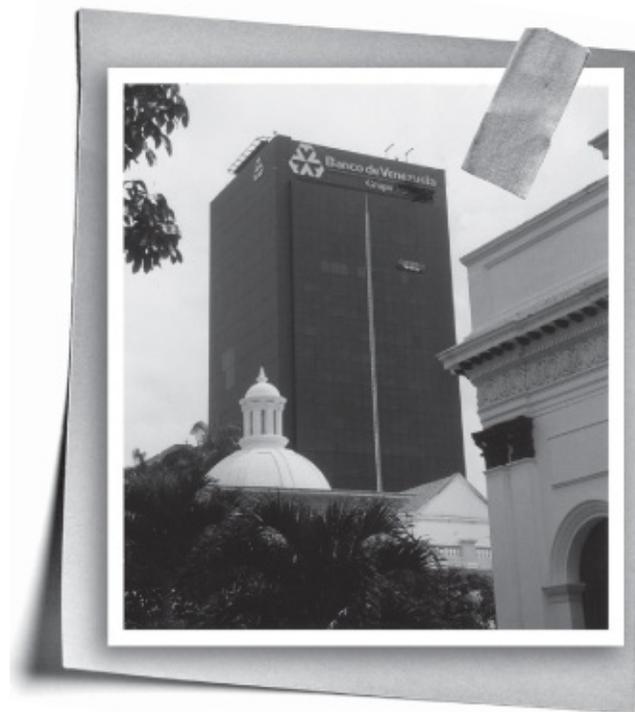
– E seus dentes?

– Na verdade, não prestei atenção... Quando falava não movia os lábios, embora eu o escutassem com perfeição.

– Sorria?

– Sim, o tempo todo. Era um sorriso maroto.

– Não entendo...



Banco da Venezuela, em Caracas. (Foto: Blanca.)

– Era como se soubesse de tudo...

– E a roupa?

– Usava uma *guayabera* de manga curta.

– Movia os braços ao falar?

– Não.

E Beatriz Teresa centrou-se no mais importante: a mensagem.

– Ele pediu que eu prestasse atenção.

– Em que idioma?

– Espanhol.

Eu a animei para que prosseguisse.

– Não tenho muito tempo – disse ele. – Venho porque quero dizer-lhe algo muito importante... Alguém tem que ir até a Venezuela para resolver assuntos pendentes... Há dinheiro no banco, que eu fui acumulando... É um dinheiro que foi poupado e pertence aos meus filhos... Eu me sacrifiquei, e quero que eles o tenham... Beatriz ou Alberto ou você devem ir... Mas não o deixem lá...

Beatriz Teresa detalhou:

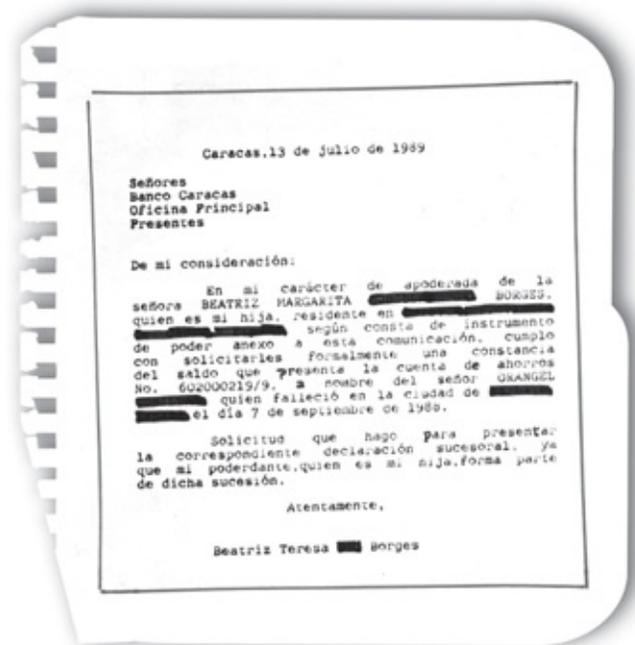
– As palavras são aproximadas. Já faz muito tempo que isso aconteceu. Não as recordo exatamente como foram ditas...

E acrescentou:

– Depois, ele me deu o nome do banco em Caracas, o número da conta, o nome da senhorita que o atendia em vida. Por último – antes de desaparecer – expressou: “Não fiquem tristes... Estou bem... Diga para Beatriz que não chore... Nós voltaremos a nos encontrar”.

– Como ele desapareceu?

- Foi se reduzindo e se concentrando no interior, bem devagar... E ficou uma luz, como quando os televisores antigos desligavam... Era muito bonita; vertical e estreita como um cigarro... E desapareceu.
 - A voz era dele?
 - Sim, e conservava o seu sotaque venezuelano, inconfundível.
- Beatriz Teresa voltou a pormenorizar:
- Mas era a voz que ele tinha quando era mais jovem. Eu a ouvia com eco, como quando se fala em um quarto vazio.
 - Como era o tom da sua voz?
 - Percebi certa urgência, como se estivesse com pressa.



Comunicado escrito por Beatriz Teresa para o Banco da Venezuela, em Caracas, no qual solicita o saldo de sua conta “secreta”, anunciada por Orangel depois de morto. (Arquivo de J. J. Benítez.)

- Você disse que ele não movia os lábios...
 - Não, mas sua voz soava perto.
 - Você a ouvia em sua cabeça?
 - Entrava pelos ouvidos. Disso eu tenho certeza... Era uma voz muito próxima.
 - Quanto durou a visão?
 - Uns três minutos, mais ou menos.
 - Você percebeu alguma anomalia nos móveis?
- Beatriz Teresa não entendeu. Então esclareci:
- Manchas no chão ou na parede?
 - O interruptor da luminária de pé apareceu queimado. E um dos quadros começou a perder a cor.
 - Onde estava o quadro?
 - Atrás da luminária, mais ou menos a 1 metro da visão. Era um quadro a óleo. O azul se desvaneceu.
- Lamentavelmente, não pude analisar nenhuma das duas peças.
- E continuei perguntando:
- Orangel era religioso?
 - À sua maneira...
 - Ele tinha medo da morte?
 - Sim.
- Então Beatriz Teresa se lembrou de algo:

– Ao desaparecer, a sala ficou preenchida por um cheiro muito particular... Era a colônia que meu ex-marido usava habitualmente... Era muito especial para isso: misturava Jean Marie Farina e outra, Dior... Era uma fragrância inconfundível.

E, durante horas, Beatriz Teresa sentiu-se desconcertada.

– Pensei que fosse apenas minha imaginação... Não conseguia dormir. A “mensagem” ia e vinha... Finalmente telefonei para minha filha e contei o que havia visto.

Nesse momento – segundo Margarita –, ao ouvir o que houve, suas pernas tremeram. Ela acreditou em sua mãe desde o primeiro momento.

– E acabei fazendo as averiguações – acrescentou Teresa. – O banco em questão existia. Fui para Caracas e falei com a senhorita que Orangel havia mencionado quando apareceu. Ela não sabia que ele estava morto e confirmou a existência da conta.

Na família ninguém sabia da dita conta. Fizeram de tudo, mas a conta não apareceu em nenhuma documentação.

– Meu pai – esclareceu Beatriz Margarita – era o chefe da família. Era o único que sabia do dinheiro e das contas. Nunca falou desse banco em Caracas.

E o assunto ficou em mãos de Gustavo Matheus, advogado e primo-irmão de Orangel.

Viajei para a Venezuela e fiz uma entrevista com Gustavo.

Era um homem afável e prático.

Entregou-me a documentação, e fiquei tão assombrado como ele e como a família do diplomata. Ali eu li a procuração outorgada por Beatriz Margarita em 27 de junho de 1989 à sua mãe. Ali apareciam a certidão de óbito de Orangel, as gestões efetuadas com o Banco da Venezuela, o número da conta “secreta” e o montante acumulado: quase trezentos mil dólares. A soma foi paga no dia 7 de janeiro de 1991, segundo consta no expediente número 1.012 do banco.

Curioso: a aparição de Orangel registrou-se quando o bolívar se encontrava em um dos seus piores momentos. O valor de câmbio em relação ao dólar, em abril de 1989, estava 37,40. Esse ano, a desvalorização da moeda venezuelana foi de 15%, com uma inflação de 81%.

Mas, como dizia minha avó, a contrabandista, bem está o que acaba bem...



ALGUNS COMENTÁRIOS
INEVITÁVEIS

- Se só uma só dessas experiências for verdade (e todas são) o “mundo do além” será real.
- Após a morte há uma dimensão (física) não muito distante. Talvez esteja aqui mesmo...
- Essa dimensão, desconhecida pela ciência, talvez seja como a América de Colombo. Estava ali, mas poucos a intuíram...
- Nesse “novo mundo” se estuda e se trabalha, mas não é por dinheiro.
- Ao chegar ao além, produz-se uma espécie de “reconversão” total do indivíduo.
- Alguns, bem poucos, são autorizados a apresentar-se aos humanos.
- A genialidade dos humanos procede, na verdade, dessa dimensão superior. As ideias não são nossas. Nem as boas nem as más.
- A morte é um evento único.
- A morte também é um mal-entendido.
- Nessa dimensão tudo é (basicamente) distinto, sem ser. Tudo é gratificante. Não há enfermidade nem dor. Não existe tristeza, nem medo, nem incerteza, nem os laços familiares que conhecemos na Terra. Não há religião.
- Essa nova América só é detectável pela fé e pela bela intuição.
- A esse mundo chegam, unicamente, a alma imortal e as memórias.
- Nessa dimensão ninguém julga ninguém. O inferno é uma invenção das religiões.
- Você será “despertado” do sonho da morte e compreenderá que voltou à realidade.
- Nessa dimensão, o mundo MAT, o tempo não desaparece totalmente, mas quase. Precisa-se de tempo para alcançar o NÃO TEMPO.
- Morrer é uma mudança, mas sem caminhão.
- Ao morrer, ninguém se perde. Tudo foi planejado pelo bom Deus. Não há indicações a seguir.
- Existe uma possibilidade (altíssima) de que os “ressuscitados” (e suas mensagens) sejam puro teatro.
- Os mortos – não sei por quê – procedem do frio.
- Todos os mortos aparecem radiantes e felizes.
- No “além”, todos se tratam como irmãos, sem precisar se referir a “senhor”, “senhora”; há menos formalidade.
- Quase todos iniciam o contato com a expressão: “Estou bem”.
- Os sonhos são uma forma de entrar e sair dessa dimensão desconhecida, mas desconhecemos esse fato.
- Suspeito que o fenômeno óvni e os “ressuscitados” têm muito em comum.
- Os mortos são mais altos do que em vida. Isso anima muito...
- Os “ressuscitados” não têm rugas, mas sim pressa.
- Os “ressuscitados” foram vistos por ateus e crentes.

- Por que os mortos têm essa obsessão por eletrodomésticos?
- Os mortos têm senso de humor. Menos mal.
- Nos céus também há censura.
- Alguns mortos são geniosos.
- Os mortos não pagam conta de telefone.



FRASES DITAS PELOS
“RESSUSCITADOS”

- “Aqui não existe dinheiro.”
- “Aqui estudamos.”
- “Aqui se trabalha.”
- “Estamos aqui, mas em outra dimensão.”
- “As ideias não são de vocês.”
- “Tudo está escrito.”
- “Aqui ninguém julga ninguém.”
- “O que tem que acontecer, acontece.”
- “Deus é azul.”
- “Não chore mais. Estou bem.”
- “Sempre estarei com você.”
- “Não me toque.”
- “Não podemos voltar. Isso nos foi proibido.”
- “Você está me vendo morto? Estou vivo.”
- “Ainda não cheguei aonde tenho que chegar.”
- “Não chore nem fique triste... Viva!”
- “Estou aqui, com vocês.”
- “Venho de muito longe.”
- “Só tenho autorização para lhe dizer que onde estou é parecido com o que você conhece.”
- “A morte é semelhante ao que você leu (*A 33.000 pés*), porém melhor.”
- “As coisas sempre acontecem por algo.”
- “Nem de longe você tem como imaginar como é isto aqui.”
- “Agora que vi você, posso ir embora satisfeito.”
- “Olhe só que quarto mais lindo que Maria Elena tem.”
- “Algum dia todos estaremos muito bem.”
- “Estou vivo e estou bem.”
- “Não fiquem tristes. Voltaremos a nos encontrar.”

Em Abba, às 10h10 do dia 9 de abril de 2013.

E as investigações sobre os “ressuscitados” continuam...

Se quiser entrar em contato com J. J. Benítez, pode fazê-lo através do Apartado de Correos 141, Barbate, 11160, Cádiz, España, ou em sua página oficial na internet: www.jjbenitez.com.

ALGUNS TÍTULOS PUBLICADOS POR J.J. BENÍTEZ PELA EDITORA PLANETA NO BRASIL

A rebelião de Lúcifer

Cavalo de Troia 1 - Jerusalém

Cavalo de Troia 2 - Massada

Cavalo de Troia 3 - Saidan

Cavalo de Troia 4 - Nazaré

Cavalo de Troia 5 - Cesareia

Cavalo de Troia 8 - Jordão

Cavalo de Troia 9 - Caná

Encontro na montanha vermelha

Existiu outra humanidade

Meus enigmas favoritos

O dia de relâmpago

O enviado

O mistério da Virgem de Guadalupe

O Testamento de São João

Os astronautas de Yaveh

1 As Festas de Pilar são as festas da padroeira da cidade de Zaragoza, em Aragão, na Espanha, que se celebram em homenagem a Nossa Senhora do Pilar, a Virgem do Pilar, invocação mariana católica. O evento ocorre na semana de 12 de outubro e pode durar até dez dias. (N. da T.)

2 *Blocao*: corruptela do alemão *blockhaus* (casa de troncos). Trata-se de uma fortificação de pequenas dimensões, fácil de transportar, que abriga grupos reduzidos de tropas. (N. do A.)

1 Segundo as notícias que eu tinha de anos atrás, uma vizinha do povoado de Alcalá de Guadaíra, em Sevilha, tinha protagonizado um evento intrigante. Ao que parece, ela foi transferida para o referido Hospital de Valme quando estava prestes a dar à luz. Por razões que desconhecia naquele momento, a mulher permaneceu num corredor (deitada em uma maca), à espera de que a levassem para a Sala de Partos. Entretanto, o parto se antecipou. Nesse momento crítico, um médico se apresentou e ajudou a mulher a dar à luz. No jaleco podia-se ler seu nome: López de la Manzanara. E então o médico desapareceu. Pois bem, o desconcertante é que o dito médico havia morrido algum tempo atrás, em decorrência de um acidente de trânsito. Apesar dos meus esforços, não consegui me encontrar com a mulher em questão. A senhora não desejava falar sobre o assunto. Tentei entrar em contato, como digo, com o pessoal do posto de saúde. Alguém tinha que saber algo, supondo que o caso fosse real. (N. do A.)

1 A frase me soa tão familiar... (N. do A.)

[1](#) Casa Cuna de Cádiz, a Antiga Casa do Orfanato de Cádiz. (N. do T.)

[2](#) Segundo estudos de Julio Pérez Serrano, a mortalidade na Casa Cuna de Cádiz foi impressionante. Conforme menciona em *La Casa de Expósitos de Cádiz en la primera mitad del siglo XIX*, cerca de 70% das crianças acolhidas ali não conseguiram sobreviver. Isso supõe uma média de 375 crianças falecidas por ano. Os dados existentes no século XVIII são arrepiantes. Entre 1785 e 1789, a Casa Cuna recebeu 2.067 crianças. Dessas, pereceram 1.442. (N. do A.)

1 Dias antes dessa reunião com Renato Martin, em Lima, recebi uma mensagem de María Adela Martínez Palencia, da região de Tobarra, em Albacete (Espanha), na qual, entre outras questões, ela dava uma possível explicação ao frio que acompanha os “ressuscitados”. Segundo as leis da termodinâmica, o morto não transmite frio. O que ele faz é absorver calor. Com ele, talvez, consiga materializar-se (?). (N. do A.)

1 Ampla informação sobre a morte do pai de J. J. Benítez no livro *Enfim Livre!*.

2 Página oficial na web de Juanjo Benítez: www.jjbenitez.com.

1 “Incunábulo” é um livro impresso nos primeiros tempos da imprensa, com tipos móveis. Refere-se às obras impressas entre 1455, data aproximada da publicação da Bíblia de Gutenberg, e 1500, imitando os manuscritos. Paulatinamente, os livros impressos abandonaram as características do livro manuscrito. A origem da palavra vem da expressão latina *in cuna* (no berço), referindo-se, assim, ao berço da tipografia. (N. do T.)

[1](#) O tabuleiro Ouija – ou tábua Ouija – foi criado para ser usado como meio de comunicação com os espíritos. É feito de uma superfície plana, com letras e números (ou outros símbolos), e se coloca em seu centro um indicador móvel, por exemplo, um copo. Os participantes colocam seus dedos sobre o indicador móvel, que então se move pelo tabuleiro para responder a perguntas e enviar mensagens. No Brasil, é conhecido como “jogo do copo” ou “brincadeira do copo”. (N. do T.)

[2](#) Na saga *Cavalo de Troia*, Eliseu denomina esse “novo mundo” como MAT-1. (Mais informações em *Cavalo de Troia 6* – Hermon.)

[3](#) Graças ao trabalho árduo do investigador de Múrcia, Juan Antonio Ros, pude verificar que as obras na Plaza Mayor de Pliego foram iniciadas em 27 de março de 2008. Tempo de duração: cinco meses. Isso quer dizer que, na madrugada de 10 de abril de 2008, data do sonho de Charo, as obras já tinham começado. Ela, que se encontrava em Barcelona, “viu” isso nos sonhos. Se a “visão” das obras foi real, por que negar o resto do sonho? (N. do A.)

1 Doença de Addison é o nome dado à condição em que as glândulas suprarrenais (também chamadas de glândulas adrenais) não são capazes de produzir quantidades suficientes de seus hormônios. (N. do A.)

1 Mari Cruz Estors, a amável senhora que se comunica na carta, se refere ao “percalço” que sofreu em julho de 2002. Em consequência de um atentado, esteve a ponto de morrer. (N. do A.)

1 O efeito estroboscópico é provocado por um dispositivo óptico que, ao girar, dá a sensação de movimento. (N. do A.)

1 Seis meses antes de sua morte, que ocorreu no dia 3 de abril de 1897, Brahms se reuniu com o escritor norte-americano Arthur M. Abell na cidade de Viena, Áustria. Abell entrevistou o músico durante três horas. Foram testemunhas o violinista Joseph Joachim, amigo de Brahms, e um funcionário da Embaixada dos Estados Unidos em Viena, que atuou como taquígrafo. Brahms exigiu que o escritor não publicasse aquelas declarações até que se passassem quinze anos de sua morte. E assim foi. A conversa foi registrada palavra por palavra e não saiu à luz até 1964, num livro cujo título é: *Charlas con grandes compositores*. Na entrevista, o compositor e pianista alemão reconheceu que a maior parte de sua obra “vinha do alto”, tendo sido recebida em estado de transe. No referido livro – publicado pela editora Schroder-Verlag, na Alemanha –, Brahms confessou que “todos os temas que irão perdurar em minhas composições me chegaram desse modo”. “Foi uma experiência tão sublime”, manifestou a Abell, “que não me atrevi a falar dela com ninguém. Nem sequer com Joseph Joachim. Senti nesses instantes que estava me sintonizando com o Infinito... Não há experiência que se aproxime disso”. (N. do A.)

2 Então eu compreendi por que os prêmios não têm sentido... (N. do A.)

1 Relativo à cidade de Cádiz, na Andaluzia, Espanha. (N. do T.)

2 Página ou livro numerado. Neste caso, livreto de inscrição marítima da Marinha de Guerra Espanhola. (N. do A.)

1 O romance em questão, cujo título é *El habitante de los sueños*, faz parte de uma trilogia. Foi enviado também a um alto executivo de uma editora, que o recusou assegurando que “não era um livro comercial.” (N. do A.)

1 Por curiosidade (?), ao saber em que página Moreno fechou o *Cavalo de Troia*, fiz algumas consultas. O número 209, segundo a Cabala, tem o mesmo valor numérico que “regressar, voltar, chorar, lamentar e partir”. O pai de Moreno, de fato, “regressou, partiu e voltou” à realidade. E Moreno “lamentou e chorou”. (N. do A.)

[1](#) Mais informação sobre esse acontecimento no livro *A quinta coluna*.

1 Em meu próximo livro – *Pactos y señales* –, explicarei o que há de assombroso nessa coincidência... (N. do A.)

[1](#) Do Mestre aprendi que o Número Um, o Pai, é azul. (Mais informação no livro *Cavalo de Troia*.)

[1](#) Estimada amiga: nunca tive secretária. Sempre leio as cartas que chegam a mim. Todas. Outra questão é que eu responda.

[2](#) Meu endereço postal é: Apartado Postal de Correos 141. Barbate (11160), Cádiz, Espanha.

[3](#) A técnica da “geladeira” é antiga. Ao voltar a entrevistar a testemunha depois de algum tempo, se ela estiver inventando, é difícil que mantenha a primeira versão dos feitos. Sempre muda o que foi narrado inicialmente. (N. do A.)

[4](#) A cena me fez recordar o narrado por João em seu evangelho ([capítulo 20](#), versículo 17), quando Maria Madalena viu o Mestre ressuscitado. “Jesus lhe disse: ‘Não me toques, porque ainda não subi ao Pai’.” (N. do A.)

1 Conheço essa frase, me parece tão familiar... (N. do A.)

[1](#) Essa pequena frase me soa tão familiar... (N. do A.)

[1](#) A história de Juan Miguel Cortés figura em *Pactos y señales*, um próximo livro que será apresentado e que de certo modo é consequência de *Estou bem*. (N. do A.)

[2](#) Segundo averiguações posteriores de Juan Antonio Ros, Benito Martínez Serna faleceu em 14 de julho de 1970, aos 86 anos. (N. do A.)

1 O pessoal do presídio facilitou-me a seguinte informação sobre o “procedimento para receber visitas”: “Quando uma pessoa chega à instituição (o visitante) deve mostrar seu documento de identidade e assinar um livro de registro de visitantes. Seu nome será comprovado novamente na lista de visitantes do presidiário... Terá que assinar um documento em que declara que não porta nenhum objeto que possa ser uma ameaça para a segurança da instituição... O pessoal permanece na sala de visitas o tempo todo, supervisionando cada visita. A sala pode dispor ou não de câmaras de segurança ou outros equipamentos... Para fazer uma visita, deve constar na lista aprovada pelo presidiário e pela instituição. A dita lista inclui: família direta (mãe, pai, padrastos, pais adotivos, irmãos, irmãs, mulher e filhos. Os cônjuges são considerados família direta, sempre e quando o Estado reconheça estas uniões). Outra família: avós, tios, tias, cunhados e primos. Amigos e sócios: a lista de visitas do interno não deve incluir mais de dez amigos ou sócios... Há 117 prisões federais nos Estados Unidos. As visitas variam em função do lugar. Cada presidiário tem direito a quatro horas de visita por mês”. (N. do A.)

1 Relação dos marinheiros desaparecidos do *Joven Alonso*:

Esteban Mendonza Malía, Fernando López Infante, José Pérez Quintero, Francisco Miralles Sánchez, José Malia Domínguez, Tomás Narváez Muñoz, Francisco Domínguez Acuña, José Román Rodríguez, José Miralles Sánchez, Antonio Galindo Sánchez, Francisco Ramos Miralles, Sebastián Díaz Barrios, Manuel Varo López, Antonio Martín Martínez, Manuel Muñoz Foncubierta, Manuel Duarte Quiñones, Antonio Bravo Meléndez, José Tamayo Pérez, José González Bosutil, Tomás Hernández Payes, José Manzorro Herrera, Juan Trujillo Robles, Manuel Ureba Salas, Joaquín Martín Figueroa, Francisco Bernal Ramos, Cristóbal Leal Camacho, José Foncubierta Ramírez, Antonio Marín Escámez, Agustín Ramírez Marín, Alfonso Doncel-Moriano Bermúdez, Juan Pérez Trujillo, Manuel Pacheco Guerrero, Sebastián Ponce Vélez, Francisco López Sánchez, Juan Leal Ramírez, Diego Varo Oliva, Fernando López Sánchez, Manuel Gallardo Aragón, Juan Pérez Ramírez.

2 Algum dia eu irei me dedicar a finalizar o romance sobre a tragédia do *Joven Alonso*. Seu título é *Viento de levante*. A tristeza tomou conta de mim e interrompi a redação. Quem sabe... (N. do A.)

[1](#) Mais informação sobre MAT em *Cavalo de Troia 6 – Hermon*; *Cavalo de Troia 9 – Caná*; e *Enfim livre*.

[1](#) A *ranchera* é um gênero da música mexicana tradicional. Ainda que intimamente associada aos *mariachi*, que evoluíram em Jalisco no período pós-Revolução Mexicana, as *rancheras* também são executadas por grupos chamados *conjunto norteño* ou *banda duranguense*. (N. do T.)

[2](#) Javier Solís nasceu no México. Seu nome era Gabriel Siria Levario. Foi o rei do bolero rancheiro. Faleceu em 1966. Entre as suas canções mais populares, destacam-se: *Sombras, nada más* e *En mi viejo San Juan*. (N. do A.)

1 A versão oficial sobre a morte do papa João Paulo I continua suspeita. Não foi o irlandês John Magee quem encontrou o cadáver, mas uma religiosa, soror Vicenza Taffarel. Segundo a declaração da monja, o papa tinha vomitado. Seus óculos e seus sapatos estavam cheios de vômito. Ambos foram retirados e não chegaram a ser submetidos aos exames de perícia.

João Paulo I pretendia esclarecer as obscuras finanças vaticanas. Nessa data, os lucros do Banco do Vaticano rondavam ao redor dos US\$ 10 bilhões. O Vaticano tinha ações e interesses na indústria armamentista, no setor farmacêutico (inclusive na fabricação de preservativos e pílulas anticoncepcionais), no setor imobiliário, na venda de diamantes e na lavagem de dinheiro, entre outras atividades. João Paulo I descobriu tudo isso e tratou de trazer as informações à luz. Os banqueiros Calvi e Sindona e o arcebispo Marcinkus, entre outros, não consentiram. “Faltaram-lhe forças”, explicaram as fontes oficiais do Vaticano. Portanto, melhor parar por aqui... (N. do A.)

1 Sanches-Albornoz era licenciado em Filosofia e Letras (1913), com premiação extraordinaria. Doutorou-se pela Universidade de Madri e foi o número um nas oposioes ao Corpo de Arquivos e Bibliotecas. Exerceu a ctedra nas universidades de Madri, Barcelona, Valladolid e Valência. Em 1926 foi designado acadmico de História e entre 1923 e 1934 ocupou o cargo de reitor da Universidade Central. Foi deputado por vila e ministro de Estado em 1933. Ao estourar a Guerra Civil Espanhola, exilou-se na Argentina. Entre 1962 e 1971 foi presidente do Governo da República Espanhola no exílio. Em 1976, regressou  Espanha. (N. do A.)

1 O general Sabino Fernández Campo foi chefe da Casa do Rei de 22 de janeiro de 1990 até 8 de janeiro de 1993. Foi amigo pessoal de J. J. Benítez. (N. do E.)

[1](#) Em dezembro de 1975 – como conto em *Ricky B* –, um ônibus sofreu um estrondoso acidente entre o povoado de Holactún e Ticopó, em Yucatán. Resultado: cinco passageiros mortos e seis feridos. Entre os falecidos se encontrava a mulher que eu investigava naquele momento. (N. do A.)

1 Manuel Gago García, pai do meu correspondente, foi o criador e desenhista da popular série de quadrinhos *El Guerrero del Antifaz*, de muito sucesso após a Guerra Civil Espanhola. A esta série se seguiram *Purk, el hombre de piedra*, *El pequeño luchador*, *El espadachín enmascarado* e *Piel de lobo*, entre outras. No total, criou 52 coleções. Durante 22 anos (1944 a 1966) desenhava diariamente, por dezesseis horas. Ao longo de sua carreira artística, desenhava 27 mil páginas. Foi um homem simples, de ética impecável e de uma bondade inata. Um “santo ateu”. Faleceu em Valência aos 55 anos de idade, quando se encontrava desenhando o número 111 das *Nuevas Aventuras del Guerrero del Antifaz*. (N. do A.)

1 O padre Pío (Francisco Forgione de Nuncio) nasceu em maio de 1887 em Pietrelcina, Nápoles, sul da Itália. Foi monge capuchinho. Atribuem-se a ele numerosas curas milagrosas, assim como fenômenos de bilocação e telepatia. Foi famoso também pelos estigmas em suas mãos. Faleceu em setembro de 1968, aos 81 anos de idade.

[1](#) Teresa de Lisieux, Marie-Françoise-Thérèse, conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus, nasceu em Alençon, França, em 1873. Faleceu no dia 30 de setembro de 1897. Foi proclamada Doutora da igreja católica em 1997. É conhecida como Doutora do Amor. Sua obra mais importante é *A história de uma alma*. A ela se atribuem numerosas curas e prodígios. Quando Jessica a viu, ela já estava morta havia 99 anos. (N. do A.)

1 A *guayabera* é uma peça de roupa masculina. É uma camisa de manga curta ou longa, com bolsos, adornada com pregas verticais e às vezes com bordados. O termo vem do nome da fruta *guayaba* (graviola), que era guardada nesses bolsos. (N. do T.)

1 Álvaro nasceu na Cidade do Panamá, em 1933. É filho de um espanhol com uma panamenha. Publicou doze títulos sobre poesia, contos, teatro, jornalismo e literatura infantil. Ganhou o Prêmio Nacional de História em 1964. Atualmente é diretor de Educação e Cultura da Prefeitura do Panamá. Foi indicado para o Prêmio Nobel de Literatura. (N. do A.)

2 Marcha da Fome e do Desespero. (N. do T.)

1 Tendo em vista o que está sendo exposto neste livro, entendo que o conceito de “vivo” deveria ser reconsiderado. Quem está mais vivo: o vivo ou o morto? (N. do A.)

1 Gentílico de quem nasce na cidade de Barbate, Cádiz, Espanha. (N. do T.)

2 “Pesqueiro” aqui significa viveiro natural de peixes. (N. do T.)

3 A tripulação, nesse momento, era composta por 25 homens. (N. do A.)

1 *Pañolón* é um xale que abriga costas e braços, usado por mulheres, geralmente feito de seda em cores vibrantes e com bordados, reservado para ocasiões especiais. (N. do T.)

2 Cartuxo é uma pessoa que decide se dedicar à Ordem dos Cartuxos, ordem religiosa católica semieremita de clausura monástica, surgida no século XI. (N. do T.)

3 O currículo assim diz: “Sr. Pedro María... Sobrenome: de Soto Domecq... Nome de batismo: Pedro (Excelentíssimo Sr. Conde de Puerto Hermoso)... Nascido dia 15 de outubro de 1902 em Jerez de la Frontera... Diocese de Sevilha... Província de Cádiz... Nome e sobrenome dos pais (indicar se faleceram): Excelentíssimos Senhores Marqueses de Arienzo e Condes de Puerto Hermoso, Sr. Fernando Soto y Aguilar e Sra. Carmen Domecq, mortos...

Estado antes de entrar na religião: diplomata.

Postulante em Miraflores no dia 21 de novembro de 1947

Noviço ali mesmo, dia 18 de março de 1948

Profissão de votos simples em Miraflores, dia 25 de março de 1949

Profissão de votos solenes ali mesmo em 25 de março de 1953

Tonsura em Miraflores no dia 18 de abril de 1953

Ordens menores em Miraflores, dias 19 e 26 de abril de 1953

Diácono em Miraflores, dia 19 de setembro de 1953

Ordenado sacerdote em Miraflores, dia 13 de março de 1954

Endereço da pessoa à qual se deve escrever em caso de morte: Ao Excelentíssimo Sr. Marquês de Santaella – Jerez de la Frontera...

Indicar as mudanças de casa com as datas (se for possível) e fazendo menção, juntamente com as datas, dos cargos que teve em cada casa.

Dia 22 de maio de 1955 foi nomeado procurador. No Capítulo Geral de 1963 foi nomeado primeiro prior da Ordem dos Cartuxos de Scala Coeli, Évora, Portugal. Foi-lhe feita misericórdia da visita canônica no dia 3 de julho de 1972 e vai à Ordem dos Cartuxos de Porta Coeli, Valência. Morreu dia 28 de agosto de 1980 em Porta Coeli”.

4 Reproduzo, na íntegra, o escrito pelo prior de Évora:

“Algumas lembranças dele ou do que ele nos contava”

Ao terminar a carreira diplomática, desejou obter o número 1 para pedir Roma, mas “apenas” conseguiu o 2, e foi para Londres. Dali para Washington. Estava há nove anos nas embaixadas quando veio a República, e, para não servi-la, pediu uma licença. Como estava solteiro, assumiu a direção da famosa empresa familiar de vinhos. Ocorreu-lhe fazer de uma cor diferente as ações de cada um dos irmãos. Nessa ocupação foi soando cada vez mais forte a voz de Deus, chamando-o para a Ordem dos Cartuxos. E respondeu generosamente.

Contam-se lendas sobre sua vocação. O que, sim, é verdade é que não disse nada para ninguém. Para despistar, pediu ao criado de quarto que comprasse uma passagem de leito para Irún. Ao subir, pediu ao interventor que o despertasse em Burgos. O interventor abriu os olhos, cheio de estranheza...

Seus primeiros anos foram heroicos. Pela primeira vez sentava-se num duro assento de madeira... Não falaremos nada da fome e do frio de Miraflores... Mas era a época do fervor do pós-guerra. Não foi o único escolhido por Deus entre os ricos e famosos. Cada sábado, os noviços varriam o noviciado: encontraram na fila para a clausura, levando, de brincadeira, a vassoura ao ombro, o conde de Puertohermoso, o marquês de Buniel, o conde de Tobar, o decano de Georgetown de Washington... A isso se referia Calvo Sotelo quando, em sua comédia *A muralha*, a sogra exclama: “E não vai se meter a virar cartuxo, que agora já está na moda!”.

Em 1955 foi nomeado procurador de Miraflores. Nesse momento Miraflores tinha dinheiro para viver até maio e o resto do ano pagava a Grande Ordem dos Cartuxos. O Sr. Pedro decidiu abrir uma granja de frangos para onze mil aves. Com sua administração, uns anos depois, a casa era autossuficiente.

Ao mesmo tempo era o formador de candidatos, igualmente numerosos para os Irmãos. Até vinte o ouviam...

Preparado por toda essa experiência, foi nomeado em 1963 primeiro prior da nova fundação da Ordem dos Cartuxos em Portugal, Santa Maria Scala Coeli, em Évora. Em seguida chamou como colaboradores dois jovens de Miraflores: um nascido na região de Astúrias, que tinha estudado veterinária para ajudá-lo a criar um galinheiro e um laticínio, e a mim, para ajudá-lo na direção da comunidade como seu vigário, seu segundo de bordo.

Scala Coeli estava em ruínas, e seu proprietário a reconstruiu e a devolveu à Ordem. Esse senhor era o conde de Vilálva, o segundo aristocrata português, como demonstra o feito de que, convidadas as Casas Reais à conclusão do Concílio, os duques de Bragança, herdeiros da coroa, assistiram acompanhados dos condes de Vilálva. A pessoa, a personalidade, do Sr. Pedro, outro conde, facilitou enormemente as relações com o magnata restaurador.

Em Badajoz contava-me que a glória da sua família era o descobridor da Flórida, mas que os títulos vinham de uma Sánchez de Badajoz. Comentava-me que o título de Puertohermoso tinha a tradição de, por casualidades, não ter passado de pai para filho, o que se havia repetido, pois a ele sucedeu seu irmão dom Fernando, e ele, ao professar, o deixou para seu sobrinho “Fernandito”.

O Sr. Pedro instalou aqui (Ordem dos Cartuxos de Évora) um galinheiro com oito mil galinhas poedeiras. E formou um rebanho de gado com vacas de raça pura charolesa que chegou a ser o maior da península, com o melhor procriador charolês do mundo, medalha de ouro.

A propriedade, de oitenta hectares, era atravessada por um pequeno rio. O Sr. Pedro o desviou com um muro, fazendo um belíssimo pântano de 5 metros de profundidade, que se pode ver nessas fotos. Nenhuma Ordem dos Cartuxos possui algo semelhante. Assim, com a parte alta regava a baixa, logo, em vez de alimentar vinte cabeças, alimentava quarenta. O conde de Vilálva disse-lhe: “Padre, sou engenheiro agrônomo, sou o proprietário, e cresci aqui, nunca me passou pela mente fazer isto, e vem um monge aqui e é ele que melhora a minha propriedade”. “Para alguma coisa devem servir as orações”, respondeu-lhe.

Sua principal preocupação e ocupação foi o noviciado. Dos seis cartuxos portugueses professos ou doados da Scala Coeli, cinco foram admitidos e formados por ele; posteriormente a Ordem pôs nosso noviciado em Miraflores.

Uma fundação é um trabalho pesado, cansativo e desgastante, basta ler sobre as Fundações de Santa Teresa. Inclusive, ele padecia de insuficiência na tireoide, e sua fadiga aumentava muito.

(Justamente a essa enfermidade se atribuíam suas pálpebras inchadas e sua corpulência.) Por isso, em 1972 retirava-se para Porta Coeli, em Valência. Devido a um câncer, faleceria no dia 28 de agosto de 1980, e ali está enterrado.

1 *La Levante*: nome genérico das comarcas mediterrâneas da Espanha (por ficarem no leste, o levante, onde o sol se levanta), especialmente dos antigos reinos de Valência e Múrcia. No caso, a pessoa se refere ao fato de que a pessoa citada é dessa região. (N. do T.)

A vida após a morte é um mistério que, ao mesmo tempo, instiga e amedronta diante de tantos relatos e histórias sobre manifestações envolvendo o “lado de lá”. Neste livro, que J.J. Benítez escreveu a partir de relatos de pessoas que dizem ter se comunicado com os mortos ou ter presenciado fenômenos e aparições de entes e amigos que se foram, esse medo se dissipa, permitindo um tipo de entendimento e a discussão de algumas questões envolvendo esse enevoado universo – desde que se tenha a cabeça aberta para esse tipo de conhecimento.

Benítez conta que suas investigações sobre o mundo dos mortos e dos espíritos iniciou-se por acaso, em 1968, quando fazia pesquisas sobre o fenômeno dos óvnis. “Na época, não sabia por que acabei me envolvendo com isso. Mas, agora, após décadas de trabalho, sei a razão de tê-lo feito. Nada é por acaso e nada é o que parece ser.”

A seguir, algumas das mensagens que os mortos passaram aos vivos entrevistados pelo autor:

**“Estamos aqui, mas
em outra dimensão.”**

“Tudo está escrito.”

“Aqui ninguém julga ninguém.”

“Deus é azul.”

**“Não podemos voltar.
Isso nos foi proibido.”**

“Não chore mais. Estou bem.”



© Iván Benítez

J. J. Benítez (Juanjo para os amigos) nasceu em 1946, em Pamplona, na Espanha.

É formado em jornalismo pela Universidade de Navarra e mundialmente conhecido pela saga *Cavalo de Troia*, uma série de nove livros – editada no Brasil pela Planeta – sobre a experiência de militares americanos que viajaram no tempo para acompanhar a vida de Jesus de Nazaré.

Seus mais de 50 livros já ultrapassaram 6 milhões de cópias vendidas em todo o mundo.

 [PlanetaLivrosBR](#)

 [planetadelivrosbrasil](#)

 [PLanetadeLivrosBrasil](#)

 [planetadelivros.com.br](#)

– J.J. Benítez

